

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física
Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano

UMA HISTÓRIA DO KARATE-DO NO RIO GRANDE DO SUL:
de arte marcial a prática esportiva

Tiago Oviedo Frosi

Orientadora: Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre,
2012

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física
Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano

**UMA HISTÓRIA DO KARATE-DO NO RIO GRANDE DO SUL:
de arte marcial a prática esportiva**

*Dissertação de Mestrado apresentada pelo
estudante Tiago Oviedo Frosi como pré-requisito
para obtenção do título de Mestre em Ciências do
Movimento Humano da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.*

Orientadora: Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre,

2012

Tiago Oviedo Frosi

**UMA HISTÓRIA DO KARATE-DO NO RIO GRANDE DO SUL:
de arte marcial a prática esportiva**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rui Manuel Proença de Campos Garcia
Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal

Prof. Dr. Mauro Luiz Pozatti
Programa de Pós-Graduação em Medicina da UFRGS

Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS

Prof. Dr. Alberto de Oliveira Monteiro
Escola de Educação Física da UFRGS

CONCEITO FINAL: A

Aprovado em 26 de outubro de 2012.

*O Caminho é mostrado em cinco anéis, cada um tratando de um aspecto diferente. São eles:
Terra, Água, Fogo, Vento e Vazio.*

O corpo do Caminho da Estratégia sob o ponto de vista da minha escola Ichi está explicado no Livro da Terra. É difícil chegar a compreender o verdadeiro Caminho somente por meio da Arte da Espada. Enfoque as menores coisas e as maiores coisas, as coisas mais superficiais e as coisas mais profundas. Como se parece com uma estrada marcada no chão, o primeiro livro se chama Livro da Terra.

O segundo é o Livro da Água. Por comparação, o espírito é semelhante à água. A água adota a forma de seu receptáculo, às vezes é uma gota e às vezes é mar revolto. A água tem cor azul-clara. Por meio da claridade, os princípios da escola Ichi são ensinados neste livro.

Caso domine os princípios da Arte da Espada, quando conseguir derrotar francamente um homem, estará em condições de derrotar qualquer homem do mundo. O espírito para vencer um oponente é o mesmo para abater dez milhões deles. [...] O princípio da estratégia é, tendo-se uma coisa, conhecerem-se dez mil outras. Os princípios da escola Ichi estão descritos neste Livro da Água.

O terceiro é o Livro do Fogo. Esse livro é sobre luta. O espírito do fogo é feroz, seja ele pequeno seja grande; o mesmo acontece com as batalhas. O Caminho das batalhas é o mesmo tanto em lutas de dois homens quanto em batalhas com dez mil homens de cada lado. [...] A essência desse livro é a de que o guerreiro tem de treinar dia e noite a fim de tomar decisões rápidas. Na estratégia, é importante tratar o treinamento como parte da vida normal, sem nenhuma mudança de espírito. Por isso, o combate é descrito no Livro do Fogo.

Em quarto lugar, o Livro do Vento. Esse livro na se relaciona com a minha escola Ichi, mas com outras escolas de estratégia. Por Vento refiro-me às tradições antigas, tradições atuais e tradições familiares de estratégia do mundo. Isso é tradição. É difícil alguém conhecer-se se não conhece os outros. [...] Expliquei, desse modo, o que se entende comumente por estratégia nas outras escolas nesse Livro do Vento (Tradição).

Em quinto lugar, o livro do Vazio. Por Vazio entendo que não tem princípio e não tem fim. Atingir esse princípio significa não atingir o princípio. O Caminho da Estratégia é o Caminho da Natureza. Quando tomamos conhecimento da força da Natureza, aprendendo o ritmo de qualquer situação, tornamo-nos capazes de abater o inimigo, golpeando-o naturalmente. Tudo isso é o Caminho do Vazio. No livro do Vazio, pretendo mostrar como seguir o Caminho verdadeiro de acordo com a Natureza.

Kensei Miyamoto Musashi - O Santo da Espada

Segundo ano de Shoho, quinto mês, décimo segundo dia (1645)

Trechos do livro Gorin no Sho (O Livro dos Cinco Anéis)

Em essência, um homem é apenas uma agregação temporária dos Cinco Princípios e dos Cinco Elementos. Quando o seu tempo chega ao fim, essa forma se desintegra rapidamente, voltando a ser os elementos Terra, Água, Fogo, Vento e Vazio. Quando o homem se dá conta da evanescência de todas as coisas, é fácil ver que não há uma entidade como o eu e, conseqüentemente, também não existe algo como o outro. Os seres humanos, como a relva ou as árvores, ou como tudo na Natureza, são apenas agregados físicos do espírito que permeia todo o Universo. Para o espírito do Universo, os conceitos de vida e de morte não tem sentido. Quando se está livre dos apegos, não há obstáculos nem empecilhos.

Peichin Matsumura Sōkon

Tijikun e mestre de Karate dos Reis de Okinawa durante o século XIX

Trecho do Livro Karate-Dō Nyūmon (Adentrando os portões do Karate-Dō) de Funakoshi Gichin

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, pelo fundamental apoio durante a escrita: Celso Frosi, Carmen Regina Frosi, Felipe Frosi e Denise Marzec. Amo vocês.

RESUMO

O *Karate-Dō* é uma prática cultural com origem no processo de incorporação das artes marciais chinesas ao contexto guerreiro do arquipélago de Ryūkyū e posterior exportação dessa arte ao Japão, onde foi reinventada e tornou-se um *Budō*. Com sua popularização após a Segunda Guerra Mundial disseminou-se por vários países, principalmente, através do trabalho dos instrutores da *Japan Karate Association*, e hoje é uma das artes marciais mais praticadas no mundo. A presente pesquisa objetiva reconstruir uma História do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul, desde as primeiras associações até a fundação de sua federação estadual. Foram escolhidos procedimentos metodológicos que ajudassem a reconstituir três versões da história do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul: uma história através dos depoimentos, apoiada na História Oral; uma história através das imagens, apoiada na Metodologia Visual; e uma história documental, apoiada na Análise Documental. De posse dessas versões, foram realizadas a classificação, a análise e a interpretação das informações coletadas, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural. Dentre os resultados, após a triangulação das fontes históricas, foi possível reconstruir uma história do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul apontando diversas práticas e representações culturais que se constituíram ao longo de 20 anos, bem como recuperar as linhagens de *karate-ka* às quais os principais professores do Estado pertencem, desde os fundadores de seus estilos até os dias atuais.

PALAVRAS CHAVE: *Karate-Dō*; História do Esporte; Cultura Japonesa.

ABSTRACT

Karate-Dō is a cultural practice originated in the process of incorporation of Chinese martial arts to the warrior context of the archipelago of Ryūkyū and later exported this art to Japan, where it was reinvented and became a *Budō*. With its popularity after the Second World War Karate-Dō has spread to several countries, mainly through the work of the Japan Karate Association instructors, and today is one of the most practiced martial art in the world. This research aims to reconstruct a history of Karate-Dō in Rio Grande do Sul, from the earliest associations until the founding of their state federation. Were chosen methodological procedures which help to reconstruct three versions of the history of Karate-Dō in Rio Grande do Sul: a history through testimony, supported by the Oral History; a history through images, supported in Visual Methodology; and a documentary history, supported in Document Analysis. With these versions, were made the classification, analysis and interpretation of information collected based on the theoretical and methodological assumptions of Cultural History. Among the results, after the triangulation of historical sources, it was possible to reconstruct a history of Karate-Dō in Rio Grande do Sul, pointing diverse cultural practices and representations that formed over 20 years as well as recover the lineages of the *karate-ka* which the principal teachers of the State belong, since the founders of their styles to the present day.

KEYWORDS: Karate-Dō; History of Sport; Japanese Culture.

RESUMEN

El Karate-Dō es una práctica cultural con origen en el proceso de incorporación de las artes marciales chinas al contexto guerrero del archipiélago de Ryūkyū y su posterior exportación de esta arte a Japón, donde fue reinventada y se tornó un Budō. Con su popularización después de la segunda guerra mundial, se diseminó por varios países, principalmente a través del trabajo de los instructores de la *Japan Karate Association*, y hoy es una de las artes marciales más practicadas en el mundo. La siguiente investigación tiene como objetivo reconstruir la historia del Karate-Dō en el estado de Rio Grande do Sul (Brasil), desde las primeras asociaciones hasta la fundación de su federación estadual. Fueron escogidos procedimientos metodológicos que ayuden a reconstruir tres versiones de la historia del Karate-Dō en Rio Grande do Sul: Una historia a través de testimonios, apoyada en la Historia Oral; una historia a través de imágenes, apoyada en la Metodología Visual; y una historia documental, apoyada en Análisis Documental. Después de la posesión de estas versiones fueron realizadas la clasificación, análisis e interpretación de las informaciones colectadas, con base en los supuestos teórico-metodológicos de la Historia Cultural. Entre los resultados, después de la triangulación de las fuentes históricas, fue posible reconstruir una historia del Karate-Dō en Rio Grande do Sul apuntando diversas prácticas y representaciones culturales que se constituyeron a lo largo de 20 años, como también recuperar los linajes de karate-ka a las cuales los principales profesores del Estado pertenecen, desde los fundadores de sus estilos, hasta los días actuales.

PALABRAS-CLAVE: Karate-Dō; Historia del Deporte; Cultura Japonesa.

RÉSUMÉ

Le Karaté-Dō est une pratique d'origine culturelle dans le processus d'incorporation Chinoise au contexte guerrier des arts martiaux de l'archipel des Ryūkyū et qui fut par la suite exporté au Japon, où cet art a été réinventé et est devenu un Budō. Après la Seconde Guerre mondiale, sa popularité s'est propagée à plusieurs pays, notamment grâce au travail des Instructeurs de la Japan Karate Association (JKA) ou Nihon Karate Kyokai, il reste aujourd'hui l'un des arts martiaux les plus pratiqués dans le monde. Cette recherche vise à reconstituer une histoire du Karaté-Dō dans l'état du Rio Grande do Sul, depuis les premières associations jusqu'à la création de leur fédération. Ont été choisies les procédures méthodologiques qui permettent de reconstituer trois versions de l'histoire du Karaté-Dō dans l'état du Rio Grande do Sul: une histoire à travers le témoignage oral de faits, une histoire par l'image au moyen de la méthodologie visuelle et un documentaire historique en s'appuyant sur l'analyse de documents. Avec ces versions ont été apportés à la classification, l'analyse et l'interprétation des informations recueillies sur la base des hypothèses théoriques et méthodologiques de l'histoire culturelle. Parmi les résultats, après la triangulation des sources historiques, il a été possible de reconstituer une histoire du Karaté-Dō dans l'état du Rio Grande do Sul montrant ainsi la diversité des pratiques culturelles et des représentations qui se sont formées pendant plus de 20 ans au moyen du lignage des pratiquants de Karaté dont les principaux professeurs qui en constituent le vivier, depuis la fondation des styles japonais à nos jours.

MOTS-CLÉS : *Karaté-Dō*; Histoire du Sport, Culture japonaise.

RIASSUNTO

Karate-Do è una pratica culturale nata nel processo di incorporazione di arti marziali cinesi nel contesto guerriero di arti nelle Isole Ryukyu e poi è stata esportata sul Giappone, dove è stata reinventata e è diventata un Budo. Con la sua popolarità dopo la Seconda Guerra Mondiale si è diffuso in diversi paesi, principalmente attraverso il lavoro dei istruttori della Japan Karate Association, ed oggi è una delle arti marziali più praticate nel mondo. Questa ricerca si propone a ricostruire la storia del Karate-Do a Rio Grande do Sul, dalle prime associazioni fino alla fondazione della loro federazione statale. Sono stati scelti procedure metodologiche che aiutano a ricostruire tre versioni della storia del Karate-Do a Rio Grande do Sul: una storia attraverso la testimonianza, con il sostegno della storia orale, una storia per immagini, supportato in Metodologia visivo, e una storia documentaria, supportati in Analisi del documento. Con queste versioni sono stati fatti per l'analisi di classificazione, e l'interpretazione delle informazioni raccolte sulla base dei presupposti teorici e metodologici della storia culturale. Tra i risultati, dopo la triangolazione delle fonti storiche, è stato possibile ricostruire la storia del Karate-Do a Rio Grande do Sul indicando diverse pratiche culturali e delle rappresentazioni che hanno formato oltre 20 anni, nonché di recuperare le linee del karate-ka che i docenti principali dello Stato appartengono, dalla fondazione della loro stili fino ai nostri giorni.

PAROLE CHIAVE: Karate-Do, Storia dello Sport, Cultura Giapponese.

修士論文要旨

空手道は文化的な実践である、その起源は琉球諸島の戦争を背景とした中国武術の融合プロセスにあり、後に日本に輸出され再発明されて武道と変化した。第二次世界大戦後、主として日本空手協会の指導者の手による普及を通じ多くの国々に広まり、今日では世界で最も実践されている武術のひとつとなった。今回の調査はリオ・グランデ・ド・スル（州）における、初期の団体結成から州連合団体設立に至る、空手道の歴史を再構築する意図で行われた。リオ・グランデ・ド・スル（州）における空手道の3側面の歴史を再構成するために以下の手法・手順が採用された：証言を通じた歴史については、口頭伝承をよりどころとした；映像・画像を通じた歴史については、視覚的手法をよりどころとした；もうひとつは文献・資料の歴史であり、文献・資料分析をよりどころとした。これら各側面が含有するものに基づき、収集した情報の分類、分析および解釈が行われたが、それは文化史の手法理論を前提とした。その結果を踏まえ、この歴史的出典の三角分割を経て、リオ・グランデ・ド・スル（州）における空手道の歴史を再構築することが可能となった。そこでは20年に渡り構成された数多くの文化的実践と表現を指摘することができ、また、その様式の創設者達から現在にいたるまで、同州の主要な教官たちが属する空手家の血統を回復することも可能となった。

キーワード： 空手道、スポーツ史、日本文化

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – <i>Dōrodango</i> , o caminho da lama.....	21
Figura 2 – <i>Shōmen</i> do <i>Hombu Dōjō</i> (<i>Dōjō</i> Central) da <i>Japan Karate Association</i>	24
Figura 3 – Organização espiralática dos praticantes de <i>Karate-Dō</i> num <i>Dōjō</i> tradicional.....	27
Figura 4 - Árvore genealógica do <i>Uechi-ryū</i>	35
Figura 5 - Árvore genealógica do <i>Shuri-Te</i>	36
Figura 6 - Árvore genealógica do <i>Tomari-Te</i>	37
Figura 7 - Árvore genealógica do <i>Naha-Te</i>	38
Figura 8 – <i>Buzāganashī</i> , o general do Vento e do Fogo.....	41
Figura 9 – <i>Higaonna Morio</i> , 10º <i>Dan</i> , o líder mundial do <i>Gōjū-ryū</i> de Okinawa, em seu <i>Dōjō</i>	42
Figura 10 – Grupo liderado por <i>Funakoshi sensei</i> na Primeira Exibição Atlética Nacional.....	44
Figura 11 – <i>Funakoshi</i> , e não <i>Motobu</i> , é retratado nas páginas da <i>Kingu Magazine</i>	47
Figura 12 - Foto da reunião dos mestres de <i>Karate-Dō</i> para promover atividades no território japonês.....	49
Figura 13 – Treinamento conduzido por <i>Miyagi Chōjun</i> , ainda em Okinawa, no início do século XX.....	50
Figura 14 – Mestres de <i>Karate-Dō</i> na <i>Dai Nippon Butokukai</i>	51
Figura 15 – Árvore genealógica do estilo <i>Shōtōkan</i> de <i>Karate-Dō</i>	52
Figura 16 – Árvore genealógica do estilo <i>Wadō-ryū</i> de <i>Karate-Dō</i>	53
Figura 17 – Árvore genealógica do estilo <i>Gōjū-ryū</i> de <i>Karate-Dō</i>	53
Figura 18 – Árvore genealógica do estilo <i>Shitō-ryū</i> de <i>Karate-Dō</i>	54
Figura 19 – Equipe da Universidade de Takushoku no I Campeonato Japonês de Karate.....	54
Figura 20 – Árvore genealógica do <i>Karate-Dō</i> na Europa.....	56
Figura 21 – Organização do <i>Karate-Dō</i> no Japão.....	57
Figura 22 – Organização do <i>Karate-Dō</i> no Brasil.....	58
Figura 23 – Organização do <i>Karate-Dō</i> no Brasil através da representação de escolas tradicionais.....	59
Figura 24 – Diagrama das categorias da História Cultural.....	67
Figura 25 – Foto publicada na Revista do Globo.....	75
Figura 26 – Visita de <i>Nakayama Masatoshi sensei</i> ao Brasil.....	76
Figura 27 – Visita de <i>Nakayama sensei</i> ao Brasil (treinamento).....	77
Figura 28 – Visita de <i>Nakayama sensei</i> ao Brasil (início da década de 1970).....	77
Figura 29 – Página 62 da revista <i>Veja</i> nº 190, de 24 de abril de 1972.....	78
Figura 30 – Detalhe da página 62 da revista <i>Veja</i> nº 190, de 24 de abril de 1972.....	79
Figura 31 – Página 43 da revista <i>Veja</i> nº 191, de 03 de maio de 1972.....	80
Figura 32 – Detalhe da página 43 da revista <i>Veja</i> nº 191, de 03 de maio de 1972.....	81
Figura 33 – Página 61 e detalhe da revista <i>Veja</i> nº 194, de 24 de maio de 1972.....	82
Figura 34 – Árvore genealógica da primeira geração de instrutores JKA dos EUA.....	84
Figura 35 – Página do informativo da Federação alemã de Judô de 1970.....	87
Figura 36 – Fotos das lutas de <i>Watanabe</i> apresentadas no estudo de <i>Durand</i> (<i>Revista Black Belt</i> , 1972).....	89

Figura 37 – Tanaka (à esquerda) contra Wichmann (Alemanha).....	92
Figura 38 – Páginas 88 e 90 da edição 454 da Revista Veja, publicada em 18 maio 1977.....	93
Figura 39 – Detalhe da página 88 da edição 454 da Revista Veja, publicada em 18 maio 1977.....	94
Figura 40 – Detalhe da página 90 da edição 454 da Revista Veja, publicada em 18 maio 1977.....	95
Figura 41 – Lista dos faixas-pretas de <i>Karate-Dō</i> do RS.....	96
Figura 42 – Primeiras aulas de <i>Karate-Dō</i> na ESEF UFRGS (sala do Centro Natatório).....	99
Figura 43- Reportagem sobre a vinda de alunos sul africanos a Academia de Karate Goju-ryu do Brasil.....	101
Figura 44- Registro da organização do Torneio de <i>Karate-Dō</i> organizado pela Meibukan SP.....	102
Figura 45 - Akira em divulgação de viagem na redação do jornal A Gazeta Esportiva.....	103
Figura 46 - Linhagem do estilo <i>Gōjū-ryū</i> , autenticada com <i>hankō</i> (carimbo japonês) de Ishikawa <i>sensei</i>	104
Figura 47 – Notícia sobre campeonato paulista de Karate publicada no jornal O Globo.....	107
Figura 48 – Notícia sobre o primeiro campeonato gaúcho de Karate realizado em 1982.....	108
Figura 49 – Em 1985 não era permitido que mulheres competissem nas categorias de <i>Kumite</i>	109
Figura 50 – Ata da reunião preparatória para a fundação da Federação Gaúcha de Karate.....	109
Figura 51 – Ata de reunião da Federação Rio-Grandense de Pugilismo.....	110
Figura 52 – Ata da segunda reunião preparatória para a fundação da Federação Gaúcha de Karate.....	110
Figura 53 – Ata de fundação da Federação Gaúcha de Karate.....	110
Figura 54 – Ata da primeira reunião da Federação Gaúcha de Karate.....	111
Figura 55 – Taniguchi Akira demonstra <i>Jōdanzuki</i> (1968).....	113
Figura 56 – Taniguchi Akira demonstra defesa contra <i>Mawashigeri</i> (1968).....	114
Figura 57 – Taniguchi Akira demonstra defesa contra <i>Maegeri</i> (1968).....	114
Figura 58 – Taniguchi Akira demonstra <i>Soto uke</i> (1968).....	115
Figura 59 – Taniguchi Akira demonstra <i>Yakusoku Kumite</i> (1968).....	115
Figura 60 – Karate-gi.....	117
Figura 61 – Discrepância entre modelo tradicional de faixas e as faixas usadas por Taniguchi <i>sensei</i>	117
Figura 62 – Demonstração do <i>Kata Heian Shodan</i>	118
Figura 63 - Foto do passaporte de Taniguchi Akira.....	119
Figura 64 – Foto de Taniguchi Akira.....	120
Figura 65 – Foto de Taniguchi Akira.....	120
Figura 66 – Hironaka Hideto, Buyo Michizo, Taura e outros estudantes.....	122
Figura 67 - Monge Tokuda, Hironaka <i>sensei</i> e professor Sakata.....	122
Figura 68 - <i>Sensei</i> Takeo Suzuki demonstra <i>Yakusoku Kumite</i> com Nelson Guimarães.....	124
Figura 69 - Treinamento de <i>Wadō-ryū Karate-Dō</i> na academia Dojinmon.....	125
Figura 70 - Meditação em <i>seiza</i> (sentado) na academia Dojinmon.....	125
Figura 71 - Treinamento de <i>Shōtōkan Karate-Dō</i> no 18º Batalhão Motorizado.....	126
Figura 72 - Ademar Brandolff e outros atletas em competição (década de 1970).....	128
Figura 73 - Exame de faixas no dojo Gaba, em 1976.....	129
Figura 74 - <i>Sensei</i> Malheiros treinando com membros da Fundação <i>Kokushikan</i>	130

Figura 75 - Capra, Ademar Brandolff e outros (década de 1980).....	131
Figura 76 - Ademar Brandolf e Nestor Paim Riambau treinam no <i>Shotokan Karate Dojo</i>	132
Figura 77 - Ademar Brandolf e Nestor Paim Riambau treinam no <i>Shotokan Karate Dojo</i>	132
Figura 78 - Ademar Brandolf e Nestor Paim Riambau treinam no <i>Shotokan Karate Dojo</i>	133
Figura 79 - Seleção Gaúcha de Karate de 1976.....	134
Figura 80 - Ademar Brandolff no Campeonato Brasileiro de 1976.....	135
Figura 81 - Ademar Brandolff no Campeonato Brasileiro de 1976.....	135
Figura 82 - Final do Campeonato Brasileiro de 1976, Ademar Brandolff (RS) e Djalma Caribé (BA).....	136
Figura 83 - Treino de Karate na Escola de Especialistas de Aeronáutica (1978).....	137
Figura 84 - Nelson Guimarães auxilia Suzuki <i>sensei</i> na demonstração <i>de Tanto Dori</i>	138
Figura 85 - Nelson Guimarães auxilia Suzuki <i>sensei</i> na demonstração <i>de Tanto Dori</i>	138
Figura 86 - Suzuki auxilia o líder mundial da <i>Wadō</i> , sensei Ōtsuka II.....	139
Figura 87 - Suzuki auxilia o líder mundial da <i>Wadō</i> , sensei Ōtsuka II.....	139
Figura 88 - Suzuki auxilia o líder mundial da <i>Wadō</i> , sensei Ōtsuka II.....	140
Figura 89 - Suzuki auxilia o líder mundial da <i>Wadō</i> , sensei Ōtsuka II.....	140
Figura 90 - Suzuki auxilia o líder mundial da <i>Wadō</i> , sensei Ōtsuka II.....	141
Figura 91 - Suzuki Takeo <i>sensei</i> com Ōtsuka II.....	141
Figura 92 – Luiz Padilla é auxiliado por dois <i>kōhai</i> e executa chutes incomuns no Karate-Dō.....	143
Figura 93 - Equipe da associação <i>Kishintai</i> com <i>sensei</i> Estivales (final da década de 1980).....	144
Figura 94 – Quatro diferentes tipos de <i>Shutō Uke</i>	167
Figura 95 – Árvore genealógica do estilo <i>Shōtōkan</i> no Rio Grande do Sul.....	177
Figura 96 – Árvore genealógica do estilo <i>Gōjū-ryū</i> no Rio Grande do Sul.....	178
Figura 97 – Árvore genealógica do estilo <i>Wadō-ryū</i> no Rio Grande do Sul.....	178
Figura 98 – Da esquerda para a direita: Luiz Biazus, Tasuke Watanabe e Carlos Mazitelli.....	200
Figura 99 – Da esquerda para a direita: Teresinha, Carlos Mazitelli, Arikawa, Obata e Luis Watanabe.....	200
Figura 100 – Primeira geração de alunos de Tasuke Watanabe.....	201
Figura 101 – Árvore genealógica do estilo <i>Shōtōkan</i> no Rio Grande do Sul e na França até o autor.....	202

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Esquemático das obrigações japonesas e suas recíprocas.....	15
Quadro 2 – Faixas-pretas em <i>Karate-Dō</i> reconhecidos pela Federação Rio-Grandense de Pugilismo em 1986.....	97
Quadro 3 – Exercícios formais em diferentes <i>Ryū-ha</i> de <i>Gōjū-ryū</i>	152
Quadro 4 – Características do Karate em várias Eras.....	179
Quadro 5 – Eras da historiografia japonesa.....	198

LISTA DE SIGLAS

AAKF – All American Karate Federation
ABK – Associação Brasileira de Karate
CBK – Confederação Brasileira de Karate
CBKI – Confederação Brasileira de Karate Interestilos
CBKS – Confederação Brasileira de Karate Shotokan
CBKT – Confederação Brasileira de Karate-Do Tradicional
EUA – Estados Unidos da América
FAJKO – Federation of All Japan Karatedo Organizations
KWF – KaratenoMichi World Federation
HC – História Cultural
IAKF – International Amateur Karate Federation
IKOK – International Karate Organization Kyokushinkaikan
ITKF – International Traditional Karate Federation
JKA – Japan Karate Association
JKF – Japan Karatedo Federation
JKS – Japan Karate ShotoFederation
NKK – Nihon Karate Kyōkai
RS – Rio Grande do Sul
WKF – World Karate Federation
WUKF – World Union of Karate Federations
WUKO – World Union of Karate-Do Organizations

AGRADECIMENTOS

Qualquer manifestação de gratidão, ainda que simplórias e insuficientes diante do que pretendem descrever, falhariam em fazer justiça à realidade se não fossem primeiramente direcionadas à minha família. O amor que os guia traduziu-se em sua presença constante e no apoio incondicional, fundamentais ao fechamento desta etapa. Agradeço muito aos meus avós pelo carinho e cuidado com que sempre fui tratado pela dona Normélia, seu Brasil e nônio Candido, exemplos de grandes guerreiros da vida para mim. Com carinho especial que transcende palavras agradeço à minha mãe, Carmen Regina, ao meu pai, Celso, e meu irmão Felipe que estiveram ao meu lado em cada momento de alegria e dor com que esta vida veio a me presentear até agora. Agradeço também, todos os dias, à minha noiva Denise, exemplo maior de amor, disciplina, determinação e superação que já tive.

Agradeço também à UFRGS, pelo ensino público de qualidade, sem o qual eu não seria capaz de atingir tal grau de formação acadêmica, e a todos os professores e funcionários da Escola de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano que participaram ativamente desta jornada. Agradeço em especial o suporte e apoio de minha orientadora, Profa. Dra. Janice Mazo, que vem me acolhendo em seu grupo há mais de seis anos, e pelo apoio dos professores e amigos Alberto de Oliveira Monteiro, Alberto Reinaldo Reppold Filho, Alexandre Velly Nunes e Jorge Luiz Barreto, pelo que me sinto profundamente honrado. Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo apoio financeiro que foi fundamental à conclusão dos estudos de Mestrado.

Não posso deixar de agradecer do fundo do coração a todos os amigos *karate-ka* que auxiliaram de alguma forma o desenvolvimento deste trabalho, com suas experiências e conselhos, ou com trabalho propriamente dito. Registro aqui os nomes de Guy Mehdi Sahri (Paris, França), Roberto Sant’Anna (Ribeirão Preto), Daniel Pinto (residente em Hamamatsu, Japão), Eduardo De Mattei, Denis Cordeiro Andretta, Altemar Sabino, Luiz Padilla, Arthur Xavier Filho, Helio Bandeira, Decio Tatizana e Franklin Maciel (estes oito últimos pelas valorosas conversas e contribuições que ajudaram a definir uma “coluna vertebral” para o estudo) e ao querido amigo e ex-colega de prática de *Aikidō*, Joaquim Monteiro (ex-professor da Universidade de Komazawa, Japão). O auxílio do professor Monteiro com o

idioma japonês e as conversas sobre a cultura e história do Japão tem sido uma contribuição inestimável para minha formação e atuação profissional, ao que agradeço enormemente.

Agradeço também ao auxílio dos amigos historiadores Leonardo May Remor e Ana Maria Dalla Zen, pela leitura do trabalho e as palavras de apoio que tranquilizam um Educador Físico que se aventura a pesquisar em uma área onde trabalhamos muito, mas não temos toda a formação técnica específica. As observações dessas duas pessoas queridas foram fundamentais ao formato que o trabalho tomou ao seu final.

Honro e agradeço fazendo eco às palavras do referido amigo Leonardo, aos Guerreiros do Coração, que me facilitaram a oportunidade de ampliar minha visão de mundo e de encontrar dentro de mim a coragem de assumir a responsabilidade pela árdua caminhada do homem que busca sua inteireza. Através deles pude lembrar o mais básico princípio do Caminho do Guerreiro que é ter a impecabilidade de seguir o chamado de nossos corações.

Por fim e de maneira alguma de menor importância, agradeço a todos meus alunos pela confiança e aos professores responsáveis pela minha formação nas artes marciais, que com paciência, dedicação e às vezes a necessária rigidez me passaram as técnicas e conceitos que me tornaram o que sou hoje enquanto professor e praticante. Agradeço a Christian Lorenzi por me iniciar na prática do *Karate-Dō* e a Guy Sahri pelos anos de ensinamento e muito suor, que seguem ainda hoje, mesmo que à distância na maior parte do ano. Agradeço também a toda família JKS na figura de Osvaldo Marino, Sergio Cogoy e Clauder Betemps pela acolhida e parceria, e pelas fantásticas experiências proporcionadas pela mestra Ely Britto e pelo *sensei* Gil Gosh. Sem vocês eu não poderia me considerar um lutador, obrigado por tudo.

NOTA SOBRE ROMANIZAÇÃO E NOMENCLATURA

Os nomes próprios são aqui apresentados no sistema *Hepburn*¹ (palavras japonesas e oquinauenses) e o *Hànyǔ Pīnyīn*² (palavras chinesas). Na ortografia moderna, por exemplo, Mao Zedong substitui Mao Tsé-Tung e Lao Zi substitui Lao Tsé. As palavras japonesas que apresentam sonoridade aberta em sílabas com as vogais *a*, *o* e *u* também aparecem com o incomum acento “macron” (uma barra horizontal acima da vogal), como em *Gōjū*. Tal sinal indica que a pronúncia é feita com um prolongamento do som. Dessa forma, o sistema permite representar corretamente a pronúncia original dos ideogramas (*kanji*) ou caracteres (*kana*), em que *Shotokan* (comumente pronunciado *chotocân*) deverá ser lido *Shoutoukan*. Apesar da possibilidade de simplificação utilizando palavras há tempos conhecidas pelo leitor ocidental, como *Karatê* ou *Karatê-Dô*, estaríamos cometendo um erro técnico pelo não uso de um sistema de romanização oficial, o que não é indicado para trabalhos acadêmicos. Outras terminologias menos exatas para esse tipo de palavra como *Karate*, *Karate-Do*, *Karatê* ou ainda *Caratê* foram mantidas apenas preservando quando necessárias para preservar a grafia original em citações diretas. Outro ponto digno de nota é a representação ortográfica dos nomes de professores japoneses. Quando representam o nome de um imigrante que não possui nome próprio em português, esses nomes próprios foram redigidos na forma ortográfica japonesa (sobrenome + nome) em oposição a forma comum da língua portuguesa (nome + sobrenome), portanto temos, por exemplo Sagara Juichi (sobrenome + nome) e Luiz Watanabe (nome + sobrenome).

¹ Juntamente com *Nippon* e *Kunrei*, o *Hepburn* (*Hebon-shiki Rōmaji*) é um dos sistemas oficiais de romanização do idioma japonês, o *Nihongo*. O sistema *Hepburn* é o mais utilizado no Ocidente.

² *Hànyǔ Pīnyīn* é o sistema oficial de romanização da República Popular da China, da República da China e de Singapura. Foi publicado em 1958 pelo governo chinês e revisado várias vezes.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	3
2 ARTES MARCIAIS, CULTURA JAPONESA E <i>KARATE-DŌ</i>	8
2.1 Estudos sobre as Artes Marciais.....	8
2.2 Cultura Japonesa, Caminho do Guerreiro e <i>Karate-Dō</i>	11
2.3 Uma História do <i>Karate-Dō</i>	31
3 RIO GRANDE DO SUL E A IMIGRAÇÃO JAPONESA.....	62
4 METODOLOGIA.....	66
5 HISTÓRIAS DO <i>KARATE-DŌ</i> NO RIO GRANDE DO SUL.....	74
5.1 Uma História do <i>Karate-Dō</i> Gaúcho através dos Documentos.....	74
5.1.1 A Introdução do Estilo <i>Shōtōkan</i> no Rio Grande do Sul.....	76
5.1.2 A Introdução do Estilo <i>Gōjū-ryū</i> no Rio Grande do Sul.....	100
5.1.3 A Introdução do Estilo <i>Wadō-ryū</i> Rio Grande do Sul.....	105
5.1.4 A Fundação da Federação Gaúcha de Karate.....	107
5.2 Uma História do <i>Karate-Dō</i> Gaúcho através das Imagens.....	113
5.3 Uma História do <i>Karate-Dō</i> Gaúcho através dos Depoimentos Orais.....	145
6 MONTANDO O QUEBRA-CABEÇAS: APROXIMAÇÕES PARA UMA HISTÓRIA CULTURAL DO <i>KARATE-DŌ</i> NO RIO GRANDE DO SUL.....	165
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	180
REFERÊNCIAS.....	184
APÊNDICE 1 - <i>Bugei Jūhappan</i>	196
APÊNDICE 2 - Eras Japonesas e Historiografia.....	198
APÊNDICE 3 - Fotografias da visita de Luiz Watanabe a Porto Alegre em 2011.....	200

APÊNDICE 4 – Linhagem de Tiago Oviedo Frosi no <i>Karate-Dō</i>	202
ANEXO 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento.....	204
ANEXO 2 - Declaração do Entrevistado.....	205
ANEXO 3 - Roteiro de Entrevistas.....	206

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escrita desta dissertação de mestrado foi um grande desafio para mim. Apesar de ter a vivência em praticamente todos os âmbitos desta fração do Caminho do Guerreiro, que chamamos de *Karate-Dō*. Mesmo tendo experimentado o que era ser um aluno iniciante, um aluno intermediário, um aluno avançado, depois professor ministrante da arte, mas também atleta casual, depois atleta de alto-rendimento, auxiliar de arbitragem, árbitro, conselheiro de federação, líder de uma associação (ou *Dōjō*¹, no caso dessas práticas de matriz cultural japonesa), coreógrafo (tendo experimentado o “Karate Artístico” mais comum na Europa e quase inexistente aqui no Brasil) e mais recentemente vendo o *Karate-Dō* também como uma prática integrativa que pode oferecer saúde e desenvolvimento aos praticantes, ou seja, atuando como um “terapeuta corporal” através do “Caminho das Mãos do Vazio”, nada me preparara totalmente para o desenvolvimento deste estudo. Afirmando isto, pois o desvelar da história do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul mobilizou questões extremamente conflituosas em mim e no meio em que estava inserido.

Sem registros satisfatórios do que acontecera desde a introdução do *Karate-Dō* no Estado do Rio Grande do Sul, e nem mesmo muitas informações sobre sua organização, o trabalho de “investigação” do que ocorreu neste período que definimos por encerrar-se no final da década de 1980 (quando ocorre a fundação da Federação Gaúcha de Karate) iniciou com uma inquietação básica e depois se revelou como um grande jogo de poder e visões de mundo que ainda não foram bem entendidos pela comunidade *karate-ka*, que se mantém presa a esses jogos. A inquietação inicial que deu origem a esta pesquisa, ainda antes de meu ingresso no curso de mestrado propriamente dito, foi a distorção de valores que era perceptível nas relações, principalmente entre diretoria da federação estadual e os seus filiados. Em seguida, inspirado pelo importante estudo de Richard Tarnas, “A Epopeia do Pensamento Ocidental”, um estudo histórico com características um tanto diferenciadas da maioria dos trabalhos publicados atualmente, surgiu uma segunda inquietação: terá ocorrido também essa ascensão e queda de diferentes visões de mundo, como apresentado por Tarnas, em nosso objeto de estudo? Muitos acontecimentos indicavam que sim, e a

¹ (道場), lugar do Caminho.

intuição, ou o faro do investigador, foram me conduzindo por um trajeto que revelou alguns padrões de informação que procuro analisar neste trabalho.

Antes de enveredar a estudar a história do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul com mais profundidade, tive a alegria de participar de inúmeras pesquisas do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME) da UFRGS, e antes ainda da formação deste grupo, fui aluno de iniciação científica da Professora Janice Mazo. Gosto de lembrar que fui aluno de pesquisa da Prof.^a Janice desde o primeiro semestre do curso de Bacharelado em Educação Física, e mesmo meio ano antes de me tornar estudante deste curso, participei de um projeto de pesquisa sobre o *Karate-Dō*, a fim de auxiliar meu amigo e colega de treinamentos, Gabriel Oliveira, o qual foi publicado no Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul. Nesta época era estudante de graduação em Engenharia de Materiais (uma ramificação da Engenharia Química), lugar do qual se originou meu gosto por contar piadas matemáticas e físicas.

Os vários estudos na área da História do Esporte, do Associativismo Esportivo e dos personagens do esporte gaúcho me familiarizaram com as categorias da História Cultural, que vem sendo o marco teórico dos estudos da Prof.^a Janice Mazo há muitos anos. Sendo assim, foi fácil trazer para o *Karate-Dō* a reflexão sobre quais foram as representações, as práticas culturais e o imaginário compartilhado pelos sul rio-grandenses envolvidos com o *Karate-Dō*, após ter exercitado isso ao estudar o Remo², o Futebol³, o Ciclismo⁴, o Atletismo⁵, o *Kung-Fu/Wǔ-shù*⁶, as primeiras práticas das mulheres⁷ e ter auxiliado na

² Publicado em: MAZO, Janice Zarpellon; FROSI, Tiago Oviedo. *Canotieri Ducca degli Abruzzi (1908-1963): A nacionalização do 'Clube de Remo dos Italianos' em Porto Alegre*. Revista Mouseion. Acervo Histórico La Salle: jan-jun, 2008. v.2, n.3, e FROSI, Tiago Oviedo; MAZO, Janice Zarpellon. *O abasileiramento do clube de remo dos italianos em Porto Alegre nas décadas de 1930-1940*. Movimento, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 51-71, jul/set de 2012.

³ Publicado em: MAZO, Janice Zarpellon; FROSI, Tiago Oviedo. *Em busca da identidade luso-brasileira no associativismo esportivo em Porto Alegre no princípio do século XX*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas: Autores Associados, jan/2009. v. 30, n.2, p.57-72.

⁴ Publicado em: FROSI, Tiago Oviedo; CRUZ, L. L.; MORAES, R. D.; MAZO, Janice Zarpellon. *A prática do Ciclismo em clubes de Porto Alegre/RS*. Pensar a Prática, v. 14, p. 1-18, 2011.

⁵ Publicado em: MAZO, Janice Zarpellon; SILVA, Carolina Fernandes; FROSI, Tiago Oviedo. *A Associação Cristã de Moços e a propagação dos esportes em Porto Alegre*. Kínesis (Santa Maria), v. 30, p. 158-173, 2012, e MAZO, Janice Zarpellon; FROSI, Tiago Oviedo; MADURO, Paula Andreatta. *O atleta olímpico brasileiro Willy Seewald: memórias do primeiro recordista nacional do lançamento de dardo*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 537-555, jul./set. 2012.

⁶ Publicado em: FROSI, Tiago Oviedo; MAIDANA, Wagner; MAZO, Janice Zarpellon. *Os primórdios da prática do Wu-Shu/Kung Fu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (décadas de 1970-1990)*. Revista da Educação Física/UEM (Online), v. 22, p. 387-397, 2011.

construção do livro que buscou mapear o cenário do Associativismo Esportivo gaúcho, apresentando um banco de dados com diversas informações sobre mais de 950 associações esportivas do Rio Grande do Sul, publicado em 2012 pelo NEHME.

A presença de um diálogo entre a pesquisa histórica e o pensamento do paradigma emergente se deu, principalmente, pela influência dos estudos do Prof. Dr. Mauro Pozatti, médico e professor da UFRGS que instigou em todos os estudantes que se aventuravam a cursar a disciplina de Higiene nas sextas-feiras pela manhã a ampliarem sua reflexão sobre realidade, saúde e ciência. Também tenho muita gratidão por ter sido aluno de iniciação científica do Prof. Mauro, com quem estudei questões ligadas à saúde paralelamente aos meus estudos na área da História do Esporte. Essa “visão emergente” me levou a solucionar, em parte, minha primeira inquietação desta dissertação. As ferramentas que a história, a sociologia e a antropologia do esporte estavam me oferecendo, às vezes pareciam não completar totalmente aquelas tramas que estavam se apresentando no campo. Foi aí que esse olhar diferenciado sobre o que é uma pessoa, e todas as suas dimensões (física, emocional, mental, cultural), foi dando a formatação do caminho que desvelava essas inquietações e que causaram, inclusive em mim, transformações de visão de mundo. Ou seja, ao invés de olhar em demasia para as relações, procurei olhar para cada pessoa, cada indivíduo (como alguns autores propõe na chamada “micro-história”, mas sem entrar nesse subcampo específico da História Cultural), na montagem do “quebra-cabeça”.

As temáticas abordadas, que vão desde a identificação dos atores dessa versão da história do *Karate-Dō*, até a compreensão de tramas como os jogos de poder entre as instituições e grupos envolvidos. Este cenário será analisado na perspectiva teórico-metodológica da história cultural (CHARTIER, 2000; BURKE, 2005, PESAVENTO, 2008), a qual considera fundamental o contexto social dos acontecimentos a partir de uma prática produtora de representações que elucidam as bases culturais do fenômeno estudado. As categorias operacionalizadas neste estudo, assim como preconiza a História Cultural, são: Práticas Culturais, Representações Culturais e Imaginário.

Neste estudo, o *Karate-Dō* é vislumbrado como uma prática cultural, ou seja, buscam-se investigar quais os procedimentos, gestos e rituais que se estabelecem no *Dōjō* (

⁷ Publicado em: FROSI, Tiago Oviedo; MORAES, R. D.; MAZO, Janice Zarpellon. As mulheres não estão no mapa! Um estudo sobre a presença das mulheres no cenário esportivo de Porto Alegre (1863-1941). *Lecturas Educación Física y Deportes* (Buenos Aires), v. 15, p. 1, 2010.

道場), nas competições, nos cursos e outros eventos, nas reuniões de professores e dirigentes; isto é o que podemos observar do exterior. As Práticas são, portanto, os aspectos das estruturas sociais, imanentes, objetivas, a relação entre o exterior e o coletivo. Já as representações culturais podem ser entendidas como sendo as conformações que o *Karate-Dō* apresenta, como se pudéssemos falar de aspectos individuais e interiores, aquilo que é “re-apresentado” a partir da experiência em forma de ideias, na mentalidade de cada sujeito.

Além disso, o Imaginário, que é o conjunto de ideias e valores compartilhados por um grupo social, é o que podemos ver como uma relação entre coletivo e interior, ou seja, o aspecto cultural compartilhado. Pode estar diretamente envolvido com o Inconsciente Coletivo proposto por Carl Jung, conforme sugere Sandra Pesavento (2008). O estudo do imaginário, dos valores compartilhados na cultura, e que são muitas vezes apreendidos de forma sutil do Inconsciente Coletivo, dá origem também ao que é chamado de “espírito do tempo” ou “espírito da época” na História Cultural, o qual recebe a denominação alemã de *zeitgeist* (BURKE, 2008). Compreender esse contexto de relações e ideias de uma determinada época é fundamental para a historiografia, pois contribuiu para melhor entendermos o que se passou no período de introdução e desenvolvimento do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul (RS).

O objetivo deste estudo é, portanto, reconstruir uma História do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul, desde a fundação das primeiras associações na década de 1960 até a organização da Federação Gaúcha de Karate, em 1988, quando ocorreu uma nova ruptura no contexto desta prática, pois até então esteve atrelada a Federação Gaúcha de Pugilismo.

Um estudo dessa natureza se justifica pela necessidade do campo da História do Esporte em explorar a dimensão das práticas de combate, orientais e ocidentais, e que muitas vezes são desafios teóricos importantes por terem influência, em seus atuais formatos, de práticas com origem a milhares de anos. Essa dificuldade em definir continuidades e rupturas dentro do trajeto historiográfico dessas práticas pode nos ajudar, no futuro, a redefinirmos até mesmo nossa ideia e conceito de esporte, o que torna o estudo do *Karate-Dō*, do *Jūdō*, do *Wǔ-shù*, da luta Greco Roma, do pugilismo e de outras como um avanço importante na reflexão teórica acerca das práticas esportivas de modo geral.

Ciente do trabalho árduo que estava à frente, procuramos garimpar uma quantidade considerável de fontes, para que mesmo as nuances do que estava a propor não escapassem

em termos de evidência coletada no campo. Assim, foram escolhidos procedimentos metodológicos que ajudassem a reconstituir três versões da história do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul: a história oral, a fim de trazer o depoimento daqueles que vivenciaram essa história, apreendendo nas falas dos entrevistados aquilo que podemos chamar de “experiência própria” ou “experiência interior”, acerca dos fatos. Espera-se assim dar conta das preocupações da História Cultural (HC) acerca daquilo que poderia ficar fora da “história oficial”, e que era um problema em estudos baseados no pensamento anterior ao advento da HC. Depois disso, me detive à análise documental das fontes que seriam utilizadas na produção de uma “história oficial”, ou seja, procuro apresentar uma história do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul por meio das atas, dos memorandos, de cartas, de estatutos, relatórios e outros documentos impressos. Para, além disso, utilizando a metodologia visual de Gillian Rose (2007) apresento a história do *Karate-Dō* através de imagens, procurando observar o que, porque e para quem essas representações foram produzidas e divulgadas. Ao final, procuro fazer uma triangulação dessas três versões, apresentando uma versão histórica, tendo como referencial teórico a HC.

A dissertação, após a Introdução, estrutura-se em sete capítulos. O capítulo 2 intitulado “Artes Marciais, Cultura Japonesa e *Karate-Dō*” apresenta o “estado da arte” em termos de publicações referentes ao *Karate-Dō*, à cultura japonesa relacionada a essa prática e operacionalizar os conceitos que usaremos nesta dissertação. O capítulo 5 apresenta as versões da história do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul a partir das fontes documentais, imagéticas e orais. Enquanto o capítulo 6 e a Conclusão encerram este estudo, com a triangulação das informações e a busca da definição de alguns fatos e análise crítica destes, propondo também os direcionamentos de novos estudos a partir desta temática.

2 ARTES MARCIAIS, CULTURA JAPONESA E KARATE-DŌ

Para que as representações e o imaginário envolvidos nesta prática que é o *Karate-Dō* se tornem inteligíveis àquele leitor desacostumado com a visão de mundo tradicional japonesa, procuro iniciar este texto apresentando elementos que podemos chamar de “padrões da cultura japonesa”, como descritos pela antropóloga Ruth Benedict (2009), Ryusaku;Berry (1964) e Schumacher (1995), e refletir brevemente sobre a cultura sul rio-grandense e sobre o movimento político-social do período de ditadura militar no Brasil, que teve forte influência sobre o que viria a se estabelecer como “arte marcial”⁸ no Rio Grande do Sul.

Além da cultura japonesa, vamos visitar alguns padrões da cultura oquinauense, outra matriz presente no *Karate-Dō*, e que muitas vezes não reconhecemos. Atualmente, Okinawa é parte da nação japonesa, mas mantém uma cultura própria, a sua cultura local, com suas danças, música, arquitetura, vidraria, cerâmica, e tantos outros elementos além do Karate de Okinawa, que a distinguem profundamente do Japão. A intrincada discussão “pluricultural” se revela, para este autor, uma grata surpresa, cheia de novos significados e compreensão sobre o próprio *Karate-Dō* e acaba por auxiliar na identificação das distorções ou resgate das práticas que fazem parte deste Caminho (*Dō*).

2.1 Estudos sobre as Artes Marciais

A História das artes marciais, e em especial a do *Karate-Dō*, sempre foi envolta em certo mistério e incerteza. Por um lado, isto era decorrente da falta de documentos e outras evidências históricas que ajudem a reconstruir o passado dessas práticas; por outro é ocasionado por um discurso *mágico*, propositalmente divulgado por algumas pessoas que ensinam e administram as artes marciais. Desde a publicação de livros de referência sobre a história e prática do *Karate-Dō* como: *The Bible of Karate: Bubishi* (1995) e *Ancient Okinawan Martial Arts* (1999a; 1999b) de Patrick McCarthy, *Estudio Técnico Comparado de los Katas de Karate* (2005) de Hermenegildo Camps e Santiago Cerezo, além de artigos como

⁸ Como explicado até a página 25 procuramos apontar como o uso do termo “arte marcial” é insuficiente para descrever o *Budō*, o Caminho do Guerreiro para os japoneses.

Constructing a Martial Tradition: Rethinking a Popular History of Karate-Dou (2004) de Kevin Tan, e do material disponibilizado pelo departamento de estudos históricos da prefeitura de Okinawa (2003), a história dessa prática cultural, o *Karate-Dō*, vem sendo aos poucos melhor conhecida. Mesmo assim, na maioria dos casos, os estudos sobre o *Karate-Dō* estão voltados para os grandes personagens e episódios oficiais da dita história do “Caminho das Mãos do Vazio”, relegando os estudos locais a um segundo plano. Cabe, portanto, a realização de estudos para “desvelar” as outras histórias do *Karate-Dō* que são fundamentais para compreender como esta prática se dá e é pensada em diferentes locais e culturas.

Quando olhamos para fora do círculo do *Karate-Dō*, por vezes, a situação torna-se ainda mais complexa e difícil de resolver. Apesar de algumas artes marciais criadas entre o final do século XIX e ao longo do XX, como o *Aikidō*, apresentarem as suas trajetórias históricas relativamente bem documentadas, há uma escassez de registro sobre os jogos políticos e de poder que deram origem a diferentes ramificações⁹ dessas artes, como podemos ver a discrepância que há entre os discursos de facções como o *Aikidō* da *Aikikai*¹⁰, o *Aikidō* da *Yoseikan* de Shioda Gozo sensei¹¹, o *Tomiki Aikidō*¹² e o *Aikidō* da “*Ki Society*”¹³ (GOZO, 2010; DAVEY, 2001; UESHIBA, 1991; BÜLL, 1988).

Percebe-se a carência de estudos sobre as artes modernas (que foram surgindo desde a metade do século XIX), entretanto no caso de artes antigas, como o *Kung-Fu/Wǔ-shù* (as artes guerreiras da China, algumas com sua origem há milhares de anos atrás), a situação é ainda pior. Apesar do fomento para pesquisas históricas que tem como um dos maiores apoiadores a *International Wushu Federation*, é quase impossível reconstruir a história das artes chinesas. Assim como ocorrido em Okinawa, a maior parte das evidências históricas mais antigas está perdida devido ao contexto das guerras. Há ainda o problema

⁹ Uma das falácias das artes marciais japonesas é que há um discurso corrente afirmando que existe uma única linha do *Jūdō*, quando temos no mínimo três vertentes, a saber: *Kōdōkan*, fundada por Kanō Jigorō e que já sofreu modificações após sua morte; *International Judo Federation*, que organiza o *Jūdō* como esporte olímpico no mundo; pequenas linhagens de professores, descendentes de japoneses fora do Japão, que ensinam até hoje um *Jūdō* muito parecido com o que aprenderam no período da fundação por Kano sensei. O mesmo ocorre no *Aikidō*, alguns autores pretendem afirmar que o *Aikidō* possui uma linha inalterada desde Ueshiba Morihei, o que não é uma afirmação adequada, como explicamos neste capítulo.

¹⁰ Liderado pelo neto de Ueshiba Morihei e voltado para uma prática onde há menos contato e mais ênfase a aplicação dessa arte enquanto instrumento do bem-estar humano.

¹¹ Voltado para a defesa pessoal, quase retomando o espírito do *Aikijūjūtsu*.

¹² Onde temos uma vertente esportiva dessa arte, e que já esteve em competições esportivas de grande porte como o *World Games* e o *Combat Games*, a “olimpíada das artes marciais”, ambas organizadas por parcerias entre o COI e as promotoras dos eventos.

¹³ Voltado para assuntos do misticismo e espiritualidade, com fortes influências da *yoga* japonesa ou *Shinshin-toistu-Dō*.

que as sucessivas dinastias que controlaram a China tinham como costume ritualístico destruir toda a documentação, arte e arquitetura da dinastia anterior (REID;CROUCHER, 2004). Apesar de já se ter mapeado uma imensa quantidade de escolas como *Shǎolín Quán*, *Hung Gar Kuen*, *Tàijí Quán*, *Xinyiliuhe Quán*, *Bā Guà Zhang*, *Xíng-Yí Quán*, *Pigua Quán*, *Mizhong Quán*, *Baji Quán*, *Tanglang Quán*, *Wàn Chūn*, *Qinna*, *Huxing Quán*, *Zhang Quán*, *Fanzi Quán*, *Luohanqian*, *Qinshen gōng*, entre muitas outras, e os diversos estilos e ramificações de cada uma delas, supõe-se que são apenas a ponta de um iceberg que nunca recuperaremos.

A forte repressão do governo comunista chinês no período maoista terminou por levar as artes guerreiras da China para o cenário clandestino por décadas e até a poucos anos havia cidades do interior, onde milícias de lutadores expulsavam qualquer membro da “guarda vermelha” que de lá se aproximasse (FUJIWARA, 1988). Soma-se a falta de compreensão do “mundo ocidental” a essas práticas e o processo de modificações para pleitear, por exemplo, a possibilidade de concorrer ao ingresso nos Jogos Olímpicos. Esta situação revela um processo de perda de incontáveis tesouros culturais na forma de técnicas e ensinamentos que estão desaparecendo ao longo de quase quatro mil anos de história de *Kung-Fu/Wǔ-shù* (KOPPE, 2009; REID;CROUCHER, 2004; FUJIWARA, 1988).

O que a revisão mais geral sobre a história das artes marciais, ou artes guerreiras, ou ainda Caminhos do Guerreiro, nos mostra é que não é possível simplificar esta vasta diversidade que é própria do humano. Seria talvez, mais adequado, partirmos da ideia de campo de Bourdieu¹⁴ (1983), e que assim como há o campo esportivo, há o campo das artes guerreiras (de fato em algum momento eles se interpenetram). Nesta direção entendemos que não existe um *Aikidō*, mas existem “*Aikidōs*” e nem *Wǔ-shù*, mas “*Wǔ-shùs*”. Do mesmo modo não podemos pensar num *Karate-Dō* único, o mais correto, o verdadeiro, e sim em “*Karate-Dōs*”, cada um expressando práticas, representações, imaginário da mentalidade da sua época (*zeitgeist*), ou seja, a visão de mundo criando a arte e a arte ajudando a criar, fortalecer ou pôr em crise a visão de mundo corrente. É exatamente por isso que sabemos, como nos ensina a História Cultural (BURKE, 2008), que não encontraremos a verdade absoluta, mas sim que reconstruiremos uma versão da história do *Karate-Dō*.

¹⁴ Assim como apresentada em “Como é possível ser esportivo?”, do livro *Questões de Sociologia* (1983).

2.2 Cultura Japonesa, Caminho do Guerreiro e *Karate-Dō*

Percebi, ao longo de minhas aulas de *Karate-Dō*, nos clubes e escolas em que ministrei e também na UFRGS, onde trabalho com um projeto de extensão, que não poderia fazer diversos conceitos da arte serem compreendidos pelos praticantes se não ensinasse paralelamente a cultura japonesa. A cultura japonesa está baseada em padrões diferentes dos nossos, em termos de religião, organização social, valores e práticas. Essa ignorância acerca de conceitos metafísicos orientais e de sua repercussão histórica e social vem dificultando enormemente que diversos elementos da prática da “arte marcial” sejam adequadamente interpretados pelos pensadores com quem venho tendo a oportunidade de dialogar sobre o *Karate-Dō*, sobre o esporte e especialmente sobre essa relação entre os dois que é um dos temas deste estudo. Além disso, a cultura local de Okinawa, que hoje faz parte do Japão, mas durante séculos foi um reino independente, deixou suas marcas profundas na maneira de usar o corpo, se vestir, realizar os exercícios técnicos e pensar o próprio combate (CAMPS;CEREZO, 2005; FUNAKOSHI, 1999; 2000). É necessário lançar um olhar complexo sobre tudo isso para compreender essa prática e depois podermos aprofundar a interpretação do objeto de estudo.

Apesar da origem oquinauense do *Karate-Dō*, após o domínio do arquipélago de Ryūkyū (*Loochoo* em chinês) pelos *bushi*¹⁵ de Satsuma, a cultura nipônica foi gradualmente sendo incorporada ao cotidiano dos habitantes da ilha, sendo mesclada com a cultura local (RATTI;WESTBROOK, 2006; REID;CROUCHER, 2004). Além disso, após sua introdução no Japão, e seu desenvolvimento naquele país, o modo de portar-se no *Dōjō* acabou sendo padronizado nos moldes exigidos pela *Dai Nippon Butokukai*¹⁶ e a sessão de treinamento (*keiko*) de Karate se tornou muito próxima (estruturalmente, mas não em conteúdos) à sessão de treinamento de *Jūdō*¹⁷, *Aikidō*¹⁸, *Kendō*¹⁹, etc (GOULART, 2011). O processo de

¹⁵ Membro da classe guerreira (*Buke*), termo correto para designar esses personagens que comumente denominamos “samurais”. Neste caso *Bushi* (武士 - guerreiro) é um membro de casta e *Samurai* (侍 - aquele que serve) é um estado de espírito, uma atitude.

¹⁶ (大日本武徳会) Sociedade das Virtudes Guerreiras do Grande Japão.

¹⁷ (柔道) Caminho da Suavidade/Flexibilidade, arte desenvolvida por Kanō Jigorō *sensei* a partir de sua experiência com outros estilos mais antigos de *Jūjūtsu* (柔術 - técnica da Suavidade/Flexibilidade).

¹⁸ (合気道) Caminho do *Aiki* (*Aiki* é um conceito de energia sutil, harmônica, refinada, diferente da energia vital comum usada nas técnicas de *Ki-ko/Qi Gong*), é uma arte que foi sistematizada por Ueshiba Morihei a partir de sua experiência com *Jūjūtsu*, *Aikijūjūtsu* (合気柔術 - técnica da energia harmônica, uma prática de luta que

“niponização” do Karate resultou numa transformação profunda da prática mais livre e rústica de Okinawa para algo muito mais refinado e totalmente entrelaçado aos valores e práticas rituais dos Caminhos “*Dō*” japoneses. A seguir, no texto, discutiremos porque o uso da terminologia “Caminho *Dō*” ou apenas “Caminho” é mais adequada do que “arte marcial”²⁰. Até o momento basta chamar atenção para o fato que não nos referiremos mais ao *Karate-Dō* como arte marcial, da maneira que o termo arte marcial é comumente usado, pois isso não faz sentido exatamente devido aos padrões culturais que estaremos apresentando aqui.

É importante começarmos nossa explicação da cultura japonesa pelo conceito que cria toda a conhecida estrutura hierárquica que é uma das grandes marcas deste povo. A disciplina e a hierarquia, a noção de que “cada coisa tem o seu devido lugar”, como nos ensina a antropóloga Ruth Benedict (2009, p.97), são produtos de um conceito chamado *On*. *On* é algo que podemos compreender como “dívida moral” ou “dívida social”, algo que mantém os laços dos diversos círculos relacionais naquela sociedade. O *On* é comparável, em importância, à dívida monetária que existe na maioria das sociedades ocidentais, por isso, muitas vezes é entendida como uma forma fria dos japoneses de conduzirem os relacionamentos afetivos. Ao entendermos melhor seu significado, porém, vemos que é uma forma de manter o respeito à ancestralidade de forma organizada, cada vez mais refinada (algo que também é um fundamento da cultura nipônica que comentaremos a seguir) e que ajuda a não deixar que tal apreço aos que antes nasceram se perca com o tempo e as oscilações de pensamento, ou do imaginário. Como bem sabemos, o desprezo pela ancestralidade, principalmente pela ridicularização da figura do pai na sociedade americana²¹, através da mídia que nos afeta diretamente (pois seus programas humorísticos que são o principal fomento dessa ideia de um pai incompetente, fraco e mentalmente

usava torções para dominar o adversário que tentasse agarrar o samurai ou prender-lhe a espada na bainha), *Sojūtsu* (槍術- técnica da lança) e *Kenjūtsu* (劍術- técnica da espada).

¹⁹ (劍道) Caminho da Espada, é a arte que se desenvolveu a partir da evolução do *Kenjūtsu*.

²⁰ Vale lembrar que o termo “marcial” está ligado ao deus Marte (Ares), deus da guerra na cultura greco-romana. Bem como a representação desse deus está relacionada a tudo aquilo que tem a ver com combate, violência física, conflito e guerra. Já a expressão original (武術) lida como *Wū-Shū* em chinês, *Bujūtsu* em japonês e *Musul* em coreano, sendo formada pelos ideogramas (武) *Wū/Bu/Mu* e (術) *Shū/Jūtsu/Sul*. O segundo ideograma significa “técnica” ou “arte”, enquanto o segundo se divide em dois radicais: (戈) *Ge/Gwa/Ka* significando “alabardas”, “machados”, “armas”; e (止) *Zhī/ji/shi* significando “parar”. A terminologia oriental, portanto, remete à técnica, ou arte, para “parar o conflito com armas” ou ainda “método para deter situações hostis” e assim manter a paz e a ordem social. São conceitos diametralmente opostos.

²¹ Para aprofundar este tópico consultar o livro “João de Ferro” (1991), de Robert Bly.

subdesenvolvido são despejados diariamente na programação da televisão brasileira), tem ajudado a deflagrar essa desvalorização dos mais velhos pelos jovens em nossa sociedade. Esta questão fomenta, também, nossa dificuldade de compreender a dívida com os ancestrais.

Há diversas subcategorias dessa dívida moral, ou *On*, na cultura japonesa, sendo estes conhecidos como *Giri* e *Gimu*. A mais importante dessas dívidas, que se sobrepõe a qualquer outra, é a dívida ao Imperador (*Chu*, um tipo de *Gimu*). Foi por essa razão, como relata Benedict (2009) que os japoneses se entregaram pacificamente ao exército americano após a ordem do Imperador transmitida a todo país via rádio quando da detonação das bombas nucleares de Hiroshima e Nagasaki²². Devido ao *Chu* ao Imperador, a possibilidade de opor-se às suas ordens era um procedimento socialmente inaceitável. De fato, os soldados americanos que circulavam em equipamentos militares pelas ruas eram recebidos com sorrisos pelos japoneses e os policiais nipônicos faziam de conta que não estavam vendo os americanos violentarem as *geisha* nas cidades no primeiro período de ocupação (YANG, 2004). Essa forma de aceitar a derrota foi tão contundente e certamente diversa ao que teria ocorrido em qualquer outra nação do mundo, que o serviço secreto dos Estados Unidos se viu forçado a criar uma estratégia totalmente diferente de ocupação e administração do país, em relação ao que era considerado o procedimento comum. Os americanos acabaram repassando em pouco tempo o controle de ministérios e da maioria das instituições a políticos e profissionais japoneses, mantendo apenas alguns órgãos reguladores.

Entre essas dívidas morais há também o *Gimu* aos pais, chamado de *Ko*. Os pais, que deram vida e criaram o indivíduo em um momento de sua existência em que não poderia sobreviver independentemente porque, naturalmente, o ser humano não tem autonomia para isso. Um detalhe importante é a compreensão de que como em outras formas de *On*, o *Ko* aos pais é considerado como uma dívida moral que nunca poderá ser paga, pois nunca poderemos, mesmo fazendo tudo que estiver ao nosso alcance, retribuir aquele esforço feito por nossos progenitores. Essa representação do valor dos pais no convívio doméstico gera inúmeras práticas bem particulares do Japão. Há uma espécie de

²² Este fato pode ser questionado, pois como mostrado no filme “Corações Sujos” de Vicente Amorim, baseado no livro de Fernando Moraes, imigrantes japoneses situados em cidades do interior dos estados de São Paulo e Paraná resistiram a ideia da derrota japonesa, considerando como sendo propaganda inimiga. Sendo assim, muitos japoneses podem ter também duvidado das transmissões de rádio e se mantido em combate.

obediência que se mantém dentro de vários níveis, durante toda a vida, dos filhos para com os pais. Há também nas casas, o costume de se manter um pequeno oratório (*Kamidana* se for de origem *Shintō* ou *Butsuden* se for de origem Budista), onde se veneram os ancestrais falecidos, que são chamados, respectivamente de *Kami* (espíritos/deuses) ou *Buddha* (iluminados). Costuma-se manter a veneração pelas pessoas até a terceira geração ancestral da família, nesse caso, os bisavôs. Sobre esse costume, a professora Adriana Tanaka, de Porto Alegre, relata um caso pessoal:

Minha irmã quando viajou para o Japão pode visitar meus tios. Meu pai fez muitas recomendações caso ela fosse visitar a casa dos meus falecidos avós (onde hoje mora minha tia), disse a ela o que levar e o que fazer, etc. Como ela não estava muito acostumada foi entrando na casa de minha tia e não viu o altar que estava na entrada com a foto de meus avós. Minha tia Taka a chamou de volta e falou: “Fulana, tu não vai cumprimentar teus avós antes de entrar na casa deles?” Claro que minha irmã não era obrigada a saber pois não estava acostumada a fazer, porém isto foi um pouco constrangedor pra ela. Ela teve que voltar e cumprimentar o altar, acender dois incensos e orar. Também teve que entregar dois mochis (bolo de arroz) de oferenda. Mesmo estando mortos a casa ainda pertence a meus avós e se deve pedir licença ao entrar na casa de seus donos. (TANAKA, 2011)

É exatamente esse costume que originou o uso dos quadros com fotos dos mestres dos Caminhos “*Dō*” nos *Dōjō* de *Karate-Dō*, *Jūdō*, *Aikidō* etc. As fotos no *Dōjō* não são enfeites, existe por trás dessas imagens um significado mais profundo. É um costume devido ao *Ko* aos antepassados, principalmente aqueles que nos deixaram algum legado como um pai, uma mãe, um mestre, um professor, um tutor. Em qualquer casa em que algum chefe de família já tenha falecido sempre vai se encontrar uma foto dessa importante pessoa exposta em algum lugar, muitas vezes junto a um oratório. No Brasil (e na maioria dos países ocidentais) foi introduzido somente o uso da foto na maioria dos *Dōjō*, pois seria muito custoso fazer um oratório. Além do mais, para se ter um altar, alguém do espaço de prática deveria saber cuidar do oratório, e isso envolve algum conhecimento religioso oriental, o que se torna um grande complicador num país essencialmente cristão. Além disso, as academias onde se praticam as artes de luta orientais aqui no Ocidente em quase nada lembram os *Dōjō* japoneses. No Japão há um espaço específico para o *Kamidana*, o *Kamiza*, localizado no *Shōmen* (direção principal no *Dōjō*, em direção ao leste que é onde nasce o Sol). Toda essa realidade nos afastou de compreender a dinâmica de funcionamento do espaço de prática original, se incluindo aí as relações baseadas na dívida moral. Em relação a isso, surge também uma relação de dívida dos seniores e novatos, ou responsabilidade, dos

mais velhos em relação aos descendentes (mais detalhes no quadro 1, abaixo) que é uma variante das dívidas sociais mais gerais.

Quadro 1 – Esquemático das obrigações japonesas e suas recíprocas.

1	On	Obrigações incorridas passivamente. “Aceitar um On”, “dever um On”, isto é, On são obrigações do ponto de vista do recebedor passivo.
	Ko On	O On aceito do Imperador.
	Oya On	O On aceito dos pais.
	Nushi no On	O On aceito do chefe.
	Shi no On	O On aceito do professor.
	On aceito em todos os contatos durante a vida. NOTA: todas essas pessoas de quem se aceita o On tornam-se Onjin ou “homem do On”.	
2	Recíprocas do On	“Pagam-se estas dívidas”, “devolvem-se estas obrigações” ao homem do On, isto é, as obrigações de ponto de vista do pagamento ativo.
2.1	Gimu	O pagamento integral dessas obrigações continua não mais do que parcial, sem limite de tempo.
	Chu	Dever para com o Imperador, a Lei e o Japão.
	Ko	Dever para com os pais e ancestrais (por consequência para com os descendentes).
	Ninmu	Dever para com o próprio trabalho.
2.2	Giri	Estas dívidas são consideradas como tendo que ser pagas com equivalência matemática em relação ao favor recebido, havendo limites de tempo.
	Giri para com o mundo	Deveres para com o senhor feudal (<i>Daimyō</i>). Deveres para com a família afim. Deveres para com pessoas não aparentadas, originárias de <i>On</i> aceito, pó exemplo quanto a um presente em dinheiro, um favor, contribuição em trabalho (como “partícipe”). Deveres para com pessoas de parentesco não suficientemente próximo (tias, tios, sobrinhos, sobrinhas) originários de um <i>On</i> aceito não deles e sim de ancestrais comuns.
	Giri para com o nome	Versão japonesa do <i>die Ehre</i> . O dever de “limpar” a reputação de insulto ou atribuição de fracasso, isto é, o dever de <i>vendetta</i> (o ajuste de contas não é visto como agressão). O dever de não admitir fracasso (profissional) ou ignorância ²³ . O dever de cumprir todas as regras de etiqueta japonesas, por exemplo, observar conduta respeitosa, não viver além das posses, dominar todas as demonstrações de emoção em ocasiões inadequadas, etc.

Adaptado de Benedict, 2009, p.101.

Nos diálogos com praticantes e professores, tenho observado um tipo de pensamento sobre como comportar-se em relação ao seu *Sensei*. Minha preocupação em relação a esse assunto é grande, pois estou vendo em muitos lugares uma espécie de ressurreição da relação hierárquica europeia da Era Medieval. Sim, não enxergo a figura do mestre oriental projetada nos professores de *Karate-Dō* aqui no Brasil, enxergo a figura do

²³ Esta noção rígida de cumprimento do *Giri* para com o nome é apontada como sendo a principal causa de elevado índice de suicídio por jovens em idade escolar e universitária no Japão, pois assim se procede para expiar a desonra de não ter sido capaz de passar nos exames admissionais para instituições de ensino de renome.

aristocrata europeu que usa seu “poder divino” para abusar dos “reles plebeus” (no caso, os alunos ou instrutores menos graduados). Nossa reflexão precisa partir de ideias que realmente representam os ensinamentos da cultura da Ásia (especialmente do Japão) e se contrapor ao pensamento de senso comum propagado verbalmente dentro das academias e federações, ou não evoluiremos em nossa concepção a fim de desenvolver esse Caminho. Essa ligação às pessoas que detém esse tipo de poder (os presidentes de federações ou professores) e mesmo assim o utilizam de forma que denigrem, em muitos casos, a relação entre as pessoas, não consegue ser quebrada (ou seja, os sujeitos, normalmente os filiados a uma federação, se sentem presos àquele sistema, mesmo sendo prejudicados e ofendidos) e isso revela uma estrutura psicológica que parece ter surgido junto com a monarquia (WILBER, 2010) e que persiste em um meio onde o nível educacional não ajuda a elevar o nível de consciência. Essa estrutura revela uma necessidade de pertencimento humana que inconscientemente se mantém, parecendo ao sujeito mais importante do que suportar humilhações e exploração sistemática²⁴.

Devido à existência do “*Shi no On*”, a dívida aceita do professor (que todo praticante aceita automaticamente ao ingressar num *Dōjō*, por livre escolha), vai tornando clara para nós aquela ideia de que “deveremos ao *Sensei* para sempre” como nos lembrou num curso interessante Pedro Oshiro *sensei*²⁵, realizado em fevereiro de 2011, em Porto Alegre. E continuou o mestre: “O *Sensei* nos ensinou tudo, desde como vestir o *karate-gi* e fazer o primeiro *gedan barai*²⁶”. A cada dia de treinamento estamos acumulando um pouco de *On* a nosso *Sensei*, e de acordo com a filosofia tradicional do Japão, nunca somos capazes de devolver em igual medida a contribuição do *Sensei* para nossa vida (assim como não o conseguimos em relação aos nossos pais).

No Japão as pessoas evitam oferecer as gentilezas que o ocidental está acostumado a oferecer como parte de sua etiqueta, pois estaria constrangendo aquele que recebe a benfeitoria e obrigando-o a contrair o *On*. No caso da prática de um Caminho “*Dō*”, cada um está contraindo *On* por iniciativa própria e aceitando esta dívida moral. Temos visto que a

²⁴ Sobre isso, os psicólogos Robert Moore e Douglas Gillette (1993) comentam que a semelhança entre um político corrupto, um traficante de drogas, um pastor “santificado” e um dirigente que humilha atletas talentosos é que todos são meninos fingindo serem homens. Ou seja, são homens que apesar de terem avançado em idade cronológica se mantém presos em algum padrão da psicologia infantil, em aspectos emocionais não resolvidos, como os fulcros descritos por Wilber (2006).

²⁵ Pedro Oshiro *sensei* é 7º *Dan* do estilo *Gōjū-ryū* e presidente da Federação Paulista de Karate (FPK/CBK) e ministrou um curso aberto de *Gōjū-ryū* em Porto Alegre, na ACM, em fevereiro de 2011.

²⁶ *Gedan Barai* é a defesa varrendo para baixo, a mais básica das técnicas de defesa do *Karate-Dō*.

relação comercial (o fato de pagarmos mensalidades ao professor, dando uma contrapartida financeira pelo que é ensinado) tem dificultado a construção dessa relação de valores. Para quem conhece este princípio, entende que mesmo assim, como o pensamento japonês afirma, nunca seremos capazes de pagar uma dívida equivalente ao benefício que recebemos (BENEDICT, 2009).

Visitando inúmeros espaços de prática do *Karate-Dō* no Brasil, é possível observar uma subserviência incomum dos praticantes aos seus professores. Além deste comportamento opressor da parte dos “mestres”, que comecei a relatar anteriormente, há um comodismo por parte dos praticantes, dos alunos, por acharem que “isto faz parte da hierarquia das artes marciais japonesas”. Esse comodismo parece generalizado e a apatia que tomou conta dos praticantes no país é apontada por Testa (2007) como uma das principais razões para a corrupção instalada na Confederação Brasileira de Karate - CBK.

A antropóloga Ruth Benedict é muito clara em sua análise num dos trechos centrais de “O Crisântemos e a Espada”, e nos esclarece esse ponto com a ideia de que os estudantes prestam total obediência e lealdade ao professor, estão honrando assim a dívida que contraíram do *Sensei*. Por sua vez, o professor deve agir com muita cordialidade e centramento, honrando assim a dedicação de seus estudantes ou subordinados (no caso das empresas). Ainda explica que em relação ao *Shi no On* há uma exceção, quando o professor ou chefe age com rispidez ou violência, ou outro comportamento imoral que denigra a integridade (física, moral ou psicológica) de seus subordinados, estes estão livres de seu compromisso e, culturalmente, autorizados à vingança para honrar a dívida que tem com o próprio nome. Ou seja, os estudantes aceitam contrair *On* com o professor, e lhe devem obediência e devem esforçar-se nos treinamentos para honrar o conhecimento que estão recebendo desse *Sensei*. Esta obediência, porém, dura até serem maltratados pelo professor. Na cultura japonesa a dívida com o próprio nome (que envolve a ideia de honra à família e aos ancestrais) é uma das mais pesadas que recai sobre um indivíduo e impulsionou inúmeros artistas marciais, desde o período feudal, a buscarem vingar-se de seus mestres (RATTI;WESTBROOK, 2006).

O comportamento opressor não deve ser confundido com a rispidez moderada usada por inúmeros professores de Caminhos “*Dō*”. Há certos comportamentos rígidos que tem a ver com a ideia de “Compaixão Raivosa” oriunda do budismo (SCHUMACHER, 1995). A compaixão raivosa é uma das cinco formas de compaixão (acolhimento com ternura,

propiciar meios, despertar a coragem, impedir a negatividade e amor) segundo essa tradição, e sua forma é exemplificada pela metáfora da mãe que ralha com o filho pequeno que estava a ponto de puxar o cabo de uma panela sobre o fogão com cozido quente. A mãe, nessa situação, fala agressivamente com a criança, mas sua intenção é protegê-la das queimaduras, impedindo um acontecimento negativo. Por essa razão, muitos *Dōjō* expõe um quadro com os ideogramas 押忍の精神 – “espírito do *Osu*”²⁷. *Osu* remete à ideia de que nos esforcaremos a cada instante mesmo sob o pesado treinamento e o “clima” de luta que paira no *Dōjō*. Também os militares japoneses (especialmente da Marinha) usavam o *Osu* como saudação, para honrar seu compromisso com o “espírito guerreiro” e se manterem focados no objetivo delineado. Além disso é uma saudação que se tornou corrente entre grupos de jovens japoneses (especialmente do sexo masculino) com o intuito de reforçar a “masculinidade”.

Obviamente nossa realidade não é a mesma do Japão, mas devemos estar atentos e ter amor próprio. A atitude descortês de muitos professores não é apropriada a um professor de *Karate-Dō*, e é preciso haver um equilíbrio entre autoridade e cortesia constantes. Muitas vezes confundimos a atitude de homens que acham que o *Dōjō* é uma extensão de suas experiências no exército ou ainda assistindo a filmes de guerreiros espartanos ou da idade média como sendo o comportamento adequado ao “Guerreiro Samurai”, e isso está muito longe da realidade.

Karate-Dō deve ser alicerçado em respeito, e ele começa, sem sombra de dúvida, no exemplo dado pelo *Sensei* o tempo todo, respeito é algo que precisa transparecer, emanar das atitudes do professor. O desenvolvimento do caráter no *Karate-Dō*, que está gravado no *Dōjōkun*²⁸ (os axiomas que definem as “regras do *Dōjō*”), é um elemento básico que não deve estar só num quadro da parede, deve estar nas pessoas. Como nos lembra a

²⁷ 押 - pressão (psicológica) e 忍 - tolerar (aceitar com o coração). Pode ser livremente traduzido como “esforçar-me-ei”.

²⁸ O *Dōjōkun* [道場訓] - Instruções do local do Caminho - do estilo *Shōtōkan* é uma sequência de axiomas desenvolvida por Takagi Masatomo *sensei*, na época (décadas de 1950 ou 1960), quando era Secretário Geral da *Nihon Karate Kyokai* (Japan Karate Association - JKA). O assunto é muito vasto e controverso, e praticamente todas as versões do *Dōjōkun* postadas na internet são traduções que invalidam a compreensão desses axiomas. O *Dōjōkun* são as instruções, as diretivas padrão de determinados estilos de artes deixadas pelos seus respectivos mestres como um guia de comportamento dos seus praticantes e existem na maioria dos estilos de *Karate-Dō*. No ocidente, o *Dōjōkun* mais conhecido, que é o do estilo *Shōtōkan*, foi “simplificado” para cinco palavras: caráter, sinceridade, esforço, etiqueta e controle. Isto é um equívoco, porque em japonês (*nihongo*) também existem estas palavras: *jinkaku* (人格), *sei-i* (誠意), *doryoku* (努力), *reigi* (礼儀) e *jishuku* (自肅), porém o *Dōjōkun* correto apresenta frases com significado sólido, por isso esta simplificação não é “muito bem-vinda” nos círculos tradicionais.

antropóloga americana Angeles Arrien (1998), o Guerreiro é aquele arquétipo²⁹ cujas atitudes e a disciplina estão alinhadas com suas palavras e valores. A cortesia e o respeito precisam estar presentes em todos no espaço de prática, e outras formas de comportamento são distorções do que se espera da etiqueta japonesa. Como nos lembram Ryusaku;Berry;Keene (1964), o Guerreiro é aquele que: “ [...] externamente, ele está em prontidão física para atender a qualquer chamado ao serviço e, interiormente, ele se esforça para cumprir o Caminho... Dentro de seu coração ele guarda os rumos da paz, mas mantém suas armas prontas para usá-las”. E essa descrição nos dá a base para entender o próprio significado da palavra *Budō*, que estudaremos em seguida.

Há ainda a questão do *Giri* ao próprio nome, uma espécie de honra pessoal. De acordo com esse princípio, ocorre uma espécie de legalização moral da vingança (até mesmo a necessidade de vingar-se de ofensas morais para estar alinhado com a sociedade). Existem muitas histórias, por exemplo, de estudantes de Caminhos *Dō* que abandonaram seus mestres após uma humilhação injusta, e vingaram-se deles. No período feudal, tais disputas levavam a duelos que acabavam na morte de um dos dois guerreiros. Algumas vezes dos dois, dando origem a novas escolas e extinguindo outras (RATTI;WESTBROOK, 2006; RYUSAKU;BERRY;KEENE, 1964), e uma mistura de dívida com o próprio nome e dívida com o senhor feudal é o tema de uma das principais lendas da mitologia japonesa: o conto dos 47 *Ronin* (SEGANFREDO, 2011; BARTOLO, 2009). Dentro de certos limites esse princípio se mantém aceitável, e grande parte dos suicídios entre jovens estudantes que não conseguem vagas em boas escolas ou universidades japonesas atualmente se dá por não suportarem a vergonha de não terem conseguido retribuir o *On* aos pais e ao próprio nome conquistando as vagas acadêmicas, como comentado anteriormente. De fato, é a pressão psicológica baseada na vergonha de estar inadequado aos valores sociais e assim “não ser aceito pelo mundo”, que mantém o funcionamento da cadeia de dívidas morais (*On*) na sociedade japonesa. É um mecanismo do imaginário japonês mantido por inúmeros constrangimentos aos quais a criança é submetida pelos pais desde a tenra infância (BENEDICT, 2009).

²⁹ Termo oriundo do grego *arché* = antigo e *tipo* = modelo. Carl Jung (2008) apresentou os arquétipos como padrões do Inconsciente Coletivo, como Inteligências, que podem ser acessadas por qualquer ser humano na sua vida. Da mesma forma, Joseph Campbell (1995) procura apresentar como esses mesmos padrões são representados com “máscaras” ou aparências diferentes, na forma de heróis e deuses, pelas diferentes culturas do mundo, apesar de representarem os mesmos conteúdos psicológicos.

Em termos nacionais, esse constrangimento aprendido pela criança é transferido para a sociedade, e essa necessidade de o “Japão ser aceito pelo mundo” é um sentimento extremamente forte. Como nos conta Benedict (2009) foi exatamente esse sentimento de necessidade de aceitação ou reconhecimento que levou o Japão a aceitar o abandono de toda uma cultura guerreira (apoiada na ideia de que o Japão era uma nação invencível através de seus *Bushi* e depois do Exército Imperial) e o levou a recriar suas bases culturais, onde o ancestral foi integrado, mas transcendido, surgindo novas tendências nas artes visuais, na música, nas práticas atléticas e de luta, entre tantas outras (TAZAWA, 1980). Todas essas práticas, que haviam sido reinventadas na Restauração Meiji tiveram de passar por um novo processo de reconstrução, pela forte entrada da cultura norte-americana no país e pela ordem direta do Imperador para se abandonar velhas crenças que se provavam, então, não mais úteis ao desenvolvimento do Japão.

A ideia que permeia todo esse processo de aperfeiçoamento é o conceito de “*miyabi*”, que significa “refinamento”. Todas as práticas culturais japonesas possuem alguma forma, alguma técnica, que é chamada “*waza*”. Os *waza* sempre são procedimentos gestuais, que além da sua utilidade prática possuem significados para além do imanente. Sendo assim, o *Jūdō* possui seus *waza* (como as técnicas de projeção, de imobilização, etc.), o *Bajūtsu* (equitação) possui seus *waza* (que são diversas formas de conduzir o cavalo, com e sem rédeas, pelo solo firme ou pela água, etc.), a cerimônia do chá possui seus *waza* (cada gesto da preparação, do servir e beber o chá), assim também o *Shodō* (caligrafia) onde os diferentes estilos de uso do pincel (cursivo, semicursivo, etc.) bem como a preparação das tintas podem ser considerados os *waza*. Todo Caminho *Dō* é estruturado em uma série de *waza* que devem ser constantemente aperfeiçoadas, refinadas, assim levando o praticante ao conhecimento de princípios espirituais universais. A busca desses princípios, a transformação da técnica artificial (*Ji*) em uma técnica natural (*Ri*), onde o praticante e o Universo estão unidos (*toitsu*) é a base e o objetivo comum de tudo que é dotado de procedimentos formais na cultura japonesa (KUSHNER, 1988). Assim, o *Karate-Dō*, como um *Budō* (Caminho para deter a violência), é dotado de suas técnicas *waza*. Essas práticas são conhecidas como *Te-waza* (técnicas de mão), *Keri-waza* (técnicas de chute) e *Renzoku-waza* (técnicas consecutivas, ou combinadas) e devem ser refinadas ao extremo, atingindo através dessa “alquimia” a compreensão dos princípios universais, como nas demais formas de *Dō*.

O processo do rústico ou artificial, até o natural e unificado com o Todo é, portanto, expresso pela ideia de *miyabi*³⁰.

O refinamento constante em busca da perfeição em inúmeras esferas, proposto por *miyabi* é uma das coisas que diferencia o *Budō* dos esportes em geral. No futebol, por exemplo, não há a necessidade de executar a técnica com perfeição, não é ela quem define algo decisivo como a marcação do gol. Isso apenas agrada mais ou menos o expectador. Se o jogador de futebol acertar um belíssimo chute de “três dedos”, com muito efeito na bola, e marcar o gol, ou empurrar a bola horripelantemente de canela, em ambas as situações teremos um gol. No *Karate-Dō*, por exemplo, se a técnica não for perfeitamente executada, mesmo tocando o corpo do adversário, o ponto não será computado.



Figura 1 – *Dōrodango*, o caminho da lama. *Dōrodango* consiste em pegar um pouco de terra e água, fazer uma bola com as mãos e depois polir (aperfeiçoar) a tal ponto que as bolas de lama se tornem objetos lisos e até mesmo de outras cores, como bolas de bilhar que podem ter, então, sua beleza admirada.

Fonte: blog *Karate by Jesse*, disponível em: <http://www.karatebyjesse.com/?p=2192>.

Como explicou o *sensei* Luis Tasuke Watanabe, em um seminário ministrado em novembro de 2011, em Porto Alegre, em toda técnica de *Karate-Dō* devemos buscar o *Ippon Waza* (relacionando a execução do golpe perfeito, refinado, como na regra “*shobu ippon*” de *Karate-Dō* onde há o ponto completo, ou *Ippon*, e o meio ponto, ou *Waza-ari*). Teoricamente, o *Ippon Waza* é a técnica refinada a tal ponto que é capaz de “matar com um só golpe” (*Ikken Hissatsu*³¹). Mesmo assim, a situação de competição anteriormente citada

³⁰ Outro conceito popular nos Caminhos Guerreiros que descreve esse processo de transformação chama-se *Shuhari*. *Shu* (守) e remete à ideia de “obedecer”, ou apropriar-se do padrão, ou ainda “formatar”; é o estágio onde se absorve e se copia os *waza*. *Ha* (破) e significa “romper” ou “modificar”, constituindo-se na fase onde se naturaliza, ou se adapta cada *waza* às suas características próprias. Ou seja, etapa na qual o lutador modifica a técnica para que se adapte ao seu biótipo e habilidades. *Ri* (離) significa “transcender”, ou “ir além”, e é a fase onde o guerreiro supera através da criatividade os padrões anteriores, levando sua arte a um novo patamar, não antes alcançado, através da criatividade.

³¹ (一拳必殺) Matar com um golpe. Nakayama *sensei* lembra que, apesar de haver a possibilidade do *kime* (focalização da força no instante exato) ter a capacidade de matar com um golpe e concluir que este seja o real objetivo do *Karate-Dō* é tão perigoso quanto errado (NAKAYAMA, 2000). Em outras formas de *Budō*, como no *Kyūdō* (tiro com arco) há a expressão equivalente “*Ikken Issatsu*” (一撃一殺) um golpe, uma morte. Foi inspirado nessa ideia que Keneth Kushner (1988) intitulou seu livro de “Uma flexa, uma vida”.

nem é enfatizada, a luta de competição (o elemento “esportivo”) na maioria dos casos não é o fim da prática, é apenas um meio para auxiliar o alcance a outras etapas mais profundas do desenvolvimento do praticante. Como comentou o professor Brandel Filho:

Não confundam esporte com arte marcial, pois são coisas diferentes. Esporte é competição, e o fenômeno esportivo pode ou não se manifestar na arte marcial. No Aikido não existem competições. No Karate existem competições, mas não é o foco e isso faz muita diferença: muitos atletas que se aposentam não praticam mais sua modalidade, mas quando você é caracterizado como um artista marcial (não um lutador profissional), você continua a prática mesmo que não se envolva em competições. (LOPES FILHO, 2011)

Para compreender quão inadequado é o uso da expressão arte marcial em relação ao *Budō*, é importante clarificarmos algumas questões relacionadas ao próprio uso destas expressões. Como nos lembram Reid;Croucher (2004), a palavra marcial tem sua origem no deus romano “Marte”, o deus da guerra. Assim, a designação de prática marcial se volta diretamente para a preparação para a guerra, para o conflito destrutivo, que é a marca de Marte. A palavra *Budō*, no entanto, tem um significado diferente disso. *Budō* é formado por dois ideogramas, e toda palavra oriunda da escrita chinesa tradicional (*Kanji*) é formada a partir de pictogramas que possuem representações complexas que vão além do som silábico do nosso alfabeto ocidental ou dos *Kana* japoneses. Os textos orientais construídos a partir de *Kanji* precisam ser interpretados todo o tempo, levando em consideração a forma de pensar do seu autor, pois cada ideograma pode ter muitos significados. A diferença, portanto, é que cada texto em *Kanji* não transmitirá uma ideia comum de uma realidade compartilhada, por outro lado, ele transmite uma experiência interior e única, como de mente para mente, do autor para o leitor (CHIA; HUANG, 2004). O primeiro ideograma de *Budō*, *Bu*³², é a representação de duas lanças cruzadas e ao lado um homem com a mão aberta representando um sinal para parar (*tomaru*). Esses dois pictogramas que formam o *Kanji* “*Bu*” nos trazem a ideia de parar o conflito, ou deter a violência. O segundo ideograma, *Dō*³³, é uma estrada com uma escada que leva para cima, para o céu, para o elevado. *Dō* é essa senda de aperfeiçoamento até a compreensão dos princípios cósmicos universais, é o *Tao*, é a jornada de evolução e expansão até o Todo (STEVENS, 2001). *Budō* é, portanto, o “Caminho para deter o conflito”, o “Caminho para deter as armas”. Obviamente, para deter

³² 武 – Deter o conflito com armas.

³³ 道 – Caminho ou senda espiritual.

a violência, é preciso entrar no conflito muitas vezes, senão seríamos dizimados, mas a intenção é diferente. Enquanto a ideia “marcial”, de Marte, nos traz o conceito de conquista e destruição pela força, pela guerra, *Budō* nos fala de restabelecer a harmonia, mesmo que em algum momento seja necessário usar o conflito, mas diverge em propósito ao conceito anterior.

De que forma, portanto, esses padrões da cultura japonesa atuam no *Karate-Dō*? De fato, todas as normas de etiqueta do Japão são preservadas e praticadas nos *Dōjō*, e isso se deve ao fato de que como outras práticas, o *Karate-Dō* é um *Budō*, é um “Caminho para deter a violência”. *Karate-Dō* é um *Gendai Budō* (Caminho para deter a violência da nova era – no caso, da Era Meiji³⁴ em diante), como outras práticas japonesas tais como *Aikidō* e *Jūdō*, e que depois de sua longa história como uma prática oquinauense influenciada pelas técnicas chinesas, foi levada ao Japão por Gichin Funakoshi, onde foi reinventada³⁵ numa nova prática absorvendo todas as características descritas anteriormente neste texto (*On*, *Miyabi*, etc.). Por isso, há padrões técnicos que devem ser atingidos, e que quando alcançados são considerados aperfeiçoados (*Miyabi*), e também é por isso que se deve lealdade e respeito ao professor (*Shi no On*) e se usa o quadro do fundador e o *Kamidana* no *Shōmen* (a direção principal do *Dōjō*), respeitando a conexão ancestral da prática (*Ko*) e tantos outros aspectos que procuraremos discutir ao longo deste capítulo. A disciplina, o respeito às tradições como uma questão de estar respeitando o próprio país, e o constante aperfeiçoamento são muito fortes para os japoneses, especialmente dentro dessas práticas que identificamos como Caminhos “*Dō*”.

³⁴ No Apêndice 2 apresentamos uma explicação sobre as eras históricas japonesas e formas de contar tempo.

³⁵ A ideia de reinvenção aqui remete ao livro “A invenção das Tradições” de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (2012), por meio do qual a ideia de reinvenção acabou popularizada nos estudos históricos. No caso deste estudo cabe para observar os diferentes estágios na história do *Karate-Dō* no período demarcado. É importante compreender isso, pois o *Karate-Dō* (Caminho das Mãos do Vazio), “niponizado” do original *Karate* (Mão Chinesa), não é reconhecido como uma arte marcial japonesa pelos próprios japoneses, como lembram Ryusaku;Tsumoda;Berry (1964). As técnicas guerreiras japonesas (*Jūtsu*) evoluíram desde o período pré-feudal até o fim do período feudal para as “dezoito técnicas nacionais” (*Bugei Jūhappan*), entre as quais, obviamente, uma arte de origem oquinauense, como o Karate, não constava. Vale lembrar que o Karate vinha se desenvolvendo a partir das artes de luta chinesas (*Wū-shù*), ou seja, de um país rival, o que lhe custa até hoje o descrédito de “uma arte estrangeira adaptada de uma técnica inimiga” dentro dos círculos mais tradicionais (GOULART, 2011). Apresentamos uma citação importante com um sumário do *Bugei Jūhappan* no Apêndice 1.



Figura 2 – *Shōmen* do *Hombu Dōjō* (*Dōjō* Central) da *Japan Karate Association*, em Tóquio, nos dias atuais. É possível vermos a bandeira japonesa e o *Kamidana* ao centro, e quadros com o *Dōjō-kun* e uma frase significativa ao lado.

Fonte: acervo pessoal de Daniel Pinto.

É preciso também alertar que há uma diferença fundamental do *Budō* com o esporte, especialmente com os outros esportes de luta. No *Budō* não se quer a visualização festiva e espetacularizada dos processos que ocorrem com seus praticantes. Não há marcação de recordes, não há *fair play* idêntico ao modelo de Coubertin e nem igualdade de condições (TAVARES; DA COSTA, 1999; GUTTMANN, 1978), há apenas o desenvolvimento do poder para sobreviver a uma situação de conflito real, por isso, temos uma das principais resistências à participação e fomento de competições pelos praticantes mais “tradicionais”, pois a competição esportiva retira o elemento realístico do treinamento e o substitui por gestos quase inofensivos, para que a integridade do adversário realmente não seja abalada. Isso é assim pensado pois para “deter a violência” é preciso estar preparado para as diversas situações realísticas de combate, que o esporte não reproduz, e que é o elemento exterior, prático, do *Karate-Dō*. Por outro lado, o desenvolvimento dos *Waza* buscando o aperfeiçoamento até a união da mente e do corpo (*toitsu*) nos lembram da segunda metade da palavra *Budō*: “*Dō*”, o Caminho. *Dō* é desenvolvido através de inúmeros exercícios energéticos e meditativos, pelo estudo e pelos diversos treinamentos da experiência interior. É também a reflexão acerca da experiência externa e a transformação interna de cada indivíduo.

Como expresso pelo escritor e cartunista japonês Jun Sadogawa (2010): “Sabe por que Karate é escrito como ‘mãos do Vazio’? Porque é igual ao movimento em que o Vazio³⁶ forma todas as cores. O coração de cada um, quando livre, preenche todas as coisas”. Isso é parte da filosofia Zen Budista. Imediatamente pensamos, ‘ter um coração livre é um estado quase impossível’. Mas buscar incessantemente esse coração livre é o Caminho, *Dō*. Não importa se vais chegar nisso ou não, isso é trilhar a senda. E assim entendemos o nome da prática aqui estudada, *Karate-Dō*: o Caminho (*Dō*) para chegar ao Vazio (*Kara*), através do aperfeiçoamento das Mãos³⁷ (*Te*).

Como é impossível separar qualquer análise sobre o *Karate-Dō* de sua prática (ou cairíamos na falácia que está se estabelecendo atualmente, onde não se olha verdadeiramente para o meio, apenas se busca apresentar elementos para comprovar determinadas teorias) vamos procurar compreender como os princípios da cultura japonesa, anteriormente explicados, se aplicam num treinamento ou numa competição, sendo que esses conceitos vão servir para qualquer momento, qualquer experiência no *Karate-Dō*.

Antes de mais nada é preciso lembrarmos dois dos vinte axiomas deixados por Funakoshi Gichin *sensei* (*Nijūkun*³⁸): “importante, aperfeiçoar-se sempre” e “importante, não se esqueça que o *Karate-Dō* deve iniciar com saudação e terminar com saudação”. Por isso, é importante compreendermos que a etiqueta deve ser seguida corretamente numa prática de *Karate-Dō* e que os princípios gerais daquilo que é então aprendido (as representações) devem fazer parte da vida do praticante. É por isso que no início e final de cada treinamento se realizam pequenos “rituais” de abertura e fechamento, que envolvem saudações e uma rápida meditação. O primeiro cuidado é o de entrar no *Dōjō*, o salão de treinamento, voltado para o *Kamiza*³⁹, em respeito aos *Kami*⁴⁰ e ao patrono do estilo, etc. Para isso, se pisa antes no *Dōjō* com o pé que deixe o coração voltado para o *Shōmen*⁴¹, depois com o outro e se faz

³⁶ (空) *Kara/Kū* – Vazio (budista).

³⁷ As mãos representam tanto as técnicas em geral, os diversos *Waza* de *Karate-Dō*, incluindo-se aí os chutes e tudo o mais, como também remete às ancestrais origens do *Karate-Dō* ao *Ti* de Okinawa, e ao corpo em si, à experiência desse Caminho no próprio movimento, na própria respiração, na própria individualidade.

³⁸ (船越義珍開祖が書いた松濤館の二十訓) Funakoshi Gichin *kaiso ga kaita Shōtōkan no Nijūkun*, ou “Os vinte preceitos do *Shōtōkan* escritos pelo fundador Funakoshi Gichin”.

³⁹ (上座) assento superior, a posição do *Sensei* no *Dōjō*, às vezes traduzido como (神座) local dos deuses.

⁴⁰ (神) deuses. Vale lembrar que a tradução “deuses” não é exata pois a ideia não tem a mesma conotação de deuses como na mitologia Greco-romana, e sim a ideia de que *Kami* é algo muito próximo ao que em algumas tradições é entendido como “espírito”, pois os mortos são vistos também como *Kami*.

⁴¹ (正面) Direção principal.

a reverência em pé, ou *ritsu-rei*⁴² (BÜLL, 1988). Depois que todos os participantes estão presentes, ou no horário marcado para iniciar, se coloca em ordem de graduação nas áreas correspondentes para a saudação, que geralmente é feita na posição sentado (*za-rei*⁴³). Ali são realizadas três saudações, a primeira para o *Shōmen* (direção frontal, posicionada no Leste, onde nasce o Sol), onde estarão símbolos importantes para o estilo, como a foto do mestre, o *Dōjō-kun*, o *Kamidana*, estátua de algum *Kami*, bandeiras, ou outro símbolo relevante. É o momento quando se usa o comando “*shomen-ni-rei!*”. A segunda saudação é feita para o *Sensei*⁴⁴, aquele que guiará os mais jovens no aprendizado, pois já passou por anos de prática e foi iniciado nas diferentes áreas de conhecimento da arte, através do comando “*sensei-ni-rei!*”. Por último se faz o cumprimento mútuo, através do comando “*otagai-ni-rei!*”, que nos lembra que, em essência, todos os presentes são iguais e estão unidos por um objetivo comum.

Nesta etapa deve-se ter o devido cuidado com a forma que se faz as saudações, em pé (*ritsu-rei*) e sentado (*za-rei*), que tem formas bem definidas. Todos esses procedimentos feitos, de forma cada vez mais refinada, também demonstram proficiência no *Karate-Dō*. Cada detalhe, mesmo os movimentos de saudação que para aquele que não é um *budōka*⁴⁵ podem parecer desimportantes (e mesmo para aqueles que praticam as versões “esportivizadas” ou melhor dizendo, as versões “*fast-food*”, parecem supérfluos), na verdade esses “detalhismos” estão dentro da ideia de *miyabi*⁴⁶ discutida anteriormente. É exatamente a ideia de aperfeiçoamento, ou clareza mental, que é o primeiro critério de organização das pessoas num *Dōjō* para o ritual de saudações, ou seja a “ordem por graduação”. Em primeira instância lembramos essa organização tradicional dos praticantes num *Dōjō*: enquanto que em artes voltadas a um aspecto militarizado, como a maioria das artes chinesas, os praticantes se organizam em fileiras atrás do professor (da mesma forma que os soldados se organizam nos pelotões) em um ambiente que reflete a matriz cultural japonesa a organização se dá em uma espécie de círculo (figura 3), ou espiral.

⁴² (立礼) saudar/prostrar-se de pé.

⁴³ (座礼) saudar/prostrar-se sentado sobre os joelhos.

⁴⁴ (先生) Aquele que nasceu antes, ancião, usado para designar professores, médicos, advogados e outros profissionais.

⁴⁵ (武道家) Especialista em algum Caminho do Guerreiro ou “arte marcial”. Vale lembrar que do ponto de vista da língua japonesa é errado denominar um praticante comum de *Karate-Dō* como *karateka*, um praticante de *jūdō* como *jūdōka*, etc. pois o sufixo “*ka*” denota alguém com alto nível de proficiência na arte, um especialista.

⁴⁶ (雅) um dos ideais da estética japonesa.

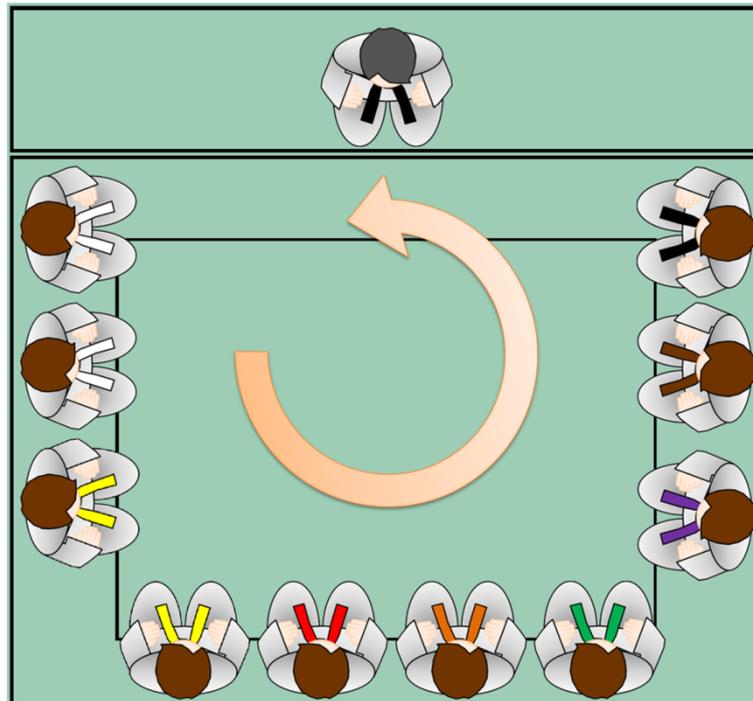


Figura 3 – Organização espiralática dos praticantes de Karate-Dō num Dōjō tradicional
Fonte: elaborado pelo autor

O *sensei* fica numa extremidade (no leste, na direção principal, ou *shōmen*), onde fica o *kamiza* (local elevado); os alunos adiantados ficam ao lado, ou no *jōseki*, o assento superior, localizado no sul; os praticantes novatos, por ordem de graduação vão se colocando na direção oeste, de frente para o *shōmen*, no *shimozaka*, até ocupar o espaço da direção norte, denominado *shimozeki* (GOULART, 2011; BÜLL, 1988). Como pode uma prática que difere tanto do modelo militar e da educação liberal tradicional ter sido distorcida produzindo o Karate que vemos hoje? A principal razão é o esquecimento da etiqueta básica do *Budō* e da valorização da cultura japonesa durante a prática do *Karate-Dō*. Essa espiral, portanto, que começa no norte e vai crescendo até o leste, reflete a ideia de que quanto mais se percorre o *Dō*, o Caminho, mais se eleva psico-espiritualmente e é essa experiência de vida que conta em primeiro lugar. Depois, entre as pessoas de mesma graduação, se conta o segundo critério para a organização, que é o critério do “nascimento no *Karate-Dō*”, ou seja, entre os faixas roxas presentes, por exemplo, sentará mais perto dos faixas marrons aquele que entrou antes no *Dōjō*, e portanto é mais antigo na arte.

Há também, alguns princípios práticos que distinguem os Caminhos *Dō* de outras atividades físicas e esportivas. Um deles é o uso da técnica chamada *Kiai*. Foi popularizado

na internet a ideia de que *Kiai* é a técnica que compreende o grito nas “artes marciais” e que encerra em sua escrita a ideia metafísica de “união dos espíritos”. A seguir veremos porque “*Kiai*” não deve ser traduzido como “união dos espíritos” e nem “grito do espírito” ou “espírito em forma de grito”. Como costume explicar nas aulas de etiqueta e princípios dos cursos de *Karate-Dō* que ministro, *Kiai*⁴⁷ pode ser feito sem som. A tradução mais próxima desta expressão seria “focalizar a energia vital” (氣=ki / 合=ai), pois a ideia é conduzir o efeito do movimento da energia emocional/vital para o adversário ou o alvo, através da concentração desse efeito num único ponto, no instante exato do *Kime* (uso correto da potência muscular). Além disso, *ki* não pode ser materializado, pois não é energia. Energia é matéria, como bem lembrado pelo prof. Dr. João Rocha Filho, físico da PUCRS⁴⁸. Portanto quando falamos em *Ki*, falamos de algo que é pertencente ao domínio de *Potentia* (o nível de possibilidades descrito por Werner Heisenberg⁴⁹), ao sutil, e não ao domínio físico, imanente. *Awazu* também é outra palavra (合う), não é sinônimo exato para *Ai*. União, na cultura japonesa, como a ideia de unir mente e corpo por exemplo, como na *yoga*, é expresso pelo conceito “*Toitsu*” (統一), literalmente “tornar uno”. União no sentido de “centrado” ou “inteiro” é expresso pelo conceito de “*Musubi*” (結び). O espírito, na cultura japonesa, tem pelo menos três representações: *Tamashii* (魂 – alma), *Konpaku* (魂魄 – mônada) e *Kokoro* (心 - consciência/coração). Existe ainda a ideia de espírito, não como algo “espiritual”, mas no sentido de “estado de ânimo”, e pra essa expressão o conceito japonês é o de *Seishin* (精神), como quando dizemos “hoje vou usar o espírito guerreiro”.

O conceito de energia vital, de *Ki* (氣) é explicado como o movimento do denso (matéria) para o sutil (*Potentia*) e sua grafia tradicional mais conhecida é uma imagem do vapor (气) subindo do arroz (米) enquanto cozinha, ou seja, o movimento entre o denso (arroz, material) e o sutil (vapor, transcendente), então *ki* é algo que está entre a matéria e o espírito, não é o espírito em si, mas o movimento entre eles. Por tudo isso *Kiai* não pode ser “união dos espíritos”. Simplesmente é comum entre os professores de artes marciais eleger um conceito popularizado como esses, aqui comentados, e ao observarem superficialmente

⁴⁷ (氣合) focalizar a energia vital.

⁴⁸ Em uma palestra na ESEF UFRGS, em 2010, organizada pelo nosso Grupo Transdisciplinar de Pesquisa em Educação e Saúde, com o tema “Física Quântica e Educação” que fazia parte do ciclo de palestras “Transformações na Ciência Contemporânea”.

⁴⁹ Como explicado por Goswami (2008).

os *Kanji*, distorcerem os conceitos originais para algo que apoia a ideia distorcida, compartilhada pelos grupos através de meios como a internet.

Complementando a ideia de *Kiai*, falemos um pouco do *Kime*⁵⁰. *Kime* é muitas vezes tratado como “potência”, a capacidade de nosso corpo gerar força através de contração muscular, num pequeno espaço de tempo. *Kime*, em *Karate-Dō*, porém, é algo mais complexo, e apresentarei aqui a fala do grande atleta e professor Luca Valdesi⁵¹, 5º *Dan*, da Itália, com quem treinei no início do ano de 2011. Explica Valdesi *sensei* que o *Kime* é uma forma particular de usarmos a força. É a capacidade de focalizarmos nossa ação, e realizarmos a máxima contração muscular possível, com todo nosso corpo, no menor instante possível, e coincidindo com o momento em que a técnica está em sua “posição final”, ou de arremate, de conclusão. Seria como compararmos nosso soco com a arrancada de um carro.

Para socar, nosso corpo precisa estar relaxado, senão já está gastando energia que poderia ser usada na contração máxima do final do movimento, então arremetemos contra um alvo com toda velocidade possível, mas sem tensões desnecessárias. Quando a mão que soca chega à posição final, de impacto, contra um alvo, aí sim ocorre o *Kime*, ou seja, a contração máxima de todos os grupos musculares do corpo no menor instante possível, transferindo o máximo de dano ao adversário. A comparação com a arrancada de um carro seria de que o *Kime* seria comparável a quando vemos um carro arrancar com toda velocidade ao abrir o sinal (início do soco), mas frear bruscamente com tudo que é possível para não bater em um muro logo depois (*Kime*). Valdesi *sensei* também chamou atenção de que podemos pensar um pouco na ideia de “*ki*”, onde o meu corpo permanece equilibrado e imóvel, quando o soco é bem executado com *Kime*, e paramos após nosso punho entrar um pouco na superfície do corpo do adversário, nesse momento a energia cinética empregada (e a pressão do contato, conseqüentemente) e a energia intrínseca (*Ki*) seguem sendo transferidos para o corpo do adversário, causando, como já dito, o maior dano possível. De toda forma, na luta de *Karate-Dō* temos outro princípio associado ao *Kime* que é o chamado “*Sun-dome*”⁵². *Sun-dome* é usado também em outras artes, mas no *Karate-Dō* ele cria esse grande impasse que eleva a arte ao refinado nível técnico dos golpes: o praticante deve fazer

⁵⁰ (決め) Decisão.

⁵¹ Luca Valdesi é o maior campeão da história do Karate, tendo ganho, até o presente momento, 11 títulos mundiais em *Kata* e *Kata Equipe*.

⁵² (寸止め) deter à distância de um *Sun* (*Sun* é uma medida japonesa que corresponde a cerca de 3cm).

todo golpe com o máximo de potência e realidade e ao mesmo tempo deter o golpe antes que cause um ferimento ao companheiro de treinamento ou adversário em uma luta. A associação destes dois conceitos dão ao *Karate-Dō* a característica única das lutas controladas, onde não há contato excessivo com o corpo do adversário, preservando-lhe a integridade física, em contraste com o que acontece no Boxe ou nas Artes Marciais Mistas (MMA).

Eventualmente entendemos que o mais importante aspecto da prática é o que chamamos de *Zanshin*. *Zanshin* é a atitude de alerta, nos trazendo, essencialmente, a ideia de que devemos estar focados no agora, no momento presente, nem nos apegos do passado, nem nos receios sobre o futuro.

Então, em que isso afeta o treinamento? Cada movimento deve ser feito com *Zanshin*, ou seja, cada um deles é o movimento mais importante da vida do *karate-ka*, porque só existe o agora, então só existe o momento presente. É muito comum ao praticante pensar: “ah, eu gosto de praticar o *Kata* (exercício formal), então vou fazer esse *Kihon* (fundamentos) aqui mais ou menos”. Esse é um bom exemplo de falta de *Zanshin*, pois o praticante está pensando no futuro (dali uns instantes se treinará o *Kata* que, via de regra, é feito depois do *Kihon* nos treinamentos).

Zanshin também vai nos lembrar da ideia de *Mu-shin* (*Mu* = não, ou ausência / *Shin* = mente), ou seja, “não mente”, ou “não pensar” (KUSHNER, 1988). *Mu-shin*, às vezes livremente traduzido como “a mente vazia”, é a ideia de não pensar em tudo aquilo que não interessa para aquele dado objetivo. Nesse caso, as coisas desimportantes são o passado e o futuro. O *karate-ka* costuma cair nas armadilhas da sua mente em situações como a que segue: se eu faço um *oi-zuki*⁵³ e ele acaba com um bom nível técnico de execução, e eu me vejo pensando “puxa, fiz um soco muito bom...”, nesse momento eu me prendi ao passado. Então, nesse momento eu também saí de *Mu-Shin*⁵⁴, da mente vazia, esvaziada de significados desimportantes. Eu também perdi, assim, o *Zanshin*, o estado de alerta livre, possibilitado pela mente desocupada das “maquinações” temperadas pelo medo, a insegurança ou os rancores do passado. É por isso, também, que o *senpai* (mais antigo) ou o *sensei* (ancião/professor), não falam aos estudantes novatos (*kōhai*) na hora de um acerto:

⁵³ Soco direto em perseguição.

⁵⁴ Vale lembrar a diferença entre *Mu-Shin* (無心) e Vazio (空). *Mu-Shin* é um estado mental individual/humano, enquanto o *Kara* é o “Vazio Primordial por trás de todas as formas”, é o absoluto que nada contém em formas e tudo contém em potencial, aquilo que Jung nomeou “Pleroma”.

“esse movimento foi bom”, ou eles estariam estimulando o apego ao passado, da mesma forma que não criticam pesadamente quando um erro ocorre. Assim, também não se supervaloriza os medos de encarar um exame de graduação, um campeonato, ou um desafio qualquer. Alimentar esses sentimentos seria alimentar uma emoção não autêntica sobre algo do futuro e também sair da mente esvaziada. Por isso é preciso, durante o *kihon*, por exemplo, fazer cada exercício da sequência como um exercício único, não preso aos anteriores, como um mantra que é “recitado” pelo corpo. Para que cada movimento possa ser o melhor, mas também possa ser único e ser a experiência daquele exato momento presente, isso é *Zanshin*.

Esses são, portanto, os aspectos que por ora se fazem de grande importância para entendermos o que é o Karate-Do enquanto prática cultural que expressa as ideias da cultura japonesa e *uchinaguchi* (ou oquinauense). Sabemos, porém, que essas ideias têm uma origem, portanto procuraremos a seguir entender o que se conhece da história do *Karate-Dō*, procurando perceber qual o contexto que possibilitou o desenvolvimento destes princípios e da prática em si.

2.3 Uma História do *Karate-Dō*

Na verdade, todos esses aspectos da cultura e da prática do *Karate-Dō* foram sendo construídos através do desenrolar de sua história, portanto vamos tentar nos localizar histórica e cronologicamente nos fatos que contribuíram para esse processo. Procuramos aqui resgatar todas as informações mais relevantes nas obras de referência sobre a temática da história do *Karate-Dō* e relacioná-la ao nosso marco teórico.

No âmbito da História Cultural, está a ideia de opor-se a algumas ideias que eram centrais na historiografia tradicional, entre elas o uso de algumas fontes restritas e uma produção de relatos históricos pautados na linearidade cronológica dos fatos, e a centralização dos relatos em acontecimentos envolvendo as chamadas grandes figuras, ou personagens, de cada tempo (BURKE, 2008). Nosso relato subsequente trata de uma visão não centralizada nessa cronologia temporal (porém obviamente auxiliada por ela), resgatando, ao invés de grandes fatos, elementos históricos que nos ajudem a perceber as mudanças de representações e imaginário dos praticantes e professores, ou seja, o

desenrolar dos estágios da Espiral de desenvolvimento nas várias dimensões a serem observadas (representações, práticas e imaginário) enquanto homens e mulheres vão construindo seu tempo (*zeitgeist*) e suas vivências nos diferentes locais tendo como centro o “Caminho das Mãos do Vazio”.

Okinawa, a principal ilha do arquipélago de Ryūkyū, ao sul do Japão e leste da China, possuía no século XIII poucas áreas de fácil habitação. Em sua maior parte, as ilhas que compõe esse arquipélago são montanhosas e com pouca extensão. Nessa época, o reino adotava um sistema de castas sociais muito semelhantes ao dos grandes países da região: China, Índia e Japão; e excluía a vida entre: os nobres, o clero, os militares, os comerciantes e os camponeses (RATTI; WESTBROOK, 2006). Os *heimin* (camponeses) do Ryūkyū viviam numa situação nada agradável, pois, a exemplo do que acontecia em muitos feudos nipônicos, acabavam por pagar com quase todo o produto da colheita, os tributos que eram exigidos pela realeza.

Mas os *heimin* tinham um problema social pior que a fome a suportar: a truculência impiedosa dos *peichin* (guerreiros), militares semelhantes aos *samurai* (侍) japoneses (SHINZATO; BUENO, 2007). Estes guerreiros tinham, entre outras funções, a tarefa de cobrar os tributos, geralmente uma boa parcela do arroz produzido. Como não se podia impedir o efeito das intempéries, por vez ou outra os *heimin* acabavam por perder toda ou boa parte da colheita, situação que não interessava aos *peichin*. Muitos foram os camponeses que partiram para o trabalho na lavoura e, após um dia estafante de trabalho árduo, retornaram apenas para encontrar suas casas incendiadas e suas famílias assassinadas sob o poente das ilhas do Ryūkyū, o castigo governamental pela inadimplência (RATTI; WESTBROOK, 2006). Esta situação acabou estimulando os agricultores a arquitetarem formas de se exercitar e se preparar para os embates com os *Peichin*.

Como o porte de armas pela população comum fora proibido pelos reis da Dinastia Shō (final do século XV), os *heimin* passaram a organizar dois sistemas de defesa pessoal, os quais chamaram genericamente de *Te*⁵⁵, e que se constituíam em formas muito rudimentares do que conhecemos hoje por *Karate* e *Kobu-jūtsu* de Okinawa⁵⁶ (SHINZATO; BUENO, 2007; SHINJYO;SENAKA;ONAHA, 2004). Era uma prática com o objetivo da defesa da

⁵⁵ - *Te* (手) é o ideograma no idioma japonês (*Nihongo*) para “mão”, no dialeto de Okinawa (*Uchinaguchi*) a pronúncia para este ideograma era *Ti*.

⁵⁶ (沖縄県古武術) Técnica das antigas armas de Okinawa.

própria vida, a manutenção da existência do corpo enquanto um indivíduo imanente e presente naquele tempo. Com a emergência da identidade coletiva dos *heimin*, que então trocavam alguma informação relativa às técnicas, passa-se a falar não mais em *Te*, mas em *Okinawa-Te* (mãos de Okinawa). É um momento em que a consciência de grupo encontra a prática do *Te*, sendo inclusive a única forma de combate utilizado pelos *Peichin* no *Sanzen*, a batalha que unificou os três domínios de Okinawa num único reino⁵⁷, controlado por Shō Hashi (FUNAKOSHI, 1999; McCARTHY, 1995).

Neste período, as artes chinesas que foram introduzidas em Okinawa também trouxeram todo o seu cabedal de conceitos para o arquipélago de Ryūkyū. Entre esses conceitos, o mais importante e básico era o de *Nei-jiā*⁵⁸ e *Wài-jiā*⁵⁹. Os *Neijiā* são artes que focam o desenvolvimento da energia sutil (chamada de *Chi*⁶⁰ na China) como fonte de poder no combate, enquanto que os *Wài-jiā* focam no desenvolvimento da estrutura biológica/corporal como fonte de poder principal (apensar de *Wài-jiā* e *Neijiā* terem exercícios para desenvolvimento físico e bioenergético).

Aparentemente, esses dois conceitos influenciaram Funakoshi Gichin *sensei* a classificar posteriormente os *Kata* de *Karate* e os estilos em *Shōrin* (traduzido atualmente com os mesmo ideogramas para *Shǎolín*, o que teria conexões com *Wài-jiā*⁶¹) e *Shōrei* (que seria a contrapartida para *Neijiā*⁶²). Infelizmente percebemos algumas inconsistências na classificação de Funakoshi *sensei*, pois ele altera algumas destas classificações, publicando, por exemplo, em um de seus livros, que *Tenshō* é um *Kata Shōrei*, sendo que este *kata* foi criado por Miyagi Chōjun a partir do *Taolu*⁶³ *Hakkishu* (de origem no *Shǎolín Quán*). Ao mesmo tempo modifica a classificação de vários *Kata Shōrei* para *Shōrin* e há várias

⁵⁷ Conta-se que nesta guerra, devido à existência da proibição ao uso de armas, as batalhas foram resolvidas apenas em combates de *Karate*, desarmados, o que teria proporcionado o contexto e o conteúdo para a criação de vários *Kata* de *Karate* (NAGAMINE, 2000). É difícil saber se efetivamente esse processo assim aconteceu, pois histórias, com o status de lenda, de mesmo tipo existem na China, de onde muitos exercícios formais (*Kata*) foram importados.

⁵⁸ (內家) arte interna, como: *Xíng-Yí Quán* (形意拳), *Bā Guà Zhang* (八卦掌) e o *Tàijí Quán* (太極拳).

⁵⁹ (外家) arte externa, como: *Hung Gar Kuen* (洪家拳), *Wàn Chūn* (咏春 - mais conhecido pela antiga grafia *Wing Tsung*, o antigo estilo de Bruce Lee, o famoso ator de filmes de artes marciais, antes que este desenvolvesse o *Jeet Kune Do*) e o *Shǎolín Quán* (少林拳), cuja vertente *Shaolin do Norte* é a mais praticada no Rio Grande do Sul.

⁶⁰ O mesmo que *Ki* no Japão e *Prana* na Índia.

⁶¹ Práticas de combate “externas”, que focam no desenvolvimento dos aspectos externos (*wagōng*) como enrijecimento e calejamento corporal, além do aprimoramento de valências como potência e resistência.

⁶² Práticas de combate internas, que focam no desenvolvimento dos aspectos internos (*neigōng*) como o desenvolvimento da bioenergia *Qi*, da focalização mental e da conexão transpessoal com a Terra e o Universo.

⁶³ Exercício formal das artes marciais chinesas, o mesmo que *Kata* no *Karate*.

inconsistências (FUNAKOSHI, 1999; 1936; 1925). Outro problema é a classificação de muitos autores, que afirmam que o estilo Gōjū é um estilo *Shōrei*, sendo que este guarda muitas semelhanças com estilos externos como o *Hung Gar Kuen*⁶⁴.

A partir do século XV, houve a apropriação do *Te* pelos guerreiros de Okinawa, que passaram a realizar vários intercâmbios com marinheiros e militares chineses com quem viriam a aprender as artes marciais daquele país e a desenvolver a arte que chamariam de *Tō-de* (mão chinesa) a partir do *Okinawa-Te*⁶⁵. Depois de passar por sérias dificuldades para conter os *heimin* revoltosos desde o século XIII, os guerreiros okinawenses passaram a estudar a luta de mãos nuas nativa, chegando a criar um sistema de graduação de seis *hachimaki*⁶⁶. Foram, portanto, os membros da casta guerreira de Okinawa que impulsionaram o desenvolvimento do *Karate* (SHINZATO; BUENO, 2007).

Desde 1404 d.C., Ryūkyū recebia visitas diplomáticas de representantes chineses (chamadas *Sapposhi*). Nessas visitas comumente seus integrantes eram militares que vinham supervisionar as relações entre Ryūkyū e a China. Sabe-se que esses eventos eram momentos importantes para trocas culturais com os representantes chineses e que, na vinda do *Sapposhi* de 1756 d.C., foram realizadas demonstrações dos especialistas: *Kūshankū*, *Peichin* Sakugawa e Chatan Yara (NAKAZATO et al., 2003). Essas visitas comprovam que Okinawa não se fechou totalmente para a China apesar do domínio japonês desde o ano de 1609 (TAN, 2004). A invasão de Okinawa pelo clã Shimazu de Satsuma de Kyushu é apontada como fator para uma nova onda de desenvolvimento do *Tō-de*, pois um segundo decreto de proibição do porte de armas foi promulgado pelos ocupantes japoneses do arquipélago (NAKAZATO et al., 2003).

Surge depois a classificação que se torna mais conhecida dos estilos de Okinawa, que tem como base as principais cidades que parecem ter sido os grandes centros de

⁶⁴ Por exemplo, o que é genericamente um exercício de *tanren* (enrijecimento corporal) do estilo *Gōjū-ryū*, que consiste em bater com as mãos de várias formas em uma pedra sólida (exercício muito conhecido por ser realizado com muita propriedade por Higaonna Morio *sensei*), é na verdade um *Wa Gōng* (treinamento externo) do estilo chinês *Hung Gar Kuen*, chamado *Tieshazhang*, onde se bate no referido objeto com a palma da mão (*Pai*), a faca da mão (*Qie*), o dorso (*Shuai*), a base da faca da mão (*Dian*) e o bico de águia (*Yin*). Depois das batidas a mão era mergulhada em um vasilhame com medicamento para evitar machucados e hematomas e cada escola de *Wū-shù* tinha uma composição diferente dessa solução (FUJIWARA, 1988).

⁶⁵ Considerando o *Tō-de* como uma prática claramente acompanhada da identidade de casta (no caso a dos guerreiros), entendemos a mesma como elemento que transcende os padrões do estágio cultural anterior, mais fixado num imaginário “tribal” ou local, e adentra na identidade da consciência de guerra, ampliando-se para a identificação com o Reino, afastando-se definitivamente dos *heimin*.

⁶⁶ (鉢卷) faixas de testa.

desenvolvimento da arte de luta do Ryūkyū: eram as linhagens chamadas *Naha-Te/Nafadi*⁶⁷, *Shuri-Te/Shuridi*⁶⁸ e *Tomari-Te/Tomaridi*⁶⁹ (CAMPS;CEREZO, 2005; OKINAWA, 2003; NAKAZATO et. al., 2003; McCARTHY, 1999a; 1999b; FUNAKOSHI, 1999). Apesar de haver uma discussão sobre esta classificação e alguns estudiosos afirmarem haver um fato já do início do século XX que inventa tais nomenclaturas⁷⁰, assim o departamento de estudos históricos da prefeitura de Okinawa apresenta as linhagens do *Karate* de Okinawa:

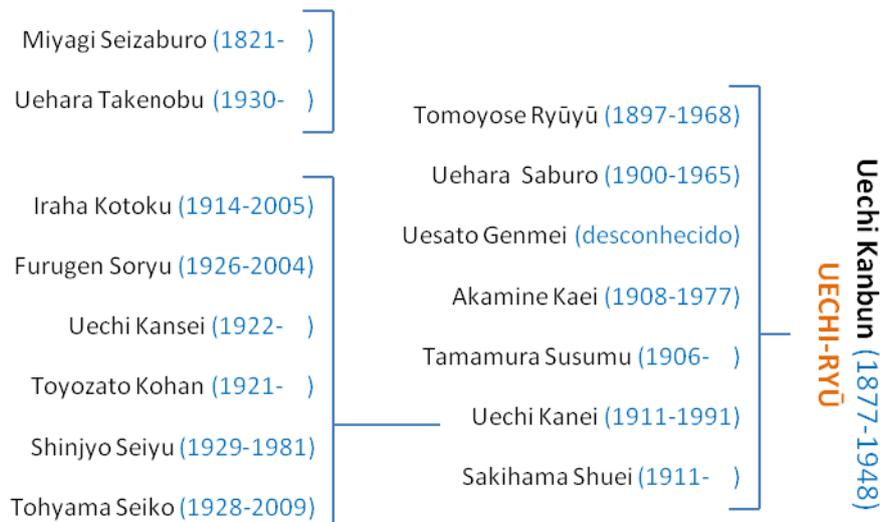


Figura 4 - Árvore genealógica do *Uechi-ryū*.

Fonte: adaptado e “History of Okinawa Karate and Lineage” do departamento de estudos históricos da prefeitura de Okinawa (2003).

⁶⁷ (那覇手) Mão ou técnica de Naha (那覇).

⁶⁸ (首里手) Mão ou técnica de Shuri (首里), a capital de Ryūkyū/Okinawa, onde ficava o palácio do Rei Shō.

⁶⁹ (泊手) Mão ou técnica de Tomari (泊).

⁷⁰ A história do *Karate-Dō* não é clara e, geralmente, as questões políticas, sociais e culturais não têm sido levadas em consideração pela maioria dos autores, em grande parte por tratar o *Karate-Dō* como uma arte marcial tipicamente japonesa, como ressaltou Tan (2004), esquecendo-se de abordar o contexto do desenvolvimento da arte em Okinawa. Por outro lado, a falta do emprego da metodologia histórica nos estudos sobre seu desenvolvimento mais atrapalha do que ajuda a corrigirmos as falhas (não está claro; melhorar a redação). Andretta (2012) supõe baseado nas pesquisas do americano Patrick McCarthy, que esta distinção (*Shuri-Te*, *Naha-Te* e *Tomari-Te*), deve ter surgido apenas em 1927 e como tantos outros aspectos que cercam a história do *Karate-Dō* possui cunho político. Quando da segunda viagem de Kanō Jigorō a Okinawa, por convite da *Yūdانشa-kai* de *Jūdō*, o então prefeito de Okinawa teve a ideia de apresentar o *Tōde* ao ilustre visitante, porém para eliminar os perigos políticos resolveu fazê-lo apresentando a arte como sendo produto das cidades onde eram praticadas. Foi assim, que na ocasião Mabuni Kenwa apresentou o “*Shuri-Te*”, Miyagi Chōjun demonstrou o “*Naha-Te*” e Hanashiro Chomō mostrou o “*Tomari-Te*”. Porém, até este momento da história o nome genérico usado por todos os mestres de Okinawa era mesmo *Tōde* (inclusive por Funakoshi Gichin que nesta época já estava instalado no Japão). Resumindo, estas denominações “Cidade+TE” podem ter surgido apenas para agradar o influente mestre japonês Kanō Jigorō e só foram conhecidas depois que o *Karate* já estava sendo ensinado no Japão continental.

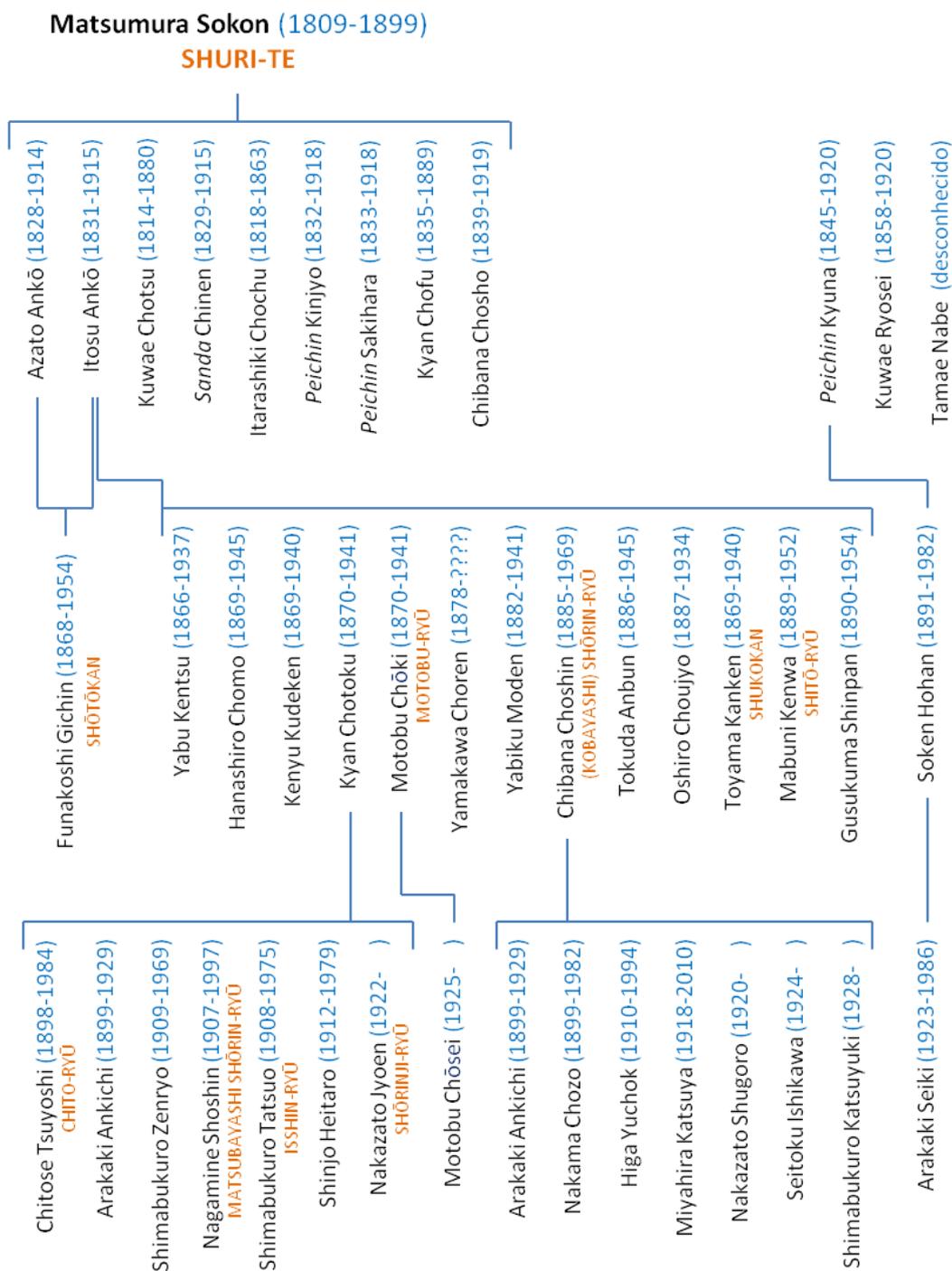


Figura 5 - Árvore genealógica do Shuri-Te.

Fonte: adaptado e “History of Okinawa Karate and Lineage” do departamento de estudos históricos da prefeitura de Okinawa (2003).

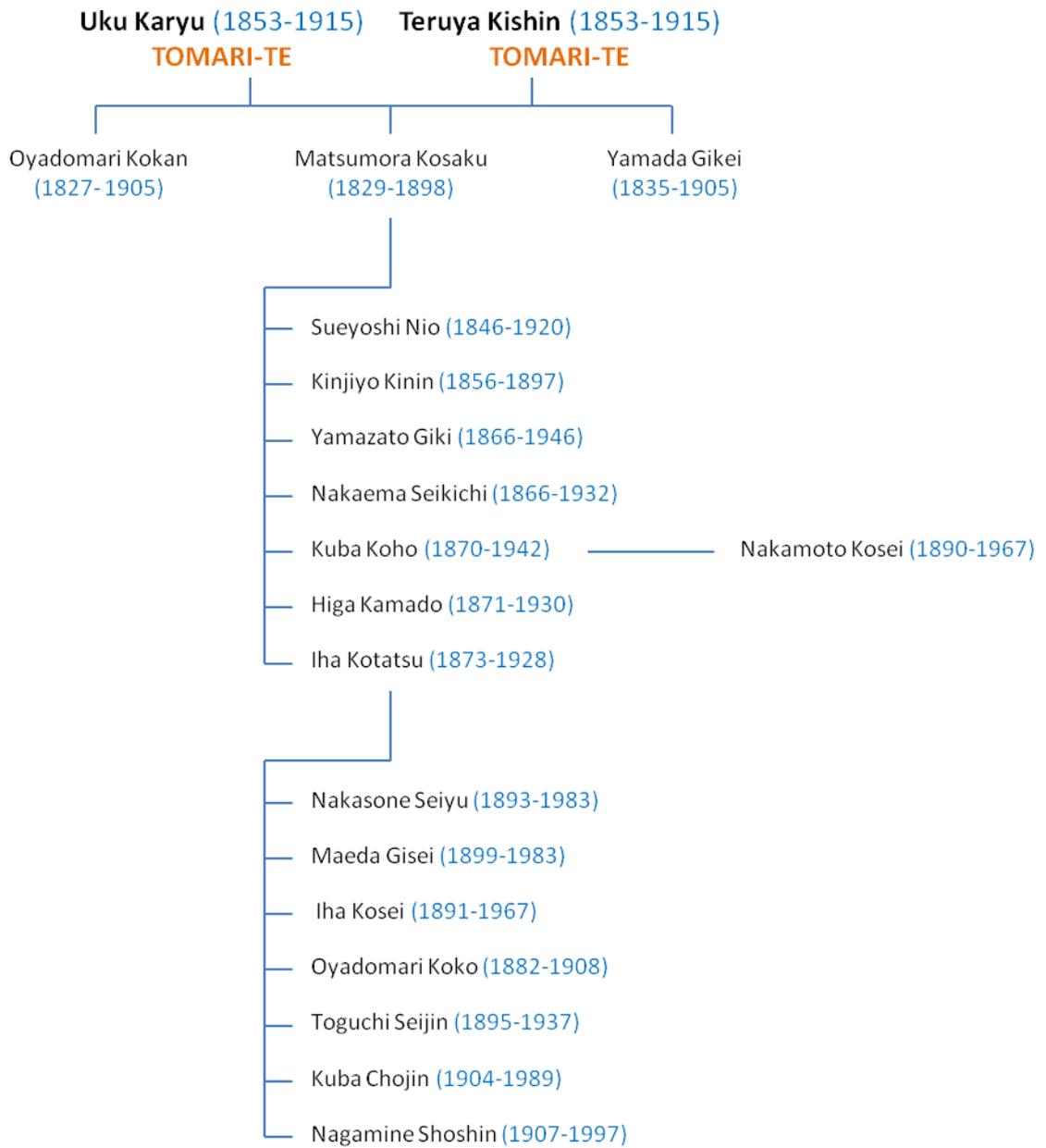


Figura 6 - Árvore genealógica do *Tomari-Te*.

Fonte: adaptado e “History of Okinawa Karate and Lineage” do departamento de estudos históricos da prefeitura de Okinawa (2003).

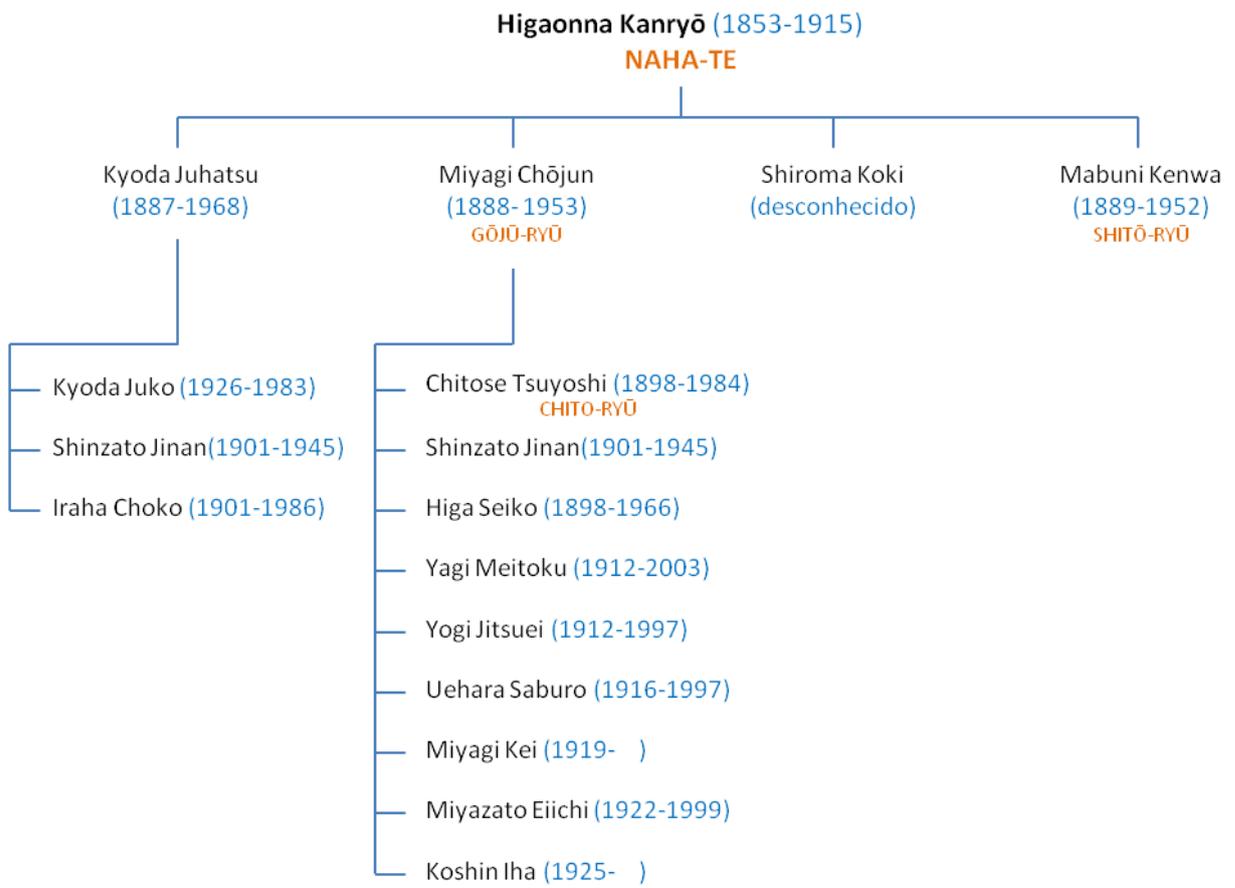


Figura 7 - Árvore genealógica do *Naha-Te*.

Fonte: adaptado e “History of Okinawa Karate and Lineage” do departamento de estudos históricos da prefeitura de Okinawa (2003).

As incríveis histórias envolvendo diversos guerreiros de Okinawa praticantes do *Tō-de* tais como Matsumura Sōkon, Teruya Kishin, Matsumora Kōsaku, Itosu Ankō e Higaonna Kanryō fizeram com que a arte fosse chamada por nomes como *Shimpi Tō-de* (Misteriosa Mão Chinesa) ou *Reimyō Tō-de* (Milagrosa Mão Chinesa) (NAKAYAMA, 2000). Desde o século XVI, com o controle japonês da região, muitas características da arte marcial se transformam e passa-se a falar de *Karate* e não mais *Tō-de*⁷¹. Os ideogramas seguiam os mesmos, mas a pronúncia usada era agora a japonesa.

⁷¹ O domínio japonês força a adoção de hábitos e criação de instituições seguindo os moldes tipicamente nipônicos ou adaptando-os a partir do modelo chinês. A integração de Okinawa ao Império Japonês causa uma nova tomada de consciência dos guerreiros locais, que adotam a identidade nacional do novo dominador. Essa aceitação da identidade japonesa pode ser conferida na fala de Itosu Ankō, registrada por Funakoshi (1999). A partir desse fato, consideramos esse período de transição de uma cultura cada vez mais influenciada pelo Japão e que adota os valores e práticas daquele país como uma transcendência do estágio de um pequeno reino combatente fixado na consciência de guerra, para um espaço pertencente a um Estado maior, onde a etnia japonesa e sua identidade própria subjugam a identidade de casta anterior e a prática passa a ser mais bem estruturada e organizada para difusão no meio escolar.

No século XIX, um dos mais eminentes mestres da arte de Okinawa, passou a trabalhar em uma forma de levar a prática do Karate ao público geral, tornando-o disciplina de Educação Física nas escolas (NAKAZATO et al., 2003; FUNAKOSHI, 2000; 1999). Para isto, Itosu Ankō formulou os “Dez artigos sobre o *Tō-de*”, que bem aceitos pelos dirigentes do sistema educacional da época possibilitaram a inserção do Karate nas escolas da Prefeitura de Okinawa (FUNAKOSHI, 2000). Da mesma forma que no Japão continental se usava o jargão “a educação que antes era direito único dos *samurais* agora será para todos os membros do povo” (RATTI;WESTBROOK, 2006), para conquistar o apoio popular, em Okinawa se procedia de forma semelhante. O fim do *Ishi-sōden* e a introdução do *Tō-de* nas escolas municipais foi uma forma de ganhar o povo pelo fim do segredo dos *peichin* e ganhar as autoridades pela possibilidade de promover uma educação guerreira desde a infância.

Por fim, essa abertura cultural e o próprio desenvolvimento do Karate tomariam um caminho sem volta em direção a expansão para o Japão continental e para o Mundo⁷². A partir da década de 1920, diversos mestres de Okinawa iriam para o Japão a fim de disseminar a arte que vinha sendo cultivada há séculos pelos *peichin*. Era o cenário da transição das “Mãos Chinesas” para o “Caminho das Mãos do Vazio”.

Em 1921, numa viagem do Príncipe Hirohito, a comitiva imperial acabou fazendo uma breve parada em Okinawa. Para receber o futuro Imperador, os habitantes de Okinawa prepararam uma grande recepção, na qual, entre as atividades, estava prevista uma apresentação de *Tō-de* (FUNAKOSHI, 1999). Nesse episódio, Gichin Funakoshi estava presente com seus alunos da escola municipal, deslumbrando o jovem príncipe com uma demonstração de *Embu* (luta combinada). As ótimas impressões causadas pela apresentação renderam aos oquinauenses um convite para demonstrar o *Tō-de* no Japão continental, na “Primeira Exibição Atlética Nacional”, evento promovido pelo Ministério da Educação do país (NAKAZATO et al., 2003; NAKAYAMA, 2000).

Daí em diante, Funakoshi não conseguiu mais retornar à Okinawa, sendo diversas vezes persuadido por vários grupos a permanecer no Japão ensinando Karate. Até no Instituto Kōdōkan, fundado por Kanō Jigorō para disseminar o *Jūdō*, Funakoshi permaneceu

⁷² Devido a esta expansão pelo mundo, os mestres de *Karate* adotam um posicionamento de defesa e ensino dos valores tipicamente japoneses perante seus estudantes, muitas vezes estrangeiros. Elementos que nunca antes estiveram presentes, como o uso da bandeira nacional no *Shōmen* (direção principal do *Dōjō*) passam a fazer parte das práticas realizadas. É um momento de afirmação de uma identidade nacional, em um país que rapidamente se modernizava.

ensinando a pedido deste⁷³ (SHINZATO; BUENO, 2007). Promoveu, então, a mudança dos ideogramas que formavam a palavra *Karate* que significavam “mãos chinesas”, para *Karate* significando “mãos do Vazio”. Buscava assim uma desvinculação do país rival militar do Japão (a China) e se aproximando, assim, do império nipônico (FUNAKOSHI, 1999). A partir daí diversos mestres de Okinawa vieram ao Japão continental ensinar a arte e uma ampla divulgação do *Karate* aconteceu no país. Passados cerca de 20 anos da primeira exibição atlética que apresentou o *Karate* para os nipônicos, se iniciou um processo de mudança visando aproximá-lo de práticas como o *Jūdō* e o *Kendō*, que já possuíam sistemas competitivos e eram amplamente praticadas em escolas do país (AUGUSTO, 2009). Apesar disso, o *Karate* sofreria um forte abalo, assim como tantas outras estruturas do Japão, devido aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial que assolaram todo o país.

Esse período marcou a transição de uma representação predominantemente centrada nos valores etnocêntricos do elitizado grupo de guerreiros de Okinawa como os únicos detentores do acesso ao *Karate-Dō* para outras representações de massificação e especialização da prática (como a introdução do *Karate* nas escolas de Okinawa) que culminariam com sua exportação ao Japão e ao surgimento de outras formas de praticar mais próximas daquilo que foi levado ao ocidente e cada vez mais secularizado. Um ótimo exemplo disso foi o desaparecimento da figura mítica do *Tijikun*⁷⁴.

O que ou quem era o *Tijikun*? Reconstruir a partir de algumas evidências a história do último *Tijikun*, Motobu Chōki, é a tarefa deste subcapítulo. A exploração deste episódio histórico preenche uma lacuna a muito aberta na história do *Karate-Dō*, pois faltam dados que acabam por gerar dissonância entre os escritores que abordam o tema. Muitos estudiosos acabam evitando o assunto por não conseguirem apresentar informações sólidas sobre a participação deste personagem.

Primeiramente, é fundamental resgatar o que foi o *Tijikun*. Assim, é importante colocarmos que *Tijikun* é uma figura envolta em mito. Segundo Yokoyama (2009), o *Tijikun* é o guerreiro mais poderoso de Okinawa, o grande mestre do *Ti*⁷⁵ escolhido pelo deus da

⁷³ Conta-se que foi a partir das técnicas ensinadas por Funakoshi Gichin nessa oportunidade que a Kōdōkan formalizou a inserção do “*Kime no Kata*” em seu programa de graduação (de fato é um exercício formal repleto de *atemi-waza*, ou ataques aos pontos vitais, que se utiliza de uma série de golpes de *Karate* simplificados).

⁷⁴ (テ ィ ジ ク ン) – *Tijikun*, “o grande mestre do *Ti*” em *uchinaguchi*, o idioma nativo de Okinawa.

⁷⁵ (手) – Mão, no dialeto de Okinawa (*uchinaguchi*). É o nome atribuído a antiga prática de combate que deu origem ao atual *Karate-Dō*.

guerra, Buzāganashī, o qual foi importado a Okinawa como um deus taoista da guerra⁷⁶, também denominado general do Vento e do Fogo.

O Buzāganashī é mencionado no manuscrito *Bubishi*⁷⁷ do século XVII, que era sumariamente copiado por todos os mestres de *Ti*. Depois aparece também no livro “*Kōbō Kenpō: Karate-Dō Nyūmon*” de Mabuni Kenwa⁷⁸ sensei (MABUNI, 1938). *Bubishi* era como uma bíblia, um manual indispensável para os guerreiros de Okinawa (McCARTHY, 1999a; 1999b; 1995). Portanto, é aqui que nasce o mito do *Tijikun*, no século XVII, junto com a popularização do *Bubishi*.



Figura 8 – Buzāganashī, o general do Vento e do Fogo.

Fonte: (http://www.karateblogger.com/stari/articles/karate_development.htm).

⁷⁶ Na China, algumas versões do mito de Buzāganashī (às vezes chamado Busaganashi) não fazem referência a ele ser um guerreiro, e sim um músico cuja potência vocal para provocar grandes ventos e alimentar incêndios. Vale lembrar que provavelmente se trata de um mito que procura explicar de forma simbólica as relações dos elementos da natureza, o que é comum na cultura chinesa taoista do período, e cuja complexidade não nos permite abordar neste estudo. De todo modo, alguns mestres de Okinawa representaram o deus em seus livros (como foi o caso de Mabuni Kenwa) e Jiutian Feng-hûo-yùan San Tían Du Yúanshùai (nome completo do Buzāganashī na cultura chinesa) aparece também no *Bubishi*. De acordo com a cultura chinesa, Tían Du Yúan Shùai (田都元帥) “Marechal da Capital Celestial” é um dos principais deuses da ópera de Taiwan. O seu nome completo Jiu-tian Feng-hûo-yùan San Tían Du Yúan Shùai (九天風火院三田都元帥) significa “Marechal Tian Du do Palácio do Vento e do Fogo nos Nove Céus” e está indicado no *Sanjiao Yúanliú Sòushén Dàquán* (三教源流搜神大全), ou “Compêndio das Origens das Três Religiões”. Segundo esta fonte, a característica de Tían Du (田都) era ser um deus menor, curando os doentes, afastando as pragas, cantando e dançando, além de ser um perito em artes marciais. De acordo com a tradição do *Karate* de Okinawa, diz-se que: “Miyagi Chōjun teria viajado à China – Fujian/Fukien – com o seu amigo Gogenki para comprar chá Wulong”. Tendo ouvido histórias a respeito deste deus e visto um pergaminho com a figura de Tian Du (o Buzāganashī) trouxe-o para Okinawa – imagem que venerava diariamente (de acordo com Miyazato Ei'ichi Sensei). Durante a Segunda Guerra Mundial, sua casa e *dōjō* foram bombardeados e a figura de Tían Du foi destruída. Depois da guerra, um dos seus estudantes - Madanbashi Keiyō - que já havia feito um desenho prévio da imagem, estava de viagem pelas Filipinas. Madanbashi, tendo a figura de Buzāganashī, pediu a um escultor local que fizesse uma estátua a partir da figura que ele trazia consigo. E assim fez o escultor. Então Madanbashi trouxe a estátua para Okinawa e ofereceu ao mestre Miyagi Chōjun como presente. Emocionado, Miyagi Chōjun colocou a estátua no Jundōkan *dōjō*, onde está até aos dias de hoje.

⁷⁷ (武備志) – manual de Preparação de Guerra, um livro extraído do *Wubei Zhi*, o tratado chinês de 91 volumes e 240 capítulos sobre todos os aspectos da guerra.

⁷⁸ Fundador do estilo *Shitō-ryū*, seus principais mestres foram Itosu Ankō (*Shuri-Te*) e Higaonna Kanryō (*Naha-Te*).



Figura 9 – Higaonna Morio, 10º Dan, o líder mundial do *Gōjū-ryū* de Okinawa, em seu *Dōjō*. Ao fundo uma imagem de Buzāganashī no *Kamiza*, entre as fotos de Miyagi Chōjun e Higaonna Kanryo.

Fonte: Acervo pessoal de Olag Larianov.

Atualmente o Buzāganashī é venerado por muitos artistas marciais de diferentes escolas e estilos, mas sua maior influência no *Karate-Dō* se dá no estilo *Gōjū-ryū* ortodoxo, liderado em Okinawa pelo mestre Higaonna Morio. O fundador do estilo *Gōjū*, Miyagi Chōjun, trouxe da China uma grande estátua do deus da guerra em uma de suas viagens (NAKAZATO et al., 2003; HIGAONNA, 1986). Mestre Miyagi tinha especial apreço pela estátua e a tradição do culto a Buzāganashī, que persiste até hoje no estilo, sendo uma espécie de segundo símbolo do *Karate-Dō Gōjū-ryū*, além do tradicional punho fechado.

Alguns guerreiros de Okinawa são lembrados até hoje por seus feitos que desafiam nosso julgamento. A eles eram atribuídos poderes sobre-humanos e se conta que venciam tigres com as mãos nuas, destruíam grandes portões feitos de toras de madeira, entre outras façanhas que desafiam a racionalidade (FUNAKOSHI, 2000; 1999). Precisamos reexaminar a questão da infalibilidade das escrituras que retratam estes acontecimentos, percebendo-os como mitos e não como acontecimentos literais. De um ponto de vista simbólico, vencer os tigres pode, entre outras coisas, significar a vitória sobre a raiva interior, sobre o descontrole, sobre as emoções negativas; da mesma forma, destruir um portão muito espesso pode significar a superação de uma grande dificuldade. Isto é mais importante do que a literalização dos conteúdos dos mitos.

De toda forma, alguns dos guerreiros que receberam o “título” de *Tijikun* (e não de *Bushi*⁷⁹ como às vezes encontramos nas produções de alguns autores) foram: *Peichin Kanga Sakugawa*, *Peichin Matsumura Sōkon*, *Itosu Ankō* e, por fim, o grande *Motobu Chōki*. Os mitos sobre o *Tijikun* revelam que era um homem que manifestava as características do deus da guerra. Sobre seu corpo, é destacada a ideia de um porte físico singular e sólido em cada época. *Peichin Sakugawa* é tido como um homem de condição física muito desenvolvida, a ponto de ter matado tigres com as mãos nuas após estudar as artes marciais na China e desenvolver seu *Ti* em um retiro espiritual nas montanhas de Okinawa (NAKAZATO et al., 2003). *Peichin Matsumura* é descrito como um homem de estatura maior que a média e esguio, porém de constituição sólida, como os samurais do período feudal (FUNAKOSHI, 1999).

Em sua narrativa, Funakoshi (1999) ainda explica que o corpo de *Itosu sensei* podia ser comparado a um tanque de guerra, tinha estatura baixa, mas músculos avantajados e coesos, o que lhe permitia provocar seus discípulos com a ideia de que podiam atacar-lhe em qualquer lugar do corpo, exceto na ponta do nariz e na virilha, partes que era impossível fortalecer. *Motobu Chōki*, não era diferente, e ainda hoje impressiona por seu porte físico avantajado para a média dos japoneses, com uma musculatura bem desenvolvida, especialmente no tronco e pernas (MOTOBU, 1926). Inclusive daí surgiu algumas ideias que se tornaram parte do imaginário próprio dos praticantes de *Karate-Dō*, os quais compartilham a ideia de que esse desenvolvimento muscular teria sido fruto do incansável treinamento do *kata*⁸⁰ *Tekki/Naihanchi* (KANAZAWA, 2009).

No que tange ao aspecto psicológico, ou das Representações, há que relatarmos o que pensava *Motobu* do *Karate-Dō*. Em contraste com *Funakoshi Gichin*, o fundador do estilo *Shōtōkan* que é também considerado o pai do *Karate Moderno*, *Motobu* não via o *Karate* como uma senda para o desenvolvimento espiritual, interior (BARREIRA; MASSIMI, 2003). Em seu livro *Okinawa Kenpo Karate-Jutsu*⁸¹ (1926) deixa clara sua perspectiva de um *Karate* voltado totalmente para o combate, para a defesa pessoal. Se olharmos para a prática do *Karate-Dō* de um ponto de vista do imaginário compartilhado pelas pessoas da

⁷⁹ (武士) *Bushi* era a denominação dos guerreiros japoneses no período feudal, membros da casta militar, o *Buke*. Erroneamente, por vezes, chamamos os *Bushi* de *Samurai*.

⁸⁰ (形) – Exercício formal. Uma sequência de movimentos que simula uma batalha contra vários adversários ao mesmo tempo; também existente nas artes marciais chinesas, com o nome de *Taolu*.

⁸¹ “Minha Técnica Guerreira das Mãos Chinesas”.

época, percebemos que Motobu defendia uma prática fundamentada em valores belicosos e por vezes etnocêntricos, enquanto Funakoshi posicionava-se defendendo os valores do crescimento pessoal. Podemos resumir os conceitos chaves dessas duas visões evocando as definições dos estágios pelos quais os Caminhos *Dō* passam de acordo com os pensadores japoneses desde o século XVIII (TOKITSU, 1994): o estágio belicoso e etnocêntrico é aquele onde os Caminhos são chamadas de *Bugei*⁸², onde o objetivo é subjugar totalmente o oponente, mas não matá-lo. Já estágio pluralista e voltado às relações humanas defendido por Funakoshi, os Caminhos são chamadas de *Gendai Budō*⁸³ e aí o objetivo é construir homens de caráter para que não aconteçam guerras (RATTI;WESTBROOK, 2006; BÜLL, 1988; RYSAKU;BERRY;KEENE, 1964). De todo modo, é importante notar que, da mesma forma que os demais *Tijikun*, Motobu Chōki era um homem de personalidade muito forte, lembrada até os dias de hoje.

Há, portanto, muitas razões para Motobu Chōki ter sido escolhido pelos Oquinauenses como o *Tijikun*, o mais forte de todos os guerreiros do *Ti* (KANAZAWA, 2009). Recuperar sua trajetória e o episódio mais marcante, quando apresentou seu *Karate* aos japoneses, nos ajuda a entender essa escolha.



Figura 10 – Grupo liderado por Funakoshi *sensei* na Primeira Exibição Atlética Nacional, realizada em Tóquio, em 1921. Na foto, os praticantes de Karate utilizam *hakama* (calça-saia estilo samurai), *hachimaki* (faixas de testa) e ainda portam *Bo* (bastões) e *Sai* (gancho de três pontas) usados nas demonstrações com armas.

Fonte: livro *Rentan Goshin Karate Jutsu* (de 1926), de Funakoshi Gichin, p.7.

⁸² (武芸) Artes guerreiras.

⁸³ (現代武道) Moderno Caminho do Guerreiro.

Mesmo sendo considerado o mais forte dos lutadores de Okinawa, Motobu Chōki não fora escolhido para demonstrar a arte em solo japonês. É sabido que Funakoshi Gichin, professor de *Karate* e Literatura em escolas primárias em Okinawa (e um dos principais discípulos de Itosu Ankō), embarcou para o Japão continental a convite do Imperador (OKINAWA, 2003; FUNAKOSHI, 1999). Funakoshi demonstrou o *Karate* junto de um grupo de alunos seus e não mais conseguiu retornar à Okinawa devido à grande onda de entusiasmo pela arte que o obrigou a permanecer ensinando em várias universidades e sociedades. Motobu Chōki mudou-se para o Japão continental posteriormente, aproveitando essa onda desencadeada por Funakoshi.

Há algumas versões diferentes da primeira aparição de Motobu em solo japonês. Naquela mais conhecida pelos ocidentais até a década de 1990 (e provavelmente a mais fantasiosa), ele teria viajado até Tóquio no final do século XIX para reaver o orgulho japonês ferido pelas demonstrações de um lutador russo de Sambo, que vencia a todos os japoneses, fossem lutadores de *Jūjūtsu*, *Jūdō*, *Kendō*, etc. (TOO, 2004). A cena narrada por Henji Tsu Too é ainda mais dramática: Motobu Chōki, o filho rebelde da família Motobu, que fora proibido de treinar *Karate* por sua rebeldia na infância, fora levado apenas para ser usado em uma luta contra o russo para testar-lhe a força. Inesperadamente, Chōki desfere três socos que aprendera sozinho, observando seus irmãos e põe o russo a nocaute. O rapaz rebelde, apelidado de “*saru*”⁸⁴ teria ocasionado uma hemorragia interna com seus golpes, e que teriam supostamente causado a morte do russo três dias depois, quando retornava a seu país de navio.

Há muitos problemas nessa narrativa. Primeiramente não há razão para um grupo de oquinauenses ir à Tóquio apenas para resgatar o orgulho japonês, a cultura deles não exige atos tão extremados quanto os esperados de um lutador japonês típico (YAMASHIRO, 1993; BENEDICT, 2009). Motobu não havia sido privado de aprender *Karate* por sua rebeldia, ele fora estudante de Itosu Ankō (ou Itosu Yasutsune, em algumas traduções), um dos maiores especialistas da época. Além disso, o costume de passagem do *Karate* dentro das famílias, unicamente para o primogênito⁸⁵, já havia sido extinto (NAKAZATO et al., 2003). Como vimos afirmando, Motobu tinha um apelido, ou um título, mas não era “o macaco” e sim *Tijikun*. Por fim, é bem aceito por todos os pesquisadores que a primeira aparição do

⁸⁴ (猿) Macaco.

⁸⁵ Esse costume chamava-se *Ishi-sōden*.

Karate-Dō no Japão se dera na participação de Funakoshi na I Exibição Atlética Nacional, organizada pela Casa Imperial, como citado anteriormente.

Infelizmente Funakoshi, que escreveu duas autobiografias e outros livros retratando o período aqui estudado, não cita Motobu (FUNAKOSHI, 2000; 1999; 1973). Egami (2000) e Tokitsu (1994) comentam que houve um mal estar entre os dois mestres. A razão deste tem a ver com o real episódio da primeira aparição de Motobu e sua repercussão. Este silêncio de Funakoshi pode estar nos apontando para o fato de que realmente este mal estar aconteceu.

A primeira aparição de Motobu no Japão continental aconteceu em 1925 e foi reportada na revista japonesa *Kingu Magazine* (1925, p. 195-204). Apesar de semelhante a versão de Henji Tsu Too, a versão documentada na época difere em elementos, e a tornam quase contrária ao relato anterior. Como citado, Motobu mudou-se para Tóquio a fim de aproveitar a onda de entusiasmo pelo *Karate-Dō* iniciada por Funakoshi. Nesta época, passava pelo Japão uma trupe de lutadores russos que faziam várias demonstrações, incluindo a dobra de barras de ferro no pescoço. É importante comentar que não se tratavam de lutadores de Sambô, pois esta prática ainda não existia. Sambô foi uma prática criada a partir do Jiu-jitsu (na verdade o *Jūjūtsu* japonês). Havia alguns *Ippiki-ōkami*⁸⁶ que haviam ido a outros países como a Rússia, alguns países da Europa e até das Américas divulgando a arte de luta japonesa. No período posterior à guerra russo-japonesa, por volta de 1938, a fim de acabar com as influências culturais japonesas restantes, os esportistas russos criaram a própria arte⁸⁷ baseada no que aprenderam do *Jūjūtsu* (VIRGÍLIO, 2002). De fato, o cartunista da revista retratou um homem ocidental de constituição avantajada em postura de boxeador, vestindo luvas de pugilismo e enfrentando um mestre de *Karate-Dō*.

Foi exatamente a representação de Funakoshi na revista que causou o episódio do mal entendido entre os dois personagens do episódio: Funakoshi Gichin, o pai do *Karate Moderno* e Motobu Chōki, o *Tijikun* (EGAMI, 2000; TOKITSU, 1994). Motobu entendeu que Funakoshi havia usado de sua influência para encomendar a imagem à revista, que usou as fotos de *Karate-Dō Kyōhan*, publicado pela primeira vez também em 1925, como modelo para

⁸⁶ Lobos solitários, lutadores que viajavam ao exterior tentando realizar uma versão moderna da “peregrinação do cavaleiro”, chamada no Japão de “*Musha Shugyō*”.

⁸⁷ O mesmo processo se deu depois, na Coréia, que nacionalizou todas as artes de luta japonesas levadas pelos militares nipônicos que ocuparam o país no período anterior e durante a Segunda Guerra Mundial. Assim o *Hapkido* surgiu a partir da reinvenção do *Aikijūtsu*;, *Tang Soo Do* e *Taekwondo* surgem a partir da reinvenção do *Karate* e *Haedong Kumdo* surge a partir da reinvenção do *Kendō*, entre outros.

as ilustrações. Funakoshi, e não Motobu, é retratado nas páginas da *Kingu Magazine* (Revista do Rei) derrotando o boxeador russo (KARATE, 1925, p.195-204).



Figura 11 – Funakoshi, e não Motobu, é retratado nas páginas da *Kingu Magazine* derrotando um lutador russo. Fonte: *Kingu Magazine*, 1925, n.9, p. 195-204.

A vitória do *Tijikun* sobre o russo, que efetivamente lhe custou a vida três dias depois (McCARTHY, 1999b) acabou gerando todo tipo de lenda sobre os socos de *Karate-Dō*. Até hoje encontramos professores (muitos deles no Brasil) falando sobre um efeito misterioso dos socos de *Karate-Dō*, que causariam uma ebulição do sangue ou aumentariam a pressão interna a ponto de fazer os vasos sanguíneos dilatarem e explodirem. Claro que isso não é possível e o conhecimento básico de fisiologia demonstra que tais coisas são apenas fruto de uma mente que ainda representa de forma mágica as informações obtidas da experiência ordinária. Provavelmente, o que ocasionou a morte do russo foi a quebra de uma das costelas na articulação com o osso esterno, afetando o coração ou um dos vasos sanguíneos da região, matando por hemorragia interna. Essas possibilidades foram inclusive testadas em laboratório e apresentadas em documentários recentes sobre artes marciais (CHAMBERS;DUFF, 2008; NATIONAL GEOGRAPHIC, 2006). A luta e os comentários dos assistentes daquela disputa estão narradas e transcritas nas páginas da edição da *Kingu*, que foi traduzida e publicada em idioma inglês anteriormente (NOBLE, 2000).

Por fim, vale lembrar que os melhores lutadores do Kōdōkan, o instituto que administra a vertente tradicionalista do *Jūdō* no Japão, estavam em viagem, divulgando a arte desde 1916 (VIRGÍLIO, 2002) e que já neste período os outros membros estavam proibidos de participar do *Shobu*, o duelo público, anteriormente comum no país. Coube ao *Tijikun*, alguém afastado daquela realidade e livre das rígidas normas de conduta do *Dai*

*Nippon Butokukai*⁸⁸ derrotar o russo e com isso auxiliar na explosão de popularidade pela qual passava o *Karate-Dō* (ANDRETTA, 2009), às vezes chamada de a “Primeira Idade de Ouro do Karate” (NAKAYAMA, 2000, p. 131).

Muitos autores erraram ao descrever a história deste homem chamado Motobu Chōki. Em primeiro lugar, encontramos facilmente na internet a história de que Motobu conhecia apenas o *kata Tekki* (o antigo *Naihanchi* em Okinawa). Como nos explicam Nakazato et. al. (2003), Motobu Chōki não era apenas um curioso que espiava seus irmãos praticarem *Karate*, e sim era um mestre da linha *Shuri-Te*, como citado anteriormente.

Além dos grandes feitos do *Tijikun* como lutador, sendo o mais conhecido este que narramos acima, vale lembrar outras ações de Motobu que nos fazem conhecer melhor sua visão de mundo. Neste sentido, percebemos que seus valores mudam grandemente entre 1926 e 1934. Como percebemos ao ler seus dois livros, seus conceitos sobre o *Karate-Dō* se modificam, da visão belicosa para uma visão de desenvolvimento interior, integradora nas relações humanas, seguindo o imaginário construído a partir do discurso de Funakoshi Gichin, mesmo que o foco em um *Karate* eficiente no combate continue⁸⁹. De fato, seus alunos relatam a visão de um mestre amigoso e acolhedor, um bom homem, quase um pai, nos textos introdutórios à obra de tradução de McCarthy lançada recentemente nos Estados Unidos (ROSS, 2009).

Foi exatamente essa postura, essa vontade de transformar e desenvolver o *Karate-Dō* no Japão que proporcionou a Motobu não apenas unir-se a outros mestres de *Karate-Dō* pelo desenvolvimento deste, formando uma liga de mestres oquinauenses que trabalharam juntos nas graduações, criação de uniformes e padronização do ensino (NAKAZATO ET AL., 2003), bem como permitiu sua reconciliação com Funakoshi e a participação em movimentos posteriores pela divulgação do *Karate-Dō* dentro e fora do Japão.

Motobu Chōki, fundador do estilo *Motobu-ryū* de *Karate-Dō*, o *Tijikun*, nascido na vila de Akihara, Okinawa, ensinou Konishi Yasuhiro, Kokuba Kosei e Motobu Chosei, além de Yamada Tatsuo, Ueshima Sannosuke, Ōtsuka Hironori, Shimabuku Tatsuo, Nagamine Shōshin e Miyahira Katsuya. Faleceu em Shuri, o lar dos antigos reis de Okinawa, em 15 de abril de 1944, aos 74 anos.

⁸⁸ (大日本武徳会) – Associação das Virtudes Militares do Grande Japão.

⁸⁹ Afinal de contas, um pensamento pode transcender, mas deve incluir as ideias anteriores, caso contrário não consegue estabelecer-se realmente, como os explicam Beck;Cowan (2000).

Por um lado, a história do *Tijikun* aqui apresentada, revela alguns elementos do período de introdução do *Karate-Dō* no Japão, pois sua participação é decisiva na demonstração da eficiência desta prática enquanto defesa pessoal perante a sociedade japonesa. Era preciso, porém o confronto dos relatos e dos documentos para fortalecer aquilo que se aproxima mais de uma versão verossímil do acontecido. A tradução dos textos da *Kingu Magazine* e seu confronto com os relatos de mestres como Egami e Tokitsu nos ajudam a perceber o contexto do período e entender o que se passava entre os pioneiros do *Karate-Dō* no Japão e o poder da mídia, mesmo naquela época.

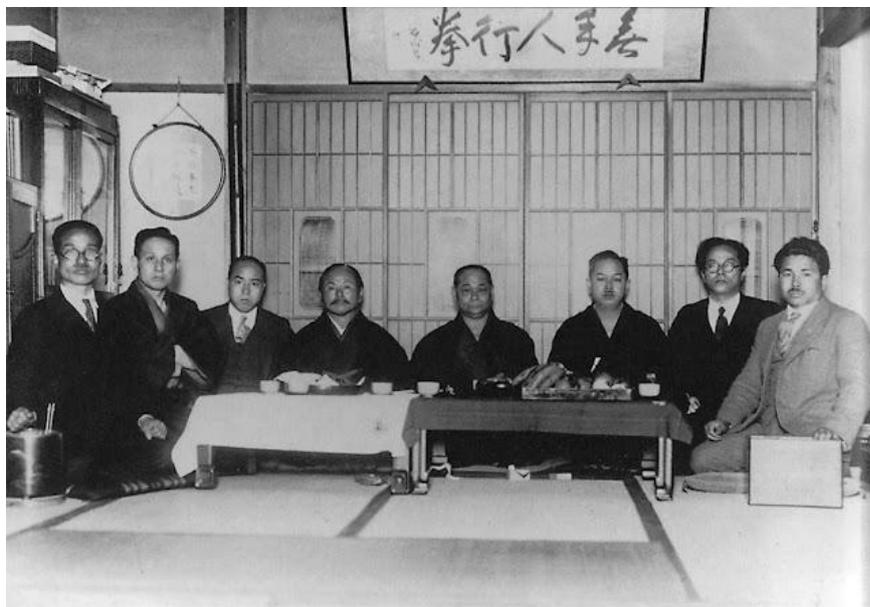


Figura 12 - Foto da reunião dos mestres de *Karate-Dō* para promover atividades no território japonês, em Tóquio, 1930. Da esquerda para direita: Tōyama Kanken (Shūdōkan), Ōtsuka Hironori (Wadō-ryū), Shimoda Takeshi (aluno avançado de Funakoshi), Funakoshi Gichin (Shōtōkan), Motobu Chōki (Motobu-ryū), Mabuni Kenwa (Shitō-ryū), Nakasone Genwa (Pesquisador de Karate), Taira Shinken (Hozon-shinkō-kai).

Fonte: Livro "*Karate-Dō Ichiro*", de Funakoshi Gichin.

Por outro lado, o *Tijikun* se revela não apenas um lutador robusto e aguerrido, mas um homem de sentimentos e grandeza moral, ao observarmos sua relação com seus estudantes e também sua capacidade de alterar seu pensamento, sua visão de mundo. Essa mudança conceitual sobre o *Karate-Dō*, saindo de uma ideia belicosa para uma mais integrativa não demonstra apenas uma influência política e social ocasionada pela popularização do *Karate-Dō* através do trabalho de Funakoshi, mas também um crescimento de consciência que revela um novo homem capaz de disseminar valores mais elevados. *Tijikun* se mostra, portanto um guerreiro de presença exterior e interior de teor semelhante, uma figura que exemplifica a integração do nível existencial. Ao observar, portanto, o papel

de Motobu Chōki na história do *Karate-Dō* vislumbramos um ator que é pouco conhecido, mas que tem fundamental importância em seu desenvolvimento.

A partir da década de 1930, Gichin Funakoshi empreendeu diversas reformas e conseguiu certa abertura e aceitação do *Karate* no Japão, sendo que diversos especialistas de Okinawa partiram ao Japão continental para ajudar na difusão da prática. Pelo seu trabalho incansável e grande disposição, Funakoshi conseguiu inclusive forjar amizades com pessoas como Kanō Jigorō e Ueshiba Morihei, tendo este último inclusive aceito Egami Shigeru, um dos principais alunos de Funakoshi, para receber lições especiais (STEVENS, 2005). Nesse período as belas apresentações de Karate organizadas por Funakoshi tinham a participação de figuras como Mabuni Kenwa e Miyagi Chōjun (AGUIAR, 2008). É sabido que desde a década de 1940 havia movimentos para que o Karate se voltasse para uma forma competitiva, a exemplo do que ocorria com *Kendō* e *Jūdō*. Entretanto, essa nova configuração para o *Karate-Dō* foi repudiada por Funakoshi e vários mestres da época. Mesmo assim, alguns alunos de Funakoshi passaram a praticar o que chamaram *Jiyū Kumite* (disputa livre) e há registro de alguns duelos a partir daí (AUGUSTO, 2009)⁹⁰.



Figura 13 – Treinamento conduzido por Miyagi Chōjun, ainda em Okinawa, no início do século XX.

Fonte: Okinawa (2003)

⁹⁰ As tentativas frustradas de introdução de elementos esportivos na prática mais tradicional são bons exemplos de conflitos de identidades etnocêntricas com identidades mais amplas, ou mais complexas, voltadas a identificação enquanto nação; de indivíduos que queriam manter a compartimentação e prática estritamente baseadas no ensino do mestre, enquanto emergiam grupos defensores de um *Karate-Dō* competitivo e científico que vai ser difundido depois da década de 1940, principalmente pelos representantes da *Nihon Karate Kyōkai* (Japan Karate Association).

Apesar das turbulências em torno do *Karate-Dō*, sua difusão pelo mundo era inevitável. Militares ocidentais, que participavam da ocupação do Japão desde a Segunda Guerra Mundial tiveram lições da arte das mãos vazias no período em que participaram das empreitadas bélicas e, ao regressar às suas terras, passavam a ensinar o que aprenderam (CHAMBERS; DUFF, 2008). Para evitar que a arte fosse disseminada com aspectos técnicos e filosóficos distorcidos dos originais, vários mestres do Japão e de Okinawa passaram a se encaminhar para países da Europa e América, principalmente, para trabalhar no movimento de expansão do *Karate-Dō*. Em 1934, o próprio Miyagi Chōjun foi ao Havaí promover a difusão do estilo *Gōjū-ryū*, aproveitando a oportunidade em que sua família começava negócios na localidade, sendo um dos primeiros a sair do Japão para tal feito (NAKAZATO et al., 2003). Entre o final do século XIX até meados do século XX, assim pudemos mapear os principais personagens das escolas de *Karate-Dō* que se instalaram e disseminaram no Japão:



Figura 14 – Mestres de Karate-Dō na Dai Nippon Butokukai. Foto tirada após o festival Butoku, com a presença, da esquerda para a direita na primeira fila, de: Yamada Tatsuo (Fundador da Nippon Kenpō Karatedō), Ōtsuka Hironori (Fundador da Wadō-Ryū), Konishi Yasuhiro (Fundador da Shintō Jinen-Ryū), Ueshima Sannosuke (Fundador da Kushin-Ryū), Mabuni Kenwa (Fundador da Shitō-Ryū); na fila do centro, a partir da esquerda, o 4º elemento: Yamaguchi Gōgen (Fundador da Gōjū-kai); e na última fileira de trás, a partir da esquerda, o 1º elemento: So Neichū (Professor de Masutatsu Oyama).

Fonte: Livro "Jissen! Kenka Karateka Retsuden", de Ogura Osamu.

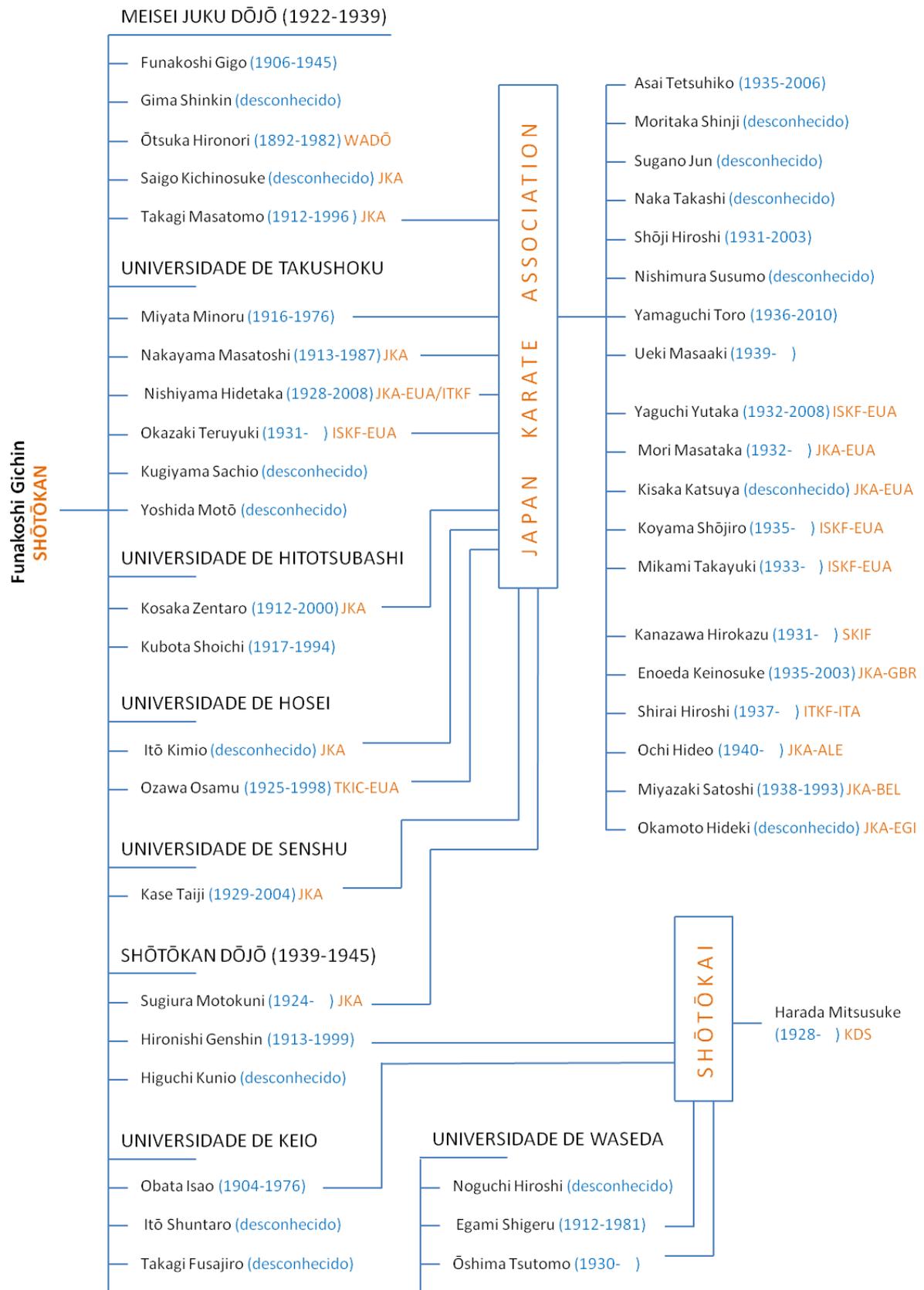


Figura 15 – Árvore genealógica do estilo *Shōtōkan* de *Karate-Dō*.

Fonte: adaptado e “The Genealogy of Modern Karate” de Randall Hassell, disponível em: www.karateathlete.com/.

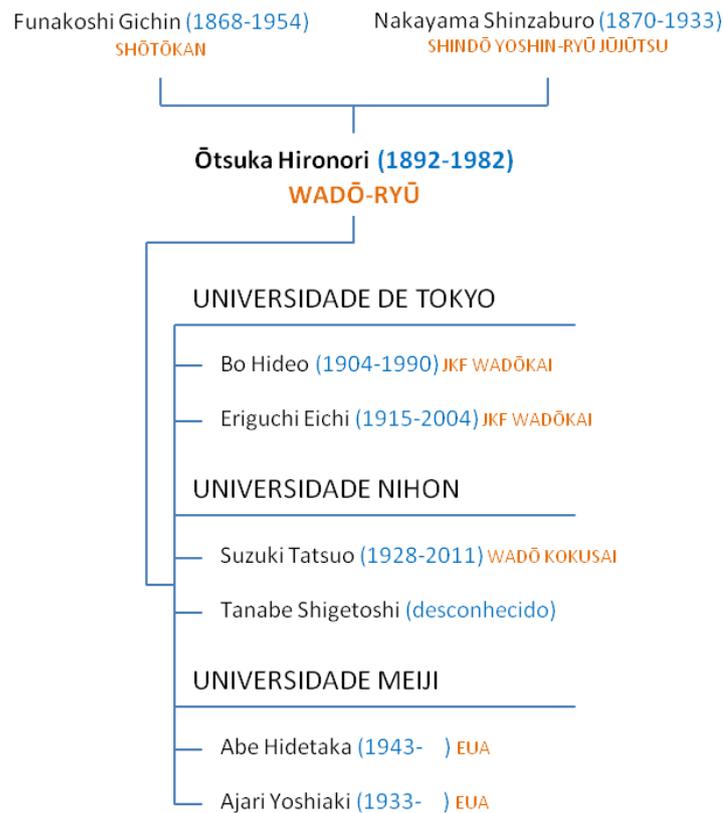


Figura 16 – Árvore genealógica do estilo *Wadō-ryū* de *Karate-Dō*.
Fonte: adaptado e “The Genealogy of Modern Karate” de Randall Hassell, disponível em:
www.karateathlete.com/.

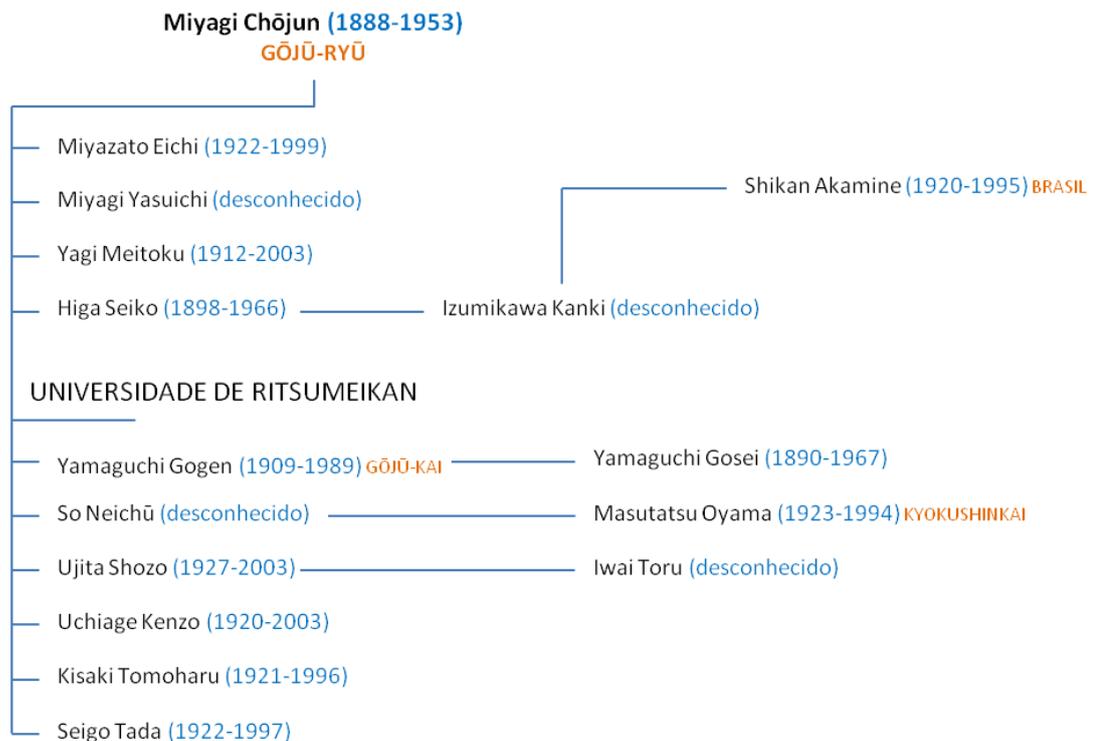


Figura 17 – Árvore genealógica do estilo *Gōjū-ryū* de *Karate-Dō*.
Fonte: adaptado e “The Genealogy of Modern Karate” de Randall Hassell, disponível em:
www.karateathlete.com/.

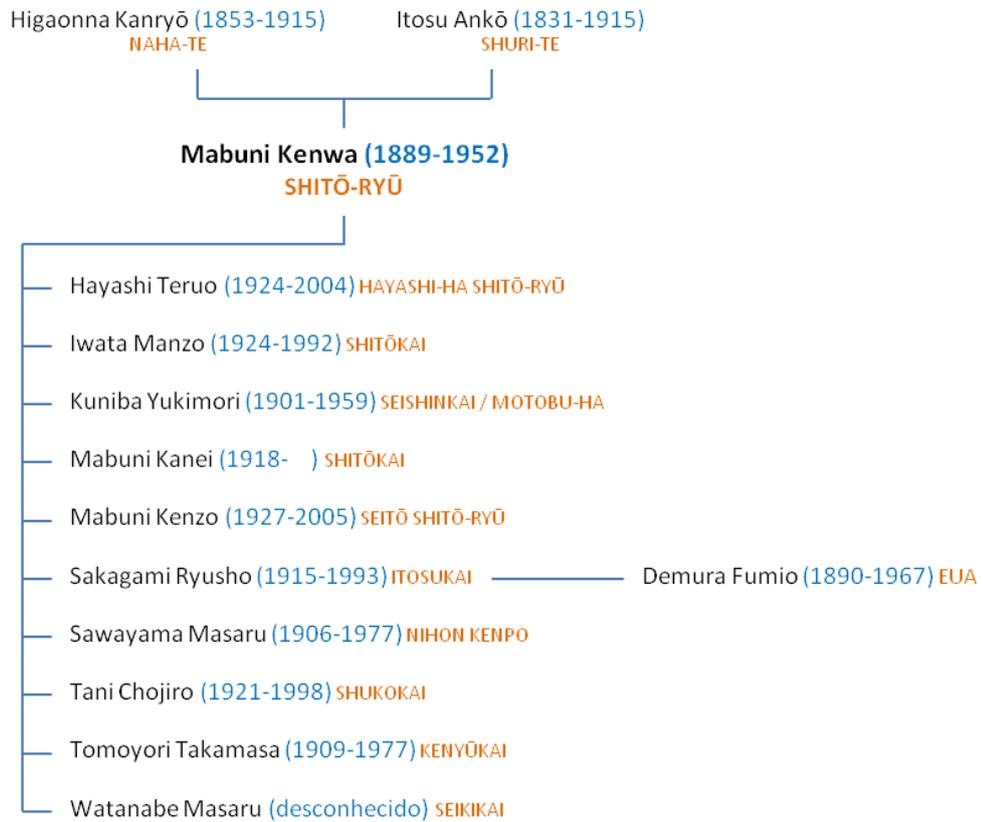


Figura 18 – Árvore genealógica do estilo *Shitō-ryū* de *Karate-Dō*.

Fonte: adaptado e “The Genealogy of Modern Karate” de Randall Hassell, disponível em: www.karateathlete.com/.



Figura 19 – Equipe da Universidade de Takushoku no I Campeonato Japonês de Karate, da esquerda para direita: Hossain, Yokota Kōsaku, Asai Tetsuhiko, Enoeda Keinosuke, Yaguchi Yutaka e Kanazawa Hirokazu.

Fonte: Acervo pessoal de Yokota Kōsaku

Mestres da *Japan Karate Association* (JKA), dentre eles Kase Taiji, Shirai Hiroshi, Nishiyama Hidetaka e Kanazawa Hirokazu rumaram, por sua vez, para a Europa a fim de promover a difusão do *Karate-Dō* (GONELLA, 2003). Esses instrutores geralmente passavam, antes dessas viagens, pelo famoso e duríssimo treinamento de instrutores oficiais da JKA chamado “*Kenshusei*”.

Esse movimento, mais forte e organizado, de viagens de instrutores da JKA para o ocidente, é considerado fundamental na expansão significativa do *Karate-Dō* para a Europa. Apesar do movimento de outros mestres de estilos diferentes do *Shōtōkan*, foi só com a partida desses instrutores que o *Karate-Dō* também começou a estruturar-se fora do Japão. Possivelmente, da mesma forma que a JKA era a instituição mais proeminente no próprio Japão, e com maior número de instrutores qualificados (como os esquemáticos apresentados anteriormente também procuram exemplificar), parece ter sido o grupo que efetivamente alavancou o desenvolvimento da arte em nível mundial, o que parece explicar também o porquê do estilo *Shōtōkan* ser o mais praticado no mundo. Uma rápida busca nos mostra, por exemplo, que em termos de bibliografia há muito mais material técnico (livros, manuais, DVDs, etc.) do estilo do que *Shōtōkan* do que de outros estilos. Mesmo ao pesquisarmos sobre os instrutores importantes na Europa percebemos essa discrepância, como mostramos no esquemático a seguir.

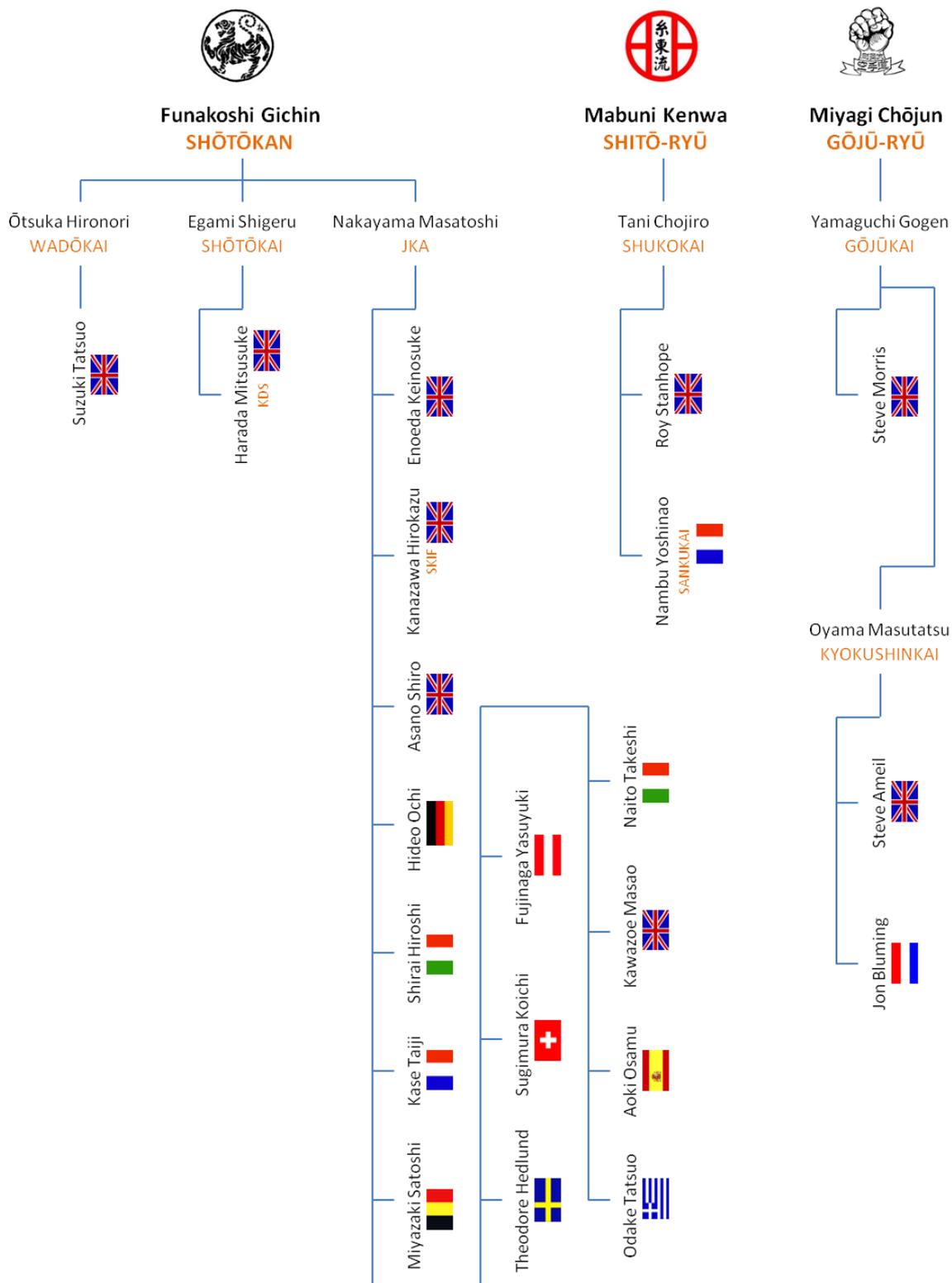


Figura 20 – Árvore genealógica do *Karate-Dō* na Europa.

Fonte: adaptado e “The Genealogy of Modern Karate” de Randall Hassell, disponível em: www.karateathlete.com/.

No período que sucedeu à Guerra Fria, ocorreram expressivas mudanças na organização do *Karate-Dō* em vários países, havendo a fundação da Federação Europeia de

Karate (UEK) em 1965, seguida por outras federações continentais, à própria *World Union of Karate Organizations* (WUKO) e outras organizações que pretendiam liderar o *Karate-Dō* mundialmente, como a ITKF (GONELLA, 2003)⁹¹. Com a expansão das práticas e o “ganho do mercado” sucedeu-se um imenso espírito de rivalidade entre escolas e estilos de *Karate-Dō*, que perduraria até os acontecimentos que resultariam no reconhecimento da *World Karate Federation* (WKF) pelo Comitê Olímpico Internacional e na opção do *Kyokushinkai* de seguir separado do sistema WKF, pleiteando inicialmente também o reconhecimento olímpico e depois se mantendo como um “esporte de contato”, não participando do circuito esportivo que continuaria almejando o “reconhecimento olímpico”.

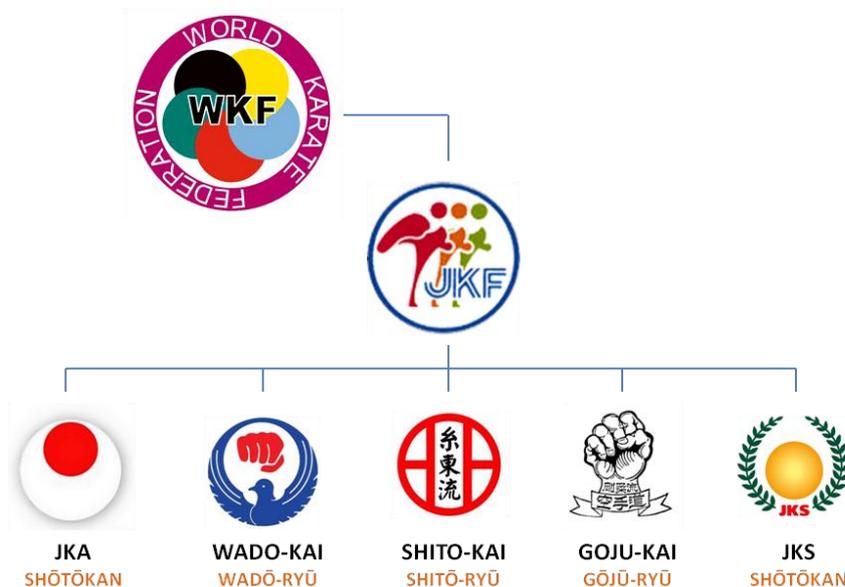


Figura 21 – Organização do *Karate-Dō* no Japão.

Fonte: adaptado da sessão “The JKF Organization” do site da Japan Karatedo Federation, disponível em: < http://www.karatedo.co.jp/jkf/jkf-eng/e_index.htm>.

No Japão, a *Japan Karatedo Federation* (JKF) centraliza a administração da arte em termos de regulamentação das graduações e organização de competições, tendo filiada a ela as escolas que representam os *Dai-Yon-ryū* (ou quatro grandes estilos), que são: *Gōjū-ryū*, *Shitō-ryū*, *Shōtōkan* e *Wadō-ryū*, tendo como filiadas as organizações: *Japan Karate*

⁹¹ A criação simultânea de diversas associações e federações esportivas é o elemento que nos revela o estabelecimento de uma consciência esportiva, alicerçada em padrões cujos valores são a competitividade, a burocratização, a busca pelo resultado, a racionalização do treinamento, entre outras. Certamente, havia (e ainda há) associações e escolas que pretendem manter os valores ditos “mais tradicionais”, conservando padrões mais centrados em força de verdade, supervalorização da etnia japonesa como detentora do conhecimento mais avançado da prática do *Karate-Dō*, e a exacerbação dos valores ligados à hierarquia e separatividade social.

Association (JKA), Shito-kai, Wadō-kai, Goju-kai, Japan Karate Shotorenmei (JKS) e outras. Apesar dessas escolas que mantêm o Karate japonês terem suas filiais no mundo inteiro no formato de federações paralelas ou de filiais diretas das escolas, no país de origem elas são reguladas pela JKF, que por sua vez é filiada à WKF.



Figura 22 – Organização do Karate-Dō no Brasil: Kyokushin Oyama (IKO), Karate-Do Tradicional (ITKF), Karate (WKF) e Karate Interestilos (WUKF) são as principais organizações.

Fonte: elaborado pelo autor.

No Brasil a situação é bem mais complicada. Apesar de haver em muitos países uma organização centralizadora (por exemplo, na França, onde todos os estilos e escolas de *Karate-Dō* e “artes marciais” semelhantes são obrigatoriamente filiadas e reguladas pela *Fédération Française de Karaté et Disciplinés Associées*), aqui a famosa “Lei Zico”⁹² permitiu a criação de inúmeras federações. O que é intrigante, no entanto, é que além das federações que são ligadas à confederações nacionais filiadas á federações mundiais paralelas à WKF, há também organizações denominadas de “confederação”, sendo, no entanto, filiadas à escolas tradicionais do Japão (todas elas com representantes ou federações no Rio Grande do Sul). Para muitos, essa grande proliferação de federações é a culpada pela desorganização e fraqueza do *Karate-Dō* no Brasil. Para outros, foi a saída para evitar que muitos grupos

⁹² Lei 8.672/1993.

fossem comandados por gestões corruptas de confederações mais antigas. As opiniões se dividem.



Figura 23 – Organização do Karate-Dō no Brasil através da representação de escolas tradicionais: *Wado-ryu Renmei*, *Japan Karate Association* e *Japan Karate Shotorenmei* são alguns exemplos.

Fonte: elaborado pelo autor.

O *Karate-Dō* se configura, assim, em uma manifestação cultural de nossa atualidade, na qual há a faceta esportiva (administrada pela WKF), com competições em todas as partes do mundo com regras uniformizadas, uso de protetores e a prática de exercícios formais pelos atletas, os quais antes eram permitidos a poucos mestres de graduação avançada, mas também se apresenta de outras formas.

Há vertentes competitivas de práticas de contato corporal (onde a luta acaba com nocaute, uma das formas de se obter o *Ippon*), como o *Kyokushinkai Karate* e até outras formas de *Karate* de Contato (há organizações do estilo *Gōjū*, *Shōtōkan*, *Tōshinkai* e outros que realizam competições com lutas que vão ao nocaute e outras formas de competição clássicas como o *Tameshiwari*⁹³).

Existem escolas tradicionais que visam a defesa pessoal e o desenvolvimento filosófico/espiritual de forma semelhante à de tempos passados. As principais representantes desse segmento são as escolas de *Gōjū*, *Shōrin*, *Shōrinji*, *Matsubayashi*, *Uechi*

⁹³ Quebramentos de telha, pedras, madeira, objetos ou barras de gelo.

e *Ryūei* de Okinawa, que mantém ainda práticas muito antigas, e às vezes o imaginário da consciência de guerra do período dos *Peichin* (SHINJYO;SENAKA;ONAHA, 2004).

Há também práticas voltadas ao espetáculo de forma mais explícita, como o *Karate Artistique* da França ou as competições de *Xtreme Martial Arts* da América do Norte e vertentes transcendentais, que se aproximam muito do *Aikidō*, como o *Karate-Dō Shōtōkai* e o *Shintaidō*. O *Shintaidō* do mestre Aoki Hiroyuki, recentemente introduzido no Brasil, foi inclusive apresentado em congressos internacionais de Psicologia Transpessoal (AOKI, 1982), pela sua ligação com um estágio de consciência mais integral.

A reflexão acerca da introdução do *Karate* no Japão leva-nos a perceber porque Funakoshi não foi compreendido nem mesmo pela maioria de seus estudantes. Consta em suas autobiografias (FUNAKOSHI, 2000; 1999), que a profunda influência oriunda do budismo incitava em suas formulações o pensamento monista: a ideia de que tudo é o Todo, que o Vazio é a grande verdade do universo. Esse pensamento influenciava então, não apenas a criação do nome, mas toda a via de desenvolvimento pessoal que era considerada por Funakoshi como o caminho para o aprimoramento do *karate-ka* (especialista em *Karate*) (BARREIRA;MASSIMI, 2003). Em outro trecho, o mestre afirma que as artes marciais se originam dos ensinamentos de *Bodhidharma* (o 28º patriarca do budismo *Zen*) e, fundamentalmente dos sutras *Senzui* (desenvolver o espírito) e *Ekkikin* (enrijecer o corpo) (FUNAKOSHI, 1999). Ao apoiar-se nos ensinamentos budistas e conceber a vida em uma perspectiva que era incomum à época, causava estranheza inclusive a alguns mestres de Okinawa que questionaram a obra de Funakoshi, como ele próprio realta em seu livro *Karate-Dō Nyūmon* (FUNAKOSHI, 1999). De fato, apesar de usar o discurso da formação de cidadãos de bem, que é a marca principal do *Budō*⁹⁴, fazendo eco às ideias de Kanō Jigorō (KANO, 2008), foi a partir de suas ideias que o *Karate-Dō* pode ser visto também como um “caminho espiritual”, integrando a ideia de evolução através de um Caminho (*Dō*), pelo aperfeiçoamento que leva à beleza (*Miyabi*).

⁹⁴ Precisamos entender que aqui *Budō* não se refere apenas ao “caminho do guerreiro”, ou às “artes marciais japonesas”, mas sim às práticas de luta originadas no Japão e localizadas num determinado tempo histórico. Antes da Restauração Meiji essas práticas eram chamadas de *Bujūtsu* (técnicas de guerra) e após a segunda metade do século XX algumas práticas de luta japonesa são chamadas de *Sogo Budō* (caminho holístico do guerreiro, às vezes chamadas de “artes de paz”). Ou seja, a nomenclatura usada para descrever as práticas de luta japonesas nos informam também o tempo em que foram construídas, e que há uma descontinuidade entre elas, alterando-se os valores e o imaginário ali envolvido.

Como já relatado, houve alunos de Funakoshi que desejaram direcionar a prática para a vertente competitiva, pois isso já ocorria com o *Jūdō* e o *Kendō*. O mundo do período da Segunda Guerra Mundial realmente vivia uma onda de pensamento, de um imaginário voltado para a realização e o resultado, para a competição, caracterizado pela busca do poder, da racionalização, etc., que vem a criar o campo que permite a existência de fenômenos como o esporte⁹⁵. Os autores Norbert Elias e Eric Dunning, afirmaram que o esporte surgiu na Europa da Revolução Industrial (1992a), através de uma descontinuidade, como uma possibilidade de manifestação de novas práticas corporais (ou seja, eram práticas reinventadas), sendo que aquela sociedade compartilhava um imaginário com ideias do tipo: centralização das práticas em uma força de verdade, supervalorização étnica (ou às vezes de ordem/profissão) que legitima um grupo ou outro a realizar determinada prática e exclui os demais, além da exacerbação dos valores ligados à hierarquia e separatividade social. Aos poucos, porém, parece que o cenário (e com isso o imaginário também) foi se transformando em um campo de relações sociais que trocavam os velhos valores pelos pensamentos que surgiam com a revolução industrial.

Percebemos como o *Karate-Dō* vem se transformando de acordo com o Imaginário de cada época e com o “espírito do tempo”, ou *zeitgeist*, que predomina nas culturas que se apropriam dessa prática. Hoje ele existe de forma tão plural quanto qualquer prática corporal e como a maioria das práticas culturais da humanidade, porém percebemos, pelos dados, que suas principais manifestações (aquelas com maior número de adeptos) são diretamente relacionadas aos valores do imaginário de dois grandes grupos, que chamaremos, por um momento, de tradicionais (representantes de uma pretensa “arte marcial”, ou prática voltada para a defesa pessoal) e esportivos (representantes de uma modalidade que pretende ser integrada ao programa dos Jogos Olímpicos e segue o mesmo processo de transformação pelo qual *Jūdō* e *Tae Kwon Do* também passaram).

⁹⁵ Referimo-nos aqui ao conceito de Esporte melhor desenvolvido por Guttman (RIGAUER, 1981; GUTTMANN, 1978), cujas sete características (Secularidade, Igualdade, Especialização, Racionalização, Burocratização, Quantificação, Recordes) são diretamente compatíveis com as ideias de uma sociedade permeada pelos valores de busca pelo resultado e realização, que acompanham o Imaginário que parece ter se desenvolvido desde a Revolução Industrial.

3 RIO GRANDE DO SUL E A IMIGRAÇÃO JAPONESA

Antes de avançarmos a nossa explanação sobre a metodologia vale a pena fazermos algumas colocações sobre a cultura gaúcha e a imigração japonesa no RS. Mesmo que aparentemente este capítulo careça de profundidade, as colocações aqui presentes não pretendem exaurir o assunto (que não é o foco do estudo), mas clarificar aspectos que podem estar relacionados ao comportamento dos personagens da história do *Karate-Dō* no RS ou, da mesma forma, nos ajudam a descartar eventuais características caso se pensasse em supor que a dinâmica social das relações das pessoas e instituições envolvidas nessa história pudesse ser influenciada significativamente por esses traços culturais aqui apontados.

O Rio Grande do Sul, Estado mais meridional do Brasil, é rico em influências culturais. Isso se dá devido ao movimento de colonização, desde as guerras no Prata (onde tentou-se buscar a origem para a invenção da cultura local), com a ocupação dos espaços, antes habitados pelos apenas pelos indígenas, por missionários, agricultores e até refugiados de países vizinhos como Argentina e Uruguai. Mas talvez as contribuições mais significativas foram aquelas empreendidas pelos imigrantes alemães e italianos, que também foram seguidos por grupos menores como os poloneses, espanhóis e japoneses.

Todas essas etnias encontraram um espaço para habitar e produzir onde se procurava fortalecer e às vezes impor uma “tradição gaúcha” que em verdade, como apontam Freitas (1980), Gonzaga (1980) e Chaves (1980) foi inventada por grupos locais, aproveitando diversas oportunidades econômicas inclusive⁹⁶, e perpetuando uma série de padrões culturais reproduzidos até hoje, e que não tem uma conexão clara com o desenrolar natural da história em termos de relações sociais e acontecimentos. Ou seja, pela invenção do gaúcho, termo anteriormente usado para designar os ladrões de gado nos países de língua castelhana vizinhos ao Rio Grande do Sul, se pode construir uma identidade local, ou uma identidade regional, que fortalece o espírito de pertencimento dos habitantes do Estado. Mesmo que os descendentes de europeus tenham copiado dos charruas e dos minuanos a boleadeira, o laço, o xiripá, o poncho, a moradia primitiva (teto e paredes de

⁹⁶ Como o caso da introdução da calça característica do gaúcho, a bombacha, que foi um espólio do mercado inglês que cancelara o fornecimento de calças para o exército sírio. Naquele momento, com as campanhas bélicas no sul do país, os locais compraram esses uniformes a preço baixo, incorporando depois essa calça à “vestimenta tradicional” do gaúcho.

couro), o churrasco, o charque e o mate, estes foram relegados ao trabalho na pecuária ou ao esquecimento nas aldeias remanescentes, enquanto se construíam Centros Tradicionalistas (CTGs) e todo um sistema social do qual não participavam (FREITAS, 1980).

Do mesmo modo, a imagem do gaúcho como “índio velho”, peão do pampa, remete a uma miscigenação que não aconteceu (DACANAL, 1980), e que de fato foi inventada, pois como lembra-nos Gonzaga:

Podemos supor que, em meados do século XIX, a figura marginal do gaúcho estivesse praticamente extinta, e, por conseguinte, apta a renascer como instrumento de sustentação e imposição ideológica dos mesmos grupos que a tinham destruído. O processo de transfiguração do gaúcho-pária em gaúcho-aristocrata e cheio de virtudes civis e militares, não foi instantâneo nem uniforme: durou várias décadas, encontrou muitas formulações e teve o seu coroamento apenas no século XX, quando a oligarquia precisou aglutinar a seu projeto político as novas forças sociais existentes na província. (GONZAGA, 1980, p.118)

Com o sucesso deste projeto, desconhecido ou ignorado por muitos por inúmeras razões, mas principalmente por termos uma defasagem entre a realidade e a historiografia oficial⁹⁷ (PESAVENTO, 1980), temos a pouco mais de cem anos a personalidade inventada do gaúcho como uma espécie de “matriz identitária”, um estereótipo de como o sul-riograndense é, ou deveria ser (o homem é viril e valente, refletindo aquela figura masculina da lida campeira em sua total inflação e a mulher é polarizada, ou seja, é gentil, suave, e “prendada”, uma figura que deve exibir características que na opinião de muitos é apenas uma caricatura criada por uma sociedade que vivia um contexto machista e excludente) e com o qual os diversos grupos étnicos europeus vindos depois da metade do século XIX. Entre 1876 e 1914 os italianos representaram 44% do total de entrada de estrangeiros no Brasil. Isto foi favorecido pela decisão brasileira de financiar a viagem, procedimento que permitia a emigração de todo o núcleo familiar e daqueles que não tinham a possibilidade de pagar sua passagem (TRENTO, 2000, p. 26). Esses imigrantes, porém, procuraram adaptar seus hábitos culturais combinando aquilo que traziam do país de origem com os costumes “gaúchos” (MAESTRI, 1998), o que evitou que sofressem a mesma repressão pesada que os teuto-brasileiros sofreram durante o período do Estado Novo (1937-1945).

⁹⁷ Um bom exemplo é a historiografia presente nos livros escolares de ensino fundamental e médio, que por décadas eram o conhecimento em história acessado pela ampla maioria das pessoas que depois não aprofundariam os saberes dentro dessa disciplina devido ao contexto de educação, trabalho e vida social corrente.

Foi exatamente a proibição da emigração ao Brasil decretada pelo governo italiano (ocasionando uma preocupante falta de mão de obra no centro do país) que estimulou o governo brasileiro a buscar outros acordos e configurou-se como o estopim para o processo de vinda dos imigrantes japoneses. Essa etnia, antes rejeitada pelos “arquitetos” do projeto de invenção de uma “raça brasileira” (NUCCI, 2010) agora supriria a demanda do país, com o aval do ministro plenipotenciário do Japão, que enviou um relatório salientando que a vinda dos japoneses para São Paulo era preferível à sua ida para os EUA, onde eram discriminados (FLORES, 1996). A primeira leva de imigrantes japoneses que formou colônia no Rio Grande do Sul veio a partir do núcleo paulista, e a segunda corrente migratória veio diretamente do Japão.

No período de 1933 a 1963 o governo estadual procurou trazer imigrantes japoneses ao RS, falhando inicialmente pois o Japão havia invadido a Manchúria em 1931 e não tinha interesse na imigração. A partir daí houve a vinda de algumas famílias e outros grupos isolados que se estabeleceram em Santa Rosa ou se dispersaram pelos municípios de Pelotas e Porto Alegre. Em 1955 um grupo de 33 famílias se estabeleceu em Uruguaiana, mas como foram explorados e enganados se retiraram, indo, com o apoio da prefeitura, se estabelecer em terras municipais de Santa Maria, dando origem a próspera colônia da cidade (FLORES, 1996). Ainda ocorreram a formação de colônias em Ivoti e Itati, mais conhecidas como centros de desenvolvimento agrícola do que tecnológico ou intelectual.

Comparado, em quantidade, ao fluxo migratório de alemães e italianos, e até de poloneses, a imigração japonesa se deu no Estado de forma muito menor, apesar de termos em São Paulo, no centro do país, a maior concentração de japoneses fora do Japão. Da mesma forma, não tivemos no RS a influência significativa dos esportes mais populares no Japão (a saber: *Sumō*, *Baseball*, *Kendō* e *Jūdō*) pelas mãos dos próprios japoneses. Na verdade, dificilmente encontramos alguma prática de *Sumō* ou *Baseball* no Estado. Fato contrastante com as discussões da literatura que vão trazer os questionamentos acerca de uma “niponização” da forma de fazer o esporte em toda a Ásia (SHIMIZU, 2005) e de como alguns esportes como o próprio *Baseball* e o *Karate-Dō* são usados para forjar, no Japão, as personalidades de empresários, políticos, militares e outros líderes (RUSAK, 2009).

De todo modo, foi através desses fluxos migratórios que os pioneiros do *Karate-Dō* no Brasil chegaram, a maioria deles como agricultores. Foi só na década de 1970 que um instrutor profissional da JKA, Okuda Taketo, chegou ao Brasil, o que gerou na ocasião muitas

mudanças, e deixando a marca do que muitos praticantes da época chamam de “uma delimitação da história do *Karate* no Brasil em antes e depois do Okuda *sensei*” (D’ELIA, 2011). As tramas da chegada desses imigrantes *karate-ka* ao Estado e suas trajetórias, porém, é tema de nosso capítulo de resultados, onde estudaremos a História do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul.

Tendo em vista todos esses aspectos, seja a cultura japonesa, seja como ela se manifesta na prática do *Karate-Dō* após sua reinvenção (que veio a ocorrer em virtude do trabalho de Funakoshi Gichin no Japão), seja todo o processo de desenvolvimento pelo qual a arte passou de *Te*, para *Tō-de/Karate*, e enfim para *Karate-Dō*, ou mesmo os aspectos da cultura rio-grandense e a presença dos nipo-brasileiros no estado, precisamos agora, cientes de todo o cenário mais geral que envolve a arte, mirar na direção de nosso real foco. Para isso, apresentamos na sequência a metodologia empregada para levantamento e análise das fontes, seguida dos resultados obtidos a partir dessa pesquisa, onde procuramos apresentar as versões de uma história do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul, a fim de obtermos alguns esclarecimentos daquilo que parece, a partir da crítica às fontes, estar mais próximo do que ocorreu no Estado, nesse período que inicia em fins da década de 1960 e se encerra em 1988, com a fundação oficial da Federação Gaúcha de Karate.

4 METODOLOGIA

Tendo em vista que esta dissertação de mestrado foi construída a partir da possibilidade de vermos a história do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul pelo prisma das fontes documentais, fotografias e depoimentos orais, considerando-os fontes não excludentes, mas complementares, optamos por uma metodologia que abarcasse todos esses campos. Para tanto, procuramos trabalhar os documentos a partir da Análise Documental de Pimentel (2001) as fotografias através da “Metodologia Visual” de Gillian Rose (2007) e os depoimentos a partir das ferramentas disponíveis na História Oral conforme Alberti (2005). Por fim, as informações obtidas nas fontes documentais, visuais e orais foram trianguladas e analisados a partir das categorias que emergiram do referencial teórico-metodológico da História Cultural e das próprias fontes de pesquisa.

O objetivo da História Cultural (HC) é identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler. Para tanto, a cultura é entendida enquanto prática que está associada as categorias de representação e apropriação (CHARTIER, 2000). Também podemos entender que as noções de representação, práticas e apropriação estão habitualmente acopladas ao termo “cultura” e constituem o universo de abrangência da História Cultural (BARROS, 2005). Essa “instância cultural” pode ser entendida como a produção de sentidos sobre o mundo construído pelos homens do passado (PESAVENTO, 2008). De acordo com essa autora:

Representação e imaginário, o retorno da narrativa, a entrada em cena da ficção e a ideia das sensibilidades levam os historiadores a pensar não só as possibilidades de acesso ao passado, na reconfiguração de uma temporalidade, como colocam em evidência a escrita da história e a leitura dos textos (PESAVENTO, 2008, p.59).

Vale lembrar também que, para Chartier (2000), as representações do mundo social são também componentes da realidade social e toda a representação se apresenta como representação de alguma coisa. Para Barros (2005) esse conceito foi uma contribuição decisiva de Chartier para a HC. Ainda lembra que o horizonte teórico trabalhado por Chartier tem o termo “cultura” (ou os diversos padrões culturais) trabalhando no âmbito da relação interativa entre as noções de *representações* e *práticas*. Assim, as *práticas* geram *representações* e as *representações* geram *práticas*, em um emaranhado no qual não é

possível distinguir se o começo está em determinadas *práticas* ou em determinadas *representações*.



Figura 24 – Diagrama das categorias da História Cultural.
Fonte: organizado pelo autor.

No sentido de clarear possíveis dificuldades no entendimento dessas noções, Vainfas (1997) nos lembra que a “nova história” (outra denominação para a HC) demorou muito para penetrar na historiografia brasileira, só conseguindo isso a partir de meados da década de 1980. Na tentativa de esclarecer as noções básicas da HC, Burke (2008) refere que o estudo das práticas é um dos paradigmas da chamada Nova História Cultural, pois graças a essa virada em direção às práticas, a história do Esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada adentrando no campo científico da História, inclusive passando a existir revistas acadêmicas especializadas no tema.

Tendo em vista a observação destes princípios durante a construção do estudo, na sequência discorreremos sobre cada um dos procedimentos adotados para a coleta e análise das fontes documentais, imagéticas e orais.

a) Fontes Documentais

A pesquisa documental é um método de coleta de dados que busca amenizar influências ou intervenções do pesquisador por valer-se principalmente de documentos originais. A utilização do documento enquanto fonte para pesquisa se justifica por nos possibilitar um acesso a informações de grande relevância que podem estar esquecidas ou sem um tratamento mais aprofundado, além de possibilitar com suas informações um maior entendimento do objeto em estudo. Cellard (2008) define o conceito de documento como: “tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou fonte” (2008, p.296). Podendo tratar-se de texto escritos, documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou de qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos. No limite, poder-se-ia até qualificar de documento um relatório de entrevista, ou anotações feitas durante uma observação (CELLARD, 2008).

De todo modo, restringimos o que compreendemos como fontes documentais para as ditas “fontes impressas” ou “fontes de papel”. No caso deste estudo, tais documentos foram: teses e dissertações, artigos de periódicos, catálogo da Revista do Globo, Atlas do Esporte no Brasil e no Rio Grande do Sul, informativos de clubes e associações, reportagens de jornais e revistas, cartas, atas e memorandos de federações e clubes, além de textos de sites e blogs. Vale considerar que, apesar de termos um espaço específico para a análise das fontes imagéticas, essas fontes aparecem por vezes junto ao capítulo das fontes documentais. Isso se dá devido ao fato de que nos documentos constam imagens que fazem parte da informação e clarificam ao leitor (principalmente aquele que não tem um conhecimento tão profundo sobre o *Karate-Dō*) alguns detalhes do assunto tratado, que impediriam uma compreensão mais leve e clara, a qual é possibilitada pela imagem associada.

Após a obtenção das informações levantadas através da pesquisa, submetemos essas fontes à análise documental (PIMENTEL, 2001). A escolha deste procedimento como componente de investigação se ajusta ao trabalho, pois através dela podemos organizar e agrupar informações, de modo que os significados de cada imagem ou texto presente nos documentos podem ser cruzados e reorganizados a fim de compor o substrato da sessão documental deste estudo.

Neste estudo fizemos a opção de digitalizar e apresentar fontes como: reportagens de jornais e revistas, além de atas e outros documentos, a fim de preservar este corpus documental. Tendo em vista que são escassos tais documentos, e os mesmos podem subsidiar futuros estudos ou novas versões da história do *Karate-Dō*. Através dessas fontes, desenvolvemos um capítulo onde apresentamos e analisamos documentos obtidos em locais de memória como: Federação Rio-Grandense de Pugilismo, Federação Gaúcha de Karate, Centro de Memória do Esporte da ESEF UFRGS, além da colaboração de alguns entrevistados que cederam materiais para esta etapa da pesquisa, entre eles: Luiz Roberto Nuñesos Padilla (*Gōjū-ryū*) e Fernando Malheiros Filho (*Shōtōkan*), que disponibilizaram os materiais na oportunidade da realização da gravação de seus depoimentos.

b) Fontes Imagéticas: fotografias

O primeiro procedimento metodológico em relação às imagens cedidas pelos colaboradores do estudo foi a construção de um banco de imagens que resultou em 642⁹⁸ imagens catalogadas, das quais 39 foram selecionadas por estarem situadas no recorte temporal demarcado nesta pesquisa. Para a análise destas imagens utilizamos a Metodologia Visual de Gillian Rose (2007). Essa autora aponta três aspectos de avaliação da imagem: a) os lugares onde se produz a imagem; b) a imagem em si; c) os lugares onde a imagem é vista (seu público alvo). Essa técnica nos ajuda a produzir elementos fundamentais para a interpretação, pois buscamos também nessas fontes, também, os diferentes vestígios que nos dão elementos para identificação dos sujeitos e reconstrução dos contextos em que estes estavam envolvidos.

Dessa forma, ao nos defrontarmos com uma imagem enquanto objeto de análise, contemplando o primeiro aspecto, nos perguntamos: quando se deu; quem a produziu; foi feita por outra pessoa? De que tecnologia dependeu a publicação dessa imagem? Quais as identidades do construtor, do proprietário e do sujeito da imagem? A natureza dessa imagem dirige-se a essas identidades e às relações de sua produção? São questionamentos

⁹⁸ As imagens foram cedidas ao autor por três caminhos: enviadas por e-mail diretamente, entregues no formato “impressas” e então digitalizadas, ou então disponibilizadas por meio de “álbuns” em redes sociais como Orkut e Facebook, no período de abril de 2008 a julho de 2012.

apontados por Gillian Rose (2007) para que captemos parte do que é chamado de “representações”, por procurarmos traços de personalidade, motivações ou ideias que os sujeitos deixaram nos registros imagéticos.

O segundo aspecto nos remete a questões como: o que está sendo mostrado; quais os componentes da imagem; como estão arranjadas? Faz parte de uma série? Para onde, na imagem, é atraído o olhar do espectador (foco)? Qual a função da cor? Que saberes estão sendo utilizados? Os saberes de quem são excluídos dessa representação? Essa imagem é contraditória? São, portanto, prospecções no terreno das “práticas”, pois podemos abstrair daí os elementos mais objetivos, exteriores, do que está sendo apresentado pela imagem.

O terceiro aspecto questiona: qual era o público original dessa imagem; onde e de que forma foi exibida? Como é sua circulação e armazenamento? Qual a função da cor? Como volta a ser exibida? Faz parte de uma série? De que forma as anteriores e subsequentes afetam seus significados? Tem texto escrito para guiar a interpretação? Como as identidades estruturam diferentes representações? O terceiro aspecto fornece elementos para analisar o “imaginário”, as experiências coletivas interiorizadas. Em muitos casos, as imagens analisadas neste terceiro aspecto ajudarão a identificar o *Zeitgeist* ou os elementos presentes no Imaginário daquele tempo histórico.

Sobre o uso das imagens, sons e filmes na pesquisa histórica, lembra Napolitano (2008) que:

[...] Do ponto de vista metodológico, são vistas pelos historiadores como fontes primárias novas, desafiadoras, mas seu estatuto é paradoxal. Por um lado, as fontes audiovisuais (cinema, televisão e registros sonoros em geral) são consideradas por alguns, tradicional e erroneamente, testemunhos quase diretos e objetivos da história, de alto poder ilustrativo, sobretudo quando possuem um caráter estritamente documental, qual seja, o registro direto de eventos e personagens históricos. Por outro lado, as fontes audiovisuais de natureza assumidamente artística (filmes de ficção, teledramaturgia, canções e peças musicais) são percebidas muitas vezes sob o estigma da subjetividade absoluta, impressões estéticas de fatos sociais objetivos que lhe são exteriores. A questão, no entanto, é perceber as fontes audiovisuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos. [...] Nossa perspectiva aponta para um conjunto de possibilidades metodológicas pautadas por uma abordagem frequentemente enfatizada por historiadores especialistas em fontes de natureza não escrita: a necessidade de articular a linguagem técnico-estética das fontes audiovisuais e musicais (ou seja, seus códigos internos de funcionamento) e as representações da realidade histórica ou social nela contidas (ou seja, seu "conteúdo" narrativo propriamente dito). (NAPOLITANO, 2008, p. 235-237)

O uso das fontes visuais se torna um elemento muito rico para este estudo, pois consideramos que as imagens revelam, a seu modo, o interior e o exterior dos sujeitos. Com isso, construímos um capítulo onde apresentamos e analisamos, à luz da Metodologia Visual (ROSE, 2007), fotografias enviadas por colaboradores que registravam episódios ocorridos entre meados da década de 1960 e 1988, que puderam aproximarmo-nos um pouco mais da trajetória da prática do *Karate-Dō* no Estado do Rio Grande do Sul. Entre os colaboradores que cederam material do seu acervo pessoal estão: Altemar Sabino da Silva (*Gōjū-ryū*), Luiz Roberto Nuñesos Padilla (*Gōjū-ryū*), Cesar Estivales (*Shōtōkan*), Eduardo De Mattei (*Wadō-ryū*) e Denis Andretta (*Shitō-ryū*), que disponibilizaram os materiais por e-mail ou em álbuns abertos nas redes sociais. Outra contribuição importante veio de dois sites na internet, o portal da Academia Dojinmon onde pudemos acessar imagens disponibilizadas por Nelson Guimarães (*Wadō-ryū*) e o site da Wado-kai Brasil, com um enorme acervo disponível onde obtivemos algum material que remetia a Suzuki Takeo e Hironaka Hideto *sensei*.

c) Fontes Orais

A entrevista segundo Haguette (1987) é vista como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Essa interação entre o pesquisador e o entrevistado implica a utilização ou participação de quatro componentes que devem ser explicitados. São eles: a) o entrevistador, b) o entrevistado, c) a situação da entrevista, d) o instrumento de captação de dados (HAGUETTE, 1987, p.75), onde nenhum dos elementos “faz sentido” separado da totalidade. Cada um está em relação com o outro. Sabemos que objetividade é um ideal quase inatingível, mas que, mesmo assim, o cientista deve tentar a aproximação.

A utilização da história oral como uma técnica para a coleta de informações traz em si limitações como outras técnicas de coleta de dados empregadas nas pesquisas. O pesquisador deve estar consciente das distorções que o uso da fonte oral pode provocar na pesquisa. Em história oral é extrema a maleabilidade com que são produzidos os vestígios, dos quais resulta a documentação. A entrevista como documento apresenta limitações

como qualquer outra documentação, e por isso não deve ser tratada como um documento absoluto.

O depoimento oral do entrevistado é sempre parcial, pois transmite uma versão dos acontecimentos. Para garantir as pretensões científicas de um trabalho que emprega fontes orais é necessário que os depoimentos sejam submetidos a um filtro crítico. Tal condição é obtida através de dois procedimentos de caráter interativo: a documentação escrita existente e o resto do *corpus* de documentos orais.

Outro ponto que merece nossa atenção é quanto a escolha dos entrevistados. A seleção dos depoentes não pode ser predominantemente quantitativa, mas sim a partir de uma posição do entrevistado, do significado de sua experiência. Foram selecionadas pessoas que poderiam contribuir efetivamente com o objetivo central do estudo; sendo assim, fomos em busca daqueles que “participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam oferecer depoimentos significativos” (ALBERTI, 2005, p. 32). A entrevista realizada ocorreu de duas formas, para alguns colaboradores foi possível a realização de entrevista presencial que foi gravada com câmera digital ou gravador digital de voz, e posteriormente transcrita. Em alguns casos, os entrevistados não dispunham do tempo necessário para a entrevista presencial e colaboraram através de depoimentos escritos, seguindo um roteiro previamente estabelecido (anexo 3).

Além das entrevistas gravadas, utilizamos duas entrevistas que compreenderam relato não gravado, composto por declarações escritas e juntamente a entrega de documentos, as quais foram produzidas para a elaboração do capítulo sobre a História do Karate no Rio Grande do Sul, publicado no Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul (MAZO; REPPOLD, 2005). Os entrevistados, ambos de Porto Alegre, foram os professores Arthur Xavier de Oliveira Filho (6º *Dan* do estilo *Gōjū-ryū*) e Celso Piasiski (5º *Dan* do estilo *Shōtōkan*), que na época ocupava o cargo de presidente da Federação Gaúcha de Karate.

Arthur Filho *sensei* foi um dos colaboradores contatado via e-mail em junho de 2010 que preferiu responder ao roteiro de entrevista e encaminhá-lo por meio digital, o que complementou e enriqueceu muito sua entrevista mais curta realizada anteriormente. Na mesma situação do professor Arthur Filho também colaboraram os professores: José Maria Só Rodrigues (3º *Dan* do estilo *Shōtōkan*), Charles Milkzarec (3º *Dan* do estilo *Shōtōkan*), Denis Cordeiro Andretta (2º *Dan* do estilo *Shitō-ryū*) e Nestor Paim Riambau (2º *Dan* do

estilo *Shōtōkan*) de Porto Alegre, além dos professores Cesar Estivales (4º *Dan* do estilo *Shōtōkan*) e André Maraschin (3º *Dan* do estilo *Shōtōkan*) ambos de Santa Maria, Ademar Pires Brandolff (5º *Dan* do estilo *Shōtōkan*) de São Leopoldo, Altemar Sabino (4º *Dan* do estilo *Gōjū-ryū*), além de Franklin Maciel Jr. (2º *Dan* do estilo *Shōtōkan*) e Paola Garcia (1º *Dan* do estilo *Shōtōkan*) ambos de Bagé.

Puderam prestar o depoimento presencialmente, de forma a podermos filmar ou gravar o áudio da entrevista, os professores: Luis Roberto Nuñesos Padilla (5º *Dan* do estilo *Gōjū-ryū*), Fernando Antônio Freitas Malheiros Filho (5º *Dan* do estilo *Shōtōkan*), Hélio Riche Bandeira (5º *Dan* do estilo *Gōjū-ryū*), Décio Tatizana (3º *Dan* do estilo *Wadō-ryū*) e Nolberto Pintos de Oliveira (1º *Dan* do estilo *Kyokushinkai*).

Após a coleta e análise dos depoimentos orais, estes se transformaram em um relatório de pesquisa (FROSI, 2011), apresentado preliminarmente à Federação Gaúcha de Karate. Cabe referir que a FGK contribui no período inicial do estudo estimulando os professores a colaborarem com seus depoimentos e cessão de documentos. As informações preliminares destinavam-se a produção de um texto visando a reconstituição da memória dos 20 anos da FGK que acabou por não ser redigido. Esta documentação oral e os demais depoimentos decorrentes da coleta de fontes orais proporcionou a construção do capítulo “História Oral do Karate no Rio Grande do Sul”, que posteriormente foi triangulado com os levantamentos de dados nas fontes documentais e imagéticas, como pressupõe o trabalho na História Cultural.

5 HISTÓRIAS DO *KARATE-DŌ* NO RIO GRANDE DO SUL

Optei por apresentar aqui, como antes comentado, a construção de versões da História do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul por meio das várias fontes (documentais, imagéticas e orais). Iniciaremos o trabalho pelas fontes impressas: documentos de federação, atas, cartas, notícias de jornal e tudo o mais (excluindo as fontes imagéticas), mas sempre atentos a tentativa de reproduzir o método e utilizar o acervo de fontes reconhecidas pela antiga visão comumente chamada de “história oficial”. Essa forma de fazer historiográfico ainda é o padrão usado pela maioria das instituições para divulgar seu próprio histórico, mesmo que saibamos que há distorções importantes. No caso, as instituições que organizam o *Karate-Dō* no estado mais meridional do Brasil não são diferentes.

5.1 Uma História do *Karate-Dō* Gaúcho através dos Documentos

As fontes impressas sobre a presença do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul antes da década de 1970 são extremamente escassas, porém intrigantes. Apesar de não termos registros documentais de que a prática estava aqui estabelecida e que tínhamos no estado associações que a promoviam, não parece que esta não era conhecida. Aparentemente já se falava da arte, se conhecia seus gestos (pelo menos aqueles mais estereotipados e que até hoje fazem parte do imaginário social), bem como as representações do que parecia ser um lutador praticante de uma arte oriental. A razão para supormos isso é uma menção feita na Revista do Globo, um importante veículo de comunicação da cidade de Porto Alegre que manteve durante toda sua trajetória de publicações uma rica sessão de esportes. Numa das edições dessa revista, que data da década de 1960, foi publicada a seguinte foto e comentário:



Figura 25 – Foto publicada na Revista do Globo com a descrição “campeão de Tae Kwon Do, um tipo coreano de karatê, o soldado americano Loren Adams, servindo na Alemanha, quebra de um só golpe uma pilha de 8 telhas”.

Fonte: Catálogo “Esporte e Educação Física na Revista do Globo” (MAZO, 2004).

Com tal informação só podemos supor que o *Karate-Dō* era conhecido pelo público rio-grandense e que além de ser algo relativamente comum (pois não se precisou descrever o que era *Karate-Dō* e sim o que era *Tae Kwon Do*⁹⁹), parece ser também a referência do que era arte marcial, ou luta oriental, que envolvia o uso de socos ou chutes. Ou seja, na época, a representação que se fazia de luta envolvendo socos, chutes e as demonstrações de quebramentos de telhas, tábuas e gelo era de que essas práticas eram *Karate-Dō* ou suas diferentes formas (curiosamente, para tornar o *Kung-Fu/Wǔ-shù* conhecido nos Estados Unidos, Ed Parker publicou um livro intitulado “Segredos do Karatê Chinês”, em 1963). Ou seja, nesse período anterior a década de 1970 parece que a representação de *Karate-Dō* e não de outras artes, que dominava a mídia e o imaginário, e isso não parece ser diferente no RS. Apesar da grande popularidade dos “filmes de *Kung-Fu*”, parece que a disseminação do *Karate-Dō* iniciada pelos militares americanos após 1945 (CHAMBERS;DUFF, 2008) realmente impactou através da mídia americana, que sabemos ser até hoje uma das principais fontes de programação da televisão brasileira. Mas havia outro grupo de *karate-ka*

⁹⁹ [태권도] – Caminho dos Pés e das Mãos. É um sistema de luta de origem coreano, sintetizado a partir de práticas locais e do *Karate-Dō* levado à Coreia pelos soldados japoneses que ocuparam a região na época da II Guerra Mundial. Após a desocupação japonesa, todas as artes marciais impostas pelos japoneses ganharam novas roupagens e mudaram de nome, sendo a mais popular delas o *Tae Kwon Do* que acabou por ser usado como ferramenta do exército e do governo coreano para criar um esporte no qual a “raça coreana” tivesse a supremacia e pudesse difundir mundialmente sua cultura (AHN;HANG;PARK, 2009).

trabalhando para disseminar o Karate de forma mais profissionalizada pelo mundo: eram os instrutores da *Nihon Karate Kyōkai*.

5.1.1 A introdução do estilo *Shōtōkan* no Rio Grande do Sul



Figura 26 – Visita de Nakayama Masatoshi *sensei* ao Brasil. Da esquerda para direita: Sagara Juichi, Tanaka Yasutaka, Uriu Sadamu, Inoki Hiroyasu, Nakayama *sensei*, Kawamura Hayashi e Luiz Tasuke Watanabe.

Fonte: acervo da “Federação de Karate Kawamura do Brasil” (2012).

Na década de 1960 o *Karate-Dō* já estava fortemente estabelecido no centro do país, e entre os nomes principais podemos lembrar: Akamine Seiichi (*Gōjū-ryū*, fundador da Associação Brasileira de Karate que depois se converteu na CBK), Shinzato Yoshihide (*Shōrin-ryū*), Takamatsu Koji (*Wadō-ryū*), além dos principais nomes do estilo *Shōtōkan* na época que eram Okuda Taketo, Sagara Juichi, Inoki Hiroyasu, Kawamura Hayashi, Tanaka Yasutaka e Uriu Sadamu, estes dois últimos levados ao Rio de Janeiro para ensinar pelo saudoso *sensei* Lirton Monassa (BARTOLO, 2008; OLIVEIRA; MILLEN NETO; JORDÃO, 2005). É muito provável, portanto, que o público rio-grandense soubesse do que se tratava o *Karate-Dō* através dos jornais, revistas e da televisão.

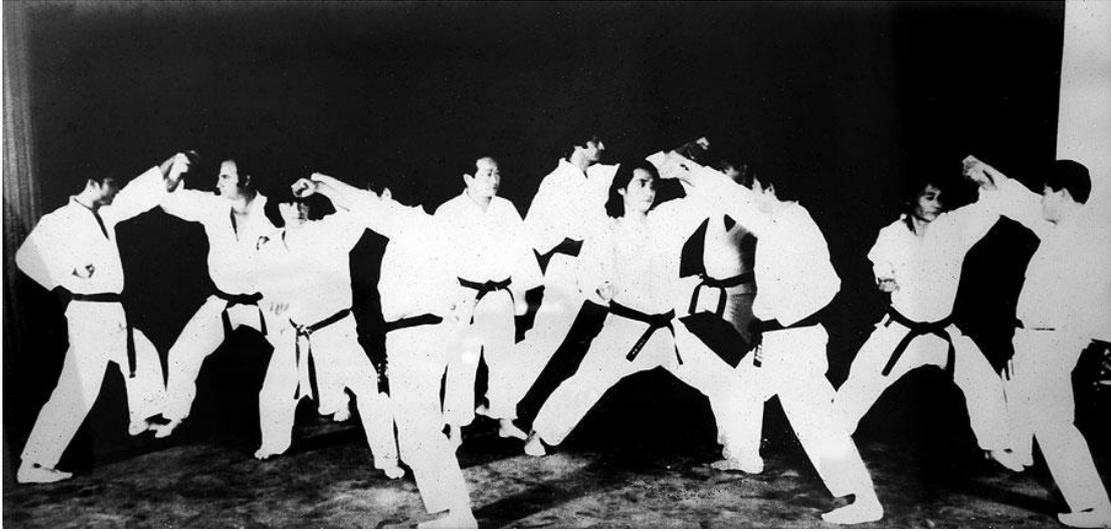


Figura 27 – Visita de Nakayama *sensei* ao Brasil (treinamento). Da esquerda para a direita: Kawamura Hayashi, Lirton Monassa, Denilson Caribé, Ronaldo Carlos, Nakayama Masatoshi, Inoki Hiroyasu, Tanaka Yasutaka, Luiz Tasuke Watanabe, Takeuchi Tadeshi, Uriu Sadamu e Sagara Juichi.
Fonte: acervo da “Federação de Karate Kawamura do Brasil” (2012).



Figura 28 – Visita de Nakayama *sensei* ao Brasil (início da década de 1970). Da esquerda para a direita: Inoki, Monassa, Tanaka, Caribé, Nakayama, Ronaldo Carlos, Takeuchi, Kawamura, Uriu, Watanabe e Sagara.
Fonte: acervo da “Federação de Karate Kawamura do Brasil” (2012).

Surge em 1970 o primeiro documento que dá suporte à existência da prática do *Karate-Dō* em solo gaúcho, trata-se da ata de criação do Departamento de Karate junto à Federação Rio-grandense de Pugilismo. Esse documento foi requerido por Luis Tazuke Watanabe, descendente de japoneses que veio a Porto Alegre com o intuito de ministrar aulas desta prática. Na época, todas as práticas de luta que não tinham uma massa crítica mínima de participantes/praticantes acabavam por tornar-se vinculadas a essa federação e havia o registro dos praticantes junto à Polícia Federal, pois estava colocada toda uma

questão jurídica em que os chamados artistas marciais eram considerados “portadores de armas brancas” devido à técnica que dominavam, coisa que foi gradualmente sendo abandonada até mudanças da legislação. Hoje, praticar *Karate-Dō*, *Jūdō*, *Tae Kwon Do*, etc. não é mais considerado com o mesmo nível de periculosidade que em outros tempos e não caracteriza mais o porte de armas pelo praticante.

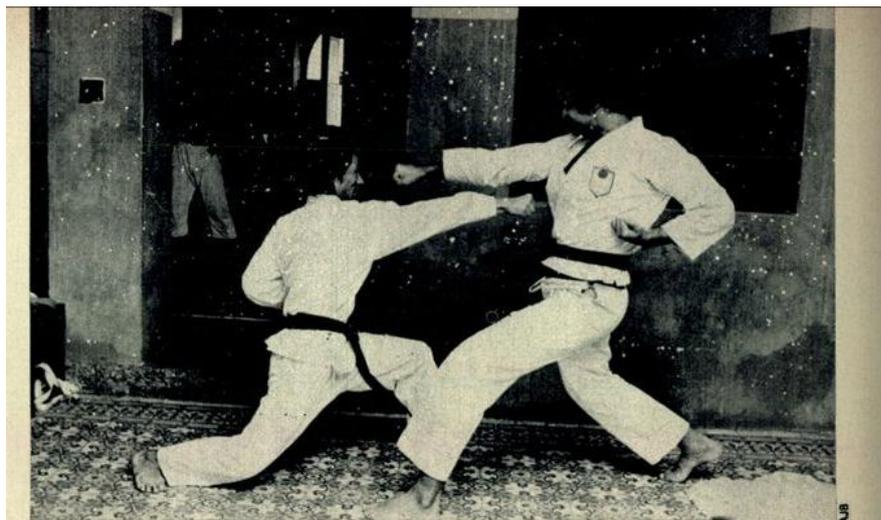
A maioria da cobertura da mídia sobre o *Karate-Dō*, que já era escassa, mas que afinal existia, era centrada no eixo Rio-São Paulo e quase não retratava o Rio Grande do Sul. Sabemos que isto não é exclusividade do *Karate-Dō* e nem dos esportes de luta, mas sim algo que ocorria em todos os esportes e práticas culturais, hoje amenizado, mais que ainda ocorre. O fato é que, com a preparação da seleção brasileira de Karate para o mundial de 1972, que seria realizado em Paris, houve alguma divulgação mais intensa do *Karate-Dō* na mídia nacional.

Entre os veículos de comunicação que divulgaram essa preparação e competição, a nível nacional, estava a Revista Veja, que lançou três reportagens sobre esse episódio, que apresentamos aqui. Alguns meses antes da competição, a revista retratou um treinamento da dita seleção nacional, apresentando apenas integrantes do estado do Rio de Janeiro:



Figura 29 – Página 62 da revista Veja nº 190, de 24 de abril de 1972.

Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.



Treinando para o mundial, o técnico Tanaka, e Paulo Goes, o bicampeão

KARATÊ

Sem pretensões

Pela primeira vez, uma equipe brasileira de karatê, a milenar forma de luta japonesa, deixou o Brasil para participar de uma competição internacional. Foi sem nenhuma pretensão de vitória, "apenas para assimilar a técnica" dos 33 países inscritos no 2.º Mundial de Karatê, realizado em Paris, no fim da semana passada. "Particularmente a técnica dos japoneses, campeões do 1.º Mundial, em Tóquio, e senhores absolutos do esporte", segundo o chefe da delegação, general Djalma Cintra, o vice-presidente da Confederação Brasileira de Pugilismo — à qual o karatê está filiado desde que chegou ao Brasil, há dezesseis anos.

Yasutaka Tanaka, faixa preta quarto grau, foi o técnico da equipe selecionada no último Campeonato Brasileiro: os cariocas Paulo Goes (segundo grau), bicampeão brasileiro; Ugo Arigoni e Fernando Soares (primeiro grau); os irmãos baianos Dori e Denilson Caribe (segundo grau), e o gaúcho Luís Watanabe.

"Uma equipe bem preparada física e tecnicamente, mas fraca para enfrentar países como Japão e Estados Unidos, que contam com lutadores de terceiro e quarto graus", diz Tanaka. (O grau mais alto do karatê é o oitavo, que só existe no Japão. Segundo o melhor lutador brasileiro, Paulo Goes, "essa diferença de categoria, no Rio, onde se pratica o melhor karatê do país, por exemplo, é provocada pela proibição da prática a menores de dezoito anos, enquanto nos outros países os lutadores começam a treinar com menos de dez anos".

Devido ao grande número de ataques mortais, numa disputa de karatê é proibido aplicar golpes de verdade. Pelos golpes simulados, o juiz escolhe o vencedor.

VEJA

Figura 30 – Detalhe da página 62 da revista Veja nº 190, de 24 de abril de 1972.

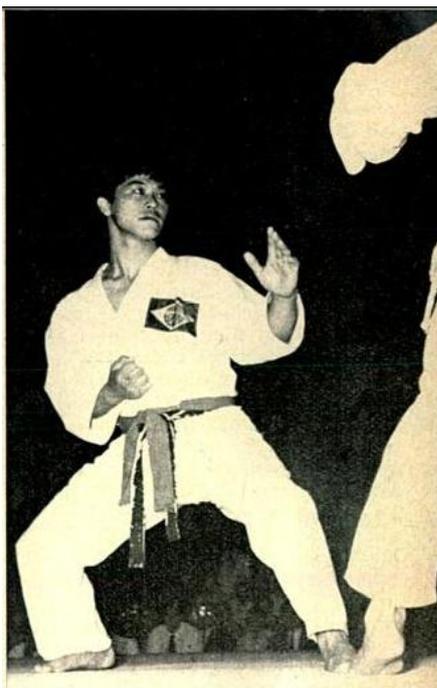
Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

A revista registra que a primeira seleção brasileira a competir em um Mundial foi formada por: Tanaka Yasutaka (técnico), Paulo Góes, Ugo Arrigoni e Fernando Soares (do Rio de Janeiro), Dori Caribé e Denilson Caribé (da Bahia) e Luiz Tasuke Watanabe (do Rio Grande do Sul). Watanabe é citado por último, e os atletas cariocas em primeiro. Esta seleção teria ido ao Campeonato Mundial sem pretensões de vitória, devido ao alto nível dos atletas do Japão (onde se concentravam a maioria dos melhores professores da época) e dos Estados Unidos (onde Nishiyama Hidetaka da JKA formara um forte grupo). Todos os atletas citados e o técnico eram praticantes do estilo *Shōtōkan*. O texto da revista ainda reforça a representação “mística” que envolvia o *Karate-Dō* no período, salientando que devido à existência de muitos golpes mortais, a competição era travada através de lutas simuladas.

Na edição seguinte, Veja registra o resultado positivo do atleta Luiz Watanabe como campeão mundial.



Figura 31 – Página 43 da revista Veja nº 191, de 03 de maio de 1972.
Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.



Watanabe: um soco de 600 quilos

KARATÊ

O certo é errar

O brasileiro Luís Tasuke Watanabe ganhou o título de campeão mundial de **karatê**, no último dia 24, em Paris, principalmente porque, entre outras virtudes, não acertou nenhum golpe em seus adversários. Na última luta, contra o inglês William Higgins, Watanabe aplicou um perfeito *iodan* — um violento soco de direita com o impacto de um peso de 600 quilos, que parou a centímetros do rosto do adversário. Isso representou um *ippon*: o ponto completo, uma espécie de nocaute moral para cujo julgamento são consideradas a eficiência, a velocidade e a energia com que é desferido o golpe, a postura do corpo e a distância do adversário.

O campeonato foi disputado em lutas de no máximo 2 minutos e no estilo *Shoto-kan* — os golpes são simulados e tocar no adversário é falta desclassificante. No dia anterior, na disputa por equipes, o brasileiro Paulo Góes, involuntariamente, arrancou três dentes de seu adversário, de Singapura, e tirando ao Brasil a oportunidade de continuar no campeonato na disputa por equipe.

Watanabe teve oito vitórias, sendo sete por *ippon*. Apenas uma vez, o brasileiro teve uma vitória menor, por *Wazari*, o meio-ponto, quando a superioridade sobre o adversário não é traduzida por nenhum golpe "mortal".

Três batatas — Embora inédito no

Figura 32 – Detalhe da página 43 da revista Veja nº 191, de 03 de maio de 1972.
Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

A revista manteve, em sua edição seguinte, a preocupação de mencionar o atleta carioca, Paulo Góes, mesmo retratando a conquista da categoria individual de *Kumite* (luta) pelo introdutor do *Shōtōkan Karate-Dō* no Rio Grande do Sul, Luiz Watanabe. Além disso, deu ênfase em explicar a regra esportiva do Karate, que não passa de uma aplicação do *Sundome*, o princípio de controlar o golpe a três centímetros do alvo (como explicado no início deste trabalho, quando falamos da cultura japonesa no *Karate-Dō*) e não deixou de reforçar a representação “mística” dos golpes, lembrando sua mortalidade e que sua pressão é equivalente a 600kg. Na verdade, essa afirmação parece remeter a um trecho de um texto de Masatoshi Nakayama *sensei*, autor da série de livros “O Melhor do Karate”, “Karate Dinâmico” e “Katas de Karate”, onde ele comenta que o soco de *Karate-Dō* tem um efeito de no mínimo 300kg devido a sua velocidade (NAKAYAMA, 2000).

Três edições depois, a revista volta a citar Watanabe, ao comentar a introdução de um personagem no programa de Jô Soares que fazia alusão ao campeão. Na época Jô Soares fazia grande sucesso como humorista e seu programa era televisionado em rede nacional.

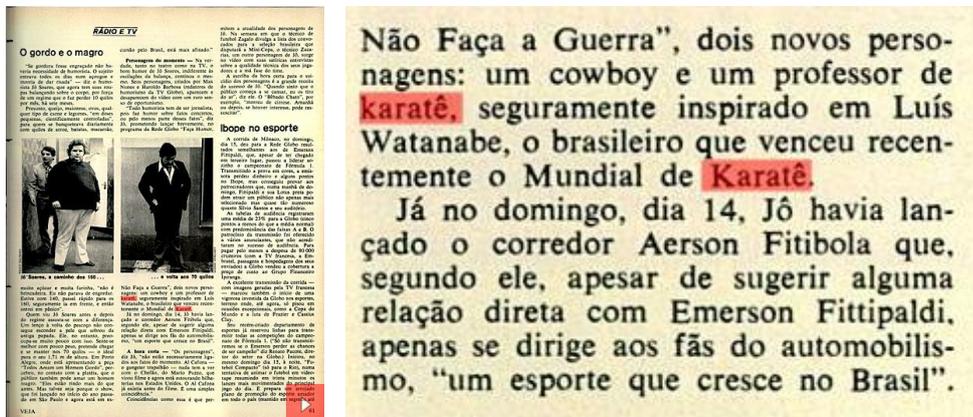


Figura 33 – Página 61 e detalhe da revista Veja nº 194, de 24 de maio de 1972. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

Essa notícia nos ajuda a perceber como a vitória de Watanabe ajudou a popularizar mais ainda o *Karate-Dō* em nosso país, e justifica a ideia de pensarmos em um primeiro “boom” do *Karate-Dō* nacional a partir desse episódio. No Rio Grande do Sul, a popularização da arte estava avançando fortemente com a presença de um campeão mundial na capital, Porto Alegre.

Para entendermos melhor este episódio, porém, é interessante recorrermos a mais fontes e contar em detalhes a história desta competição que poucos conhecem. Michel

Durand reconstruiu, em 2008, o período de 1970 a 1977 que compreendia as duas primeiras edições dos campeonatos mundiais da WUKO e da IAKF, publicando inclusive uma versão para o grande público (DURAND, 2008). O período escolhido remete à época em que existia apenas uma categoria única de peso nas disputas de *Kumite* (luta) nessas competições.

Para entender melhor o contexto do *Karate-Dō* enquanto modalidade de competição neste momento (década de 1970) vamos lembrar que um cisma já existia desde então, entre as diversas federações/associações japonesas, a JKA (*Japan Karate Association*) e a *All-Japan University Karate League*. A FAJKO, *All Japan Karatedo Federation Organizations*, ainda reuniu esses grupos divergentes por um curto período de tempo.

É necessário introduzir também um dos personagens principais do *Karate-Dō* neste momento histórico, Nishiyama Hidetaka *sensei*. Conta-se que ele começou sua aprendizagem no *Karate-Dō* com Funakoshi Gichin *sensei*, em 1943 (DURAND, 2008; NISHIYAMA, 1990). Nishiyama *sensei* foi um dos fundadores da JKA, onde estavam também os mestres Masatoshi Nakayama, Tetsuhiko Asai, Keinosuke Enoda, Mikio Yahara, Hirokazu Kanazawa, entre outros. Nishiyama chegou aos Estados Unidos em 1961 e criou o *All American Karate Federation* (AAKF).

Em março de 1966 a revista *Black Belt* publicou nota do primeiro *meeting* entre Japão e EUA em 1965, em Los Angeles, organizado por Nishiyama Hidetaka (DURAND, 2008). O evento ocorreu após o Campeonato Nacional da *All American Karate Federation* (AAKF). O Japão foi representado pelo *All Japan Collegiate Karate Team*. Os membros da equipe norte-americana foram Frank Smith, Harry Kresse, Takashi Aoki, Dalke, Jack Webb e o treinador foi Gene Takahashi. Frank Smith perdeu para Yoshitomo Nagasawa. O único vencedor americano foi Dalke, batendo Masaru Tokai. Os japoneses saem vencedores, por 4 a 1.

Durand (2008) relata ainda que de acordo com a edição de janeiro de 1968 da revista *Black Belt*, a equipe dos EUA (*All American Karate Federation*) bateu a equipe da *All Japan Collegiate Karate Federation* em Tóquio, por 3 a 2. Frank Smith lutou com Kurozumi Tadahiro e Paul White lutou com Okuno Takenobu.

A revista alemã *German Judo* (informativo da federação alemã) em seu 11º número (1968) relata que de 19 de outubro a 14 de novembro de 1968 quatro torneios mundiais de *Karate-Dō* são realizadas nos EUA (Los Angeles, San Francisco, San Diego) e Cidade do México. Cinco regiões geográficas são representadas: Europa (Itália, Alemanha e Inglaterra), Japão, México, América do Sul (Argentina e Uruguai) e os EUA. Nishiyama Hidetaka *sensei*

organiza estes torneios que foram abertos a todos os estilos. É, portanto, um primeiro passo para o Campeonato Mundial. Na competição realizada em 19 de outubro de 1968 em Los Angeles, os japoneses eram sete lutadores (na equipe) e os europeus apenas seis. A equipe americana, composto por atletas da AAKF, contava com Frank Smith, John Gehisen, Ray Dalke e James Yabe. A equipe da Califórnia do Sul bateu a equipe da Europa (formada pelos italianos Falson, Ottagio e Paris, pelo inglês Sherry, e pelo alemão Popp) por 3 a 2. O Japão venceu a Califórnia do Sul por 3 a 2 (DURAND, 2008). Após a disputa por equipes ocorreu um torneio individual. Frank Smith perde a segunda partida contra Miara Katsuyuki. James Yabe perde contra Yanagida. Quatro japoneses vão à semifinal e Tabata vence Oishi nas finais.

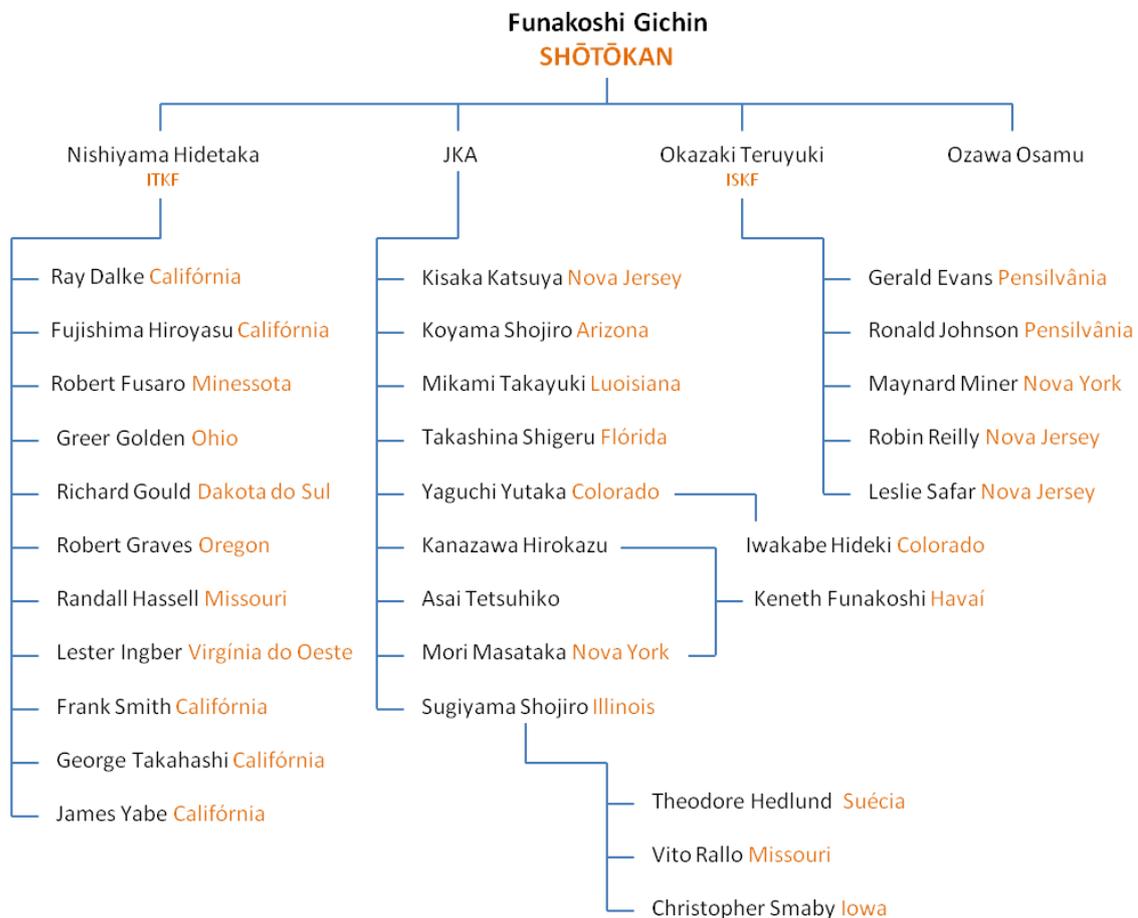


Figura 34 – Árvore genealógica da primeira geração de instrutores JKA dos EUA. Entre eles, vários compuseram as equipes estadunidenses nos primeiros campeonatos mundiais documentados.

Fonte: adaptado e “The Genealogy of Modern Karate” de Randall Hassell, disponível em: www.karateathlete.com/.

O torneio realizado em San Francisco levou o nome de: *Goodwill match and Fourth All America Karate Federation Championships*. Nas categorias individuais, Frank Smith

derrota Miyake nas semifinais e Sasano nas finais, pelo título da AAKF. Na competição por equipes a Europa bate Califórnia do Norte por 3-2 e Japão vence Califórnia do Norte por 5-0.

A competição realizada em San Diego no dia 25 de outubro de 1968 traz outras surpresas, a Europa supera a equipe do *United States Collegiate All Team* por 3-2. A equipe da *All Japan* vence a da *United States Collegiate Team* por 3,5 a 1,5.

O torneio realizado no México, no dia 4 de novembro de 1968 leva o nome de *19th Olympic Commemoration Invitational World Karate Championship Tournament*. Os lutadores que iriam disputar essa competição foram selecionados durante os torneios nacionais e formaram cinco equipes, sendo os resultados das regiões os seguintes: Japão (invicto) em primeiro, EUA em segundo, Europa em terceiro, México em quarto e América do Sul em quinto. Um congresso foi realizado ao mesmo tempo no México. Ali, a criação de uma federação mundial e do primeiro Campeonato Mundial, de fato, foram mencionados.

Ao chegarmos nesta parte da história, somos obrigados a falar de Sasakawa Ryoichi. Vamos evitar o sensacionalismo, mas existem artigos detalhados, como os disponíveis nos endereços: <http://www.voltairenet.org/article13907.html> e http://en.wikipedia.org/wiki/Ryoichi_Sasakawa, que mencionam que Sasakawa foi membro de várias sociedades secretas japonesas no período pré-guerras, também responsáveis pelos territórios ocupados pelo Japão no período neocolonial. Ele foi preso em 1945, como criminoso de guerra, antes de ser solto em 1948. Membro da *yakuza*¹⁰⁰, ele se colocou a serviço dos norte-americanos e anticomunistas, através das suas atividades econômicas. Assim, tornou-se imensamente rico. Sasakawa fez filantropia e patrocinou atividades esportivas. Tornou-se presidente da FAJKO e da WUKO, voltando suas possibilidades financeiras para o desenvolvimento dessas instituições. Há, curiosamente, um busto de Sasakawa na sede da OMS (Organização Mundial da Saúde) em Genebra.

Em 1970, Jacques Delcourt (França) cria a *International Karate Union* (IKU). Ele queria organizar o primeiro Campeonato Mundial em Paris, nesse mesmo ano. Várias discussões foram realizadas com Sasakawa Ryoichi. A FAJKO entrou em um acordo com a Federação Europeia (EKU), reconhecendo-a como um órgão para a Europa e ao Japão deixando a tarefa de organizar o primeiro torneio mundial. A competição já fora anunciada tendo como sede Paris, em 1972, na segunda edição (DURAND, 2008). Detalhes sobre o Campeonato foram apresentados a partir da edição de março de 1971, da revista *Black Belt* e o número 11 de

¹⁰⁰ Máfia japonesa.

1970 do informativo da Federação Alemã de *Jūdō*. Um tormentoso congresso foi realizado antes do torneio. A WUKO, *World Union of Karate-do Organizations*, não foi criada a tempo.

A organização para o campeonato foi feita só nos últimos meses. Todos os principais estilos de *Karate-Dō* são convidados. Segundo Durand (2008), os mestres japoneses instalados nos vários países, selecionaram os lutadores para o campeonato. O primeiro Campeonato Mundial de Karate foi realizado em 10 de outubro de 1970. Algumas curiosidades desse campeonato são relevantes de serem apontadas: Havia quarenta árbitros japoneses e apenas dois árbitros de outros países. O Japão teve 5 equipes, os EUA 4 e os outros países uma. Entre os atletas selecionados dos EUA, foram incluídos Ron Marchini e Mitchell Bobrow, bem conhecido em vários torneios norte-americanos. Nesse contexto, dificuldades existiram durante a seleção dos lutadores, para que fossem escolhidos entre os praticantes de estilos tradicionais japoneses típicos ou estilos mais americanizados. Os americanos tiveram de pagar entre US\$1.000,00 e US\$1.500,00, para ir à Tóquio. As equipes estavam compostas por cinco lutadores: A equipe B dos EUA liderada por Tulleners Tonny enfrentou a Coreia, Hong Kong, França, e as equipes B e E dos Estados Unidos, além do Japão. Apenas estas duas equipes venceram a equipa B dos EUA. Tulleners e Takada do Japão permanecer invictos durante todo torneio por equipes. Contra o Japão a Equipe E, na semifinal, Bob Shapoff perde sua disputa contra Oishi e James Yabe empata com Yazawa. John Gehlson empata com Tanaka e Tulleners Tonny vence Nakamura por Ippon. Na última luta, Georges Sasano perde para Ida. Os resultados foram: em primeiro lugar Japão E, em segundo o Japão C, em terceiro o Japão B e em quarto, os Estados Unidos B.

Durand (2008) lembra-nos que às vezes é mencionado que a equipe francesa ganhou a medalha de bronze, em 1970, em Tóquio. Revistas americanas da época, como a *Black Belt* de fevereiro e de março de 1971, sugerem que a equipe que terminou em quarto lugar foi a equipe B dos EUA, depois de ter superado a França. As primeiras três colocadas foram equipes japonesas. Para evitar polêmica, Durand (2008) se apoia na página do jornal n.º 11 de 1970, e no informativo da Federação Alemã de Judô, mostrando os encontros entre as equipes e mencionando a eliminação da França nas quartas de final:

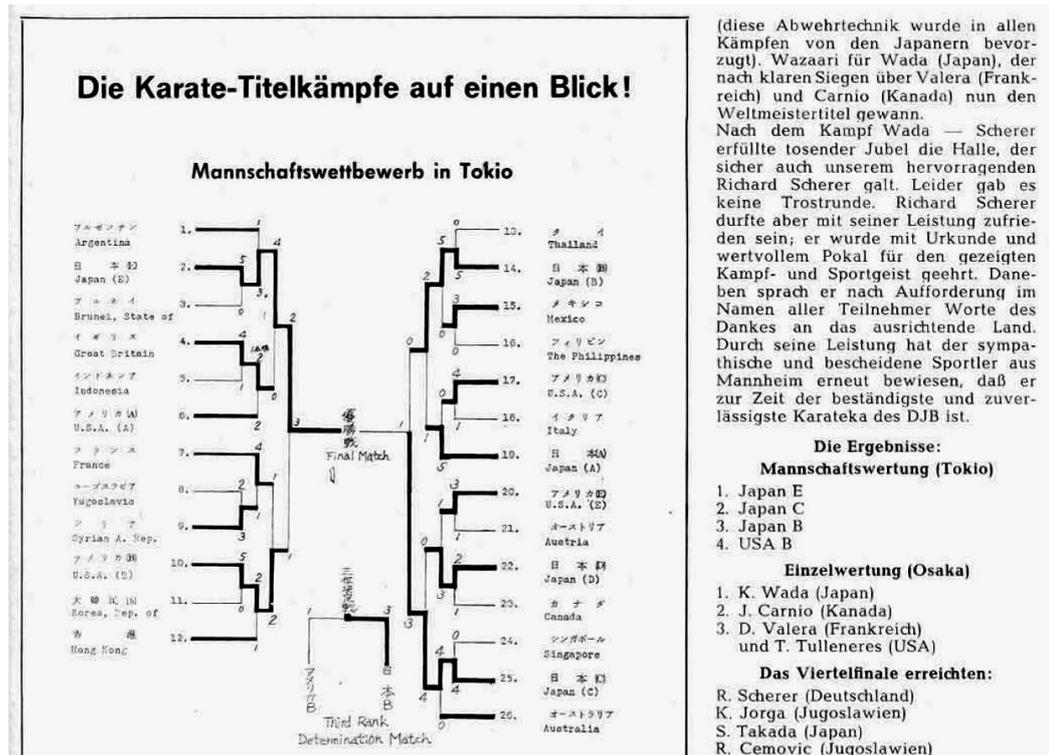


Figura 35 -- Página do informativo da Federação alemã de Judô de 1970.
 Fonte: http://www.chronik-karate.de/material/1970_11_DJB-Magazin.pdf

Em Osaka, três dias após o campeonato de equipes, o "Torneio da Amizade", organizado primeiramente como um torneio não oficial, torna-se conhecido posteriormente como o primeiro Campeonato Mundial individual. Vale lembrar que a revista *Black Belt* já havia lançado o assunto (DURAND, 2008). Nesse torneio individual apenas dois lutadores por nação estavam inscritos, para um total de 48 lutadores. De acordo com as regras, um *Waza-ari* não dava automaticamente a vitória, mas podia decidir no final do combate. A duração da luta era limitada a 2 minutos, com mais 2 minutos de *sai shiai* (prorrogação), após o tempo normal, se necessário. Os resultados: pela França, Dominique Valera e Gilbert Gruss estão presentes, como o alemão Richard Scherer e os belgas Geert Lemmens. Pelos EUA, Tonny Tulleners e Ernie Brennecke representaram este país. Tulleners estava qualificado para este Campeonato, no lugar de Marchini e Borbrow, dadas as suas vitórias, sem derrotas, durante quatro disputas de equipes do torneio realizado anteriormente, em Tóquio. Tulleners tinha 24 anos e ensinava *Karate-Dō*. Ele também era policial civil. Brennecke, qualificado no individual, não participou do torneio por equipes. Aparentemente nenhum representante do *Tae Kwon Do* (da Coreia) e do *Karate* de Okinawa estavam presentes. Nas Quartas de final Tulleners (EUA) derrotou Takada (Japão). Cemovic fora

desclassificado contra Carno (Canadá). Valera bate Jorga (Iugoslávia). Scherer (Alemanha Ocidental) perde para Wada (Japão). Nas semifinais Cárnio vence Tulleners e Valera perde para Wada. Nas finais Wada derrota Cárnio. Durand (2008) Menciona ainda a presença de uma mulher na equipe das Filipinas. Ela obteve um empate durante uma luta.

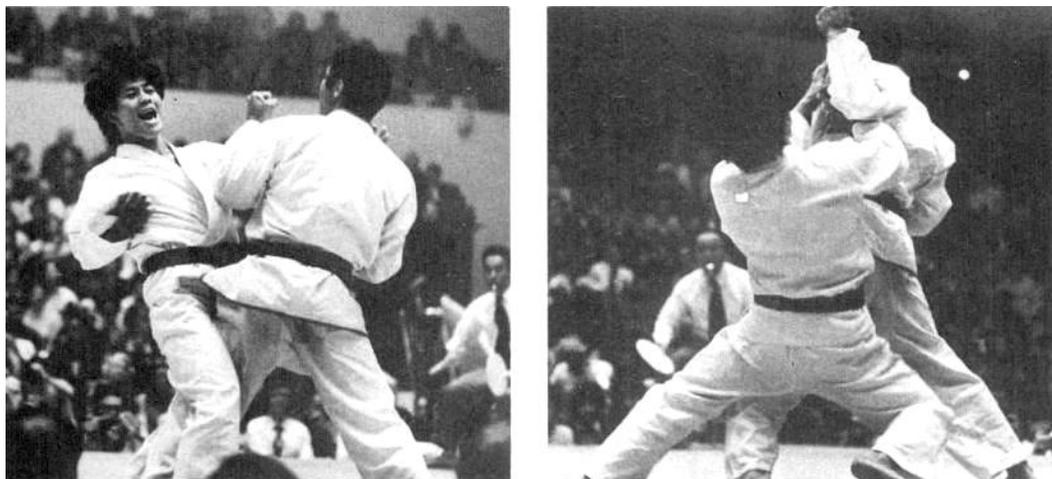
A segunda competição deste porte foi o segundo Campeonato Mundial, em abril de 1972, realizado em Paris. Para reconstruí-lo, Durand apresenta as informações presentes em um artigo publicado na edição de junho de 1972, da revista *Black Belt*. Nessa competição, mestres japoneses são mais uma vez responsáveis pela seleção dos lutadores americanos, chefiados por Nishiyama *sensei*. O mesmo sistema acontecia na maioria dos países. Há, nesse momento, desacordos entre as diferentes federações americanas. A seleção americana, como relata o artigo da *Black Belt*, foi escolhida em um torneio de qualificação realizado em cinco de março de 1972, em Los Angeles, e organizado pela AAKF. Várias federações americanas se recusam a participar ou não foram convidadas. Principalmente os atletas do *karate tradicional* (linha de Nishiyama) foram selecionados. Os vencedores do torneio qualificatório foram James Yabe, James Campo Júnior, Tonny Tulleners, Jerry Morrone, George Byrd, Frank Smith, Dave Vaughan e John Gehlsen. Ron Marchini foi eliminado durante as finais. Vale ressaltar que John Natividad, praticante de *Tang Soo Do*¹⁰¹, um estudante de Chuck Norris, foi desclassificado por bater com muito contato (o que nos esclarece que realmente, neste período, nos EUA, todas as lutas orientais eram tidas como *Karate*).

Em agosto de 1972, em uma edição oficial do informativo *Karate*, Jacques Delacourt, o presidente da Federação Europeia de Karate, diz que teve problemas para organizar a seleção norte-americana. Ele pergunta ao Sr. Uyehara, gerente da revista *Black Belt*, para entrar em contato, entre outros, com Ed Parker, Jhoon Rhee e Robert Trias, para organizar uma seleção de todos os estilos. Essa empreitada foi sem sucesso. Jacques Delacourt foi contatado por Nishiyama Hidetaka, que seria o responsável pela seleção, através da AAU. Jacques Delacourt lembrou que os lutadores profissionais não seriam aceitos e que haveria poucos norte-americanos entre os selecionados. O Campeonato ocorreu então em Paris, no Stade de Coubertin, em 21 e 22 de abril de 1972. O preço do ingresso foi de US\$6,00 a

¹⁰¹ (당수도) Também denominado *Tangsudo*; traduzido como “Caminho das mãos da China” (dinastia Tang). É uma arte marcial de origem coreana, também conhecida como “karate coreano”, que tem como exercícios formais os mesmos Kata do estilo *Shōtōkan* com pequenas modificações.

US\$20,00. Cada membro da equipe americana recebeu US\$22,00 por dia, para as suas despesas. Em 19 de abril, uma seleção de árbitros foi feita, após uma clínica. Em 20 de abril, um congresso foi organizado e em 23 de abril, aconteceu uma visita em Versailles para os lutadores.

No início da competição, a equipe da Inglaterra elimina o Japão. A equipe francesa elimina a Inglesa, antes de bater os EUA. Nas finais, a França disputa com a Itália. François Petitdemange vence seu adversário, assim como Alain Setrouk. O italiano Guy Falsione vence Guy Sauvin. Dominique Valera recebe um empate. Gilbert Gruss vence Schiappacasse. E assim, a França ganha a medalha de ouro. O resultado final foi: em primeiro lugar a França (Gilbert Gruss, François Petitdemange, Guy Sauvin, Alain Setrouk e Dominique Valera), em segundo a Itália (Parisi, Schiappacasse, Munda, Fassione, Falsoni), em terceiro o Reino Unido e em quarto Singapura. Na disputa individual há alguns detalhes que Durand (2008) diz não estarem claros. Segundo algumas versões, americanos, canadenses e japoneses teriam se retirado, dados os problemas com os árbitros, durante o torneio de equipes. O resultado da disputa individual foi: em primeiro Luiz Tasuke Watanabe (Brasil), em segundo William Higgins (Reino Unido), em terceiro Guy Sauvin (França) e em quarto Schupter (Iugoslávia). Durand (2008) relata que Luiz Tasuke Watanabe nasceu em 1947 no Japão e se estabeleceu ainda criança no Brasil. Durante o torneio, ele bateu Luciano Parisi (Itália), Bam Bang (Indonésia), Istvan Sipter (Iugoslávia), Ticky Donovan (Reino Unido), Ken Wittstock (África do Sul), Huber Louis Meyer (Holanda), Guy Sauvin (França) e William Higgins (Grã-Bretanha).



ASURPRISED KARATE WORLD watched Luis Tasuke Watanabe (left in both photos), an unknown Japanese immigrant from Brazil, walk off with the title at the 1972 World Karate Championships in Paris. But the eight men who fought him were probably a little less surprised at the results. Here, William Higgins of Britain takes his lumps from the diminutive champ.

Figura 36 – Fotos das lutas de Watanabe apresentadas no estudo de Durand (Revista Black Belt, 1972).
Fonte: karate-in-english-lewis-wallace.blogspot.com.br/2008/06/first-wuko-and-iakf-world-championships.html

William Higgins seria ainda medalhista de ouro por equipes em Los Angeles, em 1975, e também lutaria na AIKF. Ele era praticante do estilo *Wadō-ryū*. Guy Sauvin, na época com 28 anos, foi no mesmo ano campeão Francês e Europeu. A partir daí, ele vai permanecer por muitos anos como Diretor Técnico Nacional do *Karate-Dō* francês.

Vale a pena observarmos que, a partir daqui, os conflitos entre as duas maiores organizações do *Karate-Dō* mundial começam a se acirrar. Será importante para a compreensão da história do *Karate-Dō* no mundo entendermos esta dinâmica histórica, portanto seguiremos ainda recuperando algumas informações destes episódios.

Em outubro de 1975 seria ainda realizado em Long-Beach o 3rd World Championship, que foi relatado na edição de fevereiro de 1976 da revista *Karate Illustrated* e do número 1/1976 do *jornal da Federação Alemã de Karate* (DURAND, 2008). Inicialmente este campeonato foi marcado para 1974, mas as dificuldades entre as federações o adiaram por um ano. Para as seleções estadunidenses, um torneio preliminar reuniu 26 lutadores em Long-Beach. Muitos entre eles pagaram os próprios custos. Huey Daniels, Kenneth Ferguson e outros foram selecionados para o mundial. Antes do Campeonato Mundial foi realizado o congresso WUKO, em Queen Mary, no porto de Los Angeles. O francês Jacques Delcourt era o presidente. Algumas equipes de *Karate-Dō* também estavam alojadas no Queen Mary. O papel de patrocinador do Presidente Sasakawa Ryoichi é mencionado em muitas ocasiões, com riscos de interferência nas decisões, pois Sasakawa traz a sua ajuda financeira para a WUKO. O papel da federação japonesa (FAJKO), dentro da WUKO, é então percebido (as duas entidades estão compartilhando o mesmo prédio).

Uma clínica de arbitragem é realizada antes das competições. A primeira sessão foi realizada em Tóquio, dois meses antes. O manual das regras compreende 36 páginas. Os árbitros têm de passar por uma prova escrita e um teste prático. Então, 46 árbitros recebem a certificação. As lutas ocorrem no Memorial Sports Arena, em Los Angeles. Segundo os organizadores, durante os dois dias, 6.000 pessoas visitaram o torneio, que tinha 14.000 lugares disponíveis. Outras fontes citam apenas algumas centenas de espectadores (DURAND, 2008). No torneio estiveram presentes 30 equipes, uma de cada país, e os resultados foram os seguintes: Grã-Bretanha (Brian Fitkin, Eugene Codrington, William Higgins, Adams e Bennett) campeã, Japão (J. Hamaguchi, Murakami Kazusada, Ono Yoshikazu, Tsuchi, Yonimitsu) em segundo lugar e Países Baixos em terceiro. Na competição, a Grã-Bretanha venceu a África do Sul, Filipinas e Bélgica, e o Japão, em seguida, na final, por

2 a 1. O Japão, por sua vez, venceu a Nova Zelândia, Suíça, Cingapura e Holanda. A França (titular) é batida na primeira rodada pela Austrália; a Alemanha pelas Filipinas e os EUA pela Bélgica.

A categoria individual fora realizada no segundo dia, com 130 lutadores de 34 países competindo pelo título, em que quatro combatentes estavam autorizados por nação. Após as lesões que ocorreram durante o torneio de equipes, ocorrem os seguintes resultados: em primeiro lugar temos Kazusada Murakami, do Japão; Juni Chiro Hamaguchi, do Japão em segundo; Pedro Antonio Rivera, da República Dominicana, em terceiro; e Roger Paschy, da França, em quarto. Na semifinal Hamaguchi bateu Rivera e Murakami derrotou Roger Paschy. Rivera vence Paschy e fica com o terceiro lugar¹⁰². Ocorreram ainda demonstrações feitas por Bill Wallace, Al Dacascos, Fumio Demura e Dan Inosanto nesta competição, que estão disponíveis no *YouTube*. Mulheres parecem ter participado deste campeonato em categorias de *Kumite*, mas não há detalhes de seus resultados. O campeonato foi um fracasso financeiro. Ocorreu também uma grande confusão criada por Dominique Valera (francês, atualmente detentor do 9º *Dan*), que completou a série de resultados negativos do evento.

Em 1977 foi realizado o quarto Campeonato Mundial, em Tóquio. Estiveram presentes cerca de 400 atletas de 47 países. Na competição de equipes os vitoriosos foram: Países Baixos (com Fred Royers) em primeiro lugar, a República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) em segundo, França em terceiro e Irã na quarta colocação. Na disputa individual se sagraram os atletas: Otti Roethoff (da Holanda) como campeão, Eugene Codrington (Reino Unido) como vice-campeão, Chen Chien (de Taiwan) em terceiro lugar e Jean-Pierre Carbila (da Espanha) em quarto. Depois desse evento a WUKO incluiu divisões de peso em seu campeonato mundial.

Agora procuremos ver o que Durand (2008) relata sobre o que acontecera neste período com a *International Amateur Karate Federation* (IAKF). Primeiramente, vale lembrar que o terceiro Campeonato Mundial da WUKO estava programado para 1974, também em Long-Beach. Porém, problemas entre as federações criaram um cisma. Nishiyama *sensei*, ex-vice-presidente da WUKO, em seguida, organiza o seu próprio Campeonato Mundial, com

¹⁰² Há vídeos das lutas disponíveis no *YouTube*, no endereço: <http://fr.youtube.com/watch?v=5ijFbF5SYpl>, <http://fr.youtube.com/watch?v=pDnfc4aKv1M> e <http://fr.youtube.com/watch?v=PpJOKj8dzA4>.

representantes da JKA. Funda então a IAKF, com foco no “Karate Tradicional”. Depois disso, tanto a WUKO quanto a IAKF competiriam pelo reconhecimento do Comitê Olímpico Internacional.

Em 1975 acontece então o I Campeonato Mundial IAKF (em Los Angeles). A data e o local para este primeiro campeonato são muito semelhantes aos da WUKO, porque tem lugar em Los Angeles, no final de agosto de 1975 (a competição da WUKO aconteceria em outubro de 1975, também em Los Angeles). A competição de equipes teve 22 participantes. Os resultados da competição foram: 1º lugar para o Japão, 2º lugar para a Alemanha (RFA), terceiro lugar para as equipes da Itália e do Canadá. Na competição individual (que teve dois lutadores por nação), as quartas de finais tiveram as seguintes disputas: Oishi venceu O’Grady, Hedlund (Suécia) venceu Willrodt (Alemanha), Higgins (Grã-Bretanha) derrotou Evans (EUA) e Tanaka (Japão) venceu Michelis (Itália). Nas semifinais, Oishi derrotou Hedlund e Tanaka venceu Higgins. Nas finais Tanaka vence Oishi, sagrando-se campeão. Higgins supera Hedlund, ficando com o terceiro lugar. Vale lembrar que curiosamente Higgins participou do campeonato mundial da WUKO e do mundial da IAKF no ano de 1975.



Figura 37 – Tanaka (à esquerda) contra Wichmann (Alemanha) - finais do torneio de equipes de 1977
Fonte: Durand, 2008

Em 1977 foi então realizado o II Campeonato Mundial, em Tóquio, nos dias 2 e 03 de julho. Desta vez, também, a IAKF escolheu o mesmo ano e a mesma cidade que receberiam o evento internacional da WUKO. Na competição de equipes, os resultados foram: 1º lugar para o Japão, 2º para a Alemanha, 3º para a Grã-Bretanha e 4º para Iugoslávia. Na competição individual, os atletas medalhistas foram: Tanaka Masahiko (Japão) em primeiro

lugar, De Michelis (Itália) em segundo, Willrodt (Alemanha) em terceiro e em quarto Spoljaril (Austrália).

Com isso, Tanaka Masahiko¹⁰³, levou a medalha de ouro no individual nos dois primeiros Campeonatos Mundiais da IAKF, e em seguida, no terceiro também levou a medalha de ouro por equipes, no evento realizado em Bremen (Alemanha) em 1980.

Os problemas entre a WUKO e IAKF são muito antigos e começaram no Japão. Estas duas federações vão mudar seus nomes mais tarde, tornando-se a WKF e ITKF, respectivamente. O *Karate-Dō* tem vivido o que o *Karate Americano* (que deu origem aos torneios de 'Xtreme Martial Arts'), o *Tae Kwon Do*, o *Full-Contact* e até mesmo o Boxe, também não conseguiram impedir: a criação de várias federações rivais. Desta forma, tem sido muito difícil para o público reconhecer o esporte. E finalmente, o *Karate-Dō* experimentou uma tendência semelhante à do *Jūdō* (difundido globalmente bem antes do *Karate-Dō*). O *Jūdō* também criou o seu Campeonato Mundial, duas vezes em Tóquio (1956 e 1958), e depois em Paris (1960). Os períodos de tempo, entre a difusão de *Jūdō* e do *Karate-Dō* e da criação de seus respectivos Campeonatos Mundiais, são muito semelhantes.

No Brasil, essas cismas internacionais parecem ter influenciado um clima de revanchismo entre os estilos, que muitas vezes acabava em confusões sérias após alguma luta em competições em que atletas de estilos diferentes se agrediam fisicamente de forma muito pesada, para além do que seria permitido numa luta onde se respeitasse o “*Sundome*”. Sobre um desses casos é relatado na Revista Veja:



Figura 38 – Páginas 88 e 90 da edição 454 da Revista Veja, publicada em 18 maio 1977, com a reportagem “Estilos em Luta”.

Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

¹⁰³ Tanaka Masahiko foi o único instrutor a não se formar no *Kenshusei* (curso oficial de instrutores da JKA) e mesmo assim figura até hoje entre os principais referenciais técnicos dessa organização. Suas impressionantes performances renderam o apelido de “O Samurai”.

KARATÊ

Estilos em luta

Lançando o comprido e esganiçado *kyai*, grito de guerra oriental, o imberbe Fausto Moreira, um colegial de 18 anos, atirou contra seu adversário o que garante ter sido um perfeito *guiaku zuki jodan*, um soco direto na direção do rosto. Mas, em vez de parar a milímetros do alvo, como mandam os regulamentos das competições, o golpe acertou a boca do adversário, Antônio Gomes, um professor de Educação Física, de 28 anos, vastos bigodes e grossos calos nas juntas dos dedos produzidos por anos de treino contra tábuas e parede. Na seqüência da luta, o desastrado colegial repetiu a proeza, estourando um dente e a paciência do adversário. Mais que isso, provocou uma rara e não-programada cena de violência no Campeonato Paulista de **Karatê**, disputado dia 1.º, no ginásio do Pacaembu.

Com seis anos de prática e quarto Dan (um dos graus da faixa preta, a mais alta), Gomes esqueceu as regras e partiu sobre Moreira, um simples faixa marrom ainda em nível de aprendiz. Em poucos segundos, Moreira estava no chão, quase desmaiado. Então começou uma briga de verdade, envolvendo no quadrado, o local oficial das lutas, a Wado Kan, equipe de Moreira, e a Butoku Kai, equipe de Gomes. Durante 10 minutos a platéia de 5 000 pessoas, que

continua na página 90



Moreira: um golpe desastrado...



... que provocou a ira de Gomes

VEJA, 18 DE MAIO, 1977

Figura 39 – Detalhe da página 88 da edição 454 da Revista Veja, publicada em 18 maio 1977, com a reportagem “Estilos em Luta”.

Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

continuação da página 88

proporcionou uma renda inédita de 25 000 cruzeiros, foi brindada por uma hululante sessão de golpes de exóticos nomes técnicos, como *oi zuki* (com a mão) ou *mae gueri* (com o pé) e outros simplesmente conhecidos como bofetões e caneladas.

Nem no Japão — Depois que a torcida apartou o espetacular entrevero, o Campeonato prosseguiu e a vitória final, pela sexta vez consecutiva, ficou com a Butoku Kai. No fim da semana passada, enquanto Gomes aguardava seu julgamento, pelo tribunal da Federação Paulista de Karatê nesta terça-feira, uma onda de protestos revelava antigas rivalidades entre os adeptos dos cinco estilos praticados pelas academias filiadas à Federação. A acusação generalizada é a de que a maioria dos dirigentes da Federação e dos juízes pertence ao Nihion Karatê Kyokai, estilo praticado pelas academias Butoku Kai. “Por isso, eles dão sempre maior atenção aos golpes aplicados por seus praticantes”, afirma um karateca do Wado Kai, estilo que há três anos tem ficado em segundo lugar no Campeonato.

O presidente em exercício da FPK, Renato d'Andrea, de 45 anos, delegado de polícia há 24, ex-faixa vermelha de karatê, admite que haja uma superioridade numérica da Nihion Karatê Kyokai na Federação. Mas explica: “Isso acontece porque, quando criamos a FPK há um ano e meio, a Confederação Brasileira de Desportos estabeleceu que fosse formada por quem vinha participando das competições oficiais. E a Butoku Kai era a única a fazê-lo. Essas vitórias são, portanto, resultado de maior experiência em competições”.

Em todo caso, ele garante que em pouco tempo tais disputas estarão superadas. “Nós conseguimos o que nem no Japão foi feito: unir cinco estilos sob a mesma organização.” Para isso, os dirigentes criaram regulamentos e métodos próprios que tornaram homogêneos os critérios de concessão de faixas e graus. “Fizemos testes severos e, em alguns casos, chegamos até a rebaixar atletas que haviam recebido seus graus diretamente das matrizes, no Japão.”

Figura 40 – Detalhe da página 90 da edição 454 da Revista Veja, publicada em 18 maio 1977, com a reportagem “Estilos em Luta”.

Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

A reportagem apresenta uma situação comum no período: o descontentamento dos grupos minoritários, formados pelos praticantes de outros estilos, em relação aos *karate-ka* do estilo *Shōtōkan*, que por ser maioria acabavam demarcando as tendências de avaliação das técnicas na competição (pois a técnica valorizada era a técnica que mais se assemelhasse ao padrão do estilo *Shōtōkan*, sendo que nos outros havia algumas diferenças sutis, e isso decidia a marcação ou não dos pontos, por ser considerado ou não “a forma correta de golpear”). Vale lembrar que a “*Nihon Karate Kyōkai*” (NKK) citada na reportagem se trata da *Japan Karate Association* (JKA), pois *Nihon Karate Kyōkai*¹⁰⁴ é simplesmente a romanização dos ideogramas do nome da associação que hoje chamamos de *Japan karate Association*.

Algo muito semelhante pode ter acontecido no Rio Grande do Sul, pois como mostra a lista abaixo, produzida pelas duas maiores lideranças do *Karate-Dō* gaúcho na década de 1980, *sensei* Flaubert da Silveira (diretor técnico do Departamento Especial de Karate da Federação Rio-Grandense de Pugilismo, professor do estilo *Shōtōkan*) e *sensei* Néilson D’Ávila Guimarães (diretor de arbitragem do mesmo departamento, professor do estilo *Wadō-ryū*), há uma maior concentração de professores do estilo *Shōtōkan*.

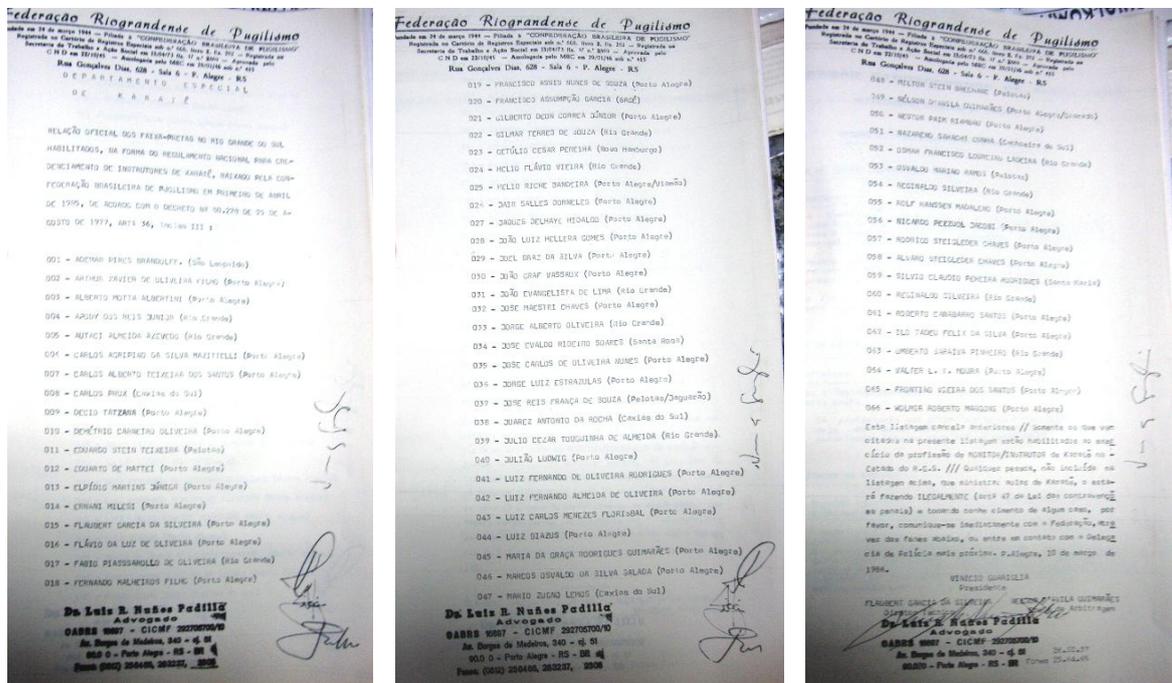


Figura 41 – Lista dos faixas-pretas de *Karate-Dō* do RS produzida pelo Departamento Especial de Karate da Federação Rio-Grandense de Pugilismo.
 Fonte: acervo pessoal de Fernando Antônio Freitas Malheiros Filho.

¹⁰⁴ (日本空手協会) *Nihon Karate Kyōkai/ Japan Karate Association*. Mais informações sobre a associação em: <www.jka.or.jp/>

Quadro 2 – Faixas-pretas em *Karate-Dō* reconhecidos pela Federação Rio-Grandense de Pugilismo em 1986.

#	Nome	Cidade	Estilo
01	Ademar Pires Brandolff	São Leopoldo	<i>Shōtōkan</i>
02	Arthur Xavier de Oliveira Filho	Porto Alegre	<i>Gōjū-ryū</i>
03	Alberto Motta Albertini	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
04	Apody dos Reis Júnior	Rio Grande	<i>Shōtōkan</i>
05	Autaci Almeida Azevedo	Rio Grande	<i>Shōtōkan</i>
06	Carlos Agripino da Silva Mazitelli	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
07	Carlos Alberto Teixeira dos Santos	Porto Alegre	<i>Kyokushinkai</i>
08	Carlos Prux	Caxias do Sul	<i>Wadō-ryū</i>
09	Décio tatizana	Porto Alegre	<i>Wadō-ryū</i>
10	Demétrio Carneiro Oliveira	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
11	Eduardo Stein Teixeira	Pelotas	<i>Wadō-ryū</i>
12	Eduardo De Mattei	Porto Alegre	<i>Wadō-ryū</i>
13	Elpídio Martins Junior	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
14	Ernani Milesi	Porto Alegre	<i>Wadō-ryū</i>
15	Flaubet Garcia da Silveira	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
16	Flávio da Luz de Oliveira	Porto Alegre	???
17	Fabio Piassarollo de Oliveira	Rio Grande	<i>Shōtōkan</i>
18	Fernando Malheiros Filho	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
19	Francisco Assis Nunes de Souza	Porto Alegre	<i>Gōjū-ryū</i>
20	Francisco Assumpção Garcia	Bagé	<i>Shōtōkan</i>
21	Gilberto Deon Correa Junior	Porto Alegre	<i>Wadō-ryū</i>
22	Gilmar Terres de Souza	Rio Grande	<i>Shōtōkan</i>
23	Getúlio Cesar Pereira	Novo Hamburgo	<i>Shōtōkan</i>
24	Hélio Flávio Vieira	Rio Grande	<i>Shōtōkan</i>
25	Hélio Riche Bandeira	Porto Alegre/Viamão	<i>Gōjū-ryū</i>
26	Jair Salles Dorneles	Porto Alegre	???
27	Jaques Delhaye Hidalgo	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
28	João Luiz Hellera Gomes	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
29	Joel Braz da Silva	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
30	João Graff Vassaux	Porto Alegre	<i>Shōtōkan/ Wadō-ryū</i>
31	João Evangelista de Lima	Rio Grande	<i>Shōtōkan</i>
32	José Maestri Chaves	Porto Alegre	<i>Wadō-ryū</i>
33	Jorge Alberto de Oliveira	Rio Grande	<i>Shōtōkan</i>
34	José Evaldo Ribeiro Soares	Santa Rosa	<i>Shōtōkan</i>
35	José Carlos de Oliveira Nunes	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
36	Jorge Luiz Estrazulas	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
37	Jose Reis França de Souza	Pelotas/Jaguarão	<i>Wadō-ryū</i>
38	Juarez Antonio da Rocha	Caxias do Sul	<i>Wadō-ryū</i>
39	Julio Cezar Touguinha de Almeida	Rio Grande	<i>Shōtōkan</i>
40	Julião Ludwig	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
41	Luiz Fernando de Oliveira Rodrigues	Porto Alegre	<i>Wadō-ryū</i>
42	Luiz Fernando Almeida de Oliveira	Porto Alegre	<i>Wadō-ryū</i>
43	Luiz Carlos Menezes Florisbal	Porto Alegre	???
44	Luiz Biasuz	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
45	Maria da Graça Rodrigues Guimarães	Porto Alegre	<i>Wadō-ryū</i>
46	Marcos Osvaldo da Silva Salada	Porto Alegre	<i>Wadō-ryū</i>
47	Mario Zugno Lemos	Caxias do Sul	<i>Wadō-ryū</i>
48	Milton Stein Brechane	Pelotas	<i>Wadō-ryū</i>
49	Nelson D'Avila Guimarães	Porto Alegre/Gramado	<i>Wadō-ryū</i>
50	Nestor Paim Riambau	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
51	Nazareno Sarachi Cunha	Cachoeira do Sul	<i>Shōtōkan</i>
52	Osmar Francisco Loureiro Ladeira	Rio Grande	<i>Shōtōkan</i>
53	Osvaldo Marino Ramos	Pelotas	<i>Shōtōkan</i>

54	Reginaldo Silveira	Rio Grande	<i>Shōtōkan</i>
55	Rolf Hanssen Madaleno	Porto Alegre	<i>Wadō-ryū</i>
56	Ricardo Pezzuol Jacobi	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
57	Rodrigo Steigleder Chaves	Porto Alegre	<i>Wadō-ryū</i>
58	Alvaro Steigleder Chaves	Porto Alegre	<i>Wadō-ryū</i>
59	Silvio Claudio Pereira Rodrigues	Santa Maria	<i>Shōtōkan</i>
60	Reginaldo Silveira	Rio Grande	<i>Shōtōkan</i>
61	Roberto Canabarro Santos	Porto Alegre	<i>Shōtōkan</i>
62	Ilo Tadeu Felix da Silva	Porto Alegre	<i>Gōjū-ryū</i>
63	Umberto Saraiva Pinheiro	Rio Grande	<i>Shōtōkan</i>
64	Valter L. T. Moura	Porto Alegre	<i>Kyokushinkai</i>
65	Frontino Vieira dos Santos	Porto Alegre	<i>Kyokushinkai</i>
66	Wolmir Roberto Mangoni	Porto Alegre	<i>Kyokushinkai</i>

Mas precisamos nos perguntar: o que sabemos sobre o desenvolvimento do *Karate-Dō* no estado do RS, da vitória de Luiz Tasuke Watanabe até os anos que marcam a “aurora” da federação que viria a administrar a arte independente da Federação Rio-Grandense de Pugilismo? Cartas e reportagens de jornal enviadas pelo *sensei* Flaubert da Silveira (2005) ao *sensei* Celso Piasieski contam parte dessa história¹⁰⁵.

Piasieski afirma, conforme relatam OLIVEIRA e FROSI (2005) que na década de 1970, chegava ao estado do Rio Grande do Sul, o *sensei* Luiz Tasuke Watanabe¹⁰⁶. Na época, foi designado por Sagara Juichi, na pessoa da Federação Paulista de Karate. Veio, na oportunidade, para atender a um pedido de Obata *sensei*, que ensinava *Jūdō* no Clube Tóquio, cito a Av. Osvaldo Aranha nº138, em Porto Alegre (extinto). Obata Teruo *sensei* queria incluir a prática ao seu estabelecimento. Os treinamentos iniciaram no dia 03 de março do ano de 1970 com os seguintes alunos: Elpídio Martins Júnior, Luiz Biazus e Flaubert Garcia da Silveira. Com o *Karate-Dō* na Tóquio, outras associações se interessaram pela modalidade, entre elas o Clube Rui Barbosa, o *Instituto Porto-Alegrense de Judô*, e como estávamos no auge do militarismo, o 18º Regimento de Infantaria.

Ainda contam-nos Oliveira;Frosi (2005) que em 1970 foi realizado o primeiro Campeonato Oficial de Karate, nas dependências do Círculo Social Israelita. A inédita competição apresentou a vitória final da equipe do Tóquio Esporte Clube, constituída dos *karate-ka* Luiz Biazus, Gilberto Pinos Alves, Flaubert da Silveira, Carlos Alberto Marques e João Marcelo Braggio. O Clube Rui Barbosa ficou com a segunda colocação, contando em seu

¹⁰⁵ Esse material junto do depoimento do professor Celso Piasieski foram as principais fontes utilizadas para a produção do capítulo “Karate no Rio Grande do Sul” do Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul (MAZO;REPPOLD FILHO, 2005).

¹⁰⁶ O entrevistado afirma ainda que Watanabe *sensei* treinou com Sagara Juichi e Okuda Taketo (de São Paulo) e com Tanaka Yasutaka (do Rio de Janeiro).

grupo com Gastão Prujer, Jorge Emílio Schmidt, Taceli Araújo Gomes Filho, Ricardo Gomes da Silveira e José Santos. O Instituto Porto-Alegrense de Judô foi o terceiro colocado, com Luiz Antônio Fonseca, Volnei Branco, Ataliba Azambuja e Rugard Franke. Na mesa diretora do evento estavam presentes, o professor Aluísio de Melo (presidente da Federação Rio-Grandense de Pugilismo), Ricardo Rodrigues Gastón (primeiro presidente da Federação Gaúcha de Judô), Guilherme Moojen, Teruo Obata, Antônio Russo, João Graff Vassaux, Eduardo Salgado Clausen e Derli Guimarães. O quadro de arbitragem foi composto por Luiz Tasuke Watanabe, Mario Moura, Frontino Vieira dos Santos, Áureo Becker e Mitsuyo Doya. O torneio seria realizado no auditório Araújo Viana, mas na última hora aconteceu o convite da Sociedade Israelita para sediar o evento.

Luiz Tasuke Watanabe tinha apenas 18 anos quando veio ensinar no Rio Grande do Sul. Dois anos depois, como vimos anteriormente, sagrou-se o primeiro brasileiro Campeão do Mundo de *Karate-Dō*, no Campeonato Mundial de 1972 em Paris, organizado pela WUKO. Em virtude do título conquistado, abriu sua própria academia, o *Shotokan Karate Clube*, na Rua dos Andradas. Mais tarde mudou-se para a Av. João Pessoa 1048, onde permaneceu até 1980, ano em que deixou o estado (OLIVEIRA;FROSI, 2005). No ano da chegada de Watanabe *sensei*, foi fundado um departamento especial de Karate junto a Federação Rio-Grandense de Pugilismo (FRGP), e Watanabe era, então, o diretor técnico do departamento, tendo como presidente da FRGP o professor e desportista Aloísio Bandeira de Melo.



Figura 42 – Primeiras aulas de *Karate-Dō* na ESEF UFRGS (sala do Centro Natatório).
Fonte: acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF UFRGS.

Nesse período, em que vivíamos a introdução do *Karate-Dō* no RS, o professor Luiz Biazus, aluno de Watanabe *sensei*, foi contratado pela Escola de Educação Física da UFRGS,

através de concurso público, para ministrar uma disciplina com a temática ligada à arte na Universidade. Sobre esse período, relatam Trusz;Nunes (2007):

O caratê estava presente na ESEF antes da reforma curricular de 1987. Era ministrado para os demais cursos da UFRGS como uma das modalidades da disciplina Prática Desportiva, de caráter obrigatório para os estudantes universitários. Com a reforma curricular, o caratê passou a fazer parte do currículo, com turmas em atividade nas disciplinas Fundamentos, Técnicas de Ensino e Treinamento. Atualmente, apesar de contar com seu professor titular, somente a disciplina Fundamentos, com uma turma única, está em atividade.

No mesmo período chegaram ao estado os professores Suzuki Takeo e Taniguchi Akira, trazendo o *Wadō-ryū* e o *Gōjū-ryū*, respectivamente, sendo que Watanabe *sensei* fora o introdutor do estilo *Shōtōkan*. Na década de 1970 o Rio Grande do Sul era uma das maiores forças do *Karate-Dō* do Brasil, em termos competitivos, junto de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Na época da introdução do *Karate-Dō* no estado, está registrado na carta do *sensei* Flaubert da Silveira: “uma grande ajuda foi dada pela coluna sobre lutas do Jornal do Comércio, redigida pelo professor e jornalista Jorge Aveline” (OLIVEIRA;FROSI, 2005).

5.1.2 A introdução do estilo *Gōjū-ryū* no Rio Grande do Sul

Nascido no Japão, Taniguchi Akira chegou ao Brasil após a segunda Guerra Mundial, para trabalhar e ensinar *Karate-Dō* (DUARTE, 2009). Porém antes de iniciar sua trajetória em nosso país, atuou no continente africano, onde ensinou *Karate-Dō* para Richard Salmon e outros entusiastas da arte, sendo Salmon conhecido como fundador da *Budo-ryu Karate* da África do Sul¹⁰⁷. Richard *sensei* teve Taniguchi como seu primeiro professor do estilo *Gōjū-ryū*. Eles se conheceram, durante uma visita de Taniguchi Akira à África e posteriormente a convite do mestre, Richard viajou ao Brasil para participar de alguns meses de treinamento em sua nova sede, a Academia Meibukan, em São Paulo e Curitiba (SALMON, 2010). Portanto, Akira *sensei* já era conhecido internacionalmente quando chegou ao Brasil.

Em dezembro de 1963 alunos Sul-Africanos vieram ao Brasil (mais precisamente para São Paulo) com o intuito de aperfeiçoarem seus conhecimentos com Taniguchi Akira *sensei*.

¹⁰⁷ Graças ao trabalho de pesquisa de Richard Salmon podemos compreender a trajetória de Taniguchi Akira *sensei*, encontrando em sua passagem pelo Rio Grande do Sul um dos episódios de sua jornada. Infelizmente, em termos documentais, há muitas limitações sobre os registros de suas atividades no estado.

O *Karate-Dō* desenvolvia-se intensamente em São Paulo nesta época, principalmente através da iniciativa dos mestres japoneses. A Gazeta Esportiva, importante jornal paulista especializado no esporte, divulgou o crescimento da modalidade, destacando a importância de Akira sensei:

[...] atualmente dois consagrados participantes da modalidade naturais de Durban, África do Sul, aqui se encontram, afim de fazer um curso de aperfeiçoamento de karate Desmond J. Botes, 3º grau presidente da Associação de Karate da África do Sul, e Richard Salmon. Os dois fazem o curso de aperfeiçoamento na academia de Karate Goju-Ryu do Brasil, sob a responsabilidade do famoso professor Akira Taniguchi, o qual segundo as próprias palavras dos sul africanos é um mestre que goza da mais alta conceituação internacional. Acompanhados do professor Akira Taniguchi, estiveram em nossa redação, Desmond J. Botes e Richard Salmon[...]. O objeto que carrega o professor Akira é um legítimo escudo africano de tribos selvagens destinados a guerra, e que foi trazido a ele pelos seus alunos Sul africanos. (AFRICANOS, 1963,p.7)

RTIVA 20 de Dezembro de 1963 7



Africanos aperfeiçoam-se em São Paulo: Karatê

A modalidade esportiva denominada karatê desenvolve-se intensamente em São Paulo, aumentando a cada dia o número de praticantes e melhorando seu grau de aprendizado. Possuímos, hoje, academias com mestres reconhecidos e alunos que, apesar do curto tempo de aprendizado, são verdadeiros "cobras". O conceito do karatê nacional tornou-se tão famoso que já atravessou fronteiras. Prova disso é que, atualmente, dois consagrados praticantes da modalidade, naturais de Durban, África do Sul, aqui se encontram, a fim de fazer um curso de aperfeiçoamento de karatê. São eles Desmond J. Botes, 3º grau, presidente da Associação de Karatê da África do Sul, e Richard Salmon, 1.º grau. Os dois fazem o curso de aperfeiçoamento na Academia de Karatê Goju-Ryu do Brasil (av. Senador Queiroz, 667 - 7.º andar), sob a responsabilidade do famoso prof. Akira Taniguchi, o qual, segundo as próprias palavras dos sul-africanos, é um mestre que goza da mais elevada conceituação internacional. Acompanhados do prof. Akira Taniguchi, estiveram em nossa redação, Desmond J. Botes e Richard Salmon, tendo sido, na oportunidade, trazidos o seguinte objeto: um escudo africano de tribos selvagens destinados à guerra, e que foi trazido a ele de presente, pelos seus alunos sul-africanos.

STICKADAS

EM DOIS JOGOS, quatro jogadores foram expulsos: Teur e Orlando, da Portuguesa, Paulo Gil, do Internacional e Vasco Paulo, do Palmeiras. Incidência alta de violência, e sobre o Tribunal de Justiça Desportiva, para impedir que jogadores mais exaltados mereçam a sanção que seus atos exigem.

BENJAMIM, capitão da equipe da Iuss de Casimé, teve uma atitude desleal, e imprópria de sua qualidade de esportista e da distinção que o cidadão lhe dá para capitanear a sua equipe, quando no final de encontro com o Palmeiras. Se dirigiu para um dos locais de Casimé, procurando desforça pes-

HÓQUEI EM PATINS

Portuguesa ganha

O último criou um "cajô", fora iniciada sua continuação. Suspenso ao Palmeiras, considerado "cajô".

No entanto, era Vitor, par sentou e foi o De imediato, contra era com o goleiro. Acresce a cometa o nome, tuguês de Desportos exarou na summa no livro do livro, para que possa ser apreçado o assunto face ao Regulamento que rege o esporte de hóquei em patins.

谷口明五段は、新編を注ぐ。手道に寄せられる。間地方を往として、は物々しく廣雅園に。期待通り空。り日々高まつてお。

手道の谷口明五段は、新編を注ぐ。手道に寄せられる。間地方を往として、は物々しく廣雅園に。期待通り空。り日々高まつてお。

一月に男

Figura 43- Reportagem sobre a vinda de alunos sul africanos a Academia de Karate Goju-ryu do Brasil.

Fonte: Arquivo pessoal professor Luis Roberto Nuñesos Padilla.

Apesar de ter chegado ao Brasil após a Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento deste Caminho *Dō* no país já permitia, na década de 1960, a realização de competições (pois vale lembrar que nomes como Harada Mitsusuke, Akamine Seiichi e Shinzato Yoshihide já haviam estruturado as principais escolas de *Karate-Dō* do país). Com esse *background* disponível, Taniguchi Akira *sensei*, responsável pela *Meibukan*, na Aliança Cultural Brasil Japão, que localizava-se na Rua São Joaquim, 381, no bairro da liberdade em São Paulo, promove uma competição com o intuito de aproximar esses grupos.

AMANHÃ HA TORNEIO DE KARATÊ NA CULTURAL BRASIL-JAPÃO



Um programa amplo e com todos os detalhes foi organizado para o desenvolvimento, amanhã, do 4.º Torneio-Demonstração de Karatê, a realizar-se no saguão da Aliança Cultural Brasil-Japão, a rua São Joaquim, 381, esquina da rua Galvão Bueno, a partir das 14,30 horas, pela Meibu-Kan do Brasil, sob orientação do prof. Akira-Taniguchi. A fim de convidar-nos para o Torneio, estiveram em visita à A GAZETA ESPORTIVA os srs. dr. Antônio Ymanaka, presidente, Akira Taniguchi, Azer Nakagawa, Marcos Eduardo Castro, Lloyd Roberts e Yukio Okada. O clichê fixa os visitantes, em companhia do diretor Carlos Joel Nelli e do secretário-geral Olímpio da Silva e Sá. Els o programa da prometedora demonstração de Karatê: I — Abertura, II — Reverência à Bandeira; III — Saudações (apresentadores, interprete, patronos, conselheiros, diretor-

tecnico e presidente); IV — Juramento dos atletas (José Carlos Jorge); V — Demonstração: 1) Kibon (prática individual), 2) Katã (exercício formal); 3) Namshiki-Kumitê (prática livre para principiantes); 4) Mohan-Kumitê (prática livre modelo) havendo demonstração de tecnica de queda pelo prof. Taniguchi; 5) Tameshi-Wari (teste de efeito, quebra de material a cargo da 6) Shindo-Musso-Ryo-Djô-Jitsu (arte do manejo de "bengala") a bengala x bengala e bengala x espada; 7) Saambom-Kumite (prática basica com oponente em movimentação); 8) Oio Goshinjutsu (defesa pessoal com oponente, padronizada); 9) Oio Goshinjutsu (defesa pessoal para situações diversas: à mão desarmada, a mão armada, contra vários adversarios, etc). 10(Karatê para crianças; 11) Koshiki-Kumitê (prática livre para adiantados) e VI — Encerramento.

Figura 44- Registro da organização do Torneio de *Karate-Dō* organizado pela Meibukan SP na Gazeta Esportiva.

Fonte: Arquivo pessoal professor Luiz Roberto Nuñesos Padilla.

No ano de 1965, Taniguchi Akira organiza o *Primeiro Torneio de Karate Inter-Estadual* no Brasil (SALMON, 2010), demonstrando mais uma vez seu pioneirismo e liderança no cenário do *Karate-Dō* nacional. Em outra reportagem, a Gazeta Esportiva (1967, p.8) divulgou a viagem de Taniguchi *sensei* à Europa, Estados Unidos, Japão e Índia para estudar a história do *Karate-Dō*.

KARATÊ BRASILEIRO NA ÍNDIA MISTERIOSA

Registramos, prazerosamente, a visita feita à nossa redação, do dr. Paulo Machado e dr. João Carvalho Filho, figuras de grande destaque no esporte e projeto social, que vieram acompanhar o conhecido prof. de karatê, Akira Taniguchi "sen-sei", que veio comunicar ao "mais completo" seus planos imediatos de viagem pela Europa, Estados Unidos, Japão e, em particular, à Índia, onde irá estudar, com profundidade, a história do karatê que existiu naquela lendário país há vários séculos.

As viagens do conhecido "sen-sei" serão facilitada pelos governos dos países a serem visitados.

A viagem do professor da Associação Meibu-Kan de Brasil de karatê-dô, que se situa à rua Augusta, 1.116, salas 3 e 4 por certo muito benefício trará ao desenvolvimento desse esporte de ataque e defesa pessoal entre nós.

Ainda acompanhando o Akira "sen-sei" estiveram seus alunos Carlos Vicari-Jr. e Ademar Koga.

A propósito, deve-se salientar que já está havendo um grande trabalho para que se realize, o mais breve possível, um campeonato mundial de karatê no Brasil.

DE 1967

A GAZETA ESPORTIVA * o mais completo jornal esportivo do Brasil



Figura 45 - Akira em divulgação de viagem na redação do jornal A Gazeta Esportiva.

Fonte: Arquivo pessoal Luiz Roberto Nuñesos Padilla

Taniguchi Akira, responsável pela implantação do estilo *Gōjū-ryū* no Estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente na capital (DUARTE, 2009; SALMON, 2010) era vinculado à Goju-kai do Japão. Ao chegar no ano de 1974 em Porto Alegre, realizou uma de suas primeiras apresentações, que ocorreu na inauguração da academia Meibukan de Porto Alegre, localizada na Rua Siqueira Campos onde realizou o *Kata Sanchin*, (LEDUR, 2011). Seu vínculo a essa escola é apoiado em um esquemático de linhagem produzido à mão por Ishikawa Yutaka *sensei* (da *Gōjū-kai*) e entregue a um dos alunos de Arthur Xavier de Oliveira Filho *sensei*, o professor Luiz Roberto Nuñesos Padilla, na oportunidade de sua visita ao Japão, já na década de 1990. Sobre essa imagem, Arthur de Oliveira Filho *sensei* comenta:

Acima, uma "árvore genealógica" escrita durante uma confraternização no Japão (96) com "karate-kas" brasileiros, com alunos nossos, e os mestres da JKF Goju-kai K. Kimura e Y. Ishikawa, que com nosso mestre no Brasil, Akira Taniguchi, traçaram essa linhagem vindo do MESTRE fundador Chojun Miyagi até a minha pessoa no Brasil, Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Assim, com participação em cinco estágios e

competições no Japão nos anos 90, alunos meus, do dojo da Associação Cristã de Moços e outros, lá chegaram por intermédio e ajuda de Taniguchi Sensei, que fez de tudo para aproximar o Karate do Sul do Brasil ao Karate japonês, mais especificamente o da JKF Goju-kai, nossa linha. Akira Taniguchi foi aluno de Sumihiko Funatsu, presidente da Mahato-kai, Mahato Karate Association, Japão, e um dos pioneiros do estilo no Brasil. (OLIVEIRA FILHO, 2010)

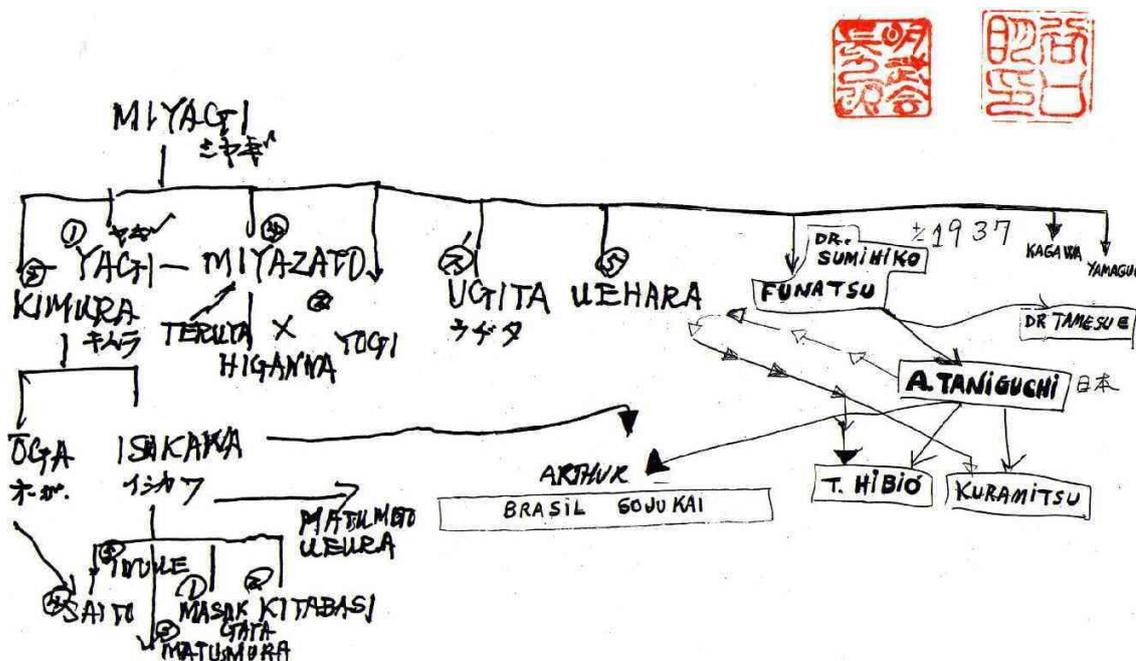


Figura 46 - Linhagem do estilo Gōjū-ryū, autenticada com *hankō* (carimbo japonês) de Ishikawa sensei.
Fonte: <http://karategojuriograndedosul.blogspot.com.br/p/akira-taniguchi-e-linhagem.html>

Além das aulas ministradas por Taniguchi sensei na UGAPOCI (União Gaúcha dos Policiais Civis) ao lado de Hinata Shuni sensei¹⁰⁸, ensinou ainda em outros locais como a academia *Kidokan*, na Rua Duque de Caxias, e na Associação Cristã de Moços (ACM) localizada na Rua Washigton Luis, centro de Porto Alegre (LEDUR, 2011). O reconhecimento de seu trabalho teve repercussão até mesmo em revistas como a *Kung Fu* que na década de 1980, publicou sua história de vida. Um pouco depois dessa publicação Taniguchi sensei retornou ao Japão.

Ledur (2011) ainda relata que ao final da década de 80, na oportunidade da sua volta para o Japão, Taniguchi sensei comentou da necessidade dos praticantes do estilo Gōjū terem um mestre ao qual pudessem se vincular, e que fossem em busca de uma organização para o estilo. Com isso, em meados de 1980, na oportunidade de sua partida, Taniguchi

¹⁰⁸ Hinata sensei era professor de Jūdō, e como muitos praticantes da época parece ter se aventurado a ensinar também o Karate-Dō, mesmo que aparentemente não tivesse sólida formação para isso. Com a chegada de Taniguchi sensei ele rapidamente se coloca em segundo plano, auxiliando mais em termos de tradução dos comandos dados em japonês por Taniguchi Akira, ao invés de seguir mantendo as aparências como instrutor.

Akira sugeriu que a *Gōjū* do Brasil se ligasse ao sensei Akamine Seiichi, um dos primeiros professores que se estabeleceu no país. Por um infortúnio do destino Akamine faleceu logo em seguida. Com isso a possibilidade de organizar o estilo e estabelecer vínculo com a *Gōjū-kai* ficou ao encargo de Pedro Oshiro *sensei*, de São Paulo, mas sem sucesso devido a problemas administrativos. Como essa primeira tentativa não obteve os resultados esperados, surgiu a possibilidade de esse vínculo ser estabelecido diretamente com o Japão, pois precisava-se que houvesse alguém como mestre representante de *Gōjū*, e na época não havia ninguém com graduação alta o suficiente. Esse cenário incentivou o início da organização de um expressivo grupo de praticantes gaúchos que em meados da década de 1990 viajaria ao Japão para realizar exames de graduação e participar do Campeonato Mundial da JKF *Gōjū-kai* (Mas isso é tema de outra história do *Karate-Dō*).

5.1.3 A Introdução do Estilo *Wadō-ryū* no Rio Grande do Sul

Em um estudo preliminar (OLIVEIRA;FROSI, 2005), obtivemos a informação de que o introdutor do estilo *Wadō-ryū*¹⁰⁹ no Rio Grande do Sul foi Suzuki Takeo *sensei*. Apesar da grande dificuldade de obtenção de documentação sobre este mestre, reconstruímos uma breve história de Suzuki *sensei* a partir dos registros de um de seus principais alunos, Nélon D'Ávila Guimarães, no site da academia Dojinmon (GUIMARÃES, 2008).

Suzuki Takeo nasceu no Japão onde se formou engenheiro agrônomo, e como muitos outros pioneiros do *Karate-Dō* brasileiro veio ao Brasil tentar a vida como profissional do ramo. Assim como outros mestres, não conseguindo desenvolver com sucesso a carreira em agronomia, passou a ministrar aulas de *Wadō-ryū Karate-Dō*, que aprendera diretamente com o Ōtsuka Hironori *sensei*, fundador do estilo. Apesar de ter chegado a Porto Alegre em 1963, não há outros registros além da menção na internet de que tenha iniciado o ministério da prática do *Karate-Dō* antes da década de 1970. Suzuki Takeo *sensei* era também monge budista, de onde recebera o nome “Muto”, nome budista encontrado em algumas referências (GUIMARÃES, 2008). Suzuki *sensei* também era acupunturista e essa habilidade

¹⁰⁹ Apesar de ter-se criado no Rio Grande do Sul o costume de diferenciar, como dois estilos diferentes, *Wadō-ryū* e *Wadō-kai*, trataremos neste estudo todas essas linhas como *Wadō-ryū*, entendendo que é o estilo criado por Ōtsuka Hironori, apesar das cisões posteriores em pelo menos três escolas diferentes (*Wadō-ryū Renmei*, *JKF Wadō-kai* e *Wadō Kokusai*).

parece estar também relacionada ao seu treinamento como monge¹¹⁰. Na curta biografia do mestre em sua página da internet, o professor Néelson Guimarães (2008) ainda afirma que Suzuki *sensei* “[...] é considerado um dos grandes difusores do *Wadō-ryū* no Brasil, responsável pela orientação técnica e filosófica das escolas. Atualmente reside em Portugal”, e possui a graduação de 9º *Dan*.

Outros nomes importantes da *Wadō* no Rio Grande do Sul foram Hironaka Hideto (um dos poucos japoneses vindos ao Brasil para ensinar *Karate-Dō* e não com outro objetivo anterior¹¹¹), Rodrigo Chaves e Buyo Michizo (também fortemente atuante como professor no centro do país). Estes professores foram os responsáveis pela formação do mais bem sucedido atleta de *Karate-Dō* do período estudado: Eduardo De Mattei. De Mattei conquistou inúmeros títulos nacionais e internacionais, tendo participado inclusive do Campeonato Mundial *Wadō*, na década de 1990, realizado no *Budōkan*¹¹² de Tóquio (OLIVEIRA;FROSI, 2005).

A grande ligação de Nelson Guimarães com Suzuki *sensei* o levou a se tornar uma pessoa muito influente no *Karate-Dō* do RS. Em julho de 1979 participou com a equipe brasileira do Campeonato Mundial de *Wadō-ryū Karate-Dō* em Tóquio. A equipe classificou-se em 10º lugar. Depois, participou do Torneio Internacional de *Wadō-ryū Karate-Dō* de Osaka. Relata ainda que em março de 1980 assumiu a frente da Escola Dojinmon de Porto Alegre, sucedendo ao seu mestre, Suzuki Takeo¹¹³. Em 1986, Nelson *sensei* qualifica-se como árbitro internacional da WUKO. Isso proporcionou sua participação como árbitro em diversos campeonatos brasileiros (CBK), sul-americanos (CSK) e pan-americanos (PKF), no período entre 1986 e 1997. Ainda em 1986, organizou um curso intensivo de *Karate-Dō* na SOGIPA (Sociedade Ginástica Porto Alegre – um dos mais importantes clubes esportivos da cidade), com a participação do mestre sucessor da *Wadō-ryū*, Ōtsuka Hironori II, vindo do

¹¹⁰ Pois vale lembrar que na época não havia se desenvolvido a acupuntura médica que ignora princípios da medicina tradicional chinesa como *zang-fu*, *yin-yang* e o diagnóstico sistêmico (entre muitos outros). Práticas terapêuticas como a acupuntura faziam parte do treinamento de inúmeras tradições culturais orientais.

¹¹¹ Hironaka *sensei*, além de Okuda Taketo *sensei*, parecem ser poucos exemplos de *karate-ka* profissionais vindos com o intuito de ensinar a arte e não a dedicar-se a outras atividades profissionais como o ramo da agronomia ou finanças (os mais comuns entre os outros mestres imigrantes). Hironaka *sensei* era árbitro oficial da WUKO já quando chegou ao Rio Grande do Sul e Okuda *sensei* era *Kenshusei JKA* quando chegou a São Paulo e Rio de Janeiro. A influência desses mestres foi tão forte (se nível técnico era tão distinto dos demais) que se fala numa história do *Karate-Dō* no Brasil antes e depois de Okuda *sensei*, por exemplo.

¹¹² *Budōkan* são grandes ginásios construídos por todo o Japão, com design característico e toda a estrutura para receber treinamentos e competições de *Budō* (*Jūdō*, *Kendō*, *Kyūdō*, *Karate-Dō*, etc).

¹¹³ Em 1997, Suzuki *sensei* recebeu a medalha Pedro Carneiro Pereira, concedida pelo então governador Antônio Britto, por serviços prestados ao desenvolvimento do esporte no estado do Rio Grande do Sul.

Japão em sua primeira visita ao Brasil. Outro aspecto interessante da trajetória de Nelson Guimarães *sensei* é que em março de 1987 passou a ensinar o *Karate-Dō* na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, sendo o introdutor da prática naquela Universidade, mantido pelo Centro de Cultura Japonesa da PUCRS por mais de vinte anos, mas hoje, infelizmente, extinto (GUIMARÃES, 2008).

5.1.4 A Fundação da Federação Gaúcha de Karate

O cenário do *Karate-Dō* gaúcho, na década de 1980, era de relativa falta de estrutura, principalmente comparando com os estados do centro do país, que eram referência após a fundação da Federação Paulista de Karate (FPK) e da Confederação Brasileira de Karate (CBK). O modelo de organização iniciado em São Paulo e Rio de Janeiro, após o árduo trabalho de Okuda Taketo e um grupo de *karate-ka* de vários estilos para fundar a FPK, foi gradualmente sendo incorporado e seguido nos outros estados brasileiros. No centro do país, o *Karate-Dō* tinha destaque na mídia, ocupando lugar de destaque nos jornais esportivos:



Figura 47 – Notícia sobre campeonato paulista de Karate publicada no jornal O Globo, em 8 de agosto de 1988.

Fonte: acervo pessoal de Fernando Antônio Freitas Malheiros Filho.

O que parece ter sido a maior dificuldade da época, no Rio Grande do Sul, tanto para fortalecimento da técnica e das competições, quanto da organização institucional (federação) é o fato de que não havia muito intercâmbio entre os praticantes e professores dos diferentes estilos. A raiz disso, como podemos supor, deveria estar ligada aos diversos jogos de influência e controle que existiram na época, onde havia muita pressão dos representantes da dita “*Nihon Karate Kyōkai*” sobre os demais, assim como é provável que a alta graduação do introdutor do estilo *Gōjū* (Taniguchi *sensei* era detentor do 6º *Dan*) e da legitimação de um instrutor profissional dentro da *Wadō* (Hironaka *sensei* foi o primeiro árbitro da WUKO no estado) tenha impedido que um grupo tenha se sobreposto totalmente aos outros. O fato é, não havia um clima de união de todos os grupos e provavelmente isso foi o resultado de um período de falta de convivência “democrática” na década de 1970, como aponta em uma reportagem do início da década de 1980, expresso na opinião de Fernando Antônio Freitas Malheiros Filho:



Figura 48 – Notícia sobre o primeiro campeonato gaúcho de Karate realizado em 1982 publicada no jornal do Comércio. Na legenda da foto: “Bom público no Gigantinho para o Gaúcho de Karate, masculino e feminino”.
Fonte: acervo pessoal de Fernando Antônio Freitas Malheiros Filho.

Para além dos conflitos entre os estilos, vale a pena destacarmos uma rápida passagem sobre a participação das mulheres em competições da época. Apesar de haver registros de que as atletas participaram de competições de *Kata* (exercícios formais) desde o início das competições de *Karate-Dō* no Brasil, e que nas primeiras competições internacionais houve a participação de uma mulher junto de atletas do gênero masculino na

disputa de *Kumite* (luta) por Equipes (atuando pela equipe das Filipinas), sabemos que as mulheres não podiam lutar no Brasil até 1985. Para confirmar isso podemos nos apoiar numa reportagem do ano citado:



Figura 49 – Em 1985 não era permitido que mulheres competissem nas categorias de *Kumite*.
Fonte: Jornal Ação Esportiva, São Paulo, nº8, jun 1985.

Não foi possível localizar a data exata em que as mulheres puderam começar a participar das disputas de *Kumite*, mas certamente foi um dos conflitos e mudanças com os quais os entusiastas da formação de uma nova federação estadual que administrasse a prática tiveram de lidar. Com as principais lideranças do *Karate-Dō* gaúcho concordando que havia a necessidade de se fundar uma federação própria, desligada do pugilismo, acontece no ano de 1988 todo um movimento oficializado para que isto viesse a ocorrer de fato. Alguns documentos, apresentados a seguir, resumem como esse processo ocorreu:

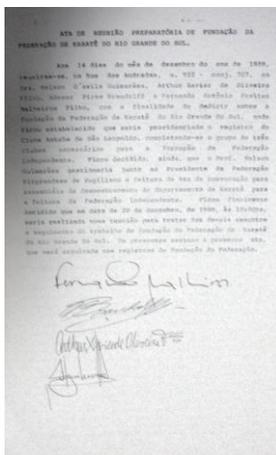


Figura 50 – Ata da reunião preparatória para a fundação da Federação Gaúcha de Karate, realizada em 14 de dezembro de 1988.

Fonte: acervo pessoal de Fernando Antônio Freitas Malheiros Filho.

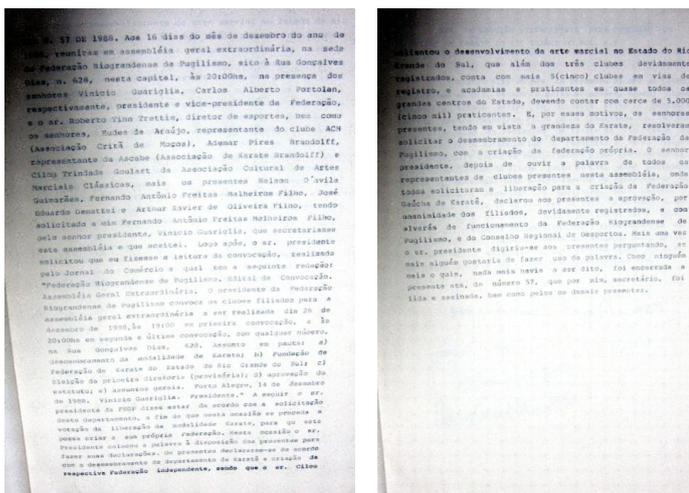


Figura 51 – Ata de reunião da Federação Rio-Grandense de Pugilismo convocando assembleia geral extraordinária para a fundação da Federação Gaúcha de Karate, realizada em 16 de dezembro de 1988. Fonte: acervo pessoal de Fernando Antônio Freitas Malheiros Filho.

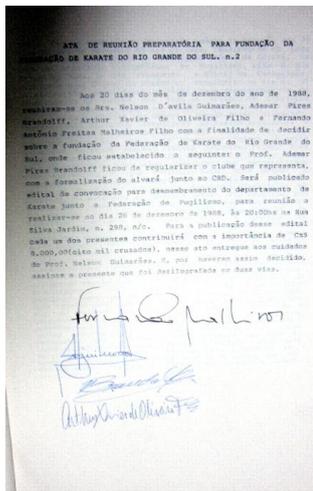


Figura 52 – Ata da segunda reunião preparatória para a fundação da Federação Gaúcha de Karate, realizada em 20 de dezembro de 1988. Fonte: acervo pessoal de Fernando Antônio Freitas Malheiros Filho.



Figura 53 – Ata de fundação da Federação Gaúcha de Karate, realizada em janeiro de 1989. Fonte: acervo pessoal de Fernando Antônio Freitas Malheiros Filho.

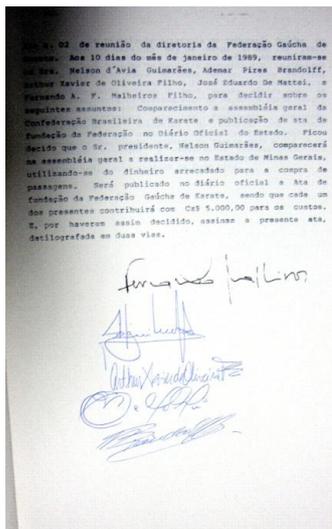


Figura 54 – Ata da primeira reunião da Federação Gaúcha de Karate, realizada em janeiro de 1989.
Fonte: acervo pessoal de Fernando Antônio Freitas Malheiros Filho.

Os principais nomes deste processo, cujas assinaturas podemos encontrar em todos os documentos são Fernando Freitas Malheiros Filho (*Shōtōkan*), Nelson D'Ávila Guimarães (*Wadō-ryū*), Ademar Pires Brandolff (*Shōtōkan*) e Arthur Xavier de Oliveira Filho (*Gōjū-ryū*). Além disso, a versão “oficial” do episódio é assim descrita no site da Federação Gaúcha de Karate:

Conforme a Ata nº 01, Aos 26 dias do mês de Dezembro do ano de 1988, na cidade de Porto Alegre, reuniram-se os senhores Eudes de Araújo, representante da ACM (Associação Cristã de Moços), Ademar Pires Brandolff, representante da ASKAB (Associação de Karate Brandolff) e Cilon Trindade Goulart da Associação Cultural de Artes Marciais Clássicas, mais os presentes Nelson D'Ávila Guimarães, Fernando Antonio Freitas Malheiros Filho, José Eduardo Fauque De Mattei e Arthur Xavier de Oliveira Filho em Assembléia Geral e por votação unânime decidiram fundar a “Federação Gaúcha de Karate”. Assim, nascia oficialmente a única entidade oficial do desporto Karate no Estado do Rio Grande do Sul. (FGK, 2008)

No mesmo site encontramos a referência a primeira diretoria eleita, sendo esta formada pelos *karate-ka*: Nelson D'Ávila Guimarães (Presidente), Ademar Pires Brandolff (Vice-Presidente), Antonio Fernando Malheiros Filho (Diretor Técnico), José Eduardo Fauque De Mattei (Tesoureiro) e Arthur Xavier de Oliveira Filho (Diretor de Graduação). Podemos perceber um dado interessante: apesar da introdução dos estilos de *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul ter sido promovida por mestres japoneses ou por nipo-brasileiros, já em finais da década de 1980, quando se conseguiu a “independência” da Federação Rio-Grandense de Pugilismo o cenário era outro. Os principais responsáveis eram

brasileiros, diretamente ligados aos mestres pioneiros¹¹⁴, mas já não haviam japoneses envolvidos com o processo diretamente.

Apesar de termos muitas respostas e o panorama geral da história do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul através dos documentos, é possível que muitas lacunas ainda estejam abertas. Para reconhecermos outras tramas e possíveis divergências entre as fontes, exploremos agora a versão apontada pelas fontes imagéticas.

¹¹⁴ Afirmamos isso devido à linhagem desses professores gaúchos dentro do Karate-Do: Ademar Brandolff e Fernando Malheiros Filho foram dois dos principais alunos de Luiz Tasuke Watanabe (*Shōtōkan*), enquanto Nelson Guimarães fora aluno direto de Suzuki Takeo (*Wadō-ryū*), Arthur de Oliveira Filho fora aluno de Taniguchi Akira (*Gōjū-ryū*) e Eduardo De Mattei estudou com Hironaka Hideto (*Wadō-kai*).

5.2 Uma História do *Karate-Dō* Gaúcho através das Imagens

Nesta segunda sessão passaremos ao trabalho de apresentação da História do *Karate-Dō* no RS através das fontes imagéticas, fotografias que vão falar de uma maneira totalmente diferente dos documentos. Essa forma de trazer as informações para a historiografia é bastante distinta daquela que vimos a pouco através do estudo dos documentos. Examinemos agora o que essas imagens podem nos dizer sobre o que as décadas de 1960 a fins de 1980 reservaram à prática do *Karate-Dō* no estado.

Nosso primeiro ponto é uma coleção de cinco fotos onde Taniguchi Akira *sensei* demonstra aplicações de técnicas do estilo *Gōjū* de *Karate-Dō* com ajuda de um *karate-ka* não identificado. Vemos que nas fotos que seguem o ambiente foi preparado por um profissional de fotografia, e apesar dos *tatami* de palha de arroz envoltos em lona do piso, as paredes estão escondidas por fundos infinitos.



Figura 55 - Taniguchi Akira demonstra *Jōdanzuki* (1968).

Fonte: acervo de Luiz Roberto Padilla



Figura 56 - Taniguchi Akira demonstra defesa contra *Mawashigeri* (1968).

Fonte: acervo de Luiz Roberto Padilla

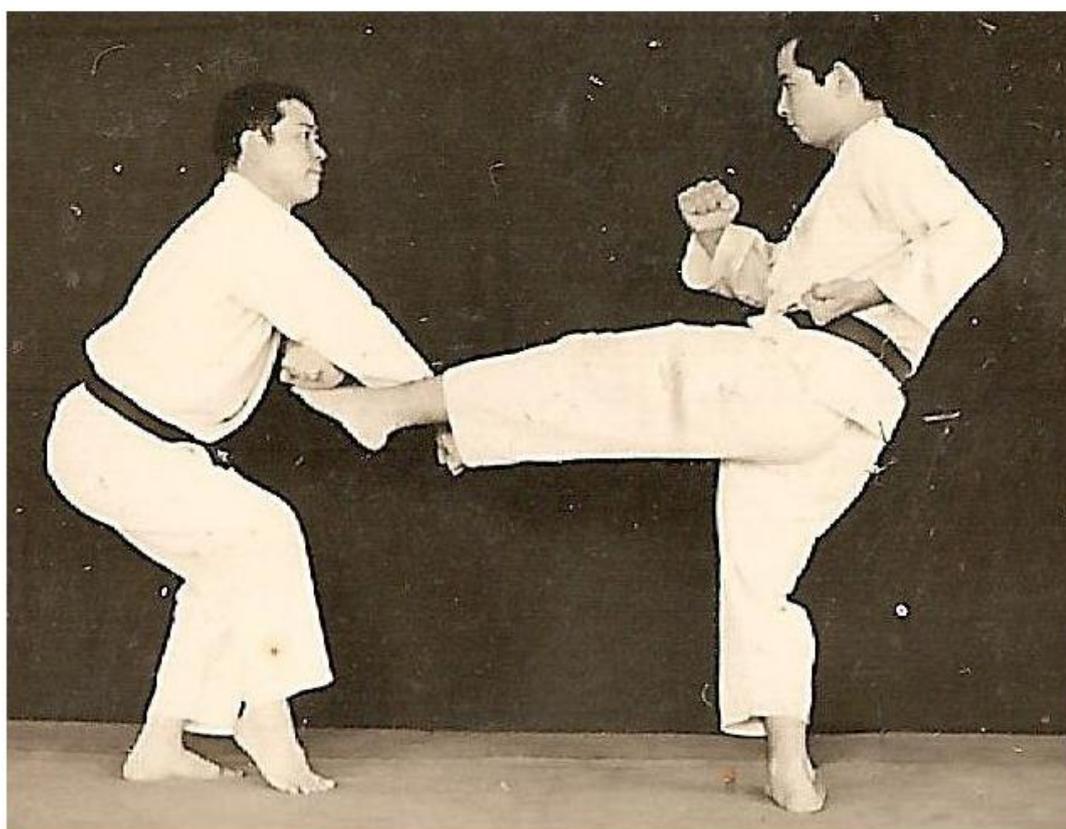


Figura 57 - Taniguchi Akira demonstra defesa contra *Maegeri* (1968).

Fonte: acervo de Luiz Roberto Padilla

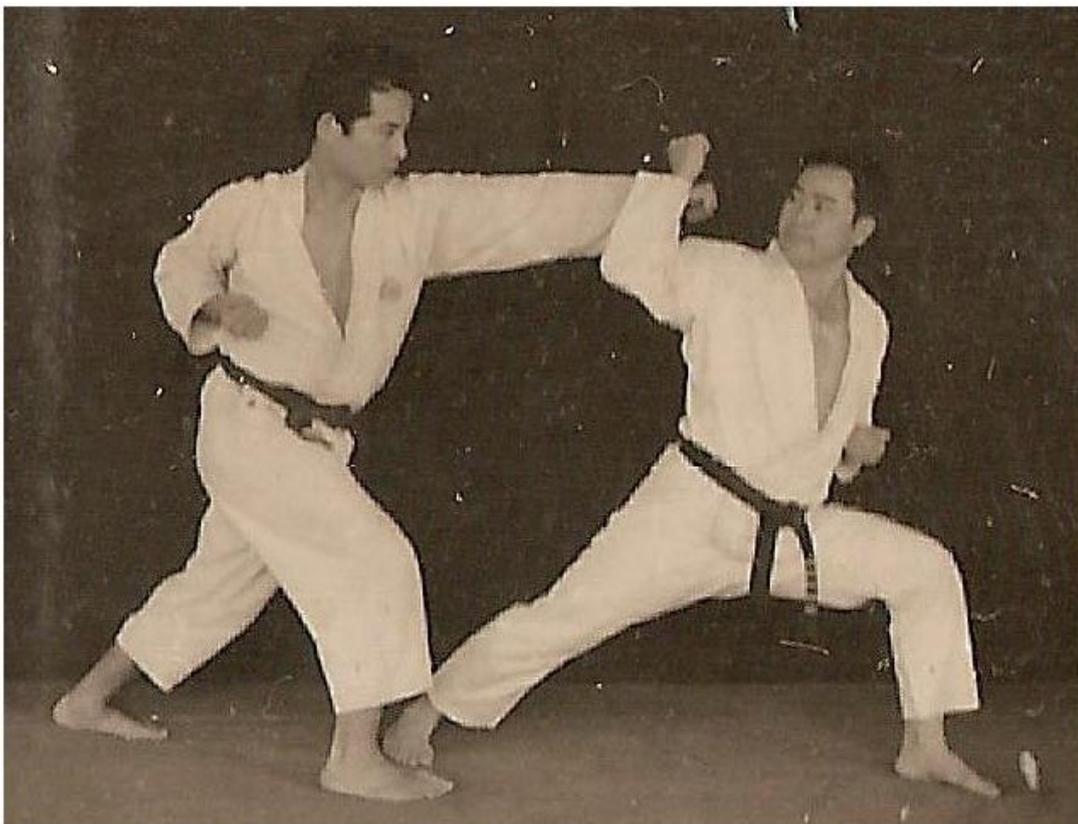


Figura 58 - Taniguchi Akira demonstra *Soto uke* (1968)

Fonte: acervo de Luiz Roberto Padilla

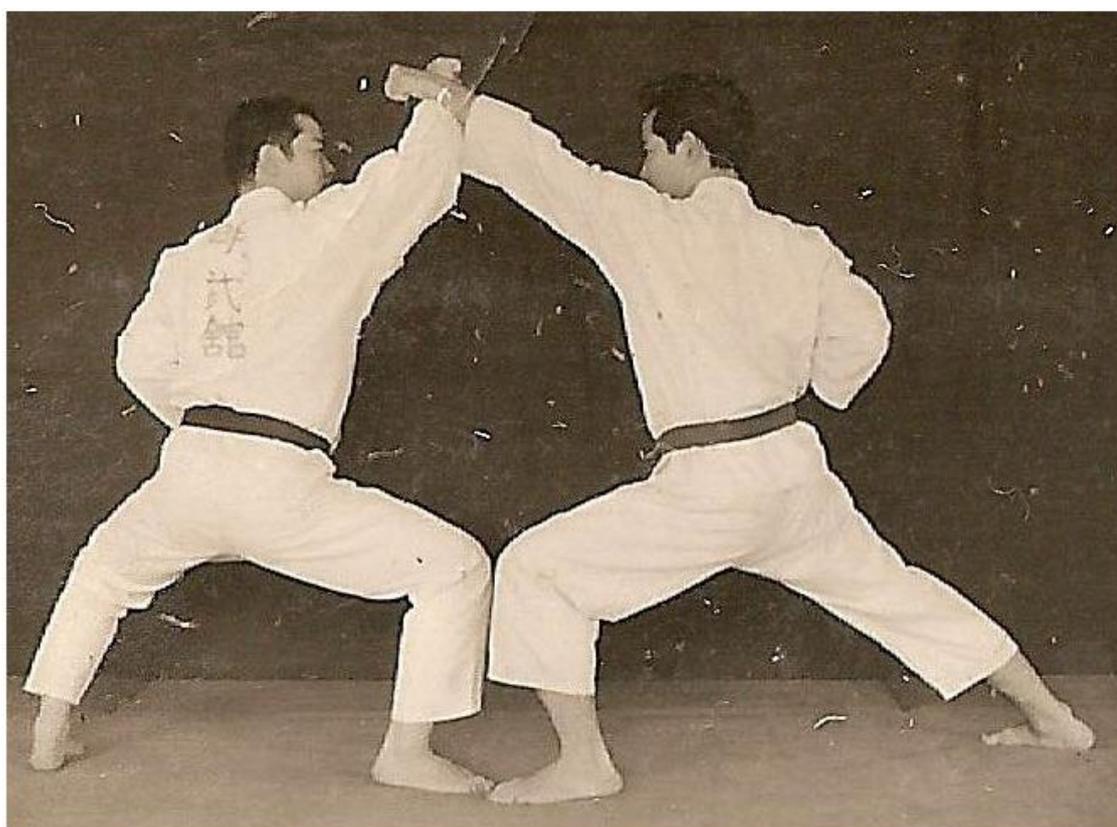


Figura 59 - Taniguchi Akira demonstra *Yakusoku Kumite* (1968).

Fonte: acervo de Luiz Roberto Padilla

As fotos foram cedidas pelo professor Luiz Roberto Nuñesos Padilla, 5º *Dan* do estilo *Gōjū-ryū*, e que vem auxiliando o professor Arthur Xavier de Oliveira Filho, 6º *Dan*, a construir a ideia de uma linha (*ryū-ha*¹¹⁵) baseada nos ensinamentos de Taniguchi *sensei*. O fortalecimento da ideia de que há em solo gaúcho “discípulos” de um importante mestre japonês legitima a atuação deste grupo enquanto *karate-ka*.

Podemos observar também que todas as fotos dessa coleção são de demonstrações de combate homem-a-homem, mesmo que sejam aplicações de técnicas tradicionais mais rígidas. Com isso podemos perceber a intenção da construção de uma imagem de um mestre lutador, e não meramente alguém com técnicas plasticamente bem feitas, ou somente de um especialista em *Kata* (coisa que acontece muito em artes que identificamos como *Wū-shū*). Vale a pena também nos determos por um instante nos uniformes utilizados pelos dois *karate-ka*: enquanto o *uke* (auxiliar) de Taniguchi Akira *sensei* veste um *karate-gi* (uniforme de *Karate*) simples e sem grandes elementos na faixa ou no casaco, o mesmo não ocorre com o mestre. Em sua faixa, há cinco marcações (linhas brancas) que nos informam que ele possuía a graduação de *Godan* (quinto *Dan*/ quinto grau de faixa preta) e em suas costas podemos ver que traz uma inscrição: *Meibukan*¹¹⁶. *Meibukan* foi uma linha de *Gōjū-ryū Karate-Dō* criada pelo *sensei* Yagi Meitoku. Yagi foi o primeiro aluno de Miyagi Chōjun *sensei* a ser autorizado a abrir a própria escola e o fez em 1952. Observamos uma pequena contradição nesses elementos, sem poder, no entanto responder o porquê dessas questões aparecerem: primeiramente, é importante ressaltar que de acordo com o sistema tradicional de graduações em qualquer *Budō*, que seguem o padrão estipulado por Kanō Jigorō e que obrigatoriamente precisava ser seguido por todas as outras artes japonesas para que fossem reconhecidas pela *Dai Nippon Butokukai* (GOULART, 2011), a representação do grau na faixa de Taniguchi *sensei* está equivocada. No sistema Kanō, a partir do 5º *Dan* as linhas são condensadas numa grande barra para que não ocupem tanto espaço nas próximas

¹¹⁵ As linhas em cada estilo de *Karate-Dō* devem ser vistas como um dos níveis de uma organização sistêmica dos Caminhos *Dō*: temos um grande conjunto que é formado por todas as artes guerreiras japonesas e chamamos isso de *Budō* (em outros períodos históricos a arte de luta japonesa foi designada como *Bujūtsu*, *Bugei*, e aos poucos está surgindo o *Sogo Budō*). Dentro do *Budō* há outros subconjuntos, que são as artes propriamente ditas que conhecemos: *Jūdō*, *Kendō*, *Aikidō*, *Kyūdō*, *Jodō*, *Naginatadō*, *Karate-Dō*, etc. Dentro de cada arte dessas há estilos (*Ryū*), que no caso do *Karate-Dō* são mais de 70 só em Okinawa (SHINJYO;SENAKA;ONAHA, 2004), e alguns exemplos são: *Gōjū-ryū*, *Shitō-ryū*, *Shōtōkan*, *Shōrin*, *Shōrinji*, *Kyokushinkai*, *Chitō-ryū*, e *Wadō-ryū*. Detro de cada estilo existem dissidências que são grupos liderados por mestres distintos e que são chamados *Ryū-ha* ou simplesmente *Ha*, como no caso do *Shōtōkan* onde temos: *Asai-ha* (JKS e IJKA), *Kase-ha*, *Nishiyama-ha* (ITKF), *Kanazawa-ha* (SKIF), etc.

¹¹⁶ (明武館) – Academia dos Guerreiros de Mente límpida.

gradações. Além disso, a inscrição Meibukan do uniforme está em um local considerado inapropriado (exemplo a seguir):

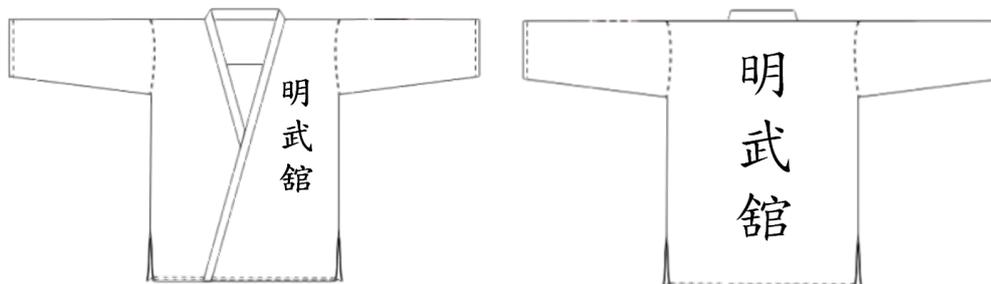


Figura 60 – Karate-gi. à esquerda a forma tradicional de representar a filiação no *karate-gi* (no peito esquerdo são utilizados por vezes os ideogramas do estilo, da linha, da cidade ou o símbolo da associação, federação ou estilo) e à direita temos a versão do uniforme de Taniguchi Akira *sensei*, com a incomum “propaganda” às costas.

Fonte: elaborado pelo autor.

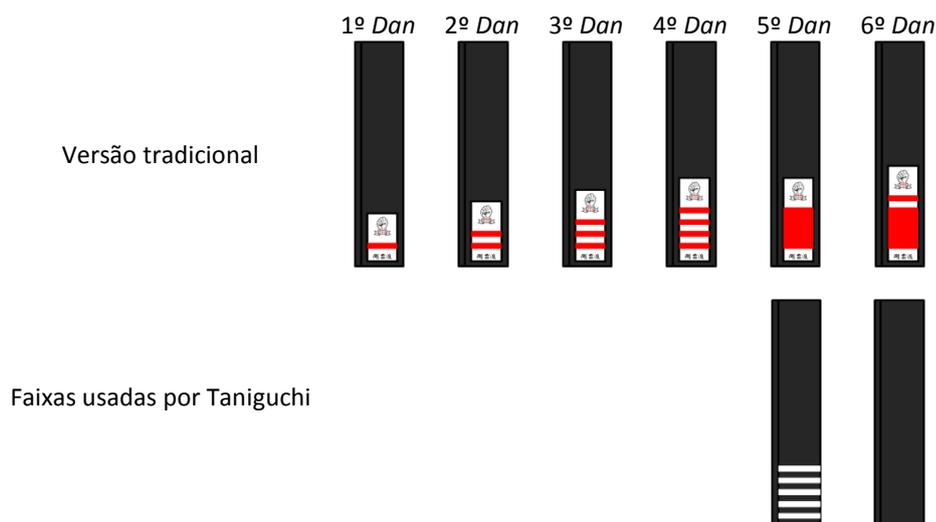


Figura 61 – Discrepância entre modelo tradicional de faixas de *Karate-Dō* respeitando o sistema Kanō e as faixas usadas por Taniguchi *sensei*.

Fonte: elaborado pelo autor.

Deste ponto em diante somos obrigados a levantar uma questão que precisa de respostas, mas que não pode ser agora satisfeita: seria autêntica a graduação de Taniguchi Akira, descrita em outras fontes? Um mestre japonês, ligado a uma das mais antigas ramificações do *Gōjū* teria realmente desobedecido ao padrão estabelecido para representação das graduações da época (lembrando que ao mesmo tempo em que o japonês é extremamente detalhista, devido a suas práticas culturais e hábitos, é também obediente às tradições), ou podemos supor que o mestre não saiu do Japão com uma

graduação superior ao quarto grau, e por isso não possuía uma faixa com uma barra larga representativa? Uma futura investigação precisará dar conta dessa trama.

Por fim, vale ressaltar que essa coleção de fotos foi “recuperada” em 2010 visando a produção da biografia de Taniguchi Akira *sensei* reconstruída pelo sul-africano Richard Salmon, líder da escola *Budo-ryu International*, uma entidade, *a priori*, sem vínculo com instituições oficiais e/ou ligadas a escolas tradicionais japonesas e que teria treinado com Taniguchi *sensei*. O trabalho de Richard Salmon rendeu certificados de membros honorários aos professores gaúchos anteriormente citados e uma onda de divulgação do trabalho de Taniguchi, que culminou com uma homenagem na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre há cerca de dois meses da finalização desta pesquisa. A ideia da divulgação destas fotos (e das que seguem abaixo) era legitimar o trabalho do mestre Taniguchi. Hoje esse material está disponível em diversos sites e blogs que divulgam o *Gōjū-ryū*, especialmente esses ligados ao grupo do Rio Grande do Sul e da África do Sul. Além disso, como veremos a seguir, a representação de um lutador tecnicamente bem preparado, é complementada pela imagem de um jovem que nos instigam a perceber em Taniguchi a figura de um pioneiro que viajou pelo mundo, mesmo com pouca experiência de vida, divulgando e ensinando uma arte como o *Karate-Dō*.



Figura 62 – Demonstração do *Kata Heian Shodan*, adaptado para as técnicas de *Gōjū*, de Akira Taniguchi (década de 1970)

Fonte: acervo de Altemar Sabino

A foto acima apresenta Taniguchi *sensei* em outra faceta: demonstrando um *Kata* (exercício formal). O curioso é que executa um movimento de um *Kata* de outro estilo: *Heian*

Shodan do estilo *Shōtōkan*. Mesmo assim, os movimentos (*kihon*) são característicos do estilo *Gōjū*. Taniguchi sensei parece, como mostra a foto, ter adaptado *Kata* de outros estilos e incorporado à sua metodologia de ensino. De toda forma, a apresentação parece ser feita em uma festividade e com objetivo de divulgação, e supomos isso pela expressão e vestimentas do público presente.

Além disso, essa foto isolada parece demonstrar que Akira *sensei* estaria sozinho, e assim impossibilitado de demonstrações da aplicação das técnicas, tradicionalmente exibidas junto com um auxiliar. Não eram questões de desafio e demonstração prática das habilidades numa luta como fizeram, por exemplo, os Gracie, para atestar a eficiência do seu “jiu-jitsu brasileiro” nas décadas de 1970 e 1980, mas sim as formas de apresentação chamadas *Yakusoku Kumite* (luta combinada) e *Kata*, usadas até hoje pelos mestres de todas as artes japonesas como método de demonstração. Como estas fotos ficaram guardadas e foram muito pouco divulgadas por tantos anos, não podemos afirmar que tenham sido apresentadas, antes de 2010 por Salmon, a um público maior do que os alunos mais próximos dos estudantes gaúchos de Taniguchi Akira.

A última coleção de fotos de Taniguchi Akira, cedida pelo professor Altemar Sabino, 4º *Dan* do estilo Goju-ryu, é formada por fotos de Akira *sensei* onde podemos observar seu semblante, já que a primeira foto é uma foto de documento (passaporte) e as demais são fotos em tamanho grande, possivelmente feitas para serem expostas no *Dōjō*, como quadro em local de destaque (talvez no *Kamiza*). Como as fotos anteriores, as seguintes também foram produzidas com tecnologia da década de 1960/1970, sendo todas em preto e branco.



Figura 63 - Foto do passaporte de Taniguchi Akira
Fonte: acervo de Altemar Sabino

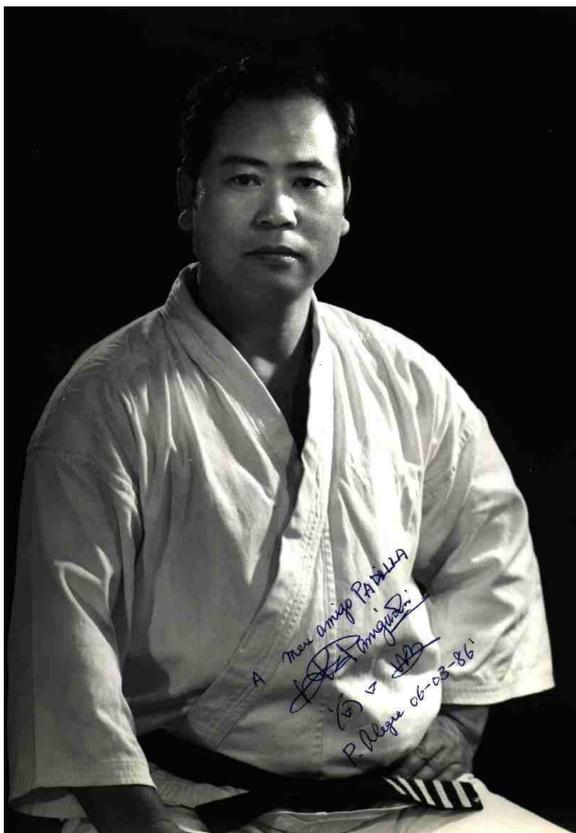


Figura 64 – Foto de Taniguchi Akira com a assinatura: “a meu amigo Padilla – assinatura – P.Alegre 06-08-86
 Fonte: acervo de Altemar Sabino



Figura 65 – Foto de Taniguchi Akira com assinatura e data 25-03-99
 Fonte: acervo de Altemar Sabino

Apesar de mostrar-se como um cidadão comum na primeira foto, de expressão facial neutra, terno comum e nenhum elemento visual que chame atenção, o interessante é pensarmos no contraste com as outras duas fotos, principalmente com a segunda. É visível a mudança de postura, olhar e presença de Taniguchi vestindo o *karate-gi*. Na foto podemos observar mais uma vez a faixa com os cinco graus, representando o 5º *Dan* de *Karate-Dō*.

A segunda foto em especial parece comum entre praticantes de *Gōjū-ryū*. Além desta versão “autografada” para o *sensei* Luiz Padilla, há várias outras. Por exemplo, grupos do centro do país ligados aos *sensei* Watanabe Ryūzo e Dalmo Cintra também divulgam em seus álbuns de fotos de redes sociais a mesma foto de Taniguchi *sensei*. Podemos supor, então, que Taniguchi Akira *sensei* era uma figura bem conhecida no país e que aparentemente ensinou muitos *karate-ka* durante sua estada no Brasil, e com certeza o grupo de Porto Alegre não representa seus únicos estudantes remanescentes.

Duas fotos que parecem tão antigas quanto aquelas de Taniguchi Akira *sensei* são as duas fotos disponibilizadas por contatos do *sensei* Eduardo De Mattei, 6º *Dan* do estilo *Wadō* (*JKF Wadō-kai*), que também compartilhou e comentou o material via redes sociais¹¹⁷. A primeira foto se deu antes de 1975, em um *Dōjō* onde podemos ver um grupo de peso da *Wadō-kai*, formado entre outros *karate-ka* por Suzuki Tatsuo (que depois criaria a facção *Wadō Kokusai*), além de nomes importantes do estilo *Wadō* do Brasil como Buyo Michizo e Hironaka Hideto. As fotos estão em preto e branco, mas parecem ter sido tomadas com uma câmera de bom nível, pela qualidade da imagem obtida. Podemos observar a disposição dos *karate-ka* no *Dōjō* respeitando as regras explicadas anteriormente em nosso capítulo sobre cultura japonesa e práticas dentro do *Budō*. Suzuki Tatsuo *sensei* está sentado de costas para a foto, no local de destaque, enquanto à sua esquerda os *yudansha*¹¹⁸ principais estão ocupando o *Jōseki* e à sua frente um grupo de outros estudantes, aparentemente também faixas-pretas, ocupando o *Shimoza*. Seguir a risca tais procedimentos formais da etiqueta japonesa dentro do *Budō* era mais uma forma de desconectar o estilo *Wadō* da origem do *Karate* em Okinawa e falar de um “estilo japonês” de *Karate-Dō*.

¹¹⁷ Apesar da incomum fonte de informação, não havendo praticamente publicações que procuram definir o método ideal de tratamento de imagens disponibilizadas em redes sociais, optamos por inseri-las aqui como material imagético digitalizado e disponibilizado em acervo público, como as próprias regras de uso dessas redes definem as fotos que não são compartilhadas de forma restrita a contatos próximos. Todas as imagens oriundas de redes sociais apresentadas neste trabalho tem esse caráter, ou seja, não foram compartilhadas de forma restrita.

¹¹⁸ (有段者) pessoa que porta a graduação *Dan*.



Figura 66 – Hironaka Hideto, Buyo Michizo, Taura e outros estudantes em treinamento com Tatsuo Suzuki *sensei*.

Fonte: acervo de Eduardo De Mattei.



Figura 67 - Monge Tokuda, Hironaka *sensei* e professor Sakata.

Fonte: <http://wadokai.com.br/images/fotos/0030.jpg>

Da mesma forma que comentamos anteriormente sobre as fotos de Akira *sensei*, a razão para o “ressurgimento” de fotos dessa natureza recentemente nas redes sociais parece ser a mesma: legitimar os grupos de pessoas que estudaram a arte com esses mestres japoneses, e que foram figuras de significativa importância na história do *Karate-Dō* no Brasil. Alguns elementos chamam atenção na foto e merecem destaque, Em primeiro observamos a presença de um público que assiste ao treinamento, todos com olhar curioso. Na parede há um mural com pôster de um esquemático da anatomia do corpo humano, provavelmente usado para explicar movimentos ou pontos vitais a serem golpeados nas aplicações das técnicas. Ao lado desse há um grande espelho, que para uma arte onde cada detalhe é fundamental se torna uma ferramenta muito importante e útil. Por fim, vale a pena registrar o uso dos *tatami* de palha de arroz, ao invés da prática em piso de madeira.

Na foto seguinte, da mesma coleção, Hironaka Hideto *sensei* posa ao lado de dois outros homens: o monge Tokuda e o professor Sakata. A foto descontraída realça a ligação do professor de *Karate-Dō* com o mestre budista, o que por vezes pode ser uma influência poderosa no imaginário, ligando a imagem do professor de *Karate-Dō* ao aspecto místico-religioso, o que não necessariamente é uma relação que deva existir. Chama atenção na construção da imagem a repetição do número três: três homens, três carros, três árvores. Essa relação com uma pessoa religiosa é ainda o que mais chama atenção na foto, tendo em vista que os dois professores de *Karate-Dō* se apresentam com roupas comuns, o que pouco desperta maiores questões a serem analisadas. Esta foto está disponível no site oficial da *Wado-Kai do Brasil*, facilmente acessível a qualquer internauta curioso. Ao olharmos juntamente para as duas fotos, o leitor desavisado poderá traçar ligações diretas entre a figura do monge e a prática meditativa de início da aula como apresentada na primeira foto. Apesar da postura dos *karate-ka* ser a mesma da prática budista do *zazen* (meditar sentado), se trata apenas de um *mokusō* (meditar em silêncio) que é um exercício de menos de dois minutos feito apenas para que o praticante centre sua atenção no treinamento que começará em instantes, diferente, portanto, do *zazen* que poderia levar horas e cujo objetivo é muito mais profundo.

A seguir podemos observar uma coleção de três fotos dos primeiros anos (década de 1970) da academia Dojinmon de Suzuki Takeo *sensei*, disponibilizadas por Nelson Guimarães, 6º *Dan* do estilo *Wadō-ryū*. Além do já comentado propósito dos professores gaúchos de apresentarem as fotos com os mestres japoneses a fim de obter legitimação de suas

habilidades enquanto *karate-ka*, percebemos a preocupação em apresentar fotos do *Dōjō* com sua lotação máxima, procurando mostrar o sucesso do local de prática em termos de captação de alunos ou sócios.

Na primeira foto temos uma demonstração de *Yakusoku Kumite* (luta combinada), um elemento fundamental do estilo *Wadō*, onde se aprendem diversas técnicas de defesa pessoal diferentes daquilo que se treina enquanto luta competitiva (*Kumite*). Na foto seguinte o treinamento retratado é o de exercícios formais, os *Kata*. Novamente, salão lotado, e o retrato é uma pretensa técnica apurada, com um bom nível, da maior parte do grupo. Chama atenção tanto o fato de se estar treinando diretamente no piso de madeira, quanto a quantidade de grandes espelhos nas paredes. Outro detalhe que vale ser observado diz respeito ao modo como os participantes amarram suas faixas: as pontas do *Obi* não ficam soltas, são viradas mais uma vez para dentro da parte da faixa que forma o “cinturão” e ficam firmemente acomodadas para trás, o que ajuda a não atrapalharem os movimentos de luta. A terceira foto remete a uma prática de *zazen* realizada no final da sessão, mas que, como já lembramos, não tem nada a ver diretamente com o *Karate-Dō* e sim com o método de Suzuki Takeo *sensei*, também monge, de nome budista “Muto”.



Figura 68 - *Sensei* Takeo Suzuki demonstra *Yakusoku Kumite* com Nelson Guimarães.
Fonte: acervo de Nelson Guimarães disponibilizado no site da academia Dojinmon.



Figura 69 - Treinamento de *Wadō-ryū Karate-Dō* na academia Dojinmon.
Fonte: acervo de Nelson Guimarães disponibilizado no site da academia Dojinmon.



Figura 70 - Meditação em *seiza* (sentado) na academia Dojinmon.
Fonte: acervo de Nelson Guimarães disponibilizado no site da academia Dojinmon.

Devido ao fato de que essas fotos também estão disponíveis no site da Academia Dojinmon, essas ficam também acessíveis a qualquer internauta. Esse pode ser também o motivo (divulgação) das fotos escolhidas representarem um local bem arejado, amplo, e cheio de praticantes engajados. As fotos envelhecidas e em preto e branco ajudam também a legitimar a ideia de que o Dojinmon teria começado suas atividades antes da década de 1970, mesmo que no site da Wado-kai Brasil, anteriormente citado, exista uma foto de 1969, onde Suzuki Takeo *sensei* é fotografado ao lado de Fujita *sensei* como representante da Universidade *Tokyo Nodai*, enquanto Fujita era proveniente da Universidade *Nippon* (Japão).

Tendo observado essas imagens que nos dão importantes informações acerca dos pioneiros dos estilos *Wadō* e *Gōjū* no estado do Rio Grande do Sul vamos agora nos deter por um momento a analisar a coleção de fotos cedida por *sensei* Altemar Sabino que mostra diversos importantes personagens do estilo *Shōtōkan*. Nem todas as fotos foram identificadas com clareza em termos de datas, mas sabemos que registram cenas que vão do início da década de 1970 até o início da década de 1980.



Figura 71 - Treinamento de *Shōtōkan Karate-Dō* no 18º Batalhão Motorizado: Ademar Brandolff e Antonio Bittencourt lutam, observados por Luiz Watanabe (de pé, atrás dos lutadores) em 1973.

Fonte: acervo de Altemar Sabino

As primeiras cinco fotos dessa coleção trazem alguns dos principais estudantes de Luiz Tasuke Watanabe *sensei*, de Porto Alegre e região, que estavam envolvidos com as demonstrações, treinamentos e competições promovidas pelo representante da *Nihon Karate Kyōkai* em Porto Alegre na década de 1970. De fato, Watanabe *sensei* não fora formado como *Kenshusei*, a ponto de ter o reconhecimento de instrutor oficial desta instituição, mas todos os japoneses oriundos da Universidade *Takudai* na época se identificavam como membros da NKK (que posteriormente ficaria mais conhecida por JKA).

Na primeira foto temos uma cena de treinamento de *Kumite* (luta), onde Watanabe *sensei* observa ao fundo a ação de Ademar Brandolff e Antonio Bittencourt. Percebemos que há outros praticantes sentados em volta dos lutadores, o que nos leva a crer que Watanabe *sensei* está arbitrando a luta. Vale destacar a constituição dos fotografados: um corpo magro, porém forte, bem definido, provavelmente produto da combinação de treinamento pesado do *Karate-Dō* com a preparação militar. Na foto percebemos ainda as instalações do 18º Regime de Infantaria, do bairro Partenon, em Porto Alegre. Observando o formato da foto e conservação, sabemos que as fotos dessa coleção são fotos particulares, tiradas com o intuito de as pessoas envolvidas terem uma recordação desses episódios, o que as diferencia das fotos até então apresentadas. Sabemos também que estas imagens nunca foram divulgadas na internet, cedidas inicialmente ao professor Altemar, que depois as repassou para contribuir com esta pesquisa de Mestrado. A maioria delas veio com as descrições que atribuímos na legenda, ou deram as pistas para construirmos depois as legendas completas.

A segunda foto remete a uma pequena competição realizada no que podemos identificar como um salão de festas ou algo do gênero. Podemos ver que o piso está marcado com fitas brancas, delimitando a área onde os atletas podem aguardar para ser chamados, a área de competição e o espaço para o público, que se acomodava em bancos e cadeiras improvisadas. Vemos também, ao fundo, perto da porta, a presença de três guardas municipais e na plateia, além da grande maioria de homens, também uma mulher e algumas crianças. O segundo atleta, da esquerda para direita é Ademar Brandolff, um dos principais alunos de Watanabe *sensei*. Todos utilizam o *karate-gi* branco e aguardam pacientemente sua oportunidade de competir (vale ressaltar que os atletas não estão em posição para a meditação *zazen*, e sim em *agura*, a posição sentada com pernas cruzadas, onde alguns apresentam ainda tensão nos feixes nervosos do complexo do psoas conhecidos como *kua*, por se tratar de um grupo de iniciantes).



Figura 72 - Ademar Brandolff e outros atletas em competição (década de 1970).

Fonte: acervo de Altemar Sabino

A terceira foto mostra um grupo após a realização de exame de graduação em um espaço de prática da época chamado Dojo Gaba. Watanabe *sensei* aparece como terceiro homem de pé, da esquerda para direita. É uma foto também em preto e branco, de qualidade técnica não profissional. Não foi possível identificar, até o momento, a identidade dos outros praticantes de *Karate-Dō*. De toda forma, vale chamar atenção para um fato que ocorre neste tipo de evento: a importância da presença de um mestre na avaliação dos praticantes candidatos a receber a nova graduação. Watanabe *sensei*, em traje social, é a figura de destaque do exame de graduação. Um terceiro aspecto que vale a pena ser ressaltado é que o penteado de Luiz Watanabe lembra muito o penteado usado por Bruce Lee, o famoso ator de filmes de “*Kung-Fu*”, o que pode ter sido uma grande jogada para mexer com o imaginário do grande público da época. Até os dias de hoje, Bruce Lee é lembrado por suas performances nos filmes e nos desafios reais que sofrera pela sua ida aos Estados Unidos, apesar de não podermos afirmar que Watanabe *sensei* adotou propositalmente a aparência semelhante, podemos supor que ela ajudou na divulgação do *Karate-Dō* que esse mestre veio ensinar no Estado.



Figura 73 - Exame de faixas no dojo Gaba, em 1976.

Fonte: acervo de Altemar Sabino

Na quarta foto temos o professor Fernando Malheiros Filho (o terceiro da direita para esquerda, ao lado das duas mulheres), treinando com outros membros da Fundação *Kokushikan* em São Paulo. A *Kokushikan* era uma instituição japonesa, uma Universidade segundo o relato de Lyoto Machida (MACHIDA, 2012) que realizara convênios no Brasil para instalar academias pelo país onde uma das atividades era o *Karate-Dō*. O pai de Lyoto, Yoshizo, mudou-se para ensinar na *Kokushikan* do Pará. A *Kokushikan* de São Paulo (São Roque) normalmente tinha suas atividades coordenadas pelo professor Yasuyuki Sasaki, que também ministrava aulas em sua academia, a *Lembu-Kan* de São Paulo e na USP. Na foto, os *karate-ka* praticam uma série de socos, um exercício conhecido como “*sono-ba-zuki*”. Como a *Kokushikan* era uma entidade educacional que pretendia estreitar os laços de amizade entre Brasil e Japão, apoiando as práticas “esportivas japonesas”, a presença de um professor gaúcho em contato direto com esses representantes do *Karate-Dō* e do Japão leva, também a uma legitimação de tal pessoa perante seus pares. Mesmo com muitos outros praticantes, o foco da foto parece ser mesmo Fernando Malheiros Filho, o que leva a pensar que o fotógrafo, até então não identificado, tinha qualquer relação com o professor de *Karate-Dō* e advogado gaúcho.



Figura 74 - *Sensei* Malheiros treinando com membros da Fundação *Kokushikan* em São Paulo (década de 1970).
Fonte: acervo de Altemar Sabino

A quarta e última foto traz um grupo de *karate-ka* gaúchos, em uma situação descontraída. Na descrição fornecida pelo professor Altemar Sabino sabemos da presença de *karate-ka* como Capra e Ademar Brandolff. A foto, tirada junto a um ambiente com natureza retrata uma cena que nunca ocorreria entre *karate-ka* japoneses: vestidos com o *karate-gi*, ou seja, em um momento “sério” da vida, simulando golpes contra um *senpai* (mais velho), no caso Ademar Brandolff. Como nos lembra Benedict, esse tipo de situação só poderia ocorrer em um momento “não sério” da vida, e efetivamente ocorre entre os japoneses, desde que não estejam ainda no “clima” do treinamento (BENEDICT, 2009). Na foto nem todos os membros do grupo são *yudansha*, e são exatamente esses *karate-ka* mais graduados que promovem a brincadeira com *sensei* Ademar Brandolff.



Figura 75 - Capra, Ademar Brandolff e outros (década de 1980)
Fonte: acervo de Altamar Sabino

Daqui em diante podemos acompanhar uma coleção de fotos que mostra uma faceta totalmente competitiva do *Karate-Dō* gaúcho. Trata-se de uma série de fotografias que retratam o espaço onde o grupo original de Tasuke Watanabe treinava em Porto Alegre, seguida de fotos do Campeonato Brasileiro de 1976 no Rio de Janeiro. Como as três primeiras e as três últimas fotos são tiradas no mesmo ambiente e dia serão aqui apresentadas juntas. Na primeira sequência de imagens temos dois importantes alunos de Watanabe sensei: Nestor Paim Rimbau e Ademar Pires Brandolff, na época faixas roxas (2º *kyū*). Na academia vemos próximo às paredes alguns sofás onde os visitantes podiam assistir às aulas, estante com troféus, mastros com a bandeira do Rio Grande do Sul, e na parede diversos certificados, flâmulas e fotos do campeonato mundial vencido por Luiz Watanabe.

Em todas as fotos os dois karate-ka estão a demonstrar golpes aos pontos vitais (*atemi*) executados com controle (*Sun-dome*), aspectos centrais da prática do *Karate-Dō*. O primeiro golpe, desferido por Nestor é um *Shutō Uchi* (golpe com a espada da mão), e as duas técnicas desferidas por Ademar Brandolff são o *Tsuki* (soco) e um *Yoko Kekomi* (chute de estocada lateral). As imagens remetem ao período que antecedeu a competição nacional.



Figura 76 - Ademar Brandolf e Nestor Paim Riambau treinam no *Shotokan Karate Dojo* de Luiz Tasuke Watanabe (década de 1970).

Fonte: acervo de Altemar Sabino



Figura 77 - Ademar Brandolf e Nestor Paim Riambau treinam no *Shotokan Karate Dojo* de Luiz Tasuke Watanabe (década de 1970).

Fonte: acervo de Altemar Sabino



Figura 78 - Ademar Brandolf e Nestor Paim Riambau treinam no *Shotokan Karate Dojo* de Luiz Tasuke Watanabe (década de 1970).

Fonte: acervo de Altemar Sabino

A quarta foto é um registro da delegação do Rio Grande do Sul que disputou o Campeonato Brasileiro de 1976, uma das primeiras seleções gaúchas a participar do evento. O fotógrafo, mais uma vez, não está identificado, e além do homem de camisa amarelada e calça boca de sino (que fazia parte da “moda” da época) temos os oito atletas gaúchos que representaram o Estado, da direita para esquerda: Luiz Biazus (professor de *Karate* da ESEF UFRGS e primeiro aluno de Watanabe *sensei*), Nestor Paim Riambau, Brito, Ademar Pires Brandolff (fundador da associação de Karate mais antiga ainda filiada à FGK, a ASKAB), José Carlos Oliveira, Jorge Luiz Estrazulas, Ricardo Jacobi (Jacobão) e Expedito. A competição fora disputada no ginásio esportivo do Tijuca Tênis Clube, no piso de madeira. Essa série de fotos, em cor, mostra que o ginásio tinha um considerável público presente. Na parte superior da foto foram inseridos digitalmente os nomes dos membros da equipe que depois complementamos na pesquisa. Podemos observar também que a equipe é formada por alguns homens de constituição forte e que nem todos são *yudansha*.

Seleção Gaúcha de 1976, Bianzus, Nestor, Brito, Brandolff, Zé Olivera, Estrázulas, Jacobão e Expedito.



Figura 79 - Seleção Gaúcha de Karate de 1976.
Fonte: acervo de Altemar Sabino

As três fotos seguintes documentam lutas de Ademar Brandolff, nas primeiras duas fotos atuando como “*shiro*” (branco), o atleta que não usava outra faixa por cima da faixa que representava sua graduação, e na última atua como “*aka*” (vermelho), utilizando uma faixa vermelha sobre a faixa roxa. Observamos os uniformes dos árbitros, que pouco mudaram até os dias atuais: calça social escura e camisa social branca, além da gravata. Os auxiliares portam também as bandeiras vermelha e branca e apito com os quais sinalizam as pontuações que eventualmente são sinalizadas pelo central. A área de luta se mostra reduzida, provavelmente algo entre 4x4m ou 6x6m. As primeiras fotos registram lutas classificatórias, contra atletas de outros estados, e a luta final aconteceu em uma disputa contra um dos grandes nomes do *Karate-Dō* brasileiro, já citado aqui quando da apresentação da relação dos convocados para a seleção brasileira de 1972: Djalma Caribé, da Bahia. Este episódio e esta luta rendem histórias contadas até hoje pelos professores gaúchos. Por um breve espaço de tempo, esse grupo de atletas construiu também a imagem de uma “quarta potência do Karate nacional” para o Rio Grande do Sul.



Brandolff no Camp Brasileiro 1976 Rio de Janeiro

Figura 80 - Ademar Brandolff no Campeonato Brasileiro de 1976 no Rio de Janeiro.

Fonte: acervo de Altemar Sabino



Figura 81 - Ademar Brandolff no Campeonato Brasileiro de 1976 no Rio de Janeiro.

Fonte: acervo de Altemar Sabino



Final Camp Brasileiro 1976 Brandolff (RS) e Djalma Caribe (BA)
Tijuca Tênis Club, RJ

Figura 82 - Final do Campeonato Brasileiro de 1976, Ademar Brandolff (RS) e Djalma Caribé (BA) se confrontam no *Shobu Ippon Kumite*.
Fonte: acervo de Altemar Sabino

Nossa última foto de um *karate-ka* do estilo *Shōtōkan* foi disponibilizada pelo sensei Cesar Augusto Almeida Estivales de Santa Maria, portador do 4º *Dan*. A baixa qualidade da foto também nos leva a crer que foi tirada com uma câmera comum, e que não tinha grandes objetivos de divulgação. É importante, porém, ressaltar que assim como em fotos de Watanabe *sensei* e Brandolff *sensei* que acabamos de analisar, essa foto de Estivales *sensei* mostra a inserção do estilo *Shōtōkan* no meio militar, se tratando aqui de uma foto do grupo de treinamento em Karate da Escola de Especialistas em Aeronáutica de 1978. Essa inserção parece ocorrer até hoje, pois a Academia de Agulhas Negras (um dos grupos de elite militar no Brasil) tem ainda hoje o seu treinamento em *Shōtōkan Karate-Dō*. Na foto, os membros do grupo apenas posam e em uma postura não tradicional. Apenas um dos presentes está com o karate-gi completo e faixa preta, o que faz deste o principal candidato para a função de instrutor. Estivales *sensei* aparece ao centro, entre os sentados, é o terceiro da esquerda para direita. A divulgação do *Shōtōkan* no meio militar vem também, em última análise, reforçar o discurso de seus adeptos de que se trata de um estilo com maior eficiência para o combate.



Figura 83 - Treino de Karate na Escola de Especialistas de Aeronáutica (1978).
Fonte: acervo de Cesar Estivales

Findadas estas imagens que reportam espaços de treinamento do estilo *Shōtōkan*, falemos de duas outras coleções de professores ligados ao *Wadō-ryū*: na primeira temos demonstrações de *Tanto Dori* (desarme de facas) realizada por Takeo Suzuki *sensei*, auxiliado por Nelson Guimarães. As imagens que registram uma apresentação em um palco de madeira com cortinas escuras ao fundo mostram os dois mestres executando exercícios combinados que também fazem parte da metodologia tradicional do estilo *Wadō*. Como Suzuki Takeo *sensei* é o *karate-ka* mais graduado, vai ser sempre aquele que demonstra as técnicas e então o *uke* (auxiliar) é sempre Nelson Guimarães. Vale lembrar também que, por estarem disponibilizadas no site da academia Dojinmon, supomos que o objetivo último das imagens é a divulgação e a legitimação dos *karate-ka* rio-grandenses que estudaram com Suzuki *sensei* ou com Nelson Guimarães *sensei*. O mesmo ocorre na segunda coleção, com peso ainda maior neste quesito.

Seguidas das duas fotos de Nelson *sensei* com Suzuki *sensei*, temos um conjunto de fotos onde foi registrado o mesmo tipo de atuação (*Yakusoku Kumite*), porém em um conjunto de imagens onde Suzuki Takeo é o *uke* de Ōtsuka Hironori II, o herdeiro da liderança mundial da *Wadō-ryū* após a morte de seu pai, Ōtsuka Hironori.



Figura 84 - Nelson Guimarães auxilia Suzuki sensei na demonstração de Tanto dori (domínio de facas).
Fonte: acervo de Nelson Guimarães



Figura 85 - Nelson Guimarães auxilia Suzuki sensei na demonstração de Tanto dori (domínio de facas).
Fonte: acervo de Nelson Guimarães



Figura 86 - Suzuki auxilia o líder mundial da *Wadō*, sensei Ōtsuka II, a demonstrar *Yakusoku Kumite* e *Bunkai*.
Fonte: acervo de Nelson Guimarães



Figura 87 - Suzuki auxilia o líder mundial da *Wadō*, sensei Ōtsuka II, a demonstrar *Yakusoku Kumite* e *Bunkai*.
Fonte: acervo de Nelson Guimarães



Figura 88 - Suzuki auxilia o líder mundial da *Wadō*, sensei Ōtsuka II, a demonstrar *Yakusoku Kumite* e *Bunkai*.
Fonte: acervo de Nelson Guimarães



Figura 89 - Suzuki auxilia o líder mundial da *Wadō*, sensei Ōtsuka II, a demonstrar *Yakusoku Kumite* e *Bunkai*.
Fonte: acervo de Nelson Guimarães



Figura 90 - Suzuki auxilia o líder mundial da *Wadō*, sensei Ōtsuka II, a demonstrar *Yakusoku Kumite* e *Bunkai*.
Fonte: acervo de Nelson Guimarães



Figura 91 - Suzuki Takeo *sensei* com Ōtsuka II.
Fonte: acervo de Nelson Guimarães

Ao invés de um palco preparado, o cenário é um local junto à natureza, provavelmente um sítio (além da vegetação observamos as cercas de madeira branca). A coleção de fotos sugere a filiação direta de Suzuki *sensei* às raízes do estilo e se configura como uma ferramenta poderosa de divulgação e legitimação do grupo rio-grandense que tinha em Suzuki sua maior referência. Ao mesmo tempo procura atestar sua qualidade técnica, mostrando movimentos plasticamente bem executados. Analisadas todas juntas, assim como aparecem juntas no site da academia Dojinmon, as fotos sugerem uma linhagem de Ōtsuka II para Suzuki Takeo e por sua vez para Nelson Guimarães, um registro significativo para impedir que se questione a qualidade do *Karate-Dō* ensinado nessa associação.

As últimas fotos cedidas para este estudo remetem ao final da década de 1980. Nas três primeiras, uma coleção cedida por Altemar Sabino, intitulada “Padilla, aluno de Akira Taniguchi”, vemos o professor do estilo Goju demonstrando algumas técnicas de chute. Aqui temos uma sequência de imagens realmente interessantes. As fotos, coloridas, foram tiradas em um ginásio poliesportivo, piso de madeira e má iluminação. Na segunda e terceira foto vemos uma faixa que anuncia um evento esportivo, ao qual não podemos identificar totalmente, pois a imagem não abrange toda a faixa. Na fração registrada temos: II Festival de Esportes da [...], dia 31/08 às 15hs – local Ginásio da [...], Show de Jazz – Ballet – Judô – Karate – Ginástica [...]. Dois praticantes novatos (*kōhai*) de *Gōjū-ryū Karate-Dō* acompanham Padilla sensei em suas demonstrações de chute (sabemos isso por portarem as faixas azul e laranja, concedidas a pessoas com menos de dois anos de prática no estilo). A parte contraditória e curiosa é que seguram objetos que lembram raquetes de chute para servirem como alvo, enquanto Luiz Padilla executa três técnicas que não fazem parte do padrão técnico do *Karate-Dō*, muito menos do estilo *Gōjū*. Em estilos como *Shōtōkan* e *Kyokushinkai* os chutes altos são um pouco mais comuns, mas em *Gōjū* faz parte da teoria tradicional do estilo chutar o corpo adversário até a altura da faixa e socar da faixa para cima. Ou seja, são técnicas que praticamente não se treinava na época por não fazerem parte do cabedal de repertório motor do *Gōjū-ryū*. Isso é importante, pois não há registros de que Taniguchi Akira tenha modificado a tal ponto sua metodologia. Em segundo lugar, as técnicas que aparecem na foto são relativamente comuns no *Tae Kwon Do*, uma arte coreana especialista em chutes e chutes saltando, onde se fazem apresentações muito parecidas com essas registradas pelo fotógrafo.



Figura 92 – Luiz Padilla é auxiliado por dois *kōhai* e executa chutes incomuns no Karate-Dō.
Fonte: acervo de Luiz Padilla.

A última foto registra a equipe da *Kishintai*, uma associação com sede em Santa Maria, cujo professor responsável é Cesar Estivales, do estilo *Shōtōkan*. Na imagem vemos Estivales sensei cercado de crianças que fazem parte de sua equipe, com premiações e

certificados por participação em uma competição. É uma cena contrastante quando comparada as demais imagens que aparecem até então, onde a preocupação era mostrar um *Karate-Dō* enraizado nas tradições, com a presença dos mestres japoneses. Aqui vemos uma cena onde a prática alcança o público infantil¹¹⁹ e tem pouca diferença de cenas semelhantes de fins de torneios de outras modalidades esportivas, pois não vemos nenhum dos praticantes e nem mesmo o professor, sentados na postura tradicional, temos uma bandeira com o escudo da equipe, os troféus e o clima de total descontração. Da mesma forma que a criação da federação estadual pode ser considerada um marco na instituição de uma lógica esportivizada da arte no Estado, temos nesta foto uma segunda evidência de que a natureza da prática viria a se alterar fortemente.



Figura 93 - Equipe da associação *Kishintai* com *sensei* Estivales (final da década de 1980).
Fonte: acervo de Cesar Estivales

¹¹⁹ Lembramos que no período em que o *Karate-Dō* foi introduzido no Rio Grande do Sul apenas maiores de 18 anos podiam praticar, e estes deviam fazer um registro na Polícia Federal onde declaravam que estavam envolvidos com esse tipo de prática.

5.3 Uma História do *Karate-Dō* Gaúcho através dos Depoimentos Orais

Nesse subcapítulo apresentaremos a versão construída através dos depoimentos orais: as entrevistas realizadas com professores gaúchos. Essa metodologia vem sendo bastante empregada, principalmente quando falamos de História Oral. Aqui, o principal objetivo será resgatar elementos das experiências pessoais e as sensibilidades (experiências interiores tais como sentimentos vivenciados) podendo dar voz àquelas significações do humano que não conseguimos alcançar com outros métodos (SANTOS, 2005; 2000), bem como garimpar novos detalhes sobre os episódios que compõe a História do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul.

Para fins de organização, procuramos nos guiar seguindo a flecha do tempo, mas permitindo-nos ir e voltar também quando houver necessidade e quando um tema se fizer mais importante que a cronologia. Com isso, procuramos nos depoimentos alguma informação sobre o período anterior à década de 1970. As poucas informações fazem parte de importantes pistas que passamos a seguir. Optamos também por trazer trechos, por vezes, longos das entrevistas, permitindo assim que se possa entrar em contato com a “voz” dos entrevistados, não apenas redigindo um capítulo de supostas análises. Para além disso, criticamos alguns pontos que vão ser também confrontados posteriormente com as demais fontes.

É importante lembrar que devido à cisão entre *Karate-Dō* e *Kyokushinkai* na década de 1980 e 1990, percebemos os “silêncios” da maioria massiva dos entrevistados sobre os pioneiros do *Kyokushinkai* no Estado. Sobre esses professores o entrevistado Nolberto Pintos de Oliveira, jornalista, praticante na época, relata:

Os precursores do Karate no estado foram Tsunioishi Tanaka (Karate-do Tanaka) – Tsunioishi-kai, Frontino Vieira (Karate-do Tanaka, que após a década de 70 migrou para o Kyokushin) e em 1970 Watanabe (do Karate Shotokan). Watanabe tinha academias na Cidade Baixa (Rua da República), no Bom Fim (Oswaldo Aranha) e na Rua Lucas de Oliveira (Petrópolis). O Karate na época estava ligado ao Pugilismo. Lembro que haviam lutadores de Luta Livre (MMA da época), que participavam de um programa chamado Ringue 12 na TV Gaúcha, eram: Scaramuche, Fantasma, Cigano, Ted Boy Marino, Caveira, Romano, entre outros. O programa era gravado no Galeto Mamma, em frente ao União e no Ginásio da Universidade (atual Ginásio da Brigada Militar, na Av. Ipiranga com Silva Só). Nos anos 60 o Karate não era tão popular, como nos anos 70 e 80. O Kung-Fu sim, devido ao Bruce Lee. Não havia tatami (material plástico só veio na década de 80). Usávamos saco de pancada revestido de lona de caminhão e revestido de areia ou tecidos, feito manualmente.

Se treinava em piso de madeira antigo ou em parquet. A preparação física era rudimentar, não se tinha a noção de hoje (alongamento, Cooper, pilates, aquecimento). Alguns professores inclusive fumavam. A população era mais magra (xis burger era raro), pois as comidas tinham menos gordura. Seiji Isobe, do Kyokushin, veio ao Brasil pela primeira vez em 1972 e montou a primeira academia em Santo André em 1973, quando o professor Vieira aderiu ao Kyokushin. Quando Isobe chegou, afastou o Tanaka e estabeleceu efetivamente o Kyokushin. Todos os faixas-preta não foram mais reconhecidos (inclusive Carlos Alberto, que só foi faixa-preta em 2007). Muitos alunos criaram suas academias, filiados ou não a federação. (OLIVEIRA, 2011)

Pouquíssimo se fala sobre os introdutores do estilo *Kyokushinkai*, ou do “reinventado” estilo Tanaka. De forma semelhante, fica claro que dificilmente fora do estilo se fala dos precursores dos demais estilos. Ainda sobre acontecimentos da década de 1960, através de uma comunicação pessoal (PADILLA, 2010), o professor Luiz Roberto Nuñesos Padilla envia informações sobre Takeo Suzuki *sensei* do estilo *Wadō*, escapando da tendência dos silêncios da maioria dos depoentes, que suscitam perspectivas interessantes sobre esse mestre pioneiro no Estado:

Posso falar imparcialmente do Mestre Suzuki, na condição de conhecedor do seu trabalho, sem ter sido seu discípulo ou aluno direto. Estive em alguns Gashukus, encontro de treinamento e meditação, que a escola Dojinmon costuma realizar anualmente. Além de professor de Direito Desportivo, sou de outra Escola de Karate, o Goju, discípulos do mestre Akira Taniguchi. [...] Mestre Takeo Suzuki, 8º Dan de Wado-Ryu Karate-Do, discípulo direto do *Grande Mestre* Hironori Otsuka, chegou ao Brasil em 1960, vivendo na comunidade japonesa em Belém do Pará por três anos [...]. Em 1963, transferiu-se para o Rio Grande do Sul, sendo o primeiro professor de Karate no Estado. Em reconhecimento ao seu trabalho, em 1995, foi o primeiro professor de karate agraciado com a Medalha João Saldanha, maior honraria outorgada pelo Governo do Estado por relevantes serviços prestados pelo desenvolvimento do desporto. Ficou no RGS de 1963 a 1969, indo para São Paulo e Rio de Janeiro, onde ministrou aulas de Wado e, com os Mestres Buyo e Takamatsu, fundou a Wado-Kai do Brasil. Foi o primeiro Professor de Karate do Dr. Ivo Pitangui, no Rio de Janeiro onde lecionou, também, para os Fuzileiros Navais. Retornou ao Japão, onde treinou dois anos diretamente com o Mestre Fundador Hironori Otsuka.

A partir daqui o relato do professor Padilla toma outro rumo. Através de um discurso laudatório tenta ligar a imagem do professor Suzuki a representação de uma pessoa mais elevada por ser contrário a certas práticas “monetárias”, como podemos acompanhar nas declarações que dá, contrapondo a cobrança pelo trabalho de ensinar à atitude moral adequada ao “mestre”:

Em 1974, retornou ao Rio Grande do Sul, trazido por uma Academia onde o atualmente 6^º Dan, Nelson D'Ávila Guimarães, foi um dos primeiros alunos, o n^º 9. Sendo o Mestre Suzuki um dos Mestres Japoneses que ensinam o Karate como Budô, desligou-se da Academia por não concordar com a maneira comercial como era administrado o ensino da modalidade, e inaugurou seu próprio Dojô, intitulado Dojinmon, com administração não comercial e dedicado a prática do Karate, com ênfase no Budô. No Dojô, não havia mensalidade, e os alunos ofertavam uma retribuição mensal ao Mestre com o valor que achássemos conveniente dentro de suas possibilidades, separando-o do "monge empresário". Em 1980, Mestre Suzuki levou o Karate Wado-Ryu para Minas Gerais, alguns anos depois para Brasília, onde lecionou no Colégio Militar por muitos anos. Hoje, reside no exterior. Contudo, todos os anos reúne seus discípulos num Gasshuku, cada ano em um Estado, o último em Belém do Pará (este Gasshuku aconteceu em Belém por que o Mestre considerava que seus discípulos brasileiros precisavam conhecer a Amazônia, e participaram de um reflorestamento na região). O Gasshuku anterior ocorreu em Gramado, no Rio Grande do Sul. Nestes eventos acorda-se às 5 da manhã para praticar meditação, intercalada por palestras sobre Budô, e pratica do Karate-Do Wado-Ryu tradicional. Mestre Suzuki tem uma linda e maravilhosa história de serviços prestados ao Karate brasileiro. Na fundação da CBK, no campeonato Brasileiro, no Maracanãzinho em 1988, apresentou uma demonstração anterior a do Mestre Shinzato. (PADILLA, 2010)

Duas questões aparecem para estimular a crítica a essas informações. A primeira é que fora do grupo liderado por Nelson Guimarães *sensei*, a imagem de Suzuki *sensei* não é positiva. Em segundo lugar, o laço de amizade mais próximo com o professor Nelson torna o depoimento parcial, independente de sua filiação ou não ao estilo. Posteriormente, ao triangular todos os dados, poderemos concluir com maior precisão algo sobre este ponto. Outro aspecto marcante desse depoimento é de um discurso tendenciosamente laudatório em relação à trajetória do mestre de *Karate-Dō Wadō-ryū*. Por um lado parece que se confunde a tendência do mestre às atitudes que tem mais a ver com os ideais de um religioso (o que realmente o era), como se os demais professores pudessem ser inferiores por não seguir os mesmos princípios. Além disso, o trecho que destaca o desinteresse financeiro em nome do ensino do “verdadeiro *Budō*” vem a ser uma afirmação conflituosa para a identidade dos demais professores que, antes de tudo, eram profissionais procurando exercer suas atividades de instrutores da referida prática de luta. Também não devemos esquecer que aqui parece ser esquecido o real significado de *Budō*: literalmente “o Caminho para deter a violência”, na prática a denominação das práticas guerreiras do Japão após a restauração Meiji, que se voltavam mais ao desenvolvimento do caráter e à educação física de seus praticantes, do que à preparação para a atuação nos conflitos armados reais (KANO, 2008). Assim, precisamos estar atentos ao fato de que, devido a esse tipo de discurso, muitas pessoas são criticadas por exercer sua função profissional e cobrar os honorários de

direito, onde parece, por vezes, que o mestre de *Karate-Dō* deveria ser quase um “guru asceta indiano”, pobre, maltrapilho e mesmo assim apaixonado pelos “valores do *Karate-Dō*” aos quais deveria seguir ardorosamente. O pensamento compartilhado no imaginário por esse tipo de discurso vem, inclusive, sendo tratado com chacotas nas redes sociais, sendo chamado de “budô evangélico¹²⁰” por praticantes de todo o país.

Mais consistentes são os relatos sobre os introdutores do estilo *Gōjū-ryū* e *Shōtōkan* no Estado, concedidos por outros entrevistados. O *sensei* Arthur Xavier de Oliveira Filho, professor mais graduado do estilo *Gōjū* no RS, assim relata os fatos que recorda do período de nosso estudo:

Mestre Akira Taniguchi mesmo tendo passado rapidamente pelo RS, em meados dos anos 60, introduziu oficialmente o Goju-ryu em Porto Alegre, e em meados de 1974, unindo-se ao instrutor Shunji Hinata, que já ensinava Karate na UGAPOCi e Kidokan. Taniguchi visitava o RS algumas vezes por ano, trazido pela Academia Kidokan e formou um forte grupo. A partir de outubro de 1976 passei a ensinar Karate Goju na ACM – Ass. Cristã de Moços, sob supervisão de Hinata e Akira. Em 78 fui promovido a faixa-preta (participando de exame realizado em São Paulo) e organizei o Torneio Estadual de Karate Goju na ACM. Em meados de 1977 Akira Taniguchi manda a Porto Alegre o faixa-preta Ananilson de Sousa para auxiliar Hinata no Goju. Em 1980, ocorreu o 1º Campeonato do estado para todos os estilos, na Brigada Militar (ou Gigantinho, não recordo com certeza). Em 85 aconteceu o 10º Campeonato Brasileiro aberto em que o RS participou com todos os estilos envolvidos, ainda na FRGP, e do Goju de Porto Alegre estavam presentes Zuleika Lentino e eu, que fazíamos parte da equipe que disputaria Kata, ela conquistando um 3º lugar na Zonal Sul de 85. Época em que estilos além do Shotokan não participavam muito dos brasileiros. Em 88, a ACM Goju é co-fundadora da FGK. Nos anos 80/90 fui 9 vezes campeão de Kata no RS. A ACM até hoje formou via FGK mais de 30 faixas-pretas.

Temos aqui o registro de alguns nomes importantes dos primeiros anos do desenvolvimento do *Karate-Dō* no RS. Da mesma forma, fica claro que no Estado mais meridional do país a prática parece nunca ter sido restrita às mulheres, apesar de que, pela baixa quantidade de participantes do gênero em relação aos homens, o contexto cultural (onde não podemos esquecer os traços da cultura gaúcha, que romantiza a figura da mulher e a opõe qualitativamente em muitos aspectos á figura do homem) parece ser um dos principais elementos que restringiam a maior participação do público feminino. O depoimento também esclarece como Arthur Oliveira Filho seguiu se aperfeiçoando no estilo *Gōjū* com o afastamento de seu mestre Taniguchi Akira: um aluno de Taniguchi, do centro do país, chamado Ananilson de Souza, dera suporte ao grupo gaúcho.

¹²⁰ Fazendo alusão e comparação ao modo ardoroso de praticar determinadas religiões no Brasil.

Ainda sobre Taniguchi Akira, pudemos ouvir o depoimento de Helio Riche Bandeira. O professor Helio tem ensinado *Karate-Dō Gōjū-ryū* no Colégio Militar de Porto Alegre há muitos anos, e resume o começo de sua trajetória e o contato com Taniguchi *sensei* assim:

[...] Eu tive vários professores, meu primeiro professor foi o sensei Hinata, o professor Shunji Hinata, no qual eu iniciei em 1973. E ele ensinava um estilo meio mesclado, que na época ele dizia que era Shitō-ryū, mas era um mesclado. Era mais para Shōtōkan do que para o Shitō mesmo, os próprios katas estavam de acordo com o Shōtōkan. Aí em 1974 veio para o Brasil o sensei Akira, e neste ano que o grupo todo que treinava com o sensei Hinata passou a treinar com o sensei Akira. Isso se deu também por causa da inauguração de uma grande academia, que foi a academia Meibukan, ela era ali na Siqueira Campos, na frente da paineira... como era uma mega academia para ela começar já com um grupo de pessoas graduadas, aí foi levado todo o pessoal da UGAPOCI que era onde nós treinávamos, na União Gaucha dos Policiais Civis, também na Siqueira Campos para a Meibukan na época. E nessa época que eu passei a treinar com o sensei Akira. O sensei Akira, professor já antigo, bem conhecido já no Brasil nessa época, já tinha lecionado em vários outros locais, mas aqui em Porto Alegre ainda não. E aí em Porto Alegre quando ele começou, ele já nessa época também trabalhava já com importação e exportação, então ele conseguia permanecer temporadas na cidade e dava aula. Mas ele viajava bastante, então ele não tinha uma residência fixa. E aí ele dava aula na semana, viajava, voltava na semana dava aula, então... Assim, mas sensei Akira foi então o professor mais graduado com que eu tive aula. Ele faleceu no 8º dan, na época ele era 6º Dan, se eu não me engano, e foi uma pessoa muito especial. [...] Ele no começo até tinha um método bem enraizado, bem japonês, bem Karate de origem mesmo, tinha dificuldade até no português. Sensei Hinata, que ficava muitas vezes de tradutor dele e a gente se adaptou muito bem com ele. A gente treinou então uma temporada na Meibukan, depois esse grupo, não sei o que houve de problemas que não continuou na Meibukan e de novo fomos para UGAPOCI e Kidokan... tá certo, ele também dava aula na Kidokan nessa época e aí ficou mais alguns anos, depois ele se mudou para sede, parece para Curitiba, depois São Paulo e aí foi quando ele montou outros grupos. Nessa época, o mais antigo dos alunos era o Luis Fernando que quando o sensei Akira chegou ele já era faixa verde, eu na época era faixa amarela. Também estava chegando nesta época, vindo do Shōtōkan o sensei Arthur e mais ou menos foi nessa época que eu também obtive conhecimento com o sensei Arthur que foi ser o meu outro último professor. Então, além depois destes dois professores eu tive uma época afastado do Karate propriamente dito. Fui fazer umas, uns treinamentos meio diferenciados, misturava com o judô, capoeira e uma coletânea de... Na época não existia valeduto nem nada, mas eu andei fazendo umas lutas com leves semelhanças e depois aí eu voltei quando eu descobri que o sensei Arthur, no caso, estava dando aula lá na ACM, isto por volta de 1978, 1979 não tenho a data precisa, mas acho que foi em torno de 1979. Aí eu voltei. Tive uns dois anos afastado do karate propriamente dito, mas nunca parei de fazer artes marciais, e aí eu voltei para treinar karate Gōjū-ryū com o Arthur.

A partir daqui o relato do professor Hélio se remete a outra fase. Comenta, então suas experiências com o professor Biazus, na ESEF UFRGS, e os desdobramentos desse período:

E fiquei muito tempo treinando com o Arthur quando eu entrei na universidade em 1979 também passei a fazer aulas com o professor Biazus do *Shōtōkan*. Eu fiz a cadeira de prática desportiva, que na época era obrigatório, fiz um semestre como prática desportiva, depois eu passei para educação física. Eu fiz karate um e karate dois [risos]. É, tá rindo porque eu fui o único aluno que fiz karate dois de toda a faculdade, mas é uma coisa diferente também. E depois ainda fiquei como monitor do Biazus e trabalhei no primeiro projeto que teve lá na UFRGS que era para a comunidade. Não universitária, comunidade do entorno da universidade, então tinha um grupo para crianças até dez anos e outro acima e um dos outros objetivos era de eu preparar o pessoal para competir os JEBS, não JUBS, desculpe, JUBS que acabou não saindo aquele ano, mas pelo menos deu algum certo fruto pois um dos que ficou treinando comigo na época foi o Handel ali treinou e ganhou um título lá no Japão, na Gojukai do Japão. Então quer dizer, pelo menos que adiantou para alguma coisa na parte de técnica, nesse fator. E um pouco antes do karate, em 1972 eu já tinha feito Judô com o professor Julio Espinoza, então basicamente são os professores que eu tive. (BANDEIRA, 2011)

Não podendo reduzir a esse trecho as passagens relevantes do depoimento, chama bastante atenção uma fala que esclarece a foto apresentada na página 164, em que Taniguchi Akira executa o *Kata Heian Shodan* do estilo *Shōtōkan*. Hélio Bandeira *sensei* e Luiz Padilla *sensei* comentam:

[...] teve duas aulas que o *sensei* Akira mandou todo mundo embora da academia e ficou comigo treinando e ensinando *Kata*. E os *Katas* que ele me ensinou nessas duas aulas uma vez foi o *Heian Yondan* e outra vez foi o *Heian Godan*, isto já no *Gōjū-ryū*. [...] O *sensei* Akira, uma vez me falaram que ele já foi da banca do *Shōtōkan* e tudo, então ele mesclava muito as técnicas de *Shōtōkan* com *Gōjū-ryū*, e os *Katas* básicos nossos eram os *Heians* da época, então o *sensei* Akira ensinava os *Heians* depois começava os *Sanchin*, não existia os *Gekisai*. Então, era um sistema bem diferente do que hoje é o *Gōjū-ryū*. (BANDEIRA, 2011)

Nós praticávamos todos os *Heians* e o *Tekki Shodan* e fazíamos só os *Kata* de estilo da *Gōjū*, não fazíamos os *Kata* de base da *Gōjū* que são os *Gekisai Dai Ichi* e *Dai Ni*, não fazíamos. Fazíamos os cinco *Heians* e o *Tekki Shodan* e fazíamos também desde o início o *Sanchin* e a medida que avançávamos pela faixa... Não posso te afirmar com certeza, mas pela faixa verde já treinávamos o *Seienchin*. O *Saifa* começava desde logo, acho que faixa amarela já treinava o *Saifa* e o *Seienchin* a partir da faixa verde e eu te confesso que eu não sei por quê. [...] o *sensei* Akira, como lutador ele buscava eficiência das técnicas. Então, há uma série de características dele e ele criou um *kata* próprio que é o *Jipo*. No sábado, o *sensei* Arthur vai mostrar o *Jipo*, comemorando os 35 anos do Karate e era o *kata* que nos mais gostávamos de fazer. Nós, eu digo eu e mais alguns, inclusive houve uma época antes da fundação oficial da Federação Gaúcha de Karate em que a ACM era hegemônica. (PADILLA, 2011)

Na sequência da entrevista Padilla *sensei* passa a demonstrar o *Kata* enquanto explica sua execução. Enquanto executa trechos do *Kata Jipō*, ou *Jippō*, vai exemplificando como algumas partes parecem característica de *Wadō-ryū* (por enfatizarem *sabaki*, o

trabalho de pernas para esquiva), ou parece característica de *Shōtōkan* (por enfatizar a antecipação), e finaliza caracterizando mais uma vez a personalidade do mestre:

Então ele... mesclava características de varias linhagens, isto que era bacana dele. Ele era um cara que não era ortodoxo. Ele era no estilo japonês, eu não sei qual é tua experiência com japoneses, os japoneses são muitos parecidos, eles são um estilo de ensinar, muito duro. O japonês daquela época era totalmente incompatível com hoje, com a sistemática de hoje porque eles como é que eu vou te dizer... A arte marcial quando surge, ela era uma coisa de vida ou morte, então você só ensinava para o seu discípulo direto, para o seu filho. Então, aquela coisa de tratar mal o discípulo, o aluno, era uma forma de ele se certificar que aquele aluno não iria traí-lo, que aquele aluno tinha um respeito, uma credibilidade. Havia um pouco disso nele também, mas ele ao mesmo tempo era uma pessoa que sabia ser gentil, mas com as mesmas dificuldades dos japoneses. O japonês não fala muito, o japonês se ele não tem certeza ele não responde, quando ele tem certeza ele diz talvez, ele deixa para responder depois. O que cria certa dificuldade no aprendizado. (PADILLA, 2011)

Vale, aqui, fazer uma rápida comparação entre três metodologias de prática dentro do estilo *Gōjū-ryū*, baseadas nas linhas que podemos entender envolvidas com a formação de Taniguchi Akira, bem como na prática deste estilo no resto do país. Entender um pouco mais esse aspecto específico pode ajudar a mapear a origem dos saberes que foram disseminados por Taniguchi na década de 1960. Talvez para o leitor desavisado uma série de técnicas em sequência, que é o que um *Kata Kata* (os exercícios formais, que são a forma de transmissão clássica das técnicas dentro do *Karate-Dō*) pode parecer externamente, algo irrelevante. Mas isso seria simplificar demais a situação. O fato é que cada *Kata* tem sua história, aplicação prática enquanto técnica de luta e guarda, em sua interpretação e nos exercícios internos que guarda em suas formas mais avançadas (meditações ou *ki-ko* associados) a própria história e personalidade dos mestres que os criaram. São portanto assinaturas eternizadas, em forma de movimento, daqueles que construíram a tradição de combate ali representada. Para uma comparação satisfatória, fazemos uma pequena apresentação dos *Kata* do padrão *Gōjū-kai*, que é a base de qualquer linha *Gōjū* (e que são também, em sua quase totalidade, os *Kata* liberados para competição pela WKF), os *Kata* da linha Meibukan de Yagi Meitoku (ao qual Taniguchi parece ter tido alguma filiação) e os *Kata* por ele ensinados no Rio Grande do Sul e que foram relatados por seus estudantes locais, separados em dois grandes grupos, os *Kata* básicos (que geralmente são iniciados aos novatos) e os *Kata* avançados, que são estudados pelos que possuem maior experiência na arte:

Quadro 3 – Exercícios formais em diferentes *Ryū-ha* de *Gōjū-ryū*.

	Goju-kai (Yamaguchi- <i>ha</i>)	Meibukan (Yagi- <i>ha</i>)	Taniguchi- <i>ha</i>
Básicos	<i>Kihon Kata</i>	<i>Gekisai Dai Ichi</i>	<i>Heian Shodan</i>
	<i>Gekisai Dai Ichi</i>	<i>Gekisai Dai Ni</i>	<i>Heian Nidan</i>
	<i>Gekisai Dai Ni</i>	<i>Sanchin</i>	<i>Heian Sandan</i>
	<i>Saifa</i>		<i>Heian Yondan</i>
	<i>Sanchin</i>		<i>Heian Godan</i>
			<i>Tekki Shodan</i>
Avançados			<i>Sanchin</i>
	<i>Shisōchin</i>	<i>Shisōchin</i>	<i>Saifa</i>
	<i>Senseiru</i>	<i>Senseiru</i>	<i>Seienchin</i>
	<i>Seisan</i>	<i>Seisan</i>	<i>Jippō</i>
	<i>Seienchin</i>	<i>Seienchin</i>	
	<i>Seipai</i>	<i>Seipai</i>	
	<i>Kururunfa</i>	<i>Kururunfa</i>	
	<i>Suparinpei</i>	<i>Suparinpei</i>	
	<i>Tenshō</i>	<i>Sanpo Aruite Tenshō</i>	
		<i>Tenchi (Fūkyū Kata)</i>	
		<i>Seiryū</i>	
		<i>Byakku</i>	
	<i>Suzaku</i>		
	<i>Genbu</i>		

Adaptado de World Karate Federation (2009); Higaonna (1986); Toguchi (1976).

Ficam, portanto, muitas indagações sobre Taniguchi *sensei*, e que novamente recaem sobre sua identidade e graduação. É possível que um professor detentor do quinto ou sexto grau não conheça todos os *Kata* do seu estilo? Ou esses *Kata* não foram relatados nos depoimentos, apenas? Qual a real proficiência e história deste mestre no Japão? Questionamentos importantes como esses terão de aguardar estudos mais aprofundados sobre essa importante figura. Assim como o relato dos seus estudantes é a única forma de resgatarmos um pouco da personalidade de Taniguchi Akira, podemos dizer o mesmo de Luiz Watanabe, enquanto estava residindo em Porto Alegre¹²¹. Aqui, mais uma vez, percebemos a importância de ouvir as experiências dos professores mais antigos. Esclarecendo muitos pontos da trajetória do estilo *Shōtōkan* no Estado, Ademar Pires

¹²¹ Luiz Tasuke Watanabe é o último dos mestres pioneiros no Estado ainda vivo, e sua personalidade nos dias atuais, depois de uma longa estada na Europa ao lado de Hiroshi Shirai *sensei* e outros, além das experiências da vida fizeram com que a personalidade “rebelde” da década de 1970 seja praticamente irreconhecível hoje.

Brandolff *sensei* (5º Dan e um dos principais alunos de Watanabe *sensei*) concede o seguinte relato:

Em 1968 eu fui servir ao exército, incorporando no então 1º/18º Regimento de Infantaria, no bairro Parthenon em Porto Alegre. Em 1970 foi criada uma tropa especial chamada "Operacional" e fui transferido para esta na graduação de Cabo. Uma pessoa, um tanto autodidata, começou a ensinar Karate na hora de instruções especializadas. Recém chegado na Unidade, o Capitão Danilo Neumann Sant'anna, vindo do Rio de Janeiro onde treinava Karate com Sensei Sadamu Uriu, sendo graduado faixa-verde, 3º Kyu. O Cap. Sant'anna assistiu a um treino nosso e falou que o que fazíamos não era um Karate de boa qualidade e que estava para vir para o RS, um jovem professor treinado pelos Sensei Yasutaka Tanaka e Sadamu Uriu, e que neste momento estava hospedado em São Paulo na academia do Sensei Sagara. Algumas semanas depois o Cap. Santa'anna chegou no quartel com o Sensei Luiz Tasuke Watanabe, faixa preta 1º Dan (foi o primeiro faixa preta que eu vi em minha vida), ele trazia uma carta escrita em japonês, do sensei Sagara apresentando-o ao professor Obata, um respeitado mestre de Judo que tinha uma academia "Tokyo" nos prédios antigos da UFRGS. Assim, em 70 foi o início efetivo do Karate Shotokan no estado. Sensei Watanabe chegou e se instalou na academia Tokyo, do prof. Obata. Começou ali a ministrar aulas de Karate e no quartel do então 1º/18º RI. Creio que ainda em 70 Watanabe abriu seu Dojo, na Rua da Praia no prédio da antiga FINAB. Passei a frequentar também estas aulas e foram tempos de treinos muito duros, o sensei gostava muito de lutar. Em 71 e 72 ocorreram os primeiros torneios de Karate, um foi no Ginásio da Brigada Militar, na Av. Ipiranga e o outro no Ginásio do Quartel do 18º, não lembro qual a ordem. Participaram destas edições equipes de Karate Kyokushinkai, do prof. Vieira, de Goju-ryu da ACM e de Shotokan da Shotokan Karate Clube e 1º/18º RI, ambos do sensei Watanabe. Em 1972, com a vitória de Watanabe no Campeonato Mundial, absoluto, ocorrido na França, houve uma grande explosão de procura e divulgação do Karate, não só no RS, mas no Brasil todo. Em 1973 já se cria o departamento de Karate na Federação Rio-grandense de Pugilismo, e o estilo Wado-ryu através de alunos do Prof. Chaves passa também a integrar os torneios de Karate. (BRANDOLFF, 2011)

Um trecho que merece destaque no depoimento é aquele onde podemos perceber a admiração ainda guardada na memória de sensei Brandolff ao falar de sua visão de Watanabe *sensei*: “foi o primeiro faixa preta que eu vi em minha vida”. Esse sentimento de admiração parece ainda presente na maioria dos alunos desse mestre. Apesar de ampliar nosso conhecimento sobre os acontecimentos dentro do Estado, Brandolff *sensei* ainda deixa vaga a participação da famosa Seleção Gaúcha da década de 1970 nos Campeonatos Brasileiros de Karate. Sobre esse aspecto, lembra em uma declaração o professor Nestor Rimbau: “a única vez em que o Rio Grande do Sul foi campeão brasileiro aconteceu em 1973” (RIAMBAU, 2009). E assim relata suas lembranças sobre o desenvolvimento do *Karate-Dō* no Estado durante as décadas de 1970 e 1980:

Comecei a praticar Karate em agosto de 1972, e em 1973 na Bahia, o Rio Grande do Sul, pela primeira e única vez, sagrou-se campeão brasileiro de Karate. Foi o prof. Watanabe o responsável por esta proeza, pois a Seleção Gaúcha da época era constituída somente por seus alunos. A Seleção Gaúcha da época: Watanabe, Walter, Mazzitelli, Nestor, Biazus, João Luis e Renato. Após a conquista do Campeonato Brasileiro, o Rio Grande do Sul ainda conquistou um vice-campeonato e após, terceiro lugar. O prof. Nakayama veio ao Brasil nesta década (1980), e foi neste momento que o Karate começou a mudar, em suas regras de competição, preocupando-se mais com a segurança dos praticantes. (RIAMBAU, 2011)

É fundamental sabermos que, de fato, toda uma linhagem de professores de *Karate-Dō* do estilo *Shōtōkan*, treinados por um campeão mundial, e campeões nacionais, foi constituída no RS. Apesar disso, não conseguimos até então compreender porque essa trajetória de sucesso não se seguiu (com o RS se mantendo entre as melhores equipes do país). Para tanto nos parece que dois aspectos são importantes, o primeiro foi certa desestruturação do grupo original do *Shōtōkan* devido ao fato de que Watanabe *sensei* deixou o Rio Grande do Sul, e o segundo parece ter sido uma série de casos de ingerência e conflitos pessoais na direção da federação (que exploraremos no final deste capítulo). Sobre o primeiro aspecto, relata *sensei* Fernando Malheiros Filho:

Comecei praticando, não me lembro ao certo, mas acho que no ano de 1973, e ainda repercutia o campeonato mundial vencido pelo professor Watanabe. Ele tinha muito prestígio na época, mas havia vencido o campeonato mundial exatamente no ano que aconteceu uma cisão e a seleção japonesa não participou do mundial naquele ano. A seleção japonesa não participou, e foi fundar a IAKF (International Amateur Karate Federation) que foi a representativa da seleção japonesa JKA até a década de 1980, quando foi finalmente extinta. As primeiras aulas eu tive ainda numa academia que ficava ali na Venâncio Aires com, faixa roxa na época, o professor Carlos Mazitelli. Logo depois eu me transferei para a academia do professor Watanabe, isso devia ser 74 ou 75, e ali eu vou ficar com ele, inclusive como instrutor depois, até 1981 quando ele foi embora. [...] E nesse período de convivência com o professor Watanabe que foram de 9 anos, realmente foi muito interessante. Primeiro porque eu era um adolescente. Em 73 eu ia fazer 14 anos. E aquela convivência com um professor de Karate, um cara que tinha a projeção que ele tinha, com os autos e baixos, enfim, os acertos e os erros, de alguma maneira influenciaram a minha formação. De outro lado eu tive várias experiências. Uma delas é que em 79 eu resolvi juntar uns trocados e viajar com ele pra conhecer pelo menos a zona sul do karate no Brasil. Lá eu conheci o professor Sagara, professor Tanaka, professor Inoki, cheguei a ficar na academia do prof. Inoki pernoitando lá. Hoje tanto Tanaka quanto prof. Inoki são grandes figuras de projeção na Federação de Karate Tradicional. E o professor Sagara lamentavelmente faleceu, e ele foi o primeiro que chegou ao Brasil, em 1957. Todos eles vieram, até onde eu sei, não para ministrar aulas de Karate, mas para trabalhar. Logo descobriram que era mais rentável e mais interessante ministrar aulas de Karate, que era desconhecido por aqui e eles dominavam, do que se transformar em agricultores. [...] Bom, então esse período foi um período muito profícuo, participei de muitas seleções gaúchas que iam aos campeonatos brasileiros, acredito que nos anos de 76, 77, 78 e 79, não recordo bem. Nós fomos competir e na época se faziam campeonatos brasileiros

com todos os estados e também, depois os campeonatos por zonais. Ali, efetivamente eu tive a minha formação inicial. Em 81 o professor Watanabe foi embora, ele já vinha enfrentando dificuldades econômicas, não era uma pessoa muito organizada economicamente, e também outras dificuldades que o levaram a sair daqui e que eu não conheço todas. E nós passamos a ter uma vida autônoma. Eu me ressentia muito na época, em 81 eu tinha 22 anos e me ressentia muito pelo fato de não ter um professor. Essa é uma falta, é um buraco muito grande, na vida de um instrutor, de um jovem professor. Hoje eu sei a relevância que isso tem na relação com os meus alunos. Mas, era o que tínhamos né... tínhamos que aprender através de cursos, através de leitura, na época não existia a internet, não existiam os vídeos, então a gente tinha que aprender... Então eu comecei a viajar um pouco mais e me transformei num professor. (MALHEIROS FILHO, 2011)

Apesar de contido, o entrevistado revela inúmeros sentimentos que, mesmo já elaborados, foram marcantes na época da experiência vivida. É possível supor, portanto, que o posterior enfraquecimento da equipe gaúcha e a incapacidade de continuar obtendo a mesma expressividade em termos de títulos nacionais se devem, em parte pelo crescimento do nível técnico dos demais Estados, em parte pelo abalo emocional/afetivo que os jovens instrutores deixados por Watanabe (e que eram a massa significativa de competidores) sofreram com sua partida. Ao ser questionado com mais detalhes sobre a personalidade de Watanabe *sensei*, Fernando Malheiros Filho revelou sua proximidade com o mestre, relatando que chegaram a “morar” juntos por dois verões, o que revelou sua intimidade com o mestre. Sendo assim, relatou com mais detalhes alguns fatos da época:

[...] (suspiro) professor Watanabe... Eu tenho a impressão de que o prof. Watanabe deva ter uns dez anos a mais do que eu, então ele deve ter hoje uns 62 ou 63 anos, e na época acho que ele tinha a graduação de 2º Dan. Era uma figura interessante, nuns certos aspectos contraditória, tinha um temperamento muito forte, o que tem que ter um líder, um professor de Karate. Ele era carismático, o que é muito importante para um líder. Aos meus olhos da época, não sei se hoje eu faria a mesma avaliação, era um bodoka bem preparado, tinha muito prestígio em todo país, e isso eu pude conferir nas minhas viagens que fiz com ele. [...] Teve um período que ele passou por dificuldades, mas elas vieram calcadas no outro lado. Ele não estava preocupado em montar uma organização, ele tinha outras preocupações e prioridades. Com isso a própria academia passou a ter problemas de manutenção, às vezes ele não comparecia às aulas e nós tínhamos que dar aula nesses períodos, e a situação ficava mais crítica ainda no período de janeiro e fevereiro quanto o pessoal ia pra praia e não pagava a mensalidade. E tudo isso foi uma pena pois ele tinha toda uma bagagem, tinha técnica, títulos e todas as qualidades para ser um grande líder, e isso foi uma pena. Mas aí já estamos lidando com aspectos de temperamento, porque o Watanabe tinha esse lado como professor, como mestre, mas também tinha esse lado como menino, como adolescente, que fazia com que ele tivesse uma certa inconseqüência. Então eu sempre tive essa grande ambivalência, pois um jovem, e quando comecei eu tinha 13 para 14 anos, quando identifica um professor ele quer essa figura que de alguma maneira preencha características paternas, e no Watanabe eu tinha as duas coisas. Eu tinha o adolescente, apesar dos dez anos mais velho, e em alguns

momentos a figura mais paternal. Eu não sei quando exatamente, mas teve um momento em que essa característica mais adolescente predominou e ocasionou os problemas que o levaram a sair daqui. (MALHEIROS FILHO, 2011)

Outro ponto curioso da entrevista, e que merece destaque aqui, foi um belo exemplo da consciência do “*On*”, a dívida moral de aluno para com professor explicado em nosso capítulo introdutório sobre cultura japonesa e *Karate-Dō*. Sobre essa relação com os professores japoneses e seus desdobramentos, assim relata Malheiros Filho:

Os professores japoneses no Brasil, que são os meus professores, a quem eu realmente tenho dever de gratidão e de reconhecimento são dois predominantemente, um é o professor Machida e o outro é o professor Sasaki, porque eram os dois que vinham aqui mais frequentemente. Também durante muitos anos veio o professor Uriu, eu o trouxe várias vezes. E esses professores, não o professor Uriu, mas o prof. Machida e o prof. Sasaki que são ligados diretamente à JKA, que é a minha raiz, *Nihon Karate Kyokai*, tinham uma vinculação, considerando as divisões que existem no mundo todo, com o Karate Tradicional. E foi nessa época que eu comecei um vínculo de amizade com o professor Alfredo Aires, durante uma viagem em que fomos com uma equipe para o Uruguai, e resolvi me filiar ao Karate Tradicional, sendo que nessa época ele já estava começando a organizar o Karate Tradicional. (MALHEIROS FILHO, 2011)

Nesse caso fica difícil de ter certeza sobre o quanto esse tipo de valor foi ensinado para os estudantes de Watanabe *sensei* e dos demais mestres e o quanto foi interiorizado por outros meios. Por um lado podemos supor que esses mestres respeitaram a cultura local e não forçaram demasiadamente a introdução de vários valores japoneses tradicionais (e uma evidência disso é a presença da bandeira do Rio Grande do Sul, e de nenhuma outra, no *Dōjō* de Watanabe). Por outro, ao citar a relação com a importante figura que é Alfredo Aires, que articulou a criação da *Federação Sul-rio-grandense de Karate-Do Tradicional* na década de 1990, nos leva a pensar na possibilidade dele ser uma possível fonte da introdução destes valores, tendo em vista a forma de trabalho e pensamento deste professor e seu grupo. Sobre ele, resgatamos algumas informações do acervo de entrevistas do CEME da UFRGS.

A entrevista de Alfredo Aires de los Santos, uruguaio com formação em Educação Física e Curso de Técnico em Artes Marciais¹²², nos revela que nem todos os professores atuantes no estado estão registrados na lista de 1985 da Federação Rio-Grandense de

¹²² Na época, no Uruguai, as artes marciais eram controladas pelo governo militar, e aqueles que tinham a pretensão de ensinar qualquer arte marcial deveriam passar pelo curso na Escola Militar, que levava pelo menos quatro anos.

Pugilismo. Alfredo Aires sensei chegou ao Rio Grande do Sul em 3 de maio de 1982, após mais de dez anos como atleta, membro de seleção nacional uruguaia e instrutor em seu país, sendo o introdutor do *Karate-Dō (Shōtōkan)* na região de Carazinho (SANTOS, 2010). Foi membro da FGK e hoje lidera um grupo de mais de seis mil *karate-ka* gaúchos que formaram a *Federação Sul-rio-grandense de Karate-Do Tradicional (FSRKT)*.

Vale, neste momento, lembrar que não foi apenas nos países de língua hispânica da América do Sul que, desde a década de 1960, promoveram políticas de controle e influência nas práticas de combate, especialmente as orientais, consideradas eficientes e perigosas enquanto técnica conhecida pela população. Mesmo assim, no Brasil, o governo militar utilizou um personagem de revistas em quadrinhos para aproximar as crianças desse meio e da ideia de patriotismo (MARTA, 2008). Provavelmente essa estratégia governamental possibilitou que o *Karate-Dō*, assim como outras práticas de luta como o *Jūdō*, o *Tae Kwon Do* e o *Aikidō* (as mais populares no período de 1960 a 1980) encontrasse um terreno fértil para sua disseminação inclusive no Rio Grande do Sul. Sobre esse período e o contexto da época declara o professor Luiz Roberto Padilla:

Faz sentido a tese do Prof. Felipe Eduardo Ferreira Marta, apontando as intensas mudanças gráficas no herói, Judoka, da revista de mesmo nome, que a EBAL publicou a partir de 1968 e, de repente, passou a usar as cores do Brasil em seu uniforme. Além da argumentação, apresenta boas imagens da mudança. Li todos exemplares da revista Judoka, e assisti ao filme. Cedo, tornei-me leitor compulsivo. Eu lia todos os gibis rapidamente, e depois, distraia-me com o dicionário ilustrado até virem novos.... Lia todos gibis, e ia todo dia na banca. O João, da banca de revistas da esquina, fechava-a durante horas, toda vez precisava levar as revistas antigas e trazer novas da Distribuidora, no Centro da cidade, em horário comercial. Quando meu pai faleceu, perdemos qualidade de vida, e não havia mais dinheiro para comprar os gibis. João percebeu que eu ia lá, olhava as revistas, e sofria, e me propôs um trato: A banca de revista ficava aberta, enquanto ele ia até o centro, e eu cuidava. Em troca, eu podia ler todos os gibis. Ele fazia isto uma vez por semana e, como eu fui digno da confiança que ele me depositou, ele passou a fazer isto mais frequentemente. Mais tarde, assisti ao filme Judoka, com Pedrinho Aguinara (perdoem, plis, escrevi o nome do ator/judoka pela memória auditiva), e fiquei impactado com as cores do Brasil no Jodogi do herói. Antes de surgir a Revista Judoka, eu já havia lido tudo que encontrava a respeito de artes marciais, que me fascinavam. Talvez o falecimento de meu pai quando eu era ainda muito jovem tenha, de positivo, contribuído para que idealizasse um samurai ideal - só com os aspectos positivos, honra, dedicação. Depois de adulto, inclusive visitando o oriente, descobri que os samurais eram pessoas de palavra, cumpriam o que diziam e, contudo, eram humanos e apresentavam aspectos negativos os quais, felizmente, jamais serviram-me de modelo. (PADILLA, 2011)

Então, estávamos num período de grande ingerência dos militares na sociedade como um todo, e de maior influência ainda nas práticas de luta. Certamente era um clima de tensão social, característico do período da ditadura e dos anos seguintes que ainda carregaram as marcas da repressão. Outro ponto importante é a confirmação de certo clima de “feudalismo” entre os grupos, explicada e exemplificada no depoimento de Helio Bandeira *sensei*:

[...] quem eu tinha mais vínculo era com o *sensei* Hinata e até mesmo pelo fato de quando eu comecei a fazer Karate em 1973, o Karate era proibido para menores de quinze anos. E o *sensei* Hinata quando me viu lá tentando me inscrever, ele deixou, liberou, para... Eu mesmo tendo dois anos a menos na época, começar no Karate. Então, o Karate era bem diferente, nesses aspectos. Até pelo rigor que tinha, do golpe, o pouco controle às vezes de... Em algumas técnicas então tinha uma seleção prévia de começar e também lá por ser já um local que já tinha um certo vínculo mais marcial, que era a polícia civil. Na época é claro eu não tinha vínculo nenhum com a polícia, eu só treinava lá. Mas, muitos que treinavam lá eram policiais civis que iam usar até para... No dia-a-dia, então era alguma coisa mais focalizada para prática. E *sensei* Hinata, não foi assim muito conhecido no Karate, mas foi um dos maiores judocas que teve aqui no Brasil. Ele foi, não posso precisar, mas parece que ele foi tricampeão sul-americano invicto, mesmo na época não tinha muitas competições e *nossa*, ele tinha uma técnica fantástica dentro do judô. E dentro do Karate ele conhecia muita coisa, mas nada assim com fundamentação, com seqüência de “kata”, de livros, coisas assim. Mais assim de boa, hã... Senso comum, de aprendizagem. Ele, o *sensei* Hinata, até teve uma época que ele também ele era o vilão nos “tele catch” [risos]. E ele mesmo tendo uma técnica *muito* superior a qualquer um dos que estavam lá, ele tinha que perder às vezes. As lutas do “tele catch” eram interessantes de ver, e na época o “tele catch” era uma febre, se realizava ali no ginásio da brigada militar e enchia, era televisionado e tinha vários... Várias pessoas assim ficaram famosos, Ted boy Marino, Fantomas. E alguns eram das artes marciais mesmo, eu me lembro o Scaramouche era judoca, e assim e alguns outros eram realmente artes marciais mas, e outros só do “catch” mesmo. (BANDEIRA, 2011)

Em seguida, após demonstrar sua forte ligação com Hinata *sensei*, o professor Helio comenta sobre as rivalidades dentro do *Karate-Dô* da época. Certamente isso fica mais evidente com o exemplo pessoal envolvendo esse professor por quem tinha apreço:

[...] Eu me lembro uma vez eu fui treinar em um local que o Suzuki tava dando aula e ele me viu treinando, eu fui com uma faixa branca, na época eu já era faixa azul, mas fui com a faixa branca é claro, iniciando no treinamento. Eu fui lá, me apresentei para treinar, e ele começou a me olhar e ele: “tu treina”? Aí eu, “sim *sensei*”. “Hã, quem teu professor?” E eu, “*sensei* Hinata”. Aí ele: “*não, não, não*, professor de Karate!”, eu respondia “*Sensei Hinata*”... [riso], ele respondia “*Não, não, não*! Hinata não sabe Karate. Tu sabe, quem teu professor?” e eu respondia de novo “*Sensei Hinata*”. [risos] Então, assim, alguns fatos que aconteciam interessantes, que foi uma vez que alguém me deu uma bronca me elogiando. Eu achei interessante essa. Mas tinha assim, essa... As vezes a gente não tinha muito

esse contato que tem agora por federação. Então as historias são bem estanques, que se vocês forem continuar pesquisando, vocês vão ver grupos de Watanabe, o grupo do sensei Akira, grupo do Vieira que era o pessoal do Kyokushin. Então eram grupos estanques. A gente começou a se encontrar nas competições, e nessas competições que começaram a acontecer de 1982, o Kyokushin participava. Então todas... Karate era uma coisa só. Aí quando foi fundada a federação o Kyokushin deixou de ser Karate e passou a ser luta de contato. Por quê? Por uma simples razão que na luta do Kyokushin valia nocaute, valia golpe nas articulações e isso o Karate não aceitava. Felizmente ainda não aceita. E por causa desse motivo que o Kyokushin deixou de ser Karate e passou a ser luta de contato, a nível de federação por que se vocês forem ver um treinamento de Kyokushin é *Karate!* E um Karate com muitas raízes, só que por esses aspectos, principalmente do nocaute e das articulações que houve essa diferenciação e um pouco depois da fundação da federação em 1988. (BANDEIRA, 2011)

O professor Décio Tatizana, do estilo *Wadō-ryū*, chegou ao RS em 1979 após uma iniciação no *Karate-Dō* com mestre Buyo Michizo em São Paulo. Em seu depoimento traz mais dados sobre o contexto da época:

Naquela época não existia essa divisão entre luta de contato e karate tradicional, então o Kyokushin participava de competições junto com a gente. Então era um negócio entranho porque enquanto a gente tinha que controlar, tinha que cuidar por que eles batiam. [...] Então era um campeonato mais agressivo, e existia uma rivalidade maior, que não existe hoje NE... Hoje é comum treinar pessoas de diferentes estilos juntas. Na época até no mesmo estilo, academias diferentes tinham rivalidade. Acho que hoje está bem mais integrado. Também lembro de alguns nomes de pessoas importantes do Karate da época, entre eles o professor Suzuki, sendo que eu vim pra treinar com ele, o professor Watanabe, Professor Chaves, Professor Vieira, que era do Kyokushin mas participava das competições junto, também haviam atletas fortes que eram Nestor, Brandolff e Malheiros, essas pessoas que hoje são lideranças eram atletas. O Eduardo De Mattei não era faixa preta ainda. Vim pra cá como faixa amarela (8º kyu pra nós) então praticamente comecei aqui. Me tornar professor não foi uma coisa natural, porque eu era muito tímido. Então observava aqueles que iam se graduando e via que iam ganhando novas responsabilidades, tinha que ir lá pra frente e puxar um aquecimento, um alongamento, tinha que puxar uma aula, e eu morria de medo. Até que um dia não teve jeito, eu era o mais graduado e o mestre não apareceu, aí eu tive que dar o aquecimento. Então pra mim isso foi uma coisa, em princípio traumática, mas que depois eu pensei, bom, que não era tão ruim assim. Como eu era muito disciplinado, não tinha facilidade, mas era disciplinado, fui subindo e quando eu vi já era faixa marrom e estava instruindo os colegas.

Logo em seguida, o professor Decio comenta sobre a década de 1980. Em seu relato nos apresenta elementos dessa outra época do *Karate-Dō* gaúcho:

A década de 80 foi legal porque foi o período em que comecei a competir. [...] havia muitas competições pequenas, organizadas pelas academias, e as competições maiores. Na década de 1980 estávamos vinculados ao Pugilismo, mas nós não éramos a prioridade. Então tivemos uma reunião com o presidente da federação de pugilismo e ele disse isso mesmo, “vocês tem que criar uma

federação própria, porque a gente não tem condições de cuidar de toda a organização pra vocês”. [...] Lembro também que nas aulas do professor Suzuki praticamente não fazíamos Kumite, ele era contra. Eu treinava Kumite quando ia à São Paulo e participava das aulas do mestre Buyo, o prof. Suzuki tinha uma visão bem mais clássica do Karate, aquela pureza, onde você não deve voltar o Karate pra competição. Mas aí estudando a gente descobriu que era o contrário. Nos diziam que o mestre Otsuka proibia o Kumite, mas quem não queria competição era o mestre Funakoshi que foi o professor dele, o nosso mestre se desvinculou e criou a Wado exatamente porque gostava das lutas (risos), e aqui nos passavam um discurso ao contrário. (TATIZANA, 2011)

Com a introdução da temática da fundação da Federação Gaúcha de Karate, trazida pelo depoimento do professor Décio, vale a pena dar voz ao relato de Fernando Malheiros e, depois, de Franklin Maciel, de Bagé. Esses dois professores, ligados ao *Shōtōkan*, assim comentam sobre a fundação da FGK:

[...] Lá por 1988 nós fundamos a Federação Gaúcha de Karate, e eu me lembro da reunião que nós fizemos no escritório do prof. Nelson, para separar o Karate da Federação de Pugilismo. A Federação de Pugilismo tinha um departamento de Karate e nós entendíamos que já era hora de criar uma federação só para a arte marcial e efetivamente criamos. Estavam na reunião eu, prof. Nelson, prof. Brandolff, prof. Arthur, prof. Eduardo De Mattei e o presidente da Federação de Pugilismo. [...] Esse período também foi muito profícuo porque do jeito que nós organizamos a federação originalmente me coube a direção técnica, e como nós não tínhamos assim um grande material humano eu acumulava também a função de técnico da Seleção Gaúcha. E foi nesse período, eu não me lembro quantos anos, mas lembro que a última vez que viajei como técnico foi por volta de 1990, e então nesse período eu convivi muito com o pessoal que usa kimono. E essa era a minha vocação, eu nunca tive muita vocação para a área administrativa. [...] (MALHEIROS FILHO, 2011)

Comecei a treinar em 1975, lembro do prof. Hinata que ministrou aulas de Karate em Bagé, e em 1979 o prof. Flaubert começou a ensinar Karate em Bagé, sendo que se falava muito no prof. Watanabe que havia sido campeão mundial. Treinei com os professores Flaubert, Garcia, Malheiros e Brandolff. Como tinha poucas competições, participava de torneios pequenos e dos estaduais no Petrólis Tênis Clube. Nesta época (década de 1980) eu participava já de torneios, os campeonatos estaduais eram em Porto Alegre geralmente no ginásio Petrópolis Tênis Clube e lembro de atletas como: Nestor, Mano, De Mattei, Malheiros e outros. Em 1988 foi fundada a FGK e eu estava lá, então começaram os campeonatos estaduais da nova Federação, ganhei na modalidade de Kumite até 65kg os dois que tiveram até 1980. Lembro ter ganho até 1994 quase todos da categoria até 65kg em Kumite. (MACIEL, 2009)

José Maria Rodrigues, aluno de Celso Piasieski, e Altemar Sabino, professor 4º *Dan* e representante da *International Karate Gōjū-kai Association* (IKGA) no Rio Grande do Sul, professores de uma geração mais nova no *Karate-Dō* do estado contribuem com as seguintes declarações:

Na década de 80 temos recordações de um tempo onde o RS tinha uma equipe muito forte, com Eduardo De Mattei, Mano, Brandolff, Nestor e outros. Não tenho certeza de nomes, mas sei que foi uma seleção de respeito no Brasil todo. (RODRIGUES, 2010)

No final da década de 80, os mais famosos dentro do Karate eram: Anselmo Cara, Sheila Bortogaray, Argemilton, Eduardo De Mattei, Julio Cunha, Marcelo Krause, Franklin Maciel, Milton Brechane, Francisco (Chico Mae-geri), Capra, Guilherme Nogueira, e Rodrigo Falceta, sendo que eles foram responsáveis pela grande divulgação do karate esportivo. No início dessa década, o professor Hélio Bandeira introduziu o Karate Goju-ryu em Viamão, resultando na formação de diversos faixas-preta. No período de (1988-1996) a Federação Gaúcha era administrada pelo presidente Néelson Guimarães, sendo que este ajudou muito no desenvolvimento do Karate gaúcho. No período (1988-1994) somente tínhamos um campeonato por ano, no qual não havia divisão de graduação. A divisão de categorias era por peso e idade, ficando muito difícil para os iniciantes. (SILVA, 2009)

E por fim, a professora Paola Garcia, também de Bagé, assim relata suas experiências já de fins da década de 1980: “Em abril 1988 eu começava a prática de *Karate-Dō* em minha cidade Bagé, na academia Asahi Karate Clube com o professor Franklin Maciel, na época 1º Dan, e no mesmo ano foi fundada a Federação Gaúcha de Karate” (GARCIA, 2009). Paola é um raro exemplo de mulheres que, mesmo nos dias atuais, chegaram à faixa-preta no *Karate-Dō*, no Rio Grande do Sul. Sobre a participação das mulheres, comenta o professor Malheiros Filho:

[...] As mulheres no Karate... Eu recorro nos anos 70 de uma praticante, mas era raro, inclusive numa época que nós não tínhamos livros e não tínhamos vídeos, enfim era tudo muito via conhecimento de tradição oral, o nome dela era Deisy, e ela praticava Karate e era praticamente uma espécie de repositório de movimentos de Kata. Até onde eu lembro ela conhecia até mais do que o Watanabe. Eu me lembro dela porque ela tinha uma graduação bem elevada quando comecei. Mas eu me lembro que as mulheres, como um movimento efetivo, vão aparecer bem mais tarde no Karate, nos anos 80. Porque eu acho que vai haver uma desmistificação, porque no início havia um estigma, o Karate estava muito ligado á violência, nós não tínhamos preparo cultural para entender que a luta poderia ser uma coisa positiva. [...] Então eu me lembro que no final dos anos 80 que nós tínhamos uma seleção feminina, com várias praticantes. Claro que elas ainda eram minoria, mas reunindo praticantes de vários estilos nós conseguíamos formar uma equipe. (MALHEIROS FILHO, 2011)

[...] Quando eu comecei a treinar, lá na UGAPOCI era só masculino [risos]. Na Kidokan começaram a aparecer as primeiras mulheres que eu me lembro na época porque eu não tinha vínculo, não tinha contato, com a outra academia antiga que tinha. Por exemplo, do Watanabe se já existia mulheres treinando, mas ai quem já pode esclarecer bem é o Biazus, que é o aluno mais antigo do Watanabe, mas ali onde eu treinava não tinha mulheres. Em 1982 foi o primeiro campeonato que teve

vinculo estadual que eu me lembro, já teve competição de “kata” feminino, mas eu acho que foi o primeiro campeonato que teve participação feminina em “kata”, eu acho que foi em 1982. [...] Eu acho que levou ainda alguns anos para começar a ter o “kumite” feminino, mas eu tenho certeza que pelos anos 1990 ou até um pouco antes já tinha. Porque até eu me lembro, a Sheila mesmo foi...Teve uma equipe uma vez, que era a Sheila mais duas alunas minhas, minha ex-esposa e a esposa do Altemar até [risos]. Porque o Altemar e a Jussara eram meus alunos e foram os que se classificaram para seletiva do brasileiro e acabaram em segundo lugar no brasileiro. A Carmen, minha ex-esposa foi mais outra vez foi vice-campeã brasileira e tudo foi pelos anos noventa e poucos, não tenho ainda data precisa, eu tenho anotado. (BANDEIRA, 2011)

Curioso, porém compreensível, é a ligação das mulheres com o *Kata*. Por todo o contexto existente na década de 1970 e 1980 não é de admirar que se focasse o treinamento feminino mais nos exercícios formais do que na luta propriamente dita. Ainda que o assunto seja pouco explorado, é importante destacar que as mulheres não conseguiam, antes dos anos 1990, ocupar todos os espaços dentro da prática. As informações levantadas fazem pensar também que havia qualquer tipo de tabu cultural que criava a ideia de que o combate deixava a mulher menos feminina, e isso não é difícil de concluir quando vemos a enorme resistência que há, nos dias atuais, para que a sociedade aceite com naturalidade as disputas de MMA feminino.

A última trama em que conseguimos tocar tem a ver com os problemas de ordem e hierarquia enfrentados dentro da *Wadō-ryū*, que repercutiram com o desligamento de Suzuki sensei da *Wado-ryu Renmei do Brasil* e posteriormente alimentaram o clima de autoritarismo e conflitos que levaram também o professor Nelson Guimarães a afastar-se da Federação Gaúcha de Karate. Sobre esse período comenta o professor Décio Tatizana:

[...] Eu ajudava muito o professor Nelson, que também foi meu professor, no período em que foi presidente da federação. Então ele fez um grande trabalho nas competições e na divulgação do Karate na mídia, procurando separar a imagem do Karate da violência. Mas claro que ele fazia coisas que alguns não concordavam e isso foi virando uma bola de neve que culminou com a saída dele da FGK. [...] Eu também participei do último campeonato brasileiro da Wado que aconteceu em 1988 onde não havia ainda a divisão que temos hoje em Wado-ryu e Wado-kai, antes desse ano estavam todos juntos. Esse campeonato ocorreu aqui em Porto Alegre, na PUC. Então o mestre Buyo ficou com a Wado-kai e mestre Suzuki e Takamatsu com a Wado-ryu, sendo que dentro da Wado-ryu depois criaram a Dojinmon. [...] E aí aconteceu uma coisa estranha, porque provavelmente o professor Suzuki e o professor Takamatsu se desentenderam em algum momento, mas isso a gente também nem sabe direito porque eu nem fiquei perguntando (risos), mas aí o professor Suzuki começou a levar as coisas sozinho, porque na verdade o representante da Wado na América do Sul era o professor Takamatsu, então todas as coisas que a gente fazia tinham que passar por ele. E aí aconteceu uma coisa que a gente percebeu que tinha algo errado, a gente começou a

trabalhar pra organizar um evento pra trazer o mestre do Japão, mestre Otsuka II, e da primeira vez que ele veio em 1986, toda Wado estava junta ainda. Ele veio ao Brasil e passou por Porto Alegre. Daí em diante o professor Nelson, em várias ocasiões estava muito tenso e tratava os alunos ou outras pessoas de forma ríspida. Então em 1988 o mestre Otsuka II veio novamente para Gramado. Dessa vez o professor Nelson reuniu os alunos mais antigos e declarou que só não ia desistir daquilo porque tinha se comprometido, mas aí já sabíamos que algo estava muito errado. Em seguida alguns professores abandonaram o professor Nelson, entre eles o professor Luis de Gramado e outro professor que saiu sem entrar em conflito. (TATIZANA, 2011)

Aparentemente o desgaste das relações entre Suzuki Takeo *sensei*, o principal nome da *Wadō-ryū* no Estado, e Takamatsu Koji *sensei* que estava acima do primeiro em hierarquia, foram o estopim para uma série de complicações. Tendo em vista tudo que estudamos sobre a cultura japonesa e a noção de que “cada um e cada coisa tem o seu lugar”, como explicado por Benedict (2009), e que se configura como o princípio mais básico de todas as relações interpessoais dos japoneses, podemos ter uma ideia de quão grave foi considerado o fato de Suzuki *sensei* “agir sozinho”, como relata o entrevistado, e trazer por conta própria o mestre Otsuka II para o *gassuku* em Gramado, sem a necessária autorização da matriz (*Wado-ryu Renmei* de São Paulo), que era o mecanismo de relações que simbolicamente representava toda essa noção de hierarquia. O desligamento de mestre Suzuki dessa instituição, e a onda de insatisfação com que a gestão do professor Nelson passava a ser vista podem ter enfraquecido o *Karate-Dō* gaúcho já nos primeiros anos após a criação da Federação Gaúcha de Karate, tendo em vista que Nelson *sensei* ocupava o cargo de presidente e com isso a posição maior de liderança entre os *karate-ka* do Estado.

Com isso, o que parece claro, é que no final da década de 1980 e início dos anos 1990 já não havia mais no Rio Grande do Sul nenhum mestre japonês mantendo sua figura de liderança estabelecida na década de 1970. Com os diversos mestres afastados, fosse por problemas pessoais ou profissionais, se cria toda uma situação em que a fonte tradicional de saberes de cada estilo finda, e o controle tanto das graduações, quanto de cursos e competições fica exclusivamente nas mãos de praticantes e professores locais. Considerando o movimento mundial para o reconhecimento do *Karate-Dō* pelo Comitê Olímpico Internacional e pelas campanhas para inclusão do *Karate-Dō* nos Jogos Olímpicos (que já começara pelo menos uma década antes), o cenário da “esportivização” e o enfraquecimento dos laços mais tradicionais com a arte de defesa pessoal estavam formados. Passemos agora a confrontar as fontes e sistematizar um caminho que pode nos

permitir visualizar melhor a trajetória do *Karate-Dō* desde sua introdução no RS até a fundação da primeira federação estadual.

6 MONTANDO O QUEBRA-CABEÇAS: APROXIMAÇÕES PARA UMA HISTÓRIA CULTURAL DO KARATE-DŌ NO RIO GRANDE DO SUL

Com muitas informações disponíveis sobre a introdução e desenvolvimento do “Caminho das Mãos do Vazio” no Estado, resta-nos clarificar alguns pontos contraditórios antes da construção de um panorama final mais geral sobre a História do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul. Mesmo não podendo estabelecer uma visão final sobre tais fatos é importante que retomemos essas contradições para que as tramas fiquem, no mínimo, expostas a novos estudos mais aprofundados.

O primeiro ponto é relativo a questão da popularidade ou da proximidade do público com as práticas de luta na década de 1960. Apesar do depoimento de Nolberto Oliveira que afirma recordar que o “*Kung-Fu*” era mais popular do que o *Karate-Dō*, não é o que nos transmite a reportagem da Revista do Globo da mesma época. Para recordar: na referida reportagem “*Tae Kwon Do*” é definido como um tipo de “*karate coreano*”, bem como o professor Ed Parker (figura importante das práticas de luta nos Estados Unidos) publica, nesse período, um livro com o título “Segredos do Karatê Chinês”. Mesmo sabendo que se faz necessária uma pesquisa mais detalhada acerca das representações das práticas de combate de origem oriental construídas pelos gaúchos, gostaria de registrar uma frase que ouvi de muitas pessoas mais velhas da minha convivência: “ninguém entendia nada disso, para nós tudo era *Karate*”.

Outra questão importante tem a ver com as identidades assumidas por cada pessoa e cada grupo. Por exemplo, sabemos pelos depoimentos que Luiz Tasuke Watanabe *sensei* foi treinado pelos mestres Tanaka Yasutaka e Uriu Sadamu, numa época em que eram de um mesmo grupo de imigrantes japoneses vindos para trabalhar com outras atividades que não correspondiam ao ensino dessa prática de combate. Em nível mundial, ainda estava vivo o *sensei* Nakayama Masatoshi, aluno do fundador do estilo *Shōtōkan*, Funakoshi Gichin, que centralizava o comando da *Nihon Karate Kyōkai* (depois conhecida como *Japan Karate Association* - JKA) e que era considerado o grande mestre da época, principalmente após o falecimento de Funakoshi *sensei* em 1957. Como resgatado dos registros da Federação Kawamura e em outras publicações, todos estes professores japoneses estavam juntos sob uma mesma “sigla”, o que não seguiu sempre assim. Com a morte de Nakayama *sensei*, a JKA passou por um período de turbulência onde o grande grupo de instrutores se dividiu em

duas facções, em 1990, uma liderada por Nakahara Nobuyuki (com apoio de Ueki Masaaki e Tanaka Masahiko) e outra por Asai Tetsuhiko (apoiada por Abe Keigo, Yahara Mikio e Kagawa Masao) que foram à justiça pelo controle da associação. Com a vitória da facção de Nakahara, os demais mestres se afastaram da organização e criaram entidades paralelas. Asai *sensei* criou a *Japan Karate ShotoFederation* – JKS, e alguns anos depois convidou Uriu *sensei* para ser o representante dessa escola no Brasil. Com sua desvinculação do resto do grupo de professores japoneses do Brasil (que seguiam ligados à ITKF e JKA) para por em prática essa filiação à JKS, percebemos que isso afetou as relações entre os *karate-ka* com algum vínculo mais íntimo com os dirigentes das atuais organizações que representam essas escolas no Brasil. E esse foi o caso que percebemos ao analisar a entrevista do professor Fernando Malheiros Filho: ele exclui claramente Uriu *sensei*, não pelo fato de não fazer parte da história do desenvolvimento do *Karate-Dō* no Estado, mas pelo fato de atualmente ser vinculado a uma instituição diferente da sua. É um jogo de poder, que tem como moeda de troca a técnica legitimada pela escola, linha ou estilo a qual cada grupo pertence.

A partir desse tipo de falas e até de alguns silêncios, pudemos extrapolar a noção do “para que”, ou seja, dos significados atribuídos a algumas técnicas e como elas funcionam como uma espécie de moeda de troca que reforça, ou mantém, algumas relações hierárquicas. Assim como hoje vivemos alguns dilemas na educação, onde cada vez mais alguns docentes se veem confusos por não saber como lidar com o fato de que sabem menos, em muitos assuntos, do que seus pequenos “alunos” que são nativos digitais (VEEN;VRAKING, 2009), o mesmo ocorre com os professores de *Karate-Dō*. Por um lado os professores das escolas que noutros tempos detinham o conhecimento e podiam obrigar seus estudantes a reproduzir sua forma de pensar e conceber a construção dos saberes, se veem hoje diminuídos em poder no que tange ao acesso às informações, pois é muito comum não se saber nem uma pequena porcentagem do que um menino de 12 anos sabe sobre informática, ou sobre outro assunto que lhe tenha interessado (pois hoje é possível acessar a internet e obter tanta informação, tão rápido, que o simples fato de saber que algo existe não é mais sinal de “superioridade intelectual”). Esses professores simplesmente têm de conviver com o fato de que não são tão superiores assim aos que estão na sua frente e precisam se render a atitude humilde de dialogar para não cair nas próprias armadilhas do ego. Por outro lado, com a publicação de uma maciça quantidade de livros sobre o *Karate-Dō* em língua portuguesa e o surgimento de ferramentas como o *Youtube*, os professores

(notadamente os japoneses que trouxeram o *Karate-Dō* para nosso país) que antes podiam sustentar sua posição enquanto verdadeiros senhores feudais nas terras tupiniquins (pois possuíam um conhecimento que estava restrito a sua memória dos aprendizados nas famílias de imigrantes ou no próprio Japão), já não conseguem justificar ou legitimar esse poder pura e simplesmente pelas razões de antes. Hoje qualquer menino de 12 anos (às vezes o mesmo do exemplo anterior), pode acessar na internet uma série de vídeos, explicações detalhadas em *sites* e *blogs* e até fazer vídeo-aulas, e muitas vezes pode acumular conhecimentos que levariam meses ou anos para obter de um professor tradicional. Esse uso da técnica como uma moeda de troca, ou como um produto que era trocado por somas em dinheiro, dedicação e favores dos estudantes, hoje cai cada vez mais em desuso, dada a facilidade de acessar mais rápido e às vezes com mais qualidade, os aprendizados que antes estavam restritos ao julgamento do *Sensei*, que tinha primariamente a ver com o fato de julgar que o aluno merecia ou não acessar determinados elementos da prática, ou com a estratégia financeira desses homens de ir liberando os treinamentos em “doses homeopáticas” para seus estudantes (procurando assim mantê-los presos ao *Dōjō*).

Desde a morte de Nakayama Masatoshi, que marca também a fragmentação da JKA em várias diferentes escolas, surge uma segunda moeda de troca, que ajuda a combater, especialmente hoje, a facilidade de acesso aos conhecimentos do “Caminho das Mãos do Vazio”: as técnicas que são assinaturas das linhas (*ryū-ha*) dos estilos de *Karate-Dō*. Com a invenção dessas tradições, como diria Eric Hobsbawn (2012), se extingue determinados princípios de detalhamento técnico, ou às vezes se cria tais princípios, fazendo com que cada linha execute de formas sutilmente diferentes a mesma técnica, o que já basta para louvar ou condenar como erradas as performances dos estudantes/atletas. Essas “assinaturas técnicas” criam a possibilidade de pessoas que às vezes tem menos conhecimento do que os jovens que estudam tendo como apoio as publicações disponíveis e as diferentes mídias do meio eletrônico ou audiovisual, se apequenem e se obriguem a obedecer os mandos e desmandos daqueles que estão a frente de uma escola ou federação, simplesmente porque ou o único conhecimento válido é o desses supostos líderes, ou o conhecimento obtido pelo estudo autodidata deve sempre passar pelo aval, ou pela benção, desses “mestres”.



Figura 94 – Quatro diferentes tipos de *Shutō Uke*, executadas em diferentes linhas do estilo *Shōtōkan*.
Fonte:acervo pessoal do autor.

De fato, a ascensão das linhas ou dos padrões técnicos nos diferentes grupos do universo do *Karate-Dō* criou um sistema de manipulação extremamente intrincado. Devido a esse sistema, conseguimos identificar nas relações dos grupos estudados a mesma representação dos *estabelecidos* e *outsiders* cunhada por Elias e Scotson (2000). Nesse sentido retomamos a fala do professor Marcos Cruz dos Reis num dos cursos de padronização técnica da FGK em 2008: “Pessoal, ou nós somos NKK¹²³, ou não somos nada” (REIS, 2008). Mesmo a FGK sendo filiada à CBK, que por sua vez é filiada à WKF, onde há a aceitação de praticamente todas as escolas de estilos, e há na sua regulamentação de competição a brecha para que se altere o exercício formal (*kata*) de acordo com a característica da escola (*ryū-ha*) ou do atleta (ou seja, sendo possível modificar o *kata* praticamente da forma que se quiser desde que isso aumente o rendimento atlético), no

¹²³ *Nihon Karate Kyōkai*, Neste caso, ao citar a escola, lembrando que NKK é apenas a sigla em japonês para JKA, ou *Japan Karate Association*, na verdade o professor Reis afirmava que os *Kata* executados e registrados para os livros da série “O Melhor do Karate” de Nakayama Masatoshi, deveria ser o padrão a ser seguido por todos os praticantes do estilo Shotokan filiados à FGK.

“feudo” rio-grandense essas características da regulamentação criada pela instituição mãe (no caso a WKF) são desvalorizadas para legitimar os conhecimentos de um pequeno grupo de professores que detém o poder dentro da federação, e que assim assume essa identidade dos *estabelecidos*, relegando àqueles que tentam se aproximar das tendências internacionais o papel de *outsiders*, chegando inclusive a punir de várias maneiras esses “perturbadores das regras do *Budō*”. Isso vem a ocorrer, principalmente, de maneira simbólica (com humilhações e outras ofensas de ordem moral, baseadas em sua autoridade para isso, já que possuíam elevadas graduações *Dan*). O mesmo ocorre em muitos outros grupos, pois é a supervalorização da técnica da linha, a alta graduação dos líderes em cada grupo, e a exaltação dos professores japoneses como entes superiores dentro da prática, que mantém as relações de poder e dominação de dirigentes sobre filiados, em relações pouco democráticas e muitas vezes abusivas, como nos lembra Testa (2007). A única razão que, até então parece elucidar o vínculo de tantas pessoas a pequenos grupos opressores é a ideia de sacrifícios substitutos¹²⁴ apresentada por Ken Wilber (2010).

Uma segunda trama, envolvida, em parte, no ponto levantado acima, é a falta de documentação da história do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul¹²⁵, ou seja, a existência de inúmeros silêncios que impedem o acesso dos fatos que aqui ocorreram pelo público interessado e até pelos praticantes mais jovens desta arte. Como discutimos a pouco, houve a nível mundial e a nível nacional e local a cisão dos grupos de praticantes de *Karate-Dō* em muitas escolas de estilos, que inclusive conseguiram, no Brasil, criar federações e confederações nacionais. Com importantes nomes que fizeram a história do *Karate-Dō* filiados a grupos divergentes, cada qual conta sua versão da história, ou suprime fatos que envolvem os “personagens” que agora protagonizam as histórias das entidades rivais. Um segundo ponto desta reflexão que reside na hipótese de percebermos que nem todos os personagens “esquecidos” dessa história pertencem a grupos rivais tem a ver com a consciência e aceitação da “sombra” dessas pessoas apagadas da história. Como há uma

¹²⁴ Introduzida pela primeira vez em “O Projeto Atman”, a ideia de sacrifícios substitutos, em síntese, é a capacidade humana de criar pequenas identidades, de período em período histórico, para continuar existindo durante o desenvolvimento para estágios mais complexos. O exemplo apresentado pelo autor é o dos cidadãos das sociedades monárquicas que preferiam estar vinculados a um rei tirano, pertencendo a uma nação, do que desvincular-se de uma estrutura de identidade dessas, vivendo fora dos desmandos de um déspota ou de um grupo abusador, mas privando-se da identidade. É como se o humano necessita-se da identificação com um grupo maior, e por isso, sacrifica direitos como a liberdade em nome do pertencimento.

¹²⁵ Um desses silêncios, por desconhecimento ou por interesses dos grupos dominantes, foi a falta de menção à existência do estilo *Shitō-ryū*, que de fato só foi introduzido no RS após o período que compreende o recorte temporal deste estudo (ANDRETTA, 2010).

série de pré-julgamentos acerca de vários indivíduos, preconceitos baseados em discursos disseminados por algumas pessoas e que às vezes não condizem com a realidade, ou quando condizem se revelam muito menos drásticos do que os movimentos antiéticos em outras esferas, alguns nomes têm sido sumariamente apagados da História do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul para satisfazer as opiniões de alguns dirigentes que se consideram os protetores da moral. A visão sociológica e histórica nos aconselha, porém, a levar luz aos fatos, não nos prendendo a julgamentos de outrem que impediriam a construção de um estudo mais coeso e de resultados com maior exatidão.

Esse parece ser o caso dos silêncios acerca dos problemas que culminaram com o desligamento do mestre Suzuki Takeo da *Wado-ryu Renmei do Brasil*, bem como de sua fragmentação, seja em nosso país, seja no mundo¹²⁶. Mesmo que seja verídico o fato de que Suzuki *sensei* foi o pioneiro do *Karate-Dō* no Estado, não pudemos acessar os documentos que registram essa trajetória da década de 1960, que lhe renderam a homenagem na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, enquanto é de fácil acesso a documentação que dá a Taniguchi *sensei* a mesma condecoração. Então somos obrigados a questionar se essa introdução do *Wadō* no RS aconteceu realmente antes da década de 1970 e qual a razão dessa falta de evidências: terão sido suprimidas pelos grupos contrários à figura e Suzuki *sensei* (existindo, aparentemente, em todos os estilos pessoas opositoras a ele e ao professor Nelson Guimarães), ou essas evidências simplesmente não existem? São questionamentos que se mantêm, mesmo após o levantamento de dados e análises desta pesquisa.

Ademais, é fundamental apontar algumas coisas sobre Luiz Watanabe *sensei*. Watanabe é, sem sombra de dúvida, o personagem principal destes primeiros trinta anos de história do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul. Há inúmeras evidências que nos fazem perceber que Watanabe dominava o imaginário, principalmente dos adolescentes e jovens porto-alegrenses na década de 1970. Seja pelas inúmeras confusões em que se envolveu (várias delas de cunho policial), seja por sua incomparável habilidade técnica como lutador, seja pela extravagância de seus passeios em carros de luxo com belas mulheres, uma miríade de

¹²⁶ O estilo *Wadō*, originalmente sob comando de Ōtsuka Hironori, fragmentou-se em pelo menos três vertentes: *Wadō-ryū Renmei*, sob o comando de Ōtsuka II, *JKF Wadō-kai*, sob o comando de discípulos de Ōtsuka mais graduados do que o filho do fundador e que se mantiveram filiados à *Japan Karatedo Federation*, e a *Wadō Kokusai* liderada pelo mestre Suzuki Tatsuo. No Brasil, a *Wadō-ryū Renmei* seguiu liderada pelo mestre Takamatsu Koji, a *Wadō-kai* ficou sob comando do mestre Buyo Michizo e Suzuki Takeo *sensei* foi viver na Europa de onde segue liderando as academias sob o nome de *Dojinmon* com filiais em muitos locais.

meninos olhava para o mestre de *Karate-Dō* como um herói de cinema presente bem pertinho de si, e acessível nas aulas que ocorriam na academia localizada no centro da cidade. Alguém que conquista um campeonato mundial e depois vira personagem de um programa do comunicador Jô Soares no canal de televisão mais assistido no país não tem o mesmo nível de impacto e popularidade que outros professores presentes no Rio Grande do Sul na mesma época.

Sua influência era de tal natureza que mesmo os praticantes de outros estilos chegam a usar sua representação como fonte de legitimação e qualidade dentro da formação enquanto *karate-ka*. Por exemplo, em sua entrevista, Arthur Xavier Filho *sensei* dá destaque ao fato de ter iniciado a prática sob a tutela de Watanabe, assim como seus alunos antigos entrevistados também o fazem (BANDEIRA, 2011; PADILLA, 2011a; PADILLA, 2011b; OLIVEIRA FILHO, 2009). Nessas falas, deixam subentendido que, mesmo sendo membros de um grupo que às vezes é considerado um tanto afastado da prática mais séria do *Kumite* (luta), tem uma origem naquele mestre que centrava seu ensino na luta, e que por essa razão esses praticantes de *Gōjū* são diferenciados e tem um lado “lutador” sustentado na figura de Watanabe *sensei*.

Além disso, ao lembrarmos o contexto da época, percebemos duas questões em que a representação de Watanabe *sensei* e a situação sociocultural do período estão emaranhadas. Em primeiro lugar, é importante lembrar que apesar da influência dos movimentos *hippie* e da contra-cultura (que parece ter sido mais tênue no RS, e isso provavelmente se deve à mistura da cultura local com o contexto da ditadura militar que estava instalada no país), as práticas de combate estavam em alta e o modelo militaresco também. Com o regime militar instituído nessa época, havia uma tendência à valorização de práticas que reforçassem a identidade com o militarismo. Para isso, as práticas como *Karate-Dō* e *Jūdō* foram amplamente apoiadas, inclusive com a revista em quadrinhos patrocinada pelo regime (*O Judoka*). Essa mídia (a revista citada) influenciou os garotos da época que também passaram a buscar a prática do *Karate-Dō* e do *Jūdō* e que aceitavam, assim, dentro de certos limites, com mais facilidade o regime imposto. A facilidade de disseminar as práticas de combate nessa época possibilitou que Watanabe *sensei* cunhasse a frase que é até hoje lembrada: “Há duas coisas que vendem sem propaganda: coca-cola e karate”.

O mais importante é que conseguimos vislumbrar o grande panorama da História do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul e seu desenvolvimento até o fim da década de 1980,

quando finalmente deixa de ser uma entidade ligada á Federação Rio-grandense de Pugilismo e vai alçar vôos próprios como uma prática independente e com uma identidade própria. Cada documento, imagem ou fala de depoimento foram cruciais para a construção desse panorama, que resumimos, nas páginas a seguir, junto de alguns diagramas de linhagens, registrando os nomes daqueles praticantes e professores que fizeram a história dessa prática no Rio Grande do Sul. Obviamente alguns nomes de mesma importância desses aqui listados podem não aparecer nos diagramas, mas essa falha, antes de um ato de más intenções, é mais um dos limites que tão longa história apresenta. Cada informação aqui registrada e analisada, produto das fontes consultadas, é uma versão que pode e deve ser complementada e aprofundada no futuro, para que tenhamos versões cada vez mais próximas daquilo que deve ter ocorrido no tempo histórico estudado.

Para melhor visualização, a síntese de resultados obtidos das três versões da História do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul (uma história através das fontes documentais, das fontes imagéticas e das fontes orais) será apresentada em uma linha de tempo ilustrada. Antes de ser uma representação linear e unidimensional da história, essa linha do tempo tem o objetivo de ser um recurso prático para a compreensão sintética de tudo que foi aqui estudado, evitando a repetição desgastante de informações. Assim, acompanhemos esse movimento que vai de uma introdução tímida do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul, que começa ligada a instituições militares e policiais (como o 18º Batalhão de Infantaria e a União Gaúcha dos Policiais Civis), onde a prática era realizada por uma vasta maioria de homens (a maioria deles soldados, brigadianos¹²⁷ e seguranças), e que vai aos poucos chegando a academias especializadas e depois a clubes e associações esportivas, onde passa a ser acessada pelas crianças e mulheres, tomando os rumos desportivos em detrimento das práticas mais voltadas à defesa pessoal.

¹²⁷ “Brigadiano” é a designação mais comum no Rio Grande do Sul para os policiais militares.

Até 1960

Mundo

1921



O *Karate* é demonstrado pela primeira vez fora de Okinawa

1949



Alunos de Funakoshi criam a *Japan Karate Association* (NKK/JKA)

1957



Falecimento do Mestre Funakoshi Gichin e realização do primeiro campeonato de *Karate-Dō*

Brasil



1955



Harada Mitsusuke (*Shōtōkan*) introduz o *Karate-Dō* no Brasil, se estabelecendo em São Paulo/SP e depois Shinzato Yoshihide (*Shōrin-ryū*) em Santos/SP

1959



Seiichi Akamine (*Gōjū-ryū*) funda a Associação Brasileira de Karate - ABK

Rio Grande do Sul



Década de 1960

Mundo



1965



Fundada a União Europeia de Karate e realizado o Primeiro Meeting entre Japão e Estados Unidos em Los Angeles

1968



Primeira vitória da equipe Americana sobre a equipe da *All Japan Collegiate Karate Federation* em Tokyo

Brasil



~1960



O estilo *Shōtōkan* é propagado pelos professores Okuda Taketo, Sagara Juichi, Uriu Sadamu, Tanaka Yasutaka, entre outros, em academias como *Shobukan* e *Kobukan*, no eixo Rio-São Paulo

1965



O *Karate-Dō* é introduzido na Bahia por Oishi Eisuke e em pouco tempo se torna a segunda força do *Karate-Dō* nacional

Rio Grande do Sul

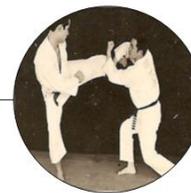


Meados da década de 1960



Usando o nome de *Kyokushin*, o estilo de "*Karate-Dō científico do Tanaka*" é introduzido no Estado

~1968



Primeiras demonstrações de Taniguchi Akira em Porto Alegre

Década de 1970

Mundo

1970



Criação da IKU (predecessora da WUKO) e realização do I Campeonato Mundial de Karate-Dô

1972



A equipe japonesa se retira da competição da WUKO e Tasuke Watanabe se sagra o primeiro brasileiro campeão mundial

1977



É realizado o quarto Campeonato Mundial WUKO, em Tokyo e o segundo Mundial da IAKF, na mesma cidade

Brasil



1972



Okuda Taketo chega ao Brasil estabelecendo um marco na história do Karate-Dô nacional

1979



Nelson Guimarães do RS integra a equipe brasileira que participa do Mundial da Wadô-ryû em Tokyo

R. G. do Sul 1970



Tasuke Watanabe introduz o estilo *Shôtôkan* em Porto Alegre e realiza o primeiro campeonato na Associação Israelita

1973



Rio Grande do Sul é Campeão Brasileiro de Karate pela primeira e única vez

1974



Taniguchi Akira introduz o *Gôjû-ryû Karate-Dô* em Porto Alegre, auxiliado por Hinata, vindo ensinar na academia *Meibukan*

1975



Luiz Biazus, aluno de Watanabe sensei, passa a dar aulas de *Karate-Dô* na ESEF-UFRGS

1976



Hironaka Hideto, da linha *Wadô-kai* ensina em Porto Alegre

1977



Taniguchi Akira deixa o Rio Grande do Sul

Década de 1980

Mundo



1984



O lançamento do filme *Karate Kid* cria uma comoção mundial e resulta num grande "boom" do *Karate-Dô*

1987



Falecimento do Mestre Masatoshi Nakayama e dissidência dos mestres sucessores em várias organizações

Brasil



1985



Mulheres lutam pelo direito de competir nas categorias de *Kumite* (luta)

1987



Fundação da Confederação Brasileira de Karate, desmembrada da Confederação Brasileira de Pugilismo

R. G. do Sul 1981



Luiz Watanabe deixa o Rio Grande do Sul

1982



Realizado o primeiro campeonato de *Karate-Dô* entre equipes de todo o Estado no Gigantinho

1986



Gasshuku com a presença de Otsuka Hironori II em Gramado/RS. Logo depois Suzuki Takeo deixa o Rio Grande do Sul

1988



Fundação da Federação Gaúcha de Karate

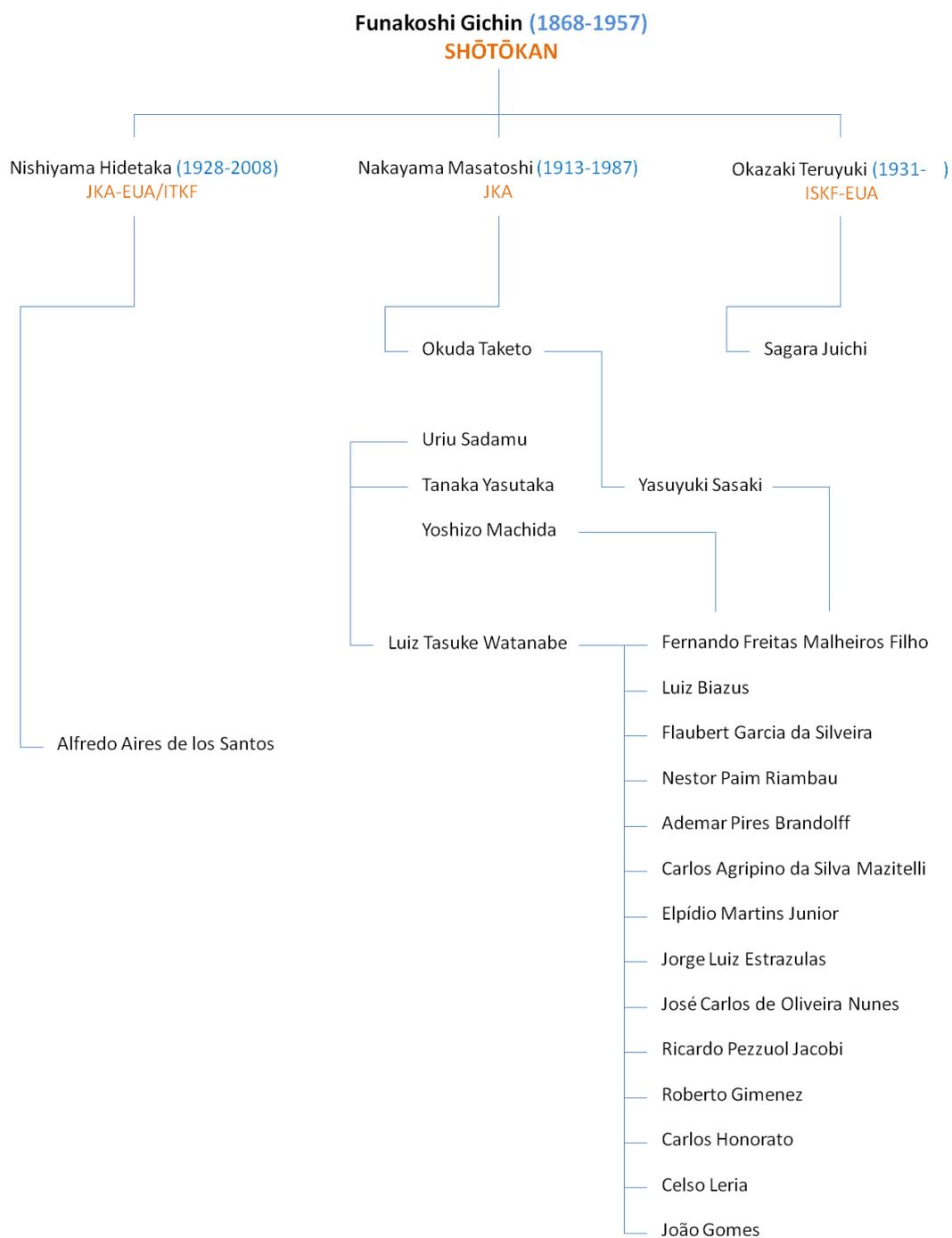


Figura 95 – Árvore genealógica do estilo *Shōtōkan* no Rio Grande do Sul.
Fonte: elaborado pelo autor

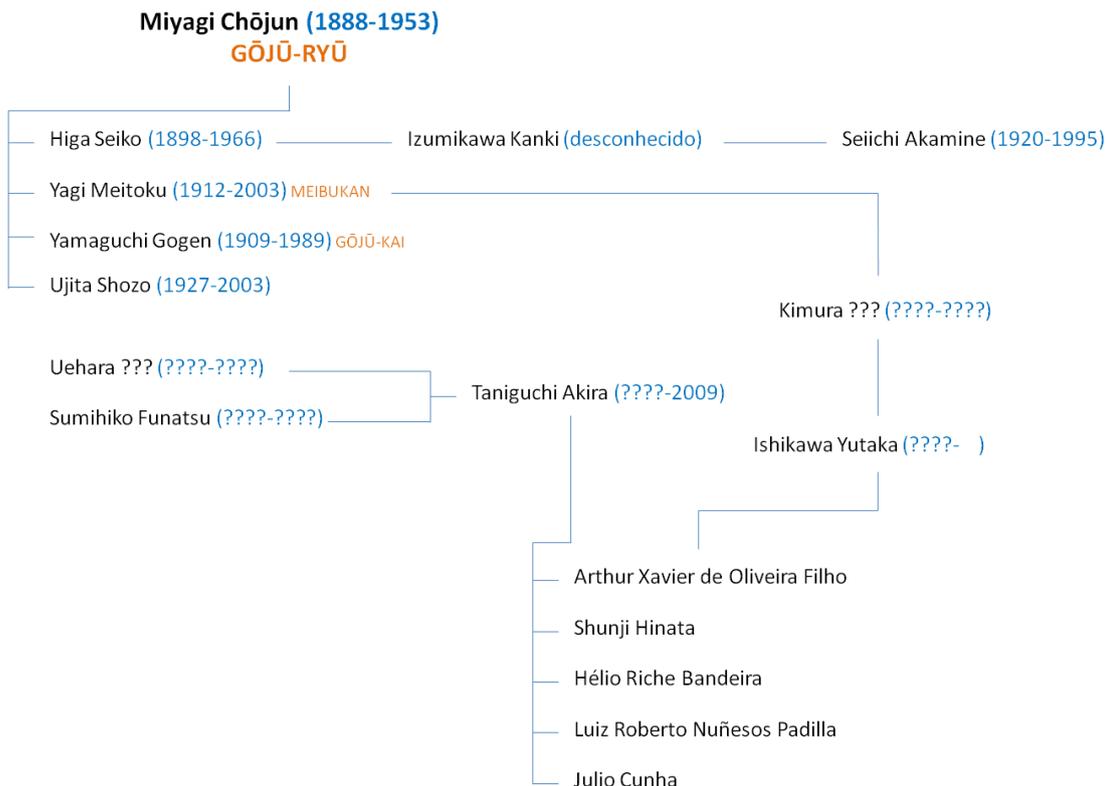


Figura 96 – Árvore genealógica do estilo *Gōjū-ryū* no Rio Grande do Sul
Fonte: elaborado pelo autor

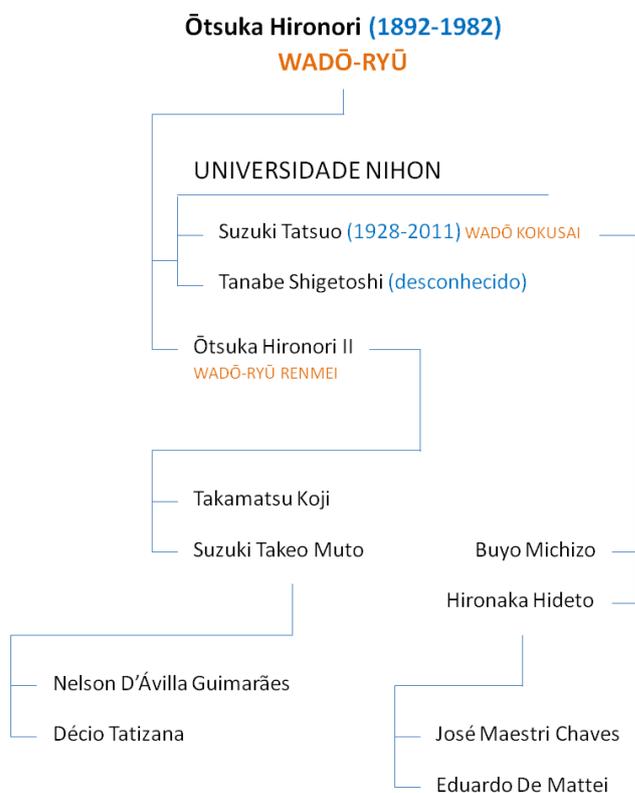


Figura 97 – Árvore genealógica do estilo *Wadō-ryū* no Rio Grande do Sul
Fonte: elaborado pelo autor

Como um fechamento desta sessão, gostaríamos de apresentar um pequeno exercício demonstrativo dessa trajetória historiográfica do *Karate-Dō* adaptando a esse caso específico a classificação de Allen Guttman (GUTTMANN, 1978)¹²⁸. Cientes das limitações das proposições deste autor, pretendemos, mesmo assim, usar sua classificação como um demonstrativo prático, não como um desdobramento de sua teorização sobre o esporte. Esse quadro nos ajuda a refletir de forma sintética acerca das características mais gerais que o *Karate-Dō* adotou em cada período, pensando na influência fundamental do espírito do tempo de cada período, ou seja, de seu *zeitgeist*:

Quadro 4 – Características do Karate em várias Eras

	<i>Ti e Quan-fa chineses</i>	<i>To-De / Okinawa-Te</i>	<i>Karate-Dō (Budō)</i>	<i>Karate (Esporte)</i>	<i>Shintaidō Sogo-Budō</i>
<i>Secularismo</i>	<i>Não</i>	<i>Sim e Não</i>	<i>Sim e Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
<i>Igualdade</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>
<i>Especialização</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
<i>Racionalização</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>
<i>Burocratização</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>
<i>Quantificação</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim e Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
<i>Recorde</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>

Adaptado de Guttman 1978.

¹²⁸ A classificação de Allen Guttman, apesar de bastante prática, nunca será suficiente por duas razões básicas, nem sempre apontada pelos críticos de sua obra: em primeiro lugar é uma classificação onde o autor olha para o tempo passado com as lentes de seu próprio tempo, o que o afasta de muitos detalhes importantes. Em segundo, Guttman não faz a integração Oriente/Ocidente, que é fundamental para compreender inúmeros processos de importação/exportação de práticas e representações, bem como de invenção e reinvenção das mesmas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a história do *Karate-Dō* não é uma tarefa trivial. Como se não bastasse a falta de fontes acerca de sua origem, simplesmente não conseguimos clarificar essa história a ponto de saber o que existia em termos de práticas de combate, ou não, no arquipélago de Ryūkyū antes do período que corresponde, na história chinesa, ao Império Ming. É mais adequado supor que o *Karate de Okinawa* é simplesmente uma reinvenção das práticas de luta trazidas pelos militares chineses no período que vai do século XIII ao XVII, culminando com a intensa niponização dessa prática do século XVII em diante.

Da mesma forma, é muito difícil reconstruir a história do *Karate* enquanto prática que foi introduzida no Japão a partir de Okinawa, bem como a sua história referente ao período em que novamente é reinventada, passando de *Karate* (Mãos Chinesas) para *Karate-Dō* (Caminho das Mãos do Vazio). Há muitas tramas e fatos que simplesmente se perderam no tempo devido à falta de documentação e da intenção de alguns grupos de suprimirem partes da história. Todo esforço feito para reconstruir essa origem da prática e relacioná-la à cultura japonesa (pois, exatamente devido a sua reinvenção mais drástica a partir de 1920 é que precisamos entender a relação dessa prática e da cultura nipônica, para compreender o que era o *Karate-Dō* no período em que foi introduzido no Estado do RS) são tarefas que exigiram esforço considerável e mesmo assim não tem suas garantias da total irrefutabilidade das conclusões a que chegamos. Um estudo histórico é sempre uma versão, construída a partir das fontes acessadas pelo autor, e é uma obviedade dizer que não acessamos todas as fontes disponíveis.

A história mais recente do *Karate-Dō* também não é de fácil construção. Com a imensa quantidade de instituições, grupos, objetivos, valores e ideais compartilhados por esses sujeitos, torna-se praticamente impossível acessar fontes que sejam neutras ou imparciais. Portanto, mesmo a reconstrução da história acerca dos primeiros campeonatos internacionais de *Karate-Dō*, da difusão dessa prática pela Europa, América do Norte e finalmente para o Brasil, podem conter informações que num futuro próximo serão complementadas ou corrigidas por novos estudos de nosso grupo ou mesmo por outros estudiosos do tema. Essas limitações não nos permitem, no entanto, deixar de concluir com posicionamentos concretos aquilo que nossa pesquisa revelou.

Em relação a isso, gostaria de comentar que esta conclusão se deu de forma incomum, trazendo ainda imagens e esquemáticos, pois é preciso que se faça justiça ao que a própria história acabou por mostrar. Em primeiro lugar, precisamos fazer uma importante colocação acerca dos primeiros *karate-ka* a praticarem esta arte em solo gaúcho. Existe, há muito tempo, uma espécie de disputa rivalesca entre os partidários dos três principais estilos (aqueles estilos com mais adeptos no Rio Grande do Sul), que são: *Shōtōkan*, *Gōjū-ryū* e *Wadō-ryū*, para concluir quem foi o verdadeiro pioneiro do *Karate-Dō* em nosso Estado. Teria sido Suzuki Takeo, já em 1963 ou 1964? Poderia ser considerado Taniguchi Akira, com supostas demonstrações realizadas já por volta de 1968 ou 1967? Ou ainda o próprio Luiz Tasuke Watanabe, que foi quem conseguiu registrar a prática e criar um departamento dentro da Federação Rio-Grandense de Pugilismo (única ação bem documentada dentre as três)? Nossa resposta atual é: nenhum dos três. Até onde pudemos averiguar, foram praticantes de um estilo de *Karate de Contato*, que então usavam o nome do estilo *Kyokushinkai* a primeiro se instalar no Rio Grande do Sul. Esses *karate-ka*, vinculados a Tsunioshi Tanaka, foram obrigados depois a abrir mão do nome e marca da *Kyokushinkai* através da intervenção de Isobe Seiji, já na década de 1970. Mesmo assim, seguiram praticando e desenvolvendo sua arte que era chamada de *Karate-Dō Tanaka*, ou ainda, como designado pelo professor Ricardo D'Elia "*Karate-Dō Científico do Tanaka*" (jargão usado pelo grupo para justificar certas práticas que estariam pretensamente alicerçadas em estudos científicos). Daí em diante é praticamente impossível definirmos qual dos "*Dai Yon Ryū*" (quatro grandes estilos) chegaram antes ou depois no RS, pois não há fontes com força suficiente para tal definição.

Outra informação que precisa ser trazida à luz dos fatos é o nome daquele considerado o primeiro e, portanto, mais importante aluno do *karate-ka* mais famoso que passou pelo Estado. Quando resgatamos a história de Luiz Tasuke Watanabe *sensei*, o primeiro representante do Brasil a se sagrar campeão mundial e a introduzir o estilo *Shōtōkan* no RS, precisamos nos desapegar por um instante da metodologia mais rígida e apresentar um fato ocorrido recentemente. Esse fato ocorreu quando da vinda de Watanabe *sensei* à Porto Alegre depois de mais de trinta anos fora do Estado. Nessa oportunidade, o mestre japonês, cumprindo o costume nipônico, aceitou participar de um reencontro com seus antigos estudantes, desde que antes tivesse um jantar de reencontro com seu "primogênito". Esse importante *karate-ka*, herdeiro maior da técnica de Watanabe *sensei* foi

então confirmado: trata-se de Luiz Biazus, professor de *Karate-Dō* na Escola de Educação Física da UFRGS (Apresentamos algumas fotos dessa vinda de Watanabe *sensei* no apêndice 3).

Ademais, tanto a conclusão deste estudo, quanto todo o trabalho de campo para construí-lo ajudaram-me a conhecer mais de uma história que percebo, hoje, fazer parte. Estudar, analisar documentação, entrevistar antigos professores e refletir por esses anos sobre toda essa História do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul me ajudaram a fortalecer a minha própria identidade enquanto *karate-ka*. Perceber o próprio lugar em uma jornada que não é boa nem má, certa ou errada, mas sim uma jornada humana, e por isso bela, dá-me novas forças para seguir em frente, como praticante e também como estudioso desta prática cultural. Foi possível, então, reconstruir a minha própria história, que compartilho também aqui, ao final desta dissertação, como produto imagético de uma trajetória que construí através de minhas experiências enquanto praticante em um clube esportivo da cidade, o Grêmio Náutico Gaúcho, depois como atleta da Seleção Gaúcha de Karate no período de 2003 a 2006, onde estive muito próximo do professor francês que aqui estava para treinar esse grupo de alto rendimento do Rio Grande do Sul, o *sensei* Guy Mehdi Leon Sahri, 5º *Dan* da *Fédération Française de Karaté et Disciplines Associées*, com quem mantenho o vínculo de professor-aluno até hoje, e por fim minha recente trajetória como membro da *Japan Karate Shotofederation*, uma das escolas mais tradicionais do mundo (a representação imagética da linha a qual pertença dentro do Shotokan Karate-Do foi inserida no apêndice 4).

Por fim, registramos também a importância de se reconhecer os nomes dos mestres Taniguch Akira e Shunji Hinata como os nomes mais importantes da introdução e desenvolvimento do estilo *Gojū* no Estado, assim como o de Luiz Tasuke Watanabe no *Shōtōkan*, além de Suzuki Takeo e Hironaka Hideto na *Wadō*. Com igual importância, lembramos os nomes daqueles que mantiveram a chama da prática acesa no Estado, mesmo na ausência dos mestres pioneiros, e mais uma vez lembramos a todos através dos nomes dos fundadores da Federação Gaúcha de Karate: Arthur Xavier de Oliveira Filho do estilo *Gojū*, Ademar Pires Brandolff e Fernando Malheiros Filho do *Shōtōkan*, além de Nelson D'Ávilla Guimarães e Eduardo Fauque De Mattei do *Wadō*. Além destes, vários outros nomes devem ter sido omitidos, pois há questões pessoais que geram certos silêncios entre os entrevistados que não puderam ser desvelados pelo atual estágio da pesquisa. Porém, o

trabalho desses incansáveis *karate-ka* proporcionou a todos os envolvidos com a prática uma estrutura que hoje ultrapassa os trinta mil praticantes no Estado.

Sugerimos ainda, a realização de novos estudos que possam clarificar os pontos não resolvidos nesta pesquisa. Há uma série de conflitos entre as práticas (ou seja, o comportamento dos professores e praticantes, bem aquilo que executam em termos de movimento a cada sessão de treinamento e competição) e as representações da cultura nipônica dentro do *Karate-Dō* (por exemplo, é muito difícil encontrar hoje, num *Dōjō* do RS, o respeito e a disseminação dos símbolos, costumes e ideias descritas no capítulo 2 desta dissertação). A realização de novas entrevistas e análise de mais documentação e arquivos de fotografias e outros objetos pode ser uma fonte de novos achados acerca dessa História local do *Karate-Dō*, bem como parece interessante o avanço no recorte temporal para confirmar ou não se a tendência a “esportivização” percebida no final do período aqui estudado se confirma ou se a história se desenrola por outros caminhos.

Um primeiro passo, de todo modo, foi dado em direção ao estudo e à compreensão das práticas culturais de combate nascidas no Oriente e inseridas no contexto cultural do Ocidente e do planeta como um todo. Novos estudos que tratem de seguir explorando as transformações das práticas, representações e do imaginário desses “Caminhos” precisarão, sem sombra de dúvida, observar algumas das temáticas aqui levantadas, pois são estas que nos fazem ampliar a visão para a intrincada rede de relações, jogos de poder e necessidades humanas que acabam por inventar e reinventar essas práticas. Em um futuro próximo deveremos caminhar para um contexto de estudos transculturais cada vez mais importantes, onde as fontes receberão críticas adequadas e o uso de fontes primárias e secundárias nos idiomas originais será uma realidade.

REFERÊNCIAS

- AFRICANOS aperfeiçoam-se em São Paulo: Karate. **Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 7. 20 dez. 1963.
- AGUIAR, J. **Karatê Shito-ryu: os grandes mestres, os katas, entrevistas**. São Paulo: Geográfica Editora, 2008.
- AHN, J. D.; HANG, S. H.; PARK, Y. K. The Historical and Cultural Identity of Taekwondo as a Traditional Korean Martial Art. **International Journal of The History Of Sport**. Londres: Routledge, v. 26, n. 11, p.1716-1734, set. 2009. DOI: 10.1080/09523360903132956.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALBERTI, V. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ANDRETTA, D. A. C. **Karatedo.net Dojo Virtual**. 2012. Disponível em: <<http://karatedo-net.blogspot.com.br>>. Acesso em 22 ago. 2012.
- _____. **Denis Augusto Cordeiro Andretta (depoimento, 2010)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2010.
- _____. **Manabu no Karate-Dō**. 2009. Disponível em: <manabunokaratedo.esporteblog.com.br/>. Acesso em 07 jul. 2009.
- AOKI, H. **Shintaido - a new art of movement and life expression**. San Francisco: Shintaido of America, 1982. 120p.
- ARRIEN, Angeles. **O Caminho Quádruplo: trilhando os caminhos do Guerreiro, do Mestre, do Curador e do Visionário**. São Paulo: Ágora, 1998.
- AUGUSTO, J. **Koryu e Gendai Budo: Reflexão**. Portal da Sociedade Brasileira de Bugei. 2009. Disponível em: <www.bugei.com.br/ensaios/>. Acesso em: 15 mai. 2009.
- BANDEIRA, H. R. **Hélio Riche Bandeira (depoimento, 2011)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2011.
- BARREIRA, C. R. A.; MASSIMI, M. **As Idéias Psicopedagógicas e a Espiritualidade no Karate-Do segundo a Obra de Gichin Funakoshi**. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 16, n.2, p. 379-388. 2003.

- BARROS, J. **O projeto de pesquisa em História**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BARTOLO, P. **Karate-Do: história geral e do Brasil**. Santos: Realejo Edições, 2009.
- BECK, D. E.; COWAN, C. C. **A Dinâmica da Espiral: dominar valores liderança e mudança**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- BENEDICT, R. **O Crisântemo e a Espada: padrões da cultura japonesa**. Coleção Debates – Antropologia. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BOURDIEAU, P. Como é possível ser esportivo? *In* BOURDIEAU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: 1983.
- BRANDOLFF, A. P. **Ademar Pires Brandolff (depoimento, 2011)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2011.
- BÜLL, Wagner J. **Aikido o Caminho da Sabedoria**. São Paulo: DAG Gráfica e Editorial Ltda., 1988. 1ª edição.
- BURKE, P. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zohar Editora, 2008.
- CAMPBELL, J. **As Máscaras de Deus – Mitologia Oriental**. São Paulo: Editora Palas Athena, 1995. v .2.
- CAMPS, H.; CERESO, S. **Estudio técnico comparado de los Katas de Karate**. Barcelona: Editorial Alas, 2005.
- CBK, Confederação Brasileira de Karate. **História do Karate**. Portal da Confederação Brasileira de Karate. São Paulo: 2004. Disponível em: <<http://www.karatedobrasil.org.br>>. Acesso em: 13 mai. 2009.
- CBK, Confederação Brasileira de Karate. **Revista Eletrônica Karate-Do Online**. Disponível em: <<http://www.karateonline.com.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2008.
- CELLARD, A. **A análise documental**. *In*: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.
- CHAMBERS, J.; DUFF, B. **Human Weapon - Karate**. History Channel. AETN, 2008.1 DVD-Rom.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CHAVES, F. L. A história observada pelo avesso. *In: RS - cultura e ideologia*. Série Documenta, 3. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980. 168 p.

CHIA, M. HUANG, T. **Porta para Todas as Maravilhas**: uma aplicação do Tao Te King. São Paulo: Cultrix, 2004. 286 p.

COSTANTINO, N. S. **Manutenção da Identidade**: imigrantes italianos em Porto Alegre. Paese Natio, Zweite Heimat/ Terra Natal, Terra Nova. Porto Alegre, EST Edições, 2002.

COSTA, E. B. (Ed.). **História Ilustrada de Porto Alegre**. Porto Alegre: Já Editores, 1997.

DACANAL, J. H. A miscigenação que não houve. *In: RS- cultura e ideologia*. Série Documenta, 3. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980. 168 p.

DAVEY, h. e. **Yoga Japonesa**: o caminho da meditação dinâmica. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2001.

D'ELIA, R. **Pinto Karate Cast 13 – Entrevista com Ricardo D'Elia**. Hamamatsu: 2011.

DUARTE, Thiago. **PROC. Nº 1856/09**: Projeto de Resolução que concede ao Mestre Akira Taniguchi Shihan o Diploma de Honra ao Mérito. Porto Alegre: Câmara de Vereadores de Porto Alegre, 2009. 3 p.

DURAND, M. **Blog USA Karate Story - Chuck Norris - Joe Lewis - Bill Wallace**. 2008. Disponível em: <<http://karate-in-english-lewis-wallace.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 de maio de 2012.

EGAMI, S. **The Heart of Karate-Dō**. Tokyo: Kodansha Intenational, 2000.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, 224 p.

_____. A gênese do desporto: um problema sociológico. *In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 187-221.

_____. Ensaio sobre o desporto e a violência. *In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 223-256.

FGK, Federação Gaúcha de Karate. **Portal da Federação Gaúcha de Karate**. Disponível em: <<http://www.fgk.com.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2008.

FLORES, M. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996. 217 p.

FREITAS, D. O gaúcho: o mito da “produção sem trabalho”. *In: RS - cultura e ideologia*. Série Documenta, 3. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980. 168 p.

FROSI, T. O.; MAZO, J. Z. Repensando a História do Karate Contada no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo: USP, 2011.

FROSI, T. O. Karate-Do no Rio Grande do Sul, de arte marcial a prática esportiva. **Relatório de pesquisa para a Federação Gaúcha de Karate**. Porto Alegre: 2010.

FROSI, T. O. ; MORAES, R. D. ; MAZO, J. Z. . As mulheres não estão no mapa! Um estudo sobre a presença das mulheres no cenário esportivo de Porto Alegre (1863-1941). **Lecturas Educación Física y Deportes**. Buenos Aires, v. 15, p. 1, 2010.

FUNAKOSHI, G. **Os Vinte Princípios fundamentais do Karatê**: o legado espiritual do Mestre. São Paulo: Cultrix, 2005.

_____. **Karatê-Dō**: meu modo de vida. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. **Karatê-Do Nyūmon**: Texto Introdutório do Mestre. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. **Karatê-Do Kyōhan**: The Master Text. Tokyo: Kodansha International, 1973.

_____. **Karate-Dō Kyōhan**. Tokyo: S/E, 1936.

_____. **Rentan Goshin Karate Jūtsu**. Tokyo: S/E, 1925.

FUJIWARA, Y. **Kenji**. Tokyo: Kodansha, 1988.

GARCIA, P. **Paola Garcia (depoimento, 2009)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2009.

GONELLA, R. **Do - Viaggio Attraverso il Karate alla Ricerca dell'antico Tō-de**. S/L, 2003.

GONZAGA, S. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. *In: RS - cultura e ideologia*. Série Documenta, 3. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980. 168 p.

- GOSWAMI, A. **O Universo Autoconsciente**: como a consciência cria o mundo material. São Paulo: Aleph, 2008.
- GOULART, J. **Aikidō Clube de Portimão - Portugal**. 2012. Disponível em: <<http://aikidoclube.blogspot.pt/>>. Acesso: 10 jul. 2012.
- GOULART, J. **Jōji Monogatari**. 2011. Disponível em: <<http://jojimonogatari.blogspot.com.br/>>. Acesso: 14 maio 2012.
- GUARATO, R. Por uma compreensão do conceito de representação. **Revista Eletrônica História e-história**. Campinas: UNICAMP, jun. 2010.
- GUIMARÃES, N. **Portal da Associação Dojinmon de Karate Wado-ryu**. Disponível em: <<http://www.dojinmon.com.br/>>. Acesso: 24 nov. 2008.
- GUTTMANN, A. **From ritual to record**: the nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 1978, p. 1-55.
- HAGUETTE, T. M. F. A observação participante. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. p.58 - 87.
- HIGAONNA, M. **Traditional Karatedo Okinawa Gōjū-ryū**: performances of the kata. Tokyo: Minamoto Researchs/Japan Publications, 1986. V.2.
- HOBBSAWN, E; TERENCE, R. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- KANAZAWA, H. **Karate**: The Complete Kata. Tokyo: Kodansha International, 2009.
- KANO, J. **Energia Mental e Física**: escritos do fundador do Judô. São Paulo: Pensamento, 2008.
- KARATE Master Defeats Russian Fighter. **Kingu Magazine**, Tokyo, n. 9, p.195-204, 1925.
- KŌDANSHA INTĀNASHONARU KABUSHIKI KAISHA (Tokyo) (Comp.). **Japan**: profile of a nation. Tokyo: Kodansha International, 1994. 360 p.

KOPPE, V. R. **O Kung-Fu Tradicional e o Wu-shu Moderno**. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física). Porto Alegre: UFRGS, 2009.

KUROZAWA, Akira. **Seven Samurai**. Tokyo: Shueisha Co., 1954. 2 DVD.

KUSHNER, K. **O Arqueiro Zen e a Arte de Viver: uma flecha, uma vida**. São Paulo: Pensamento, 1988.

LEDUR, J. A. **Karate Goju-ryu no Ri Grande do Sul: as contribuições de Akira Taniguchi**. Monografia (Graduação) - Licenciatura em Educação Física. Escola de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre, UFRGS, 2011.

LOPES FILHO, B. J. P. **Comunicação Pessoal**. 2011. Nota.

MABUNI, K. **Kōbō Kenpō - Karatedō Nyūmon**. Tokyo: S/E, 1938.

MACCLANCY, J. Sport, Identity and Ethnicity. *In*: Macclancy, J (ed.). **Sport, Identity and Ethnicity**. Oxford: Berg, 1996, p. 1-20.

MACHIDA, L. **Entrevista para o programa Lendas do UFC**. Multishow. Documentário, 50 min. 2012.

MACIEL, F. **Franklin Maciel (depoimento, 2009)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2009.

MAESTRI, M. **Nós, os ítalo-gaúchos**. 2ª ed. Porto Alegre: Edufrgs, 1998.

MALHEIROS FILHO, F. A. F. **Fernando Antonio Freitas Malheiros Filho (depoimento, 2011)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2011.

MARTA, F. E. F. Artes Marciais e Ditadura Brasileira: as histórias se cruzam:? Incurções pelas páginas de *O Judoka*. **Dialogia**. São Paulo: v.7, n.1. p. 53-62. 2008

MAZO, J. Z.; FROSI, T. O. Em busca da identidade luso-brasileira no associativismo esportivo em Porto Alegre no princípio do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: Autores Associados, jan/2009. v. 30, n.2, p.57-72.

_____. Canotieri Ducca degli Abruzzi (1908-1963): A nacionalização do 'Clube de Remo dos Italianos' em Porto Alegre. **Revista Mouseion**. Acervo Histórico La Salle: jan-jun, 2008. v.2, n.3.

MAZO, J. Os clubes esportivos em Porto Alegre. In: DACOSTA, Lamartine (org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

_____. **O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo - Catálogo (1929-1967)**. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004 (13 CD-ROM).

_____. **A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre Brasil (1867-1945):** espaço de representações da identidade cultural teuto-brasileira. Porto: UP, 2003. Tese (Doutorado em Ciências do Esporte), Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, 2003.

MCCARTHY, P. **Ancient Okinawan Martial Arts**. Tokyo: Tuttle Publishing, 1999a. v.1

_____. **Ancient Okinawan Martial Arts**. Tokyo: Tuttle Publishing, 1999b. v.2

_____. **The bible of Karate: Bubishi**. Tokyo: Charles E. Tuttle, 1995.

MENEGAT, R. (coord.). **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS/PMPA/INPE, 1999.

MOORE, R.; GILLETTE, D. **Rei, Guerreiro, Mago, Amante: a redescoberta dos arquétipos do masculino**. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

MOTOBU, C. **Watashi no Karate-Jutsu**. Tokyo: S/E, 1934.

MOTOBU, C. **Okinawa Kenpo Karate Jutsu**. Tokyo: S/E, 1926

MUSASHI, M. **Um Livro de Cinco Anéis**. São Paulo: Claridade, 2008. 104 p.

NAGAMINE, S. **Tales of Okinawa's Great Masters**. Tokyo: Tuttle Publishing, 2000. 169p.

NAKAYAMA, M. **O Melhor do Karatê: Visão Abrangente - Práticas**. São Paulo: Cultrix, 2000. v.1.

NAKAZATO, J.; et. al.. **Okinawa Karate and Martial Arts with Weaponry. 2003**. Disponível em: <www.wonder-okinawa.jp/023/eng>. Acesso: 20 jun. 2005.

NAPOLITANO, M. *A história depois do papel*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

NATIONAL GEOGRAPHIC. **Fight Science**. National Goegraphic Channel, 2006.1 DVD-Rom.

NISHIYAMA, H; BROWN, R. C. **The Art of Empty Hand Fighting**. Tokyo: Tuttle Publishing, 1990. 256 p.

NOBLE, G. Choki Motobu: a real fighter. **Journal of Combative Sports**. S/L, fev. 2000.

NUCCI, P. **Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil: textos e silêncios**. São Paulo: Annablume, 2010. 234 p.

OKINAWA PREFECTURE. **Wonder Okinawa**. Disponível em: <www.wonder-okinawa.jp/>. 2003. Acesso: 04 mar. 2009.

OLIVEIRA, N. P. **Nolberto Pintos de Oliveira (depoimento, 2011)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2011.

OLIVEIRA, E. F.; MILLEN NETO, A.; JORDÃO, T. Karatê. In DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

OLIVEIRA, G. B.; FROSI, T. O. Karate no Rio Grande do Sul. In: MAZO, Janice; REPPOLD FILHO, Alberto. **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CREF2RS, 2005.

OLIVEIRA FILHO, A. X. **Karate Goju-ryu Rio Grande do Sul**. 2010. Disponível em: <<http://karategojuriograndedosul.blogspot.com>>. Acesso: 15 jun. 2012.

OLIVEIRA FILHO, A. X. **Arthur Xavier e Oliveira Filho (depoimento, 2009)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2009.

PADILLA, L. R. N. **Luiz Roberto Nuñesos Padilla (depoimento, 2011)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2011a. 47 min.

_____. **Comunicação Pessoal**, Porto Alegre: 2011b. Notas

_____. **Comunicação Pessoal**, Porto Alegre: 2010a. Notas

_____. **Luiz Roberto Nuñesos Padilla (depoimento, 2010)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2010b.

PAIVA, O. C. **Migrações e Identidade Nacional**. In XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo: ANPUH, 2007.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PESAVENTO, S. J. Historiografia e Ideologia. *In: RS - cultura e ideologia*. Série Documenta, 3. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980. 168 p.

PETTINI, R. L. **Karate Kyokushin Oyama**: uma visão geral. Monografia (Graduação) - Licenciatura em Educação Física. Escola de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre, UFRGS, 2005.

PIMENTEL, A. O Método da Análise Documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**. N. 114, p. 179-195, Nov. 2001.

PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

RATTI, O.; WESTBROOK, A. **Segredos dos Samurais**: as artes marciais do Japão feudal. São Paulo: Madras, 2006.

REID, H.; CROUCHER, M. **O Caminho do Guerreiro**: o paradoxo das artes marciais. São Paulo: Cultrix, 2004.

REIS, M. C. **Pronunciamento em Curso FGK**. Porto Alegre: 2008. Notas.

RIAMBAU, N. **Nestor Paim Riambau (depoimento, 2011)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2011.

RIAMBAU, N. **Comunicação Pessoal**. Porto Alegre: 2009. Notas.

RIGAUER, B. **Sport and Work**: Translated with an introduction by Allen Guttman. Nova Iorque: Columbia University Press, 1981. p. 1-62.

RODRIGUES, J. M. S. **José Maria Só Rodrigues (depoimento, 2010)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2010.

ROSE, G. **Visual Methodologies**: an introduction to the interpretation of Visual Materials. Londres: Sage Publications, 2007. 229 p.

ROSS, T. **Choki Motobu**: through the myth...to the man. Portal Fighting Arts. Disponível em: <<http://www.fightingarts.com/>>. Acesso: 15 mai. 2009.

RUSAK, D. Karate, Baseball and Politics: Hybridity and the Martial Arts in Modern Japan. **Undergraduate Journal of Anthropology**. v.1, p. 63-71, 2009.

RYUSAKU, T.; BERRY, W. M. T.; KEENE, D. **Sources of Japanese Tradition**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1964.

SADOGAWA, J. Hanza Sky. **Sonnen Champion**. Tokyo: 2010.

SALMON, R. **Master Akira Taniguchi**. 2010. Disponível em: <http://www.bri-karate.nl/joomla/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=81&Itemid=96>. Acesso: 16 abr. 2011.

SANTOS, A. A. S. **Alfredo de los Santos (depoimento, 2009)**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2010.

SANTOS, N. M. W. **Histórias de Sensibilidades**: espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905/1920/1937). Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

SANTOS, N. M. W. **A Tênu Fronteira entre a Saúde e a Doença Mental**: um estudo de casos psiquiátricos à luz da Nova História Cultural. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

SAYAD, A. **A imigração e os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da USP, 1998.

SCHUMACHER, M. **Japanese Buddhist Statuary**: Gods, Goddesses, Shinto Kami, Creatures and Demons. 1995. Disponível em: <<http://www.onmarkproductions.com/html/ssu-ling.shtml>>. Acesso: 29 mar. 2010.

SEGANFREDO, C. **As Melhores Histórias da Mitologia Japonesa**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2011. 205 p.

SHIMIZU, S. Cultural struggles on the body in Japan and Asia: When should we use 'modern' or 'traditional' body techniques? **International Journal of Eastern Sports & Physical Education**. Suwon: p.89-104, 2005.

SHINJYO, K.; SENAHA, S.; ONAGA, Y. **Three Major Schools of Okinawa Karate**. Lake Forest: YOE Incorporated, 2004. 2 DVD.

SHINZATO, Y.; BUENO, F. A. **Kobu-Do**: as armas antigas de Okinawa. São Paulo: Editora On-line, 2007.

SILVA, A. S. **Altemar Sabino da Silva (depoimento, 2009)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2009.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2001.

STEVENS, J. **Três Mestres do Budô**: Kano, Funakoshi, Ueshiba. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

STEVENS, John (Org.). **Segredos do Budô**. São Paulo: Cultrix, 2001.

TAN, K. S. Y. *Constructing a Martial Tradition: Rethinking a Popular History of Karate-Dou*. **Journal of Sport and Social Issues**. Sage Publications, maio 2004. v.28, n.169, p. 169-192. DOI: 10.1177/0193723504264772.

TANAKA, A. S. **As fotos presentes no Dojo**. 2011. Disponível em: <<http://blogdasachikokarate.blogspot.com.br/>>. Acesso: 22 maio 2011.

TATIZANA, D. **Décio Tatizana (depoimento, 2011)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2011.

TAVARES, O.; DA COSTA, L. (ed.) **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

TAZAWA, Y. **História Cultural do Japão**: Uma Perspectiva. São Paulo: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 1980.

TESTA, C. R. **Pobreza Política e Dominação**: um caso de patrimonialismo moderno em um campo esportivo. Brasília: UB, 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2007.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. São Paulo: Paz e Terra. 1992.

TOGUCHI, S. **Okinawan Gōjū-ryū**: Fundamentals of Shorei-kan Karate. Burbank: Ohara Publications, 1976.

TOKITSU, K. **Histoire de Karaté-dô**. Paris: Editorial SEM, 1994.

TOO, H. T. **Karatê Gojuriu**: conheça tudo sobre essa modalidade de Karatê. São Paulo: Hermus: 2004.

TRENTO, Ângelo. **Os italianos no Brasil/Gli Italiani in Brasile**. São Paulo: Editora Prêmio, 2000.

TRUSZ, R.; NUNES, A. V. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. **Movimento** (Porto Alegre), v. 13, p. 179-204, 2007.

UESHIBA, Morihei. **Budô: Ensinamentos do Fundador do Aikidô**. São Paulo: Cultrix, 1991.

VAINFAS, R. Historia das Mentalidades e História Cultural. *In*: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 127-162.

VEEN, W.; VRAKING, B. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009

VEJA, Revista. **Acervo Digital da Revista Veja – 40 anos**. São Paulo: Editora Abril, 2009. Disponível em: <<http://acervoveja.digitalpages.com.br/>>. Acesso em 14 abr. 2009.

VIRGÍLIO, S. **Conde Koma: o invencível yondan da história**. Campinas: Átomo, 2002.

WEBER, R. **Relatos de quem colhe relatos: pesquisas em história oral e ciências sociais**. Dados, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, 1996, p. 163-183.

WILBER, K. **Éden - Queda ou Ascensão?** uma visão transpessoal da evolução humana. Campinas: Verus, 2010. 460p.

WILBER, K. **Uma breve história do Universo: de Buda a Freud - religião e psicologia unidas pela primeira vez**. Rio de Janeiro: Editora Nova Era, 2006. 390p.

WORLD KARATE FEDERATION. **Regras de Competição Kumite e Kata**. Madrid, 2009. Ver. 6.

YAMASHIRO, J. **Okinawa: uma ponte para o mundo**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1993.

YANG, Yoon-ho. **Fighter in the Wind**. Korea: Big Ble Film, 2004. 1 DVD.

YOKOYAMA, M. **Tiji-Kun!**. Tokyo: Kodansha, 2009.

APÊNDICE 1

BUGEI JŪHAPPAN

As técnicas de guerra (*Bujūtsu* - 武術), também chamadas posteriormente de técnicas de guerra nacionais (*Bugei* - 武芸) e atualmente comumente chamadas de Caminho do Guerreiro (*Budō* - 武道) ou “Caminho para deter a violência” são termos japoneses que englobam práticas como o *Kendō* (剣道 - esgrima japonesa), *Jūdō* (柔道) e *Kyūdō* (弓道 - tiro com arco). A antiga expressão *Bugei Jūhappan* (武芸十八般 - as 18 técnicas de guerra nacionais) referia-se às seguintes artes:

- 01 弓術 *Kyūjūtsu* - arqueria ou tiro com arco;
- 02 馬術 *Bajūtsu* - a arte do cavalo, equitação;
- 03 槍術 *Sōjūtsu* - arte da lança;
- 04 劍術 *Kenjūtsu* - a arte da esgrima japonesa;
- 05 水蓮 *Suiren* – natação;
- 06 居合術 *Iaijūtsu* - arte de desembainhar a espada;
- 07 短刀術 *Tantōjūtsu* - a arte da espada curta;
- 08 十手術 *Jittejūtsu* - a arte do bastão dos oficiais do governo;
- 09 手裏劍術 *Shurikenjūtsu* - a arte do lançamento de adagas;
- 10 吹き矢術 *Fukiyajūtsu* - a arte do sopro de agulhas / zarabatana;
- 11 薙刀術 *Naginatajūtsu* - a arte da alabarda;
- 12 鉄砲術 *Teppōjūtsu* - a arte das armas de fogo;
- 13 捕縄術 *Hojōjūtsu / Hobakujūtsu* - a arte de nós e amarrações;
- 14 柔 *Yawara* - o *Jūdō* contemporâneo;
- 15 忍術 *Ninjūtsu* - arte da espionagem;
- 16 棒術 *Bōjūtsu* - a arte do bastão;
- 17 鍬術 *Mojiri* - a arte do bastão com picos em uma das extremidades; e
- 18 鎖鎌術 *Kusarigamajūtsu* - a arte da foice com corrente.

O *Karate-Dō* não é considerado uma das artes guerreiras tradicionais japonesas, apesar de algumas vezes ser referido como tal fora do Japão (GOULART, 2011). No período Edo (1600-1868) eram exigidas aos guerreiros que aprendesse seis artes marciais: esgrima, lança, tiro com arco, equitação, *Jūjūtsu/Yawara* (agora conhecido como *Jūdō*) e armas de fogo. Estas seis juntas com *Gunji-senryaku* (軍事戰略), "a estratégia militar", eram chamadas "As sete artes de guerra".

Após a Restauração Meiji (*Meiji Ishin* 明治維新 - 1868) o conteúdo das artes de guerra mudou enormemente, refletindo o fato de que elas não mais deveriam ser utilizadas em combate e que já não eram de treino exclusivo da classe guerreira (*Buke*). Refletindo esta nova circunstância, o *Bujūtsu* (武術) foi substituído pelo termo *Budō* (武道), implicando que deveria ser treinado mais sob princípios espirituais do que para o combate¹²⁹. [...] Depois da Segunda Guerra Mundial, houve a necessidade de modificar certas visões das artes marciais e (mudar) a ênfase de artes práticas com objetivo de defesa nacional para desportos que conferem maior harmonia e universalidade. (KŌDANSHA INTĀNASHONARU KABUSHIKI KAISHA, 1994)

Quer muitos gostem ou não, não há como mudar a história do Japão para se adaptar às nossas conveniências em nível de ensino de artes guerreiras no ocidente, as informações acima são fatos históricos. O respeito pela arte (guerreira ou não) que se pratica também passa pela compreensão dos fatos históricos a ela ligados. A razão de o *Karate-Dō* não ser japonês exige, por parte de certo tipo de instrutores dessa arte, que saiam do comodismo, desçam do pedestal de vaidade a que chamam graduações (*Dan* – graus de faixas-pretas) e humildemente estudem a arte que ensinam antes de difundirem que não se sustentam perante os fatos. Para iniciar, um estudo mais sério sobre a história de Ryūkyū (Okinawa) talvez não fosse uma má ideia para entender realmente o que é a tradição do *Karate*. Materiais adequados sobre isso, porém, são relativamente escassos e disponíveis em língua inglesa ou japonesa.

¹²⁹ KŌDANSHA INTĀNASHONARU KABUSHIKI KAISHA (Tokyo) (Comp.). **Japan**: profile of a nation. Tokyo: Kodansha International, 1994. 360 p.

APÊNDICE 2

ERAS JAPONESAS E HISTORIOGRAFIA

Algumas publicações a respeito das práticas guerreiras trazem as datas indicadas com base nas Eras ou períodos históricos japoneses. No caso dos Caminhos Dō (道), estas têm datas que começam após a “Restauração (do poder imperial) da era Meiji” (明治維新 - *Meiji Ishin*), para diferenciar das Técnicas de Guerra, os estilos antigos, ou *Koryū* (古流), apresentamos a tabela seguinte como referência cronológica para situar as práticas existentes hoje em dia. Vale lembrar que estamos diferenciando neste trabalho, a nível de nomenclatura, e contexto histórico as expressões: *Bujūtsu* (武術), ou “Técnicas de Guerra” e *Budō* (武道), ou “Caminhos”.

Quadro 5 – Eras da historiografia japonesa

Era	Começo	Fim	時代
<i>Jōmon</i>	14000 a.C	300 a.C	縄文
<i>Yayoi</i>	300 a.C	250	弥生
<i>Kofun</i>	250	538	弥生
<i>Asuka</i>	569	645	飛鳥 (倭→日本)
<i>Nara</i>	710	794	奈良
<i>Heian</i>	794	1185	平安
<i>Kamakura</i>	1185	1336	鎌倉
<i>Kenmu no Shisei</i>	1333	1336	建武の新政
<i>Muromachi</i>	1336	1573	室町
<i>Sengoku</i> ¹³⁰	1467	1573	戦国
<i>Azuchi-Momoyama</i>	1573	24 Mar 1603	安土桃山
<i>Edo</i>	24 Mar 1603	3 Maio 1868	江戸
<i>Meiji</i>	8 Set 1868	30 Jul 1912	明治
<i>Taishō</i>	30 Jul 1912	25 Dez 1926	大正
<i>Shōwa</i>	25 Dez 1926	7 Jan 1989	昭和
<i>Heisei</i>	7 Jan 1989	Até hoje	平成

Adaptado de Goulart (2011)

¹³⁰ *Sengoku* foi o período de Guerras Civis no Japão.

Existe ainda em uso no Japão outra contagem do tempo chamada *Kōki* (皇紀), que é o Calendário Imperial. Para saber o ano *Kōki* basta somar 660 ao calendário *Seireki* (que, na verdade, é o nosso calendário), por exemplo: 2012 + 660 = ano *Kōki* 2672. Ou seja, o nosso 2012 equivale ao ano 2672 do calendário *Kōki*. (皇紀=西曆+660).

Apesar de a classificação acima ser oficial e utilizada em documentos (certificados *Dan* japoneses, por exemplo) há outras classificações correntes entre os autores que estudam as artes de guerra japonesas. Um bom exemplo é a classificação de Ratti;Westbrook (2006) de cinco períodos: pré-histórica (*Jōmon* - 300.000 anos atrás até o século IV a.C.), proto-histórica (século IV a.C. até a invasão da Coreia, em 360 d.C.), período da história escrita (incluindo os períodos *Nara* e *Heian*, com término em 1156 d.C.), período dos barões feudais e nobres militares (até 1600) e período *Tokugawa* (até 1868). Em seu estudo, Tazawa acrescenta também o período *Meiji* (depois de 1868).

APÊNDICE 3

FOTOGRAFIAS DA VISITA DE LUIZ WATANABE A PORTO ALEGRE EM 2011



Figura 98 – Da esquerda para a direita: Luiz Biazus, Tasuke Watanabe e Carlos Mazitelli com a dona do restaurante oriental do encontro.

Fonte: álbum de fotos do Curso Técnico com *sensei* Tanaka e Watanabe promovido pela FSRKT em 2011.



Figura 99 – Da esquerda para a direita: Teresinha, Carlos Mazitelli, Arikawa, professor Obata Teruo (ex-proprietário da Academia Tokyo) e Luis Tsuke Watanabe.

Fonte: álbum de fotos do Curso Técnico com *sensei* Tanaka e Watanabe promovido pela FSRKT em 2011.



Figura 100 – Primeira geração de alunos de Tasuke Watanabe - da esquerda para a direita, de trás para frente: David Vaz, Yasutaka Tanaka, Tasuke Watanabe, Ademair Brandolff, Roberto Gimenez, Carlos Honorato, Celso Leria, Nestor Riambau e João Luiz Gomes.

Fonte: álbum de fotos do Curso Técnico com *sensei* Tanaka e Watanabe promovido pela FSRKT em 2011.

APÊNDICE 4

LINHAGEM DE TIAGO OVIEDO FROSI NO KARATE-DŌ

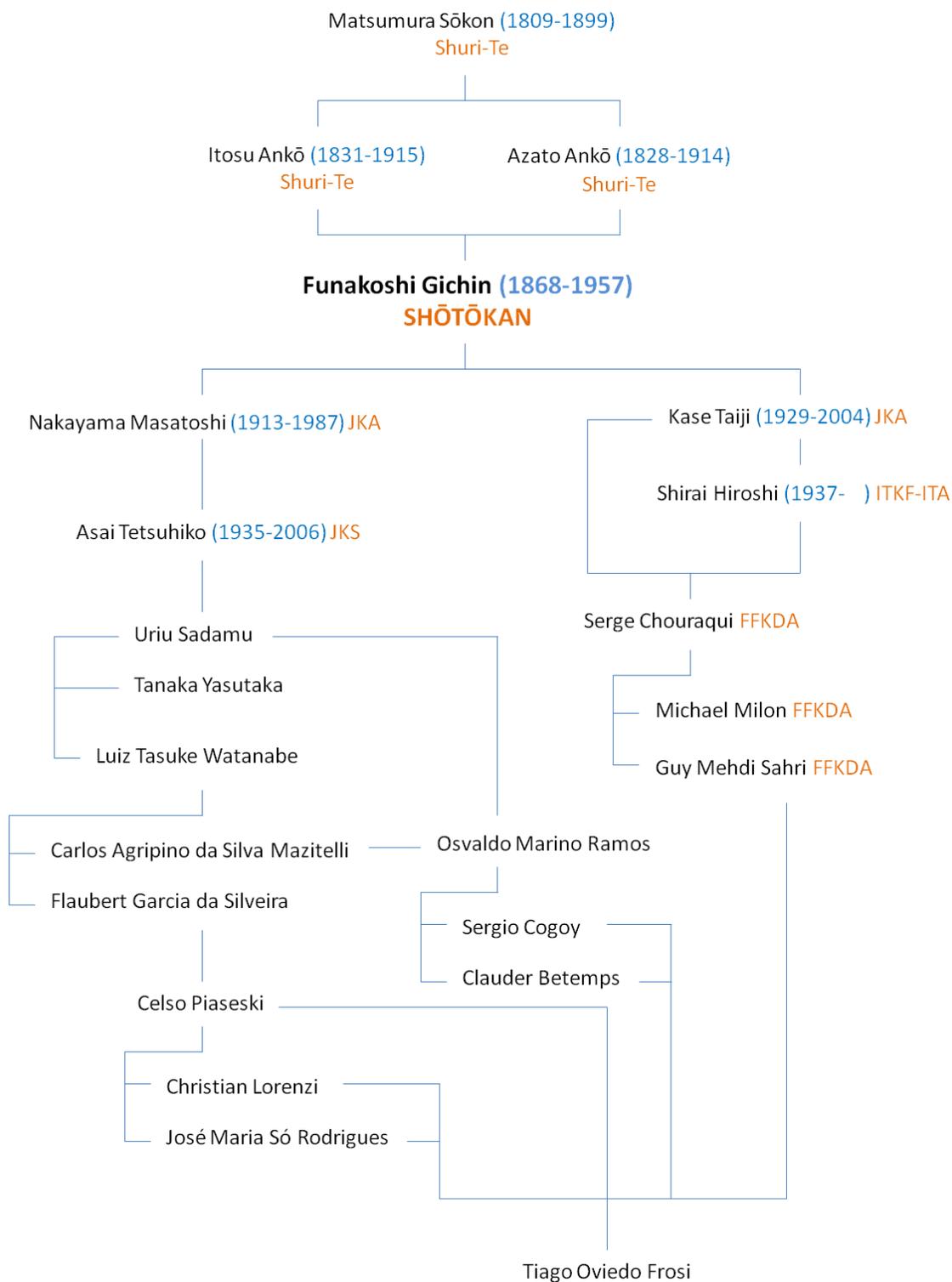


Figura 101 – Árvore genealógica do estilo *Shōtōkan* no Rio Grande do Sul e na França até o autor.
Fonte: elaborado pelo autor

ANEXOS

Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

Você está sendo convidado, como voluntário, a participar desta pesquisa, por se enquadrar no perfil necessário para que a mesma se realize. O objetivo deste estudo é identificar como ocorreu o processo de introdução e desenvolvimento do Karate no Rio Grande do Sul. Como outras metas, procuraremos: entender como se constituiu a prática do Karate no Rio Grande do Sul após suas primeiras manifestações; Identificar clubes, academias e associações que tiveram ou tem o Karate em seu quadro esportivo, enriquecendo os dados sobre o desenvolvimento do fenômeno do Associativismo Esportivo no Rio Grande do Sul.

Sua participação é muito importante para que possamos construir informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivenciou esse evento no período estudado.

Cabe ressaltar que não existirão riscos de exposição a partir da sua entrevista. O pesquisador envolvido neste estudo tratará sua identidade com padrões éticos de sigilo, se assim for seu desejo. Assim, seus dados serão confidenciais. O nome ou o material que indique os participantes não será liberado sem permissão por escrito, exceto se exigido por lei. Os participantes não serão identificados em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, a não ser se o entrevistado assim o desejar. As gravações de áudio e vídeo geradas a partir das entrevistas serão encaminhadas ao Centro de Memória do Esporte da ESEF UFRGS, que receberá as mesmas instruções descritas aqui no que tange à questões de sigilo de seus dados.

Você é livre para recusar sua participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar do estudo não acarretará em qualquer penalidade ou perda de bens, pois todos os procedimentos da entrevista serão fornecidos gratuitamente. Não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo autor através do telefone: (51) 9677.2801 ou através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3316.3629 ou fax (51) 3316.4085.

Anexo 2 - Declaração do Entrevistado

Eu, _____, portador do CPF número _____ fui informado dos objetivos da pesquisa acima, de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ler e pensar sobre a informação contida no Termo de Consentimento antes de participar do estudo. Recebi informação a respeito dos procedimentos de avaliação realizados, esclareci minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. Além disso, sei que terei liberdade de retirar meu consentimento de participar da pesquisa frente a estas informações. Os pesquisadores certificaram-me também de que todos os dados dessa pesquisa serão confidenciais. Fui informado que caso existirem danos a minha imagem, causados diretamente pela pesquisa, terei direito a indenização conforme estabelece a lei. Concordo que as gravações dos depoimentos sejam encaminhadas para o acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF UFRGS.

Também sei que sou eximido de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso tiver novas perguntas sobre este, Tiago Oviedo Frosi, pesquisador responsável pelo estudo, estará à disposição nos telefones (51) 32316324 ou (51) 96772801 para qualquer pergunta sobre meus direitos como participante desse estudo, ou através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3316.3629 ou fax (51) 3316.4085.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

.....

Assinatura do Entrevistado e data/local

.....

Assinatura do Pesquisador

Anexo 3 - Roteiro de Entrevistas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano
História do Karate no Rio Grande do Sul

Roteiro de Entrevistas

Parte 1 – Desenvolvimento do Karate no Estado:

- A) Descreva os principais acontecimentos, datas e pessoas relevantes que conheceu e ouviu falar que contribuíram para o desenvolvimento do Karate no RS na década de 1960:
- B) Descreva os principais acontecimentos, datas e pessoas relevantes que conheceu e ouviu falar que contribuíram para o desenvolvimento do Karate no RS na década de 1970:
- C) Descreva os principais acontecimentos, datas e pessoas relevantes que conheceu e ouviu falar que contribuíram para o desenvolvimento do Karate no RS na década de 1980:
- D) Descreva os principais acontecimentos, datas e pessoas relevantes que conheceu e ouviu falar que contribuíram para o desenvolvimento do Karate no RS na década de 1990:
- E) Descreva os principais acontecimentos, datas e pessoas relevantes que conheceu e ouviu falar que contribuíram para o desenvolvimento do Karate no RS a partir da década de 2000:

Parte 2 – Experiência Pessoal:

Cadastro:

Nome Completo:
Data de nascimento:
Naturalidade:
Estilo:

- A) Descreva suas principais experiências no Karate-Do nos seus primeiros 10 anos de prática (bem como indique esta data):
- B) Descreva suas principais experiências no Karate-Do nos anos subsequentes de prática (bem como indique esta data):
- C) Qual sua mensagem para as futuras gerações de Karatecas?
- D) Você pode ceder as imagens que considerar importantes – fotos, reportagens de jornal/revista, certificados, documentos ou cartas para a pesquisa. Estas serão escaneadas e devolvidas.

